



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

CLAUDIENE DOS SANTOS COSTA

**O HUMOR DA VIDA REAL: A CIDADE DE SOBRAL (CE) NO PROGRAMA DE
RÁDIO "SÁBADO DE TODAS AS MANEIRAS"**

FORTALEZA

2019

CLAUDIENE DOS SANTOS COSTA

O HUMOR DA VIDA REAL: A CIDADE DE SOBRAL (CE) NO PROGRAMA DE RÁDIO
"SÁBADO DE TODAS AS MANEIRAS"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Orientador: Prof^ª. Dra. Silvia Helena Belmino.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C871h Costa, Claudiene dos Santos.

O humor da vida real: a cidade de Sobral (CE) no programa de rádio “Sábado de todas as maneiras” /
Claudiene dos Santos Costa. – 2019.
141 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-
Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Sílvia Helena Belmino.

1. Representação. 2. Memória. 3. Sobral. 4. Rádio. 5. Humor. I. Título.

CDD 302.23

CLAUDIENE DOS SANTOS COSTA

O HUMOR DA VIDA REAL: A CIDADE DE SOBRAL (CE) NO PROGRAMA DE RÁDIO
"SÁBADO DE TODAS AS MANEIRAS"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Silvia Helena Belmino (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Robson da Silva Braga
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ana Regina Barros Rêgo Leal
Universidade Estadual do Piau (UEPI)

À Princesa do Norte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas preciosas contribuições, o que assegura que este trabalho é um conjunto de inspirações e incentivos. Agradeço ao radialista Tupinambá Marques que, além de entrevistas e conversas, ofertou sua amizade e a crença cada vez maior no quanto a comunicação nos faz múltiplos e inspirados;

À professora Sílvia Belmino, pela parceria neste trabalho, e aos caros professores da banca de avaliação, Robson Braga e Ana Regina Rego, meu abraço fraternal;

A todos os professores que passaram por minha vida, desde os primeiros professores de História, em Sobral, que despertaram paixão pelo conhecimento, como Júlio César e Kléber Teixeira, até os inspiradores mestres do mundo da Comunicação Social na Universidade Federal do Ceará, como Ronaldo Salgado e Agostinho Gósson (*in memoriam*). O nosso muito obrigada nunca será o bastante;

Aos colegas da turma de mestrado, que fizeram cada momento juntos tão agradável, que vou pedir ao Tupinambá Marques para ‘jogar todos no Rio Acaraú’, em um sinal do muito que lhes considero;

Aos servidores do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), especialmente da Gerência-Executiva Fortaleza e Assessoria de Comunicação Social no Ceará, cujo apoio se fez crucial para que eu cursasse essa pós-graduação. Esta conquista tem um pouco de cada um de nós;

Aos amigos que cultivo há muito tempo, seja os de infância, os da adolescência, os da fase de escola em Sobral, os de faculdade em Fortaleza e os da vida profissional. Cada um de vocês contribui tanto para minha personalidade, que é justo o grande afeto que lhes dedico. Contem sempre comigo;

Aos familiares, que sentem minha ausência nas correrias do dia a dia, mas têm minha profunda afeição e muita alegria quando reunidos, renovo minha presença sempre obstinada; e aos familiares e amigos que tanto fizeram parte do meu coração, mas hoje não estão fisicamente aqui, a lembrança de seus dias na Terra ainda nos fazem sentir aquecidos e amados;

Enfim, aos que entraram na minha vida recentemente, por encontros ou nascimentos, refaço meu melhor sorriso para lhes oferecer, como se um novo frescor fosse sempre possível. Muito obrigada!

“Você vai rir demais agora com o Babá
é sábado na Paraíso, vou ligar
Você vai rir demais agora com o Babá
é sábado na Paraíso, vou ligar

Às quatro você liga nessa estação
Tem o Tupinambá na apresentação
Tem Ivo, tem Fabíola e Bartolomeu
Vou repetir, e só pra quem não entendeu
Às quatro você liga nessa estação
Tem o Tupinambá na apresentação
Tem Ivo, tem Fabíola e Bartolomeu
Agora sei que todo mundo entendeu

E para completar lá vem a faladeira
É a Maria Eugênia tirando brincadeira
Tem ‘seu’ Menino, tem Pastor, tem oração
A festa rola solta no Show do Tostão
De todas as maneiras eu não vou perder
É pra toda a família, pra mim e pra você
De todas as maneiras eu não vou perder
É pra toda a família, pra mim e pra você.”
(Paulo Fernandes e Grupo Desafio, 2007).

RESUMO

Em Sobral (CE), o programa de rádio “Sábado de todas as maneiras” utiliza a cidade como inspiração para quadros contados com humor por Tupinambá Marques, o Babá. Pretende-se identificar que aspectos da memória de Sobral são apresentados no programa, na perspectiva dos Estudos Culturais, utilizando o conceito de representação de Hall (2016). Observa-se que cenas e representações de Sobral são destacadas em seus quadros fixos, especificamente “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” e “O que Sobral tem de marromeno”. O formato humorístico do programa revela traços da cultura popular historicamente ligada ao Ceará e, ao tratar de lugares, costumes e habitantes reais, expõe uma memória coletiva socialmente difundida e que gera pontos de identificação com o público. Percebe-se que o rádio favorece a presença do humor por este combinar bem com os elementos que compõem a estrutura da linguagem radiofônica: linguagem oral, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia (MARTINS e SILVA, 2009). Para analisar o corpus da pesquisa, será utilizada a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001). Foram analisadas edições transcritas dos dois quadros do *corpus* específicos veiculados no ano de 2017, a fim de observar a interdiscursividade na criação do conteúdo. No ar desde 1997, o radialista expõe no programa um mosaico de histórias apreendidas no cotidiano. Ao registrar cenas e hábitos, como num tecido montado e remontado sobre Sobral, utilizamos a ideia da cidade como palimpsesto (PESAVENTO, 2004), a memória coletiva (HALBWACHS, 2006) e a representação (HALL, 2016), sistema pelo qual firmamos nossos sentidos sobre o mundo utilizando a linguagem. Analisando o discurso em um quadro tridimensional, como texto, prática discursiva e prática social, consideramos também os modelos na memória (VAN DIJK, 2010), que possibilitam a coerência do discurso para os ouvintes, pois estes constroem um modelo da situação, adicionalmente à representação mental do texto. Em “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”, o tropo da ironia liga o excepcional e o corriqueiro no cotidiano dos habitantes, e o atributo da indiferença do humor, quando o mal provoca o riso e não o choro, é o que permite a crítica à cidade em “O que Sobral tem de ‘marromeno’”.

Palavras-chave: Representação. Memória. Sobral.

ABSTRACT

In Sobral (CE), the radio program "Saturday in every way" uses the city as inspiration for pictures told with humor by Tupinambá Marques, called Babá. It is intended to identify which aspects of Sobral's memory are presented in the program, from the perspective of Cultural Studies, using Hall's concept of representation (2016). It is observed what kind of scenes and representations of Sobral are highlighted in their fixed pictures, specifically "Watching the life of the famous and almost famous" and "What Sobral has of 'so-so'". The humorous format of the program reveals traces of popular culture historically linked to the state of Ceará, and when dealing with places, customs and real inhabitants exposes a socially widespread collective memory that generates points of identification with the public. It is perceived that radio favors the presence of humor by combining well with the elements that make up the structure of the radiophonic language: oral language, penetration, mobility, low cost, immediacy, instantaneity, sensoriality and autonomy (MARTINS and SILVA, 2009). To analyze the corpus of the research, it will be used the Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001). Transcribed editions of the two specific corpus tables published in the year 2017 will be analyzed in order to observe the interdiscursivity in the creation of the content. In the air since 1997, the radio show exposes in the program a mosaic of stories seized in everyday life. When recording scenes and habits, as in a fabric assembled and remounted on Sobral, we use the idea of the city as palimpsest (PESAVENTO, 2004), collective memory (HALBWACHS, 2006) and representation (HALL, 2016), system by which we firm our senses about the world using language. Analyzing the discourse in a three-dimensional framework, such as text, discursive practice and social practice, we also consider the models in memory (VAN DIJK, 2010), which allow the coherence of discourse for listeners, since they construct a model of the situation, in addition to the representation of the text. In "Watching the life of the famous and almost famous", the trope of irony connects the exceptional and the commonplace in the daily life of the inhabitants, and the attribute of humor indifference, when evil causes laughter and not crying, is what allows the criticism to the city in "What Sobral has of 'so-so'".

Keywords: Representation. Memory. Sobral.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	SOBRAL, DAS RUAS PARA O RÁDIO	17
2.1	A “sobralidade triunfante”	18
2.2	A vida acontece no becco.....	22
2.3	Perspectivas dos Estudos Culturais.....	25
2.4	Memórias da cidade: a ideia de palimpsesto.....	31
3	“SÁBADO DE TODAS AS MANEIRAS”	35
3.1	Quadros fixos do programa	36
2.2	Representação.....	43
3.3	Criando uma região: o Nordeste.....	48
3.4	Provocando o riso.....	52
3.5	O humor “moleque” cearense.....	53
3.6	Fazendo rir no rádio.....	55
4	A CIDADE REPRESENTADA: METODOLOGIA E ANÁLISE.....	61
4.1	Procedimentos metodológicos.....	61
4.2	Corpus.....	67
4.3	Análise de “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”	70
4.3.1	<i>Em fevereiro tem pré-carnaval.....</i>	71
4.3.2	<i>Março: com chuva se pula da ponte.....</i>	74
4.3.3	<i>Abril: para onde ir no feriado.....</i>	76
4.3.4	<i>Maio: passeando na cidade.....</i>	77
4.3.5	<i>Em junho tem São João.....</i>	79
4.3.6	<i>Julho: férias fora de casa, mas nem tanto.....</i>	80
4.3.7	<i>Setembro: nos “b-r-o-bro”, planos para encerrar o ano.....</i>	83
4.3.8	<i>Em outubro tem Carnabral.....</i>	85
4.3.9	<i>Novembro: onde se compra em Sobral.....</i>	86
4.3.10	<i>Dezembro: previsão do que já se viu.....</i>	88
4.4	Análise de “O que Sobral tem de ‘marromeno’”	89
4.4.1	<i>Mobilidade.....</i>	92
4.4.2	<i>Câmara Municipal.....</i>	94
4.4.3	<i>Serviços.....</i>	96
4.4.4	<i>O sobralense nas redes sociais.....</i>	97
4.4.5	<i>Ações da Prefeitura Municipal.....</i>	100
4.5	Identidade e diferença.....	102
5	CONCLUSÃO	106
	REFERÊNCIAS.....	108
	APÊNDICE A – ENTREVISTA COM TUPINAMBÁ MARQUES.....	110
	APÊNDICE B - TRANSCRIÇÕES DE QUADROS DO PROGRAMA.....	119

1 INTRODUÇÃO

Desde 1997, as ondas do rádio garantem a diversão nas tardes de sábado em Sobral (CE), município situado a 230 km da capital Fortaleza. O programa “Sábado de todas as maneiras” é produzido e apresentado pelo sobralense Tupinambá Marques, conhecido como Babá. Ele concluiu curso formal de radialista, mas a prática no dia a dia lhe treinou no ofício de humorista, na interpretação de todas as personagens que vão ao ar no programa, cujo intuito é fazer rir e, por vezes, fazer pensar. Ora cenário, ora assunto, ora personagem: Sobral, suas cenas e habitantes são o foco do “Sábado de todas as maneiras”.

A cidade, conhecida como Princesa do Norte, é também meu torrão natal, meu ninho desde o nascimento até o ingresso, aos 18 anos de idade, no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Ao ingressar no mundo acadêmico, tantas formas de mirar o conhecido universo onde crescemos e o exercício de investigação e estranhamento do que já nos é habitual mantêm Sobral, para mim, como um fértil objeto de pesquisa, assim como outros autores já fizeram em diferentes épocas e áreas de estudo. Enquanto na graduação, analisei os encontros dominicais da Igreja Mórmon em Sobral, a fim de investigar como um grupo religioso que não tinha raízes naquele lugar vinha se estabelecendo em um dos bairros mais populosos e com diversas religiões atuantes, neste Mestrado em Comunicação optei por um programa de rádio humorístico baseado em Sobral.

Há 22 anos criando e veiculando o “Sábado de todas as maneiras”, Tupinambá Marques desponta em minha lembrança mais antiga de tê-lo visto em cena, como uma das personagens de seu programa, em um evento na noite sobralense por volta do ano 2000. Frequentemente, eu, dirigindo por Sobral, sintonizava o “Sábado de todas as maneiras” enquanto buscava emissoras de músicas variadas na tarde de sábado. Eu ria com as piadas e imaginava a cidade descrita por Babá se encontrando com a que eu mesma observava pela janela do carro. Neste contexto, foi formulada a pergunta de pesquisa de que características de Sobral são apresentadas no programa, ou seja, o que compõe a cidade que é mostrada por Tupinambá Marques.

Chegamos, pois, a este objeto de pesquisa, com o objetivo geral de identificar que aspectos da memória de Sobral são apresentados no “Sábado de todas as maneiras”, a partir da análise de discurso de quadros do programa; e observar que representações da cidade são mostradas nele.

Temos como objetivos específicos relatar os quadros fixos do programa “Sábado de todas as maneiras”, suas principais características e motivações, com base em entrevista

realizada com Babá Marques e na transcrição de edições; e observar que cenas e representações de Sobral são destacadas nos quadros definidos como *corpus* de análise específica da pesquisa, a saber, “O que Sobral tem de marromeno” e “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”.

Consideramos que o programa aborda lugares e hábitos da cidade e, assim, apresenta um repertório da memória de Sobral. Seu formato humorístico revela traços da cultura popular historicamente ligada ao Ceará, e ao tratar de costumes e habitantes reais expõe uma memória coletiva socialmente difundida e que gera pontos de identificação com o público, o que justifica seu sucesso, demonstrados em registros lidos no decorrer do programa, via telefone ou em mensagens deixadas nas redes sociais do radialista, além do fato de o “Sábado de todas as maneiras” estar no ar há mais de duas décadas ininterruptamente.

Investigamos como Sobral é representada no programa, acrescentando um viés comunicacional aos olhares que já enfocaram a referida cidade, como os Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará em Desenvolvimento e Meio Ambiente (2005), Sociologia (2000, 2005, 2009, 2015), Geografia (2009), História Social (2012 e 2015), Avaliação de Políticas Públicas (2009), Literatura (2008), Educação Brasileira (2011 e 2016), além da Universidade Estadual do Ceará (2016) e, logicamente, os trabalhos de conclusão de curso das instituições de ensino sediadas em Sobral e que a elegeram como objeto de estudo, como a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Entretanto, ressaltamos o ineditismo do tema no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, resultando na dissertação onde abordamos como a cidade de Sobral é representada no “Sábado de todas as maneiras”.

Consideramos o conceito de representação a partir de Hall (2016), em uma perspectiva mais ativa e constitutiva sobre o ato representativo, e não apenas como reflexo. Analisamos a linguagem do programa de rádio a fim de observar onde os significados sobre a cidade são produzidos, compartilhados e intercambiados, tornando-se o próprio produto radiofônico um repositório de valores e memória sobralenses.

As cenas, as pessoas e os lugares mostrados no programa compõem, assim percebemos, uma memória coletiva (Halbwachs, 2006), distinta da memória histórica por ser diversa, múltipla. Ela é composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo, e mais do que em datas, a memória coletiva se baseia em imagens e paisagens, permeadas pela vivência do cotidiano e a sociabilidade.

Para analisar quadros fixos do programa, veiculados no ano de 2017, utilizamos como ferramenta a Análise de Discurso, em sua vertente inglesa. Nessa vertente, seguiremos

orientações de Norman Fairclough (2001), considerando ‘discurso’ o uso da linguagem como forma de prática social, e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais, o que implica analisá-lo em um quadro tridimensional, como texto, prática discursiva e prática social. Além disso, nos basearemos, entre outros autores de Análise de Discurso, em conceitos de Teun A. Van Dijk (2010), considerando o fato de que os usuários de uma língua constroem uma representação cognitiva da interação verbal e não verbal que ocorrem na situação. Pensaremos, a partir do objeto de pesquisa, na indagação de Rouanet (1992), se as cidades habitam os homens, ou são os homens que habitam as cidades.

No segundo capítulo, apresentamos aspectos biográficos dos nomes que protagonizam esse trabalho, como Tupinambá Marques, a cidade de Sobral e seus lugares mais frequentados pelo radialista, e que, conseqüentemente, influenciam na produção do programa, como o Becco do Cotovelo. Faz-se singular aí ambientar conceitos que permeiam os Estudos Culturais, além de memória coletiva e do que vem sendo delineado como ser sobralense, a sobralidade.

No capítulo seguinte, mostramos o programa de quadro a quadro, sendo necessário abordar os conceitos inerentes a ele, como o humor, o riso no rádio, e a representação, inclusive como se desenhou o que temos como a região Nordeste, falando em questões simbólicas e representacionais, e não apenas geográficas. Situando nosso objeto no Ceará, estendemos estas reflexões ao “humor moleque” que se fez característico do estado.

Temos no quarto capítulo os procedimentos metodológicos aplicados nesta dissertação, e os detalhes do respectivo *corpus* selecionado para análise. Os últimos tópicos tratam dos quadros “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” e “O que Sobral tem de marromeno” e suas principais características, a partir da Análise Crítica do Discurso.

2 SOBRAL, DAS RUAS PARA O RÁDIO

Tupinambá Marques mora no bairro do Centro de Sobral, entre igrejas e casas quase centenárias, de onde sai quase diariamente para o local de trabalho há pelo menos 28 anos. A alguns quarteirões dali, fica sua banca no Becco do Cotovelo, onde realiza gravação manual em objetos metálicos, como placas e alianças. Radialista profissional, após estudos cursados na cidade, ele obtém renda com a venda de espaços publicitários no “Sábado de Todas as Maneiras”, mas mantém o trabalho naquele espaço e é conhecido por muitos como “Babá do Becco”. Frequentar a movimentada viela é uma oportunidade de ouvir histórias de conhecidos e transeuntes que preenchem não apenas o imaginário da cidade, mas a cada tarde de sábado vão povoar também o programa.

Em entrevista com Babá, percebe-se que a observação dos lugares, das pessoas e das situações em Sobral é uma prática que ele exerce com perspicácia. A atenção aguda, porém, não impede suas próprias sugestões para completar as cenas, compilando ou resumindo suas apreensões daquele microcosmos. “É o que você faz na rua, na casa lotérica, até num velório, num aniversário, num casamento, entre os comportamentos” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018). Para levar essas narrativas para o meio radiofônico, Babá se utiliza de características de comunicador desenvolvidas em sua trajetória pessoal e sedimentadas na própria evolução do rádio.

Ele adquiriu o hábito de não gostar de viajar devido a longos períodos de internação hospitalar na capital do estado. Por cerca de 12 anos, deslocou-se entre hospitais de Fortaleza para tratar de tumor benigno na perna. Entre cirurgias e permanências em enfermarias, teve o rádio como companheiro, fortalecendo uma relação que já havia se iniciado com a admiração por seu pai. “Meu pai foi o primeiro radialista de Sobral. O primeiro a falar “oi”, “alô”, “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” foi meu pai”, contou sobre Francisco Marques dos Santos, o Marcos da Cruz, falecido em 2012.

Vê-se então como o rádio passou a ser um canal por onde Babá via o mundo e recebia as notícias. A influência permanece atualmente, já que ele contou que sai pouco de casa em Sobral, mantém hábitos como atividades físicas no período diurno e só sai à noite para compromissos profissionais, sendo o rádio, acrescido recentemente das redes sociais, sua maneira de ler notícias, comentar fatos, interagir com amigos e escrever os quadros do programa. “A gente trabalha em cima do dia a dia das pessoas. Já falei no início e repito porque a gente vê... e acerta muitas coisas! A gente acerta muitas coisas que a pessoa faz e “poxa, parece que o cara tá me vendo!” (...) O que eu não posso é inventar (MARQUES,

entrevista em 19/03/2018).

A popularidade do programa se expressa em telefonemas e mensagens, durante sua veiculação, enviadas por ouvintes da cidade, de fora dela, e até de outros estados e países, relatando estes serem sobralenses ou não. Há cerca de cinco anos, o conteúdo produzido por Babá vem sendo replicado na internet, com a transmissão do programa de rádio em sua página pessoal no Facebook (com mais de 5 mil amigos), edições completas disponibilizadas no YouTube, na página de seu produtor musical Ivo Aragão (mais de 4 mil inscritos), e piadas em postagens no Instagram (3,1 mil seguidores).

Os ouvintes expressam, por telefone ou em mensagens nas redes sociais de Babá, a vontade de participar do programa e, assim, são alçados a protagonistas das anedotas. Se não forem dadas muitas informações sobre a pessoa ou a história, completa-se a narração com situações recorrentes do cotidiano sobralense, quanto a ruas, costumes e estilos de vida que fazem rir pelo pitoresco ou por gerar identificação para com os ouvintes.

Já sobre o cenário urbano de que trata o programa de rádio, ressaltamos o lugar como porção do espaço apropriável para a vida - apropriada através do corpo - dos sentidos - dos passos de seus moradores (CARLOS, 2007, p.17). Consideramos ainda a visão de autores como Lefébvre e João do Rio, sendo que este ressalta que “a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas” (2008, p.7).

A forma de Babá Marques ver o mundo e conseqüentemente de contá-lo no rádio é emoldurada pela cidade, sendo necessário dissertar sobre alguns aspectos de Sobral consolidados em pesquisas anteriores.

2.1 A “sobralidade triunfante”

Sobral (CE) surgiu como vila em 1773, com o mesmo nome de vilas portuguesas com abundância do sobro, sobreira ou chaparro. A *árvore* da família do carvalho é cultivada no sul da Europa e é partir dela que se extrai, a cada 9 anos, a cortiça. A versão cearense é uma alusão à freguesia de Sobral, no concelho de Mortágua, pertencente ao distrito de Viseu, Portugal. Originou-se de povoamento às margens do Rio Acaraú, na fazenda Caiçara, topônimo em tupi para “o que se faz de pau queimado”, segundo José de Alencar.

Teve nomes pomposos, como Vila Distinta e Real de Sobral, e, em 1941, Fidelíssima Cidade Januária de Acaraú. A designação Januária seria homenagem prestada à princesa

Januária, irmã do Imperador D. Pedro II.¹ O nome “Distinta” designava que seus colonizadores eram brancos, portugueses ou descendentes, sem origem indígena. “Real”, porque criada por ordem direta do rei de Portugal e o topônimo Sobral é a apropriação de um topônimo português em substituição à Caiçara, conforme determinação da Coroa.

Atualmente, sua população é de 206 mil habitantes (IBGE, 2018). É considerada a cidade mais desenvolvida da zona norte do Ceará, com seus cartões-postais de igrejas e casas tombadas, em 1999, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O uso de sua rede de ensino, saúde e assistência por cerca de 50 municípios faz de Sobral um polo para a região norte do Ceará, o que a faz conhecida como Princesa do Norte.

Quanto às etapas históricas de Sobral e aos respectivos reflexos na cidade, Diocleide Ferreira (2013, p. 9) apresentou uma fase de impulsão da economia com a criação de gado e depois com o cultivo do algodão para exportação e suas indústrias de beneficiamento no século XIX. Estes fatos promoveram a organização política e urbana da cidade, seu destaque na região norte do estado, oligarquias que dominaram seu cenário e deixaram resquícios em sua arquitetura e em práticas políticas ainda em voga.

Já Freitas (2005, p. 29), fala da ideia de “sobralidade triunfante” como uma propagação de uma elite política e tradicional da cidade, por meio de uma memória coletiva que reverencia o passado de “pompa” e “glória”, discurso importante para justificar a necessidade da preservação do patrimônio histórico da cidade. Baseia-se em um processo elaborado pela elite da cidade, direcionado para a construção de uma autoconsciência coletiva expressa em um discurso ufanista, no qual a memória se reúne numa mobilização de desejo pelo futuro promissor, tentando construir uma unidade ou constância no tempo vivido, projetando esta unidade como necessidade para gerações futuras (2000. p.102).

Sobral é uma cidade que se destaca por pelo menos três aspectos: 1º) por possuir uma história político-econômica privilegiada desde a sua fundação, no século XVIII; 2º) por dispor de patrimônio legado de modelos arquitetônicos associados aos traços da aristocracia local, formada ao longo dos séculos XVIII e XIX; e 3º) por ter sido a primeira cidade cearense a ser tombada pelo IPHAN, pioneirismo que, segundo Freitas (2005, p. 9), “é potencializado no campo da política e das narrativas ufanistas sobre Sobral”. (FERREIRA, 2013, p. 85)

O momento da história que é sempre resgatado nas narrativas é o apogeu econômico que a cidade passou no final do século XIX, no auge da pecuária e do desenvolvimento do comércio. Esse discurso é repetido não só por pessoas de prestígio, como afirma Freitas (2005, p. 38), mas pelos habitantes em geral, que sequer sentem necessidade de explicar o

¹ Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/sobral.pdf> Acesso em 05 maio 2018.

significado dos termos. Já que não se explica tanto fatores que envolvem a dimensão da emoção, os aspectos que corroboram uma integridade do habitante da cidade são ressaltados como elementos definidores de uma “sobralidade” e aproveitados pelas políticas públicas municipais, sobretudo sobre o tombamento de áreas da cidade.

A existência de um modelo de reconhecimento social associado a um forte sentimento de pertencimento impulsionou uma “marca distintiva”, um rótulo para uma cidade. Isso impulsiona não apenas um espaço privilegiado para o consumo, mas também uma cidade a “ser consumida” através de políticas públicas direcionadas para o turismo, eventos, entretenimento, desporto e cultura.

Assim, a cidade é conhecida por sua “opulência e tradição”, com uma identidade ressaltada pela elite local que se envaidece da “memória do triunfo e riqueza do passado” (FREITAS, 2000, p. 30). O termo “sobralidade” resalta a importância desta cidade e sua história a partir da construção de uma identidade de pertencimento e reconhecimento dos sobralenses como pessoas de relevante importância, que tem consigo o símbolo de nobreza.

No Ceará, a riqueza veio do interior para a capital. Enquanto Fortaleza ainda era um areal desolado, cidades como Icó, Aracati, Crato, Sobral esplendiam em prosperidade. Seu Teatro São João é muito anterior ao José de Alencar, da capital. Sobral era tão poderosa, que conseguiu uma estrada de ferro somente para transporte de mercadorias que a ela chegavam ou dela partiam através do porto de Camocim. Por isso, Sobral cultivou o bairrismo como lembrança desses tempos dourados, o que lhe valia ironias dos filhos de Fortaleza, que acusavam os sobralenses de falar Inglês, que aludiam as necessidades do passaporte para visitar a cidade, etc. (COSTA, 2003, p. 139-140)

Esta é apenas uma versão do que seria ser sobralense, porém é uma “imagem que é idealizada, processada e armazenada na forma de uma série ordenada de unidades individuais espaciais, dispostas contiguamente, cada uma com um “brilho” especial e definido” (FREITAS, 2005, p. 39). Seu objetivo seria produzir narrativas escritas de forma laudatória para justificar, defender, elogiar ou louvar o “sobralense”, em instâncias de consagração, de notabilidade dos “escolhidos” e supostamente “privilegiados” moradores da cidade, transcendendo versões, especificidades e contextos circunstanciais.

A “sobralidade” seria a própria essência ou natureza íntima da existência na cidade, aquilo que faz com que o “sobralense” seja o que é na sua natureza. Sua significação seria distintiva e supostamente definitiva.

O termo “sobralidade” funciona como “designador rígido, constante e durável, que identifica de forma genérica e imprecisa o habitante da cidade e serve para institucionalização de práticas e atitudes dos técnicos e burocratas do poder público

municipal, introduzindo divisões nítidas, fixas e necessárias com habitantes de outras cidades, principalmente com os de Fortaleza, desconsiderando peculiaridades circunstanciais e acidentes individuais no fluxo da realidade, seja do ponto de vista temporal, seja do ponto de vista espacial. Todo “sobralense” parece ser igual nestas imagens construídas pela “identidade” substancial edificada pelos documentos que justificam o Tombamento do Patrimônio Histórico de Sobral. Além de parecerem ser iguais entre si, os “sobralenses” são diferentes do “fortalezense”, por exemplo. É uma abstração de uma “personalidade” que está sendo construída por esta narrativa (BOURDIEU, 2000). (FREITAS, 2005, p. 29)

Precisamos pontuar, contudo, que imprecisões históricas poderiam em alguns momentos enfraquecer a glória da cidade e fazê-la cada vez mais distante no tempo e passível e dúvidas. Porém, a história local seria o caminho para uma singularidade, e uma “identidade” que deve ser entendida também como projeto a ser implantado no presente. O “sobralense” figura aí como um “escolhido” que transcende a existência mundana dos homens comuns de outras cidades, eternizado num discurso laudatório para justificar um louvor ao que ela representa apesar de sua imprecisão conceitual (FREITAS, 2005, p. 60).

Para entender a dinâmica social da cidade precisa-se levar em consideração as habilidades dos agentes sociais em cinzelar, entalhar ou lavrar sua vida na matéria dura de concreto e asfalto organizado no espaço. No esculpir da vida urbana, os agentes modelam as práticas que deixam impressas suas maneiras de agir e suas formas de entender o mundo.

Desta forma, não se entende a cidade somente como um aglomerado de concreto armado que serve de habitação para as pessoas, mas também como o resultado de uma “arte” que engloba e relaciona vários conjuntos de elementos como: uma diversidade de regras para dizer ou fazer com acerto “o que se deve fazer” em diferentes contextos, um conjunto de prescrições de um ofício cotidiano, um conjunto de saberes ou perícias em fazer coisas, uma diversidade de expressões de ideais de beleza concretizados em qualquer obra, conjunto de adornos, reunião de formas de uso de objetos, conjunto de uso do corpo nas atividades cotidianas, um conjunto das obras de uma época, em uma região ou país, habilidades, jeitos, maneiras, modos, espertezas, traquinagens, travessuras e astúcias cotidianas. (FREITAS, 2005, p. 160)

Em piadas e bordões desfilados por Babá Marques no “Sábado de Todas as Maneiras”, faz-se alusão ao veloz crescimento econômico e estrutural da cidade, porém, com um pretenso descompasso em relação à mentalidade dos moradores. Alguns desses mantêm hábitos e modos de vida mais condizentes com a Sobral de anos anteriores, de caráter menos urbano, feições mais clássicas de engenharia e população em menor número e de proporções mais estáveis. Hoje, o estilo da cidade é de um polo econômico e universitário, com migrantes sazonais para finalidades de estudo e emprego.

A ideia da “sobralidade triunfante” é um recurso que todo e qualquer agente social, agregado a uma rede de relações amplas, prestigiosa ou não, utiliza para legitimar uma posição social e uma certa forma de entender a realidade, como é o caso do Prefeito do Becco do Cotovelo (FREITAS, 2005, p. 160). Este local peculiar é frequentado pelo produtor e apresentador do “Sábado de todas as maneiras” há quase 30 anos.

2.2 A vida acontece no Becco

O Becco do Cotovelo é uma movimentada viela que liga ruas no centro comercial de Sobral. Sua peculiaridade começa já no nome de influência portuguesa, com dois “c”. Poderia ter perdido esta nomenclatura em prol da língua normatizada no Brasil, mas, como se viu no tópico anterior, tende-se a valorizar aspectos que “enobrecem” a cidade. O local recebe frequentemente eventos como gravação de programas de rádio, comícios, lançamento de produtos e de campanhas governamentais, e já foi tema de documentário² e de trabalhos acadêmicos³. Até placa com seu nome correspondente em inglês pode ser vista em uma de suas esquinas.

O Becco possui uma prefeitura própria, que define suas ações e intervenções, a serem referendadas pela Prefeitura Municipal de Sobral, e a Associação dos Amigos do Becco do Cotovelo, iniciada em 1993, da qual Babá Marques é associado. O surgimento do Becco foi por volta de 1820, para facilitar o acesso de pedestres entre as irregulares ruas que primeiramente foram se delineando no Largo do Rosário, onde atualmente está situado a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Entrou para o mapa oficial da cidade em 1842, a partir de pedido da Câmara de Sobral para que todas as ruas e casas fossem nominadas. A tentativa era de deixar os trechos da cidade mais nivelados e regulamentar as vias. O Becco do Cotovelo, que acabara de ser “oficializado”, não fugiu a essa regra e apresenta uma simetria não linear. A formação de duas ruas laterais constitui o quarteirão de forma triangular, sendo o ápice iniciado na Praça do Rosário e sua hipotenusa na Avenida Dom José.

Atualmente, é o endereço de bares, lanchonetes, papelarias, loterias, vendedores ambulantes, estúdios de fotografia e bancas, além do tradicional Café Jaibaras, com o Livro

² O documentário “Becco do Cotovelo”, de Eduardo Cunha e Pedro Cela, foi vencedor do prêmio Primeirolhar 2016 nos XVI Encontros de Cinema de Viana de Castelo (Portugal). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Jlcc1lohQg> Acesso em 26março2018.

³ Alguns trabalhos são “Gênero e política: etnografia visual no Becco do Cotovelo” (de Antonia Maria Rodrigues Laureano Carneiro - Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas- Uece -2016); A (re)invenção de uma cidade: Cid marketing e a requalificação urbana em Sobral-CE (de Diocleide Lima Ferreira - Doutorado em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas; 2013; Do Becco à Cidade: Representações de um espaço urbano em Sobral – CE (de Maria Jaqueline Gomes de Paula – Graduação em História - Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2012; FREITAS, 2000, 2005 e outros relatados nas referências bibliográficas.

de Assinatura de visitantes ilustres. Sua extensão é de 7,5 m de largura e 75 metros de comprimento, cortando transversalmente as ruas Cel. José Sabóia e Cel. Ernesto Deocleciano, onde há uma variedade de lojas e instituições bancárias. E quanta efervescência corre naquele espaço pulsante. Eu mesma presenciei eventos diversos desde a infância, inclusive uma roda de capoeira. “Nesta ruela as 'coisas acontecem'. O que torna esta rua singular é a vivacidade nela existente. Ela é palco de manifestações e relações sociais constantes, o que a torna única, com significação muito além de um simples itinerário” (LAUREANO, 2016, p. 16).

A imagem da “princesa” associada à Cidade, quando relacionada à símile democrática do “Becco”, não se apresenta de forma contraditória nas palavras do poeta. A “princesa”, nas lendas que recordam o período medieval, representa a meta e o bem sublime a ser alcançado pelo cavaleiro-herói, depois de atravessar diversos obstáculos. Em vários contos de fada essa ideia é recorrente. A construção poética elabora uma interação da riqueza, da opulência aristocrática com a imagem moderna da democracia, da autonomia e reconhecimento das diferenças. A ágora sobralense é o espaço onde a “princesa” se faz povo. O “Becco” é a “sala de visita da princesa” como registra a ata da reunião da AABC, que aguarda tanto o cavaleiro-herói quanto a plebe para contemplá-la. (FREITAS, 2000, p. 171)

Além do espaço arquitetônico, a história de Sobral pode ser percebida ali como registros locais, pessoais, plurais, experiências de vida comuns, o que “mostra que não existem só as versões de reis, rainhas, políticos e heróis” (BESSA & ARAÚJO, 2012, p. 25). Em pesquisa sobre memórias de trabalhadores de uma fábrica de tecidos em Sobral, situada em um bairro vizinho ao Centro, as historiadoras Alana Araújo e Telma Bessa propuseram a análise da história oral como uma forma de desviar “o olhar das hierarquias para as relações, das posições para as representações, fazendo-o compreender como determinada realidade social construída, pensada, significa simbolicamente, dada a ler como um texto” (BESSA; ARAÚJO, 2012, p. 30).

Lembramos que o Becco do Cotovelo é um local de livre acesso, com estabelecimentos abertos em horário comercial, mas nenhum portão ou obstáculo físico que impeça seu uso em qualquer dia ou horário. Seria um lugar democrático, apesar de bastante frequentado, historicamente, por indivíduos de famílias abastadas na sociedade sobralense. Ouvir seus transeuntes seria uma oportunidade de “preservar a memória daqueles que não tem lugar nos manuais de história, salvaguardar os seus testemunhos e depoimentos”, como defendia o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940). Porém veremos que o espaço já recorta, mais uma vez, as possibilidades desse olhar.

Em dissertação sobre “beccianos” e as “beccianas”, Antonia Maria Laureano concluiu

que as táticas de fazer e habitar o Becco do Cotovelo se caracterizam pelo lazer e pelo trabalho, sendo o lazer destinado aos homens e o trabalho às mulheres e a alguns homens. A diferença de gênero é marcada pela linha tênue que legitima quem pertence ou não a aquele lugar.

Os “beccianos” que frequentam diariamente este espaço social o fazem devido ao prazer vivenciado em partilhar com amigos as experiências e angústias, portanto, a vivência diária no Becco seria como uma “terapia” em que se renovam as energias, a esperança e a felicidade. Em contrapartida, as mulheres, trabalham no local mantendo, portanto, a representação inversa a alguns homens. (...) Becciano, usado majoritariamente no masculino (justificado pela presença maciça de homens), denota, um sentimento de pertença, de reconhecimento e de valorização do lugar. Ou seja, implica que os frequentadores mantêm laços estreitos de sociabilidades. Assim, ser “becciano” é sinal de pertença a um lugar específico, compartilhamento de determinado tipo de linguagem e valores sociais entre grupos de amigos. (LAUREANO, 2016, p. 13)

Aquela rua estreita tem sua extensão tomada por um calçadão que impede trânsito de veículos. Postes de iluminação centrais e bancos de madeira no contorno das bases elétricas oferecem oportunidade das pessoas ficarem sentadas, “(...) trazem o aspecto de praça, de passeio público” (LAUREANO, 2016, p. 20). Aliás, poucos usam o Becco apenas para cortar caminho, pois ele é mais comumente o destino. É um ponto de encontro, local de conversas, de aprendizado, da descontração, do entretenimento, da brincadeira, de se deixar “saborear pelas informações proliferadas, filtradas e, portanto, representadas diariamente” (LAUREANO, 2016, p. 23).

Lá as histórias vão ecoando, como narrativas dos sujeitos na vida cotidiana da cidade, naquele espaço amplo de debate, com pluralidade de relatos, interpretações e análises. Cada sujeito apresenta seu significado, sua experiência social vivida por pessoas que se relacionam, e vão além do que é estabelecido e padronizado, influenciado na construção da própria história. “Estes têm experiências sociais vividas e compartilhadas que acontecem num ambiente social, num contexto mais amplo, possuem narrativas únicas que têm dimensão social” (BESSA; ARAÚJO, 2012, p. 33).

Cada becciano(a) defende um ponto de vista, uma imersão. Está presente, se fazer presente e pertencente a um grupo, às regras, uma história de tradições e lembranças. Esse discurso de pertencimento se torna importante, pois autoriza e legitima quem pode ser considerado do grupo, quem tem a autoridade de incluir ou excluir e apontar as regras a serem cumpridas. (LAUREANO, 2016, p. 27)

Com a legitimação popular de apontar regras, os beccianos iniciaram em 1993 a Associação dos Amigos do Becco do Cotovelo (AABC), com o propósito de socializar “os

interesses relativos à política, à moral, aos bons costumes, às notícias e às relações econômicas financeiras particulares” (FREITAS, 2000, p. 151). Em 12 de agosto de 1993, no primeiro encontro da associação, foram elaboradas as regras para escolha de dirigentes, aclamando Expedito Vasconcelos como “prefeito” do Becco. Ele é proprietário do Café Jaibaras, localizado em uma das esquinas do Becco, e exerce a função até hoje. “O 'prefeito' é um cargo com função simbólica que pretende preservar e conservar o espaço público, não havendo remuneração para o exercício do mesmo” (LAUREANO, 2016, p. 37).

Uma das reivindicações da AABC foi a proposta, iniciada em 1993, de reformar o Becco do Cotovelo. A conquista veio apenas na gestão de Cid Ferreira Gomes (1996-2000). A associação também define os agraciados com a comenda “Orgulho de ser sobralense”, entregues a personagens sobralenses que tem destaque econômico, social e político.

Atraindo muitas pessoas diariamente e com eventos marcantes na história na cidade, o Becco conquistou lugar como relevante na identidade de Sobral, e está incluso no “corredor cultural” do patrimônio histórico. Compõem este corredor espaços nobres o solar conhecido como dos Figueiredos, o Museu Diocesano Dom José Tupinambá da Frota⁴, a Igreja do Menino Deus (em frente à residência do Babá), a Praça e o Teatro São João, o Colégio Santana e o Becco do Cotovelo.

Além de conhecido como local de fofocas, no Becco circulam veículos jornalísticos, com páginas fixadas no Café Jaibaras, um “modo de informar a população, como também para enaltecer os sobralenses, principalmente se a notícia for referente à visibilidade pública alcançada por seus filhos ilustres” (LAUREANO, 2016, p. 41). Assim, o que é veiculado na imprensa, um registro histórico, é alçado a um patamar de maior visibilidade por citar sobralenses. A ênfase que o Becco do Cotovelo dá àquele microcosmo valoriza histórias parciais e plurais.

2.3 Perspectivas dos Estudos Culturais

⁴ O nome de Dom José Tupinambá da Frota é comum em locais e registros da cidade por ser este bispo considerado o maior benfeitor de Sobral. O próprio radialista Tupinambá Marques foi nomeado em sua homenagem, por ele ter celebrado o casamento de seus pais, a poucos quarteirões de onde mora, hoje Colégio Sant' Anna. “Tendo-se notabilizado em Roma, D. José preferiu ser o primeiro em Sobral. Decidiu voltar à terra natal, da qual seria o segundo construtor e da mesma jamais se afastou. Na área da saúde, fundou a Santa Casa, hoje hospital-referência na região (...). Na área da educação, criou o seminário, para formação da elite eclesiástica, instalado no prédio em que hoje funciona a Reitoria da Universidade Estadual do Vale do Acaraú. Depois, veio o Colégio Sobralense, para estudantes do sexo masculino. E, por fim, o Colégio Sant'Ana, para moças da cidade. Não se pode esquecer do patronato Maria Imaculada, dedicado à educação primária dos pobres, e da Escola Industrial Doméstica, primeiro estabelecimento de ensino profissional a funcionar na cidade. No fim da vida, ainda encontrou forças para criar um abrigo para velhos. Fundou também o Banco Popular de Sobral e o jornal Correio da Semana, que ainda hoje circula. (COSTA, 2003, p. 16)

Neste trabalho, articulamos conceitos relacionados aos Estudos Culturais britânicos, com a compreensão da identidade como um produto da cultura, ligada à discussão das identidades culturais, nacionais e as que se formam por sentidos cambiantes e contínuos do cotidiano do sujeito (Hall, 1996).

Os Estudos Culturais não configuram uma disciplina, mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade. O campo surge, de forma organizada, em 1964, através do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra.

Em um primeiro momento, houve o encontro entre literatura inglesa, sociologia e história. A literatura inglesa contribuiu com a preocupação em relação às formas culturais populares, assim como com textos e textualidades, estes últimos podendo estar situados além da linguagem e literatura; à sociologia atribui-se o exame da reprodução estrutural e da subordinação e da história vem o interesse da “história de baixo” e, também, o reconhecimento da história oral e da memória popular.

A fundação do CCCS foi pautada principalmente por três obras: *As Utilizações da Cultura* (*The Uses of Literacy*), de Richard Hoggart (1957), que foi seu primeiro presidente; *Cultura e Sociedade* (*Culture and Society*), de Raymond Williams (1958), e *A Formação da Classe Operária Inglesa* (*The Making of the English Working-class*), de Edward P. Thompson (1963). Estes autores revelaram preocupações comuns quanto às relações entre cultura, história e sociedade.

Hoggart, destaca Escosteguy, atentou para os materiais culturais da cultura popular e dos meios de comunicação de massa. Ele afirmou que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também resistência, ideia que mais tarde será recuperada pelos estudos de audiência dos meios massivos.

Williams mostrou que a cultura é uma categoria-chave que conecta tanto a análise literária quanto a investigação social. Seu livro “*The long revolution*” (1962) avança na demonstração da intensidade do debate contemporâneo sobre o impacto cultural dos meios massivos, mostrando um certo pessimismo em relação à cultura popular e aos próprios *media*. Essa mudança no entendimento de cultura favoreceu o desenvolvimento dos Estudos Culturais.

Thompson compartilha da visão de Williams de que a cultura é uma rede vivida de práticas e relações que constituem a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo está em primeiro plano. Mas, de certa forma, Thompson resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global. Em vez disso, preferia entendê-la como um

enfrentamento entre modos de vida diferentes.

Anos depois, entra neste cenário Stuart Hall, o segundo presidente do CCCS. Ele incentivou o desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade. Hall tem como obras marcantes, *Codificação/Decodificação (Encoding/Decoding)*, lançado em 1973, e *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003).

O que une estes autores é uma abordagem que insiste em afirmar que através da análise da cultura de uma sociedade – as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura – é possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de ideias partilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade. É uma perspectiva que enfatiza a “atividade humana”, a produção ativa da cultura, em vez de seu consumo passivo.

Aproximando-se do vasto campo das práticas sociais e dos processos históricos, os Estudos Culturais preocuparam-se, em primeira mão, com os produtos da cultura popular e dos meios de comunicação que expressavam os rumos da cultura contemporânea. Discordando do entendimento dos meios de comunicação de massa (MCM) como simples instrumentos de manipulação e controle da classe dirigente, este campo compreendeu os produtos culturais como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia.

Nesta perspectiva, estudaram as estruturas e os processos através dos quais os MCM sustentam e reproduzem a estabilidade social e cultural. Entretanto, isto não se produz de forma mecânica, senão “adaptando-se” continuamente às pressões e às contradições que emergem da sociedade, e “englobando-as” e “integrando-as” no próprio sistema cultural.

Os Estudos Culturais consideraram o consumo da comunicação de massa enquanto lugar de negociação entre práticas comunicativas extremamente diferenciadas. Porém, seus questionamentos extrapolaram o campo da comunicação e assumiram o papel de analistas dos significados que produzimos em todas as esferas que integramos.

A dificuldade de abstrair a análise da cultura das relações de poder e das estratégias de mudança social aponta para a multiplicidade de objetos de estudo nos *cultural studies*. À época da fundação do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, a atenção caiu sobre a temática da recepção e a densidade dos consumos mediáticos.

Este tipo de reflexão acentua-se a partir da divulgação de “Codificação e decodificação no discurso televisivo”, texto de Stuart Hall publicado pela primeira vez em 1973. Hall insiste na pluralidade, determinada socialmente, das modalidades de recepção dos

programas televisivos. Argumenta também que podem ser identificadas três posições hipotéticas de interpretação da mensagem televisiva: uma posição “dominante” ou “preferencial” quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção; uma posição “negociada” quando o sentido da mensagem entra “em negociação” com as condições particulares dos receptores; e uma posição de “oposição” quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a interpreta segundo uma estrutura de referência alternativa.

No início dos anos 70, observou-se a emergência de várias subculturas que pareciam resistir a alguns aspectos da estrutura dominante de poder. Os estudos destas culturas populares pretendiam responder a indagações sobre a constituição de um sistema de valores e de um universo de sentido, sobre o problema de sua autonomia e, também, como esses mesmos sistemas contribuem para a constituição de uma identidade coletiva e como se articulam as dimensões de resistência e subordinação das classes populares.

A partir da segunda metade da década de 70, cresce a importância dos meios de comunicação de massa, vistos não apenas como entretenimento, mas como aparelhos ideológicos do Estado. Nesta época, os Estudos Culturais pressupunham que os efeitos dos MCM podiam ser deduzidos da análise textual das mensagens emitidas pelos próprios meios.

Nesta mesma década, o CCCS passa a publicar de trabalhos sobre diferenças de gênero. As influências da chegada do feminismo foram muitas na visão de Hall. Houve a abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas consequências na construção do objeto de estudo dos Estudos Culturais; a expansão da noção de poder que, embora bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada no espaço da esfera pública; a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria “poder”; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito e, ainda, a reabertura da fronteira entre teoria social e teoria do inconsciente-psicanálise. Em seguida, seguiram-se a esse objeto de estudo o interesse pelas pesquisas que envolvem raça e etnia.

No final dos anos 70 e início dos 80, desponta a influência de teóricos franceses como Michel De Certeau, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, entre outros. Dá-se a internacionalização dos *cultural studies*. Tornam-se escassas as análises onde as categorias centrais são “luta” e “resistência” e, para alguns analistas, é o início da despolarização dos Estudos Culturais.

Na década de 80, o interesse muda do texto para a audiência. Multiplicam-se os estudos de recepção dos meios massivos, especialmente no que diz respeito aos programas televisivos. Também há um redirecionamento no que diz respeito aos protocolos de

investigação. Estes passam a dar uma atenção crescente ao trabalho etnográfico.

As pesquisas empíricas dessa época apontavam para a importância do ambiente doméstico e das relações dentro da família na formação das leituras diferenciadas. O foco central passa a ser a reflexão sobre as novas condições de constituição das identidades sociais e sua recomposição numa época em que novos tempos trouxeram outros modos de vida e causaram uma redefinição das modalidades de análise dos meios de comunicação.

Já nos anos 90, a preocupação em recuperar as “leituras negociadas” dos receptores faz com que se valorize a liberdade individual deste receptor e se subvalorize, de certa forma, os efeitos da ordem social. Aos poucos, os trabalhos passaram a pautar-se em investigações que combinavam análise de texto com pesquisa de audiência. Questões como raça e etnia, o uso e a integração de novas tecnologias como o vídeo e a TV, assim como seus produtos na constituição de identidades de gênero, de classe, geracionais e culturais, e relações de poder nos contextos domésticos de recepção, seguem na agenda das análises de recepção.

Escosteguy atenta que os Estudos Culturais devem ser vistos tanto do ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Da perspectiva teórica, resultam da insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade.

Uma concepção particular dos Estudos Culturais é a ampliação do conceito de cultura. Ela não é mais uma entidade homogênea; manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Além disso, a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas – expressas mais notavelmente através do discurso e da representação – que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado.

Estas considerações abrem caminho para o grupo analisar as práticas culturais simultaneamente como formas materiais e simbólicas, situando então a criação cultural no espaço social e econômico, dentro do qual a atividade criativa é condicionada. Porém, esse reconhecimento da influência da esfera econômica na cultura não relaciona diretamente os estudos culturais ao marxismo. A perspectiva marxista contribuiu para a compreensão da “autonomia relativa” da cultura, isto é, ela não é dependente das relações econômicas, mas sofre consequências delas.

Escosteguy ressalta que a operacionalização de um conceito expandido de cultura, isto é, que inclui as formas nas quais os rituais da vida cotidiana, instituições e práticas, ao lado das artes, são constitutivos de uma formação cultural, romperam com um passado em que se

identificava cultura apenas com artefatos.

Com a extensão do significado de cultura de textos e representações para práticas vividas, considera-se em foco toda produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como, o desprendimento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas.

Legitima-se aí a cultura popular, que passa a ser vista como lugar de atividade crítica e de intervenção. A partir desta premissa, os estudos culturais questionam o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/ baixa, superior/ inferior etc.

Outra incorporação deste campo foi o conceito de ideologia proposto por Althusser. Esta é vista enquanto provedora de estruturas de entendimento através das quais os homens interpretam, dão sentido, experienciam e vivem as condições materiais nas quais eles próprios se concentram. Além disso, enfatizou Hall, a ideologia deve ser examinada não só na linguagem e nas representações, mas também nas suas formas materiais – nas instituições e nas práticas sociais através das quais nós organizamos e vivemos nossas vidas.

A teoria da hegemonia gramsciana, que também foi considerada nos Estudos Culturais, pressupõe a conquista do consentimento. O movimento de construção da direção política da sociedade necessita de complexas interações e empréstimos entre as culturas populares e a cultura hegemônica.

Com isto o que se quer dizer é que não existe um confronto bipolar e rígido entre as diferentes culturas. Na prática, o que acontece é um sutil jogo de intercâmbios entre elas. Elas não são vistas como exteriores entre si, mas comportando cruzamentos, transações, intersecções. Em determinados momentos a cultura popular resiste e impugna a cultura hegemônica, em outros reproduz a concepção de mundo e de vida das classes hegemônicas.

A contribuição teórica de Williams em *Cultura e Sociedade* torna-se fundamental ao conceituar a cultura como um “modo de vida”, afastando-se da dicotomia da cultura enquanto “da minoria” ou “da maioria”. Assim, amplia-se (e reformula-se) o entendimento da cultura, abrindo espaço para o desenvolvimento dos Estudos Culturais.

A história da ideia de cultura é a história do modo por que reagimos em pensamento e em sentimento à mudança de condições por que passou a nossa vida. Chamamos cultura a nossa resposta aos acontecimentos que constituem o que viemos a definir como indústria e democracia e que determinaram a mudança das condições humanas. [...] A ideia de cultura é a resposta global que demos à grande mudança

geral que ocorreu nas condições de nossa vida comum. (WILLIAMS, 1969, p. 305)

A cultura, assim, rompe com a identificação de objeto e implica a noção de cultura como prática no sentido de atuante na produção de significados, ou seja, inclui todas as formas constitutivas de uma formação cultural da vida e das práticas sociais. A cultura [...] não pode mais ser estudada como uma variável sem importância, secundária e dependente em relação ao que faz o mundo mover-se; tem de ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior (HALL, 1997, p. 6).

Em *Cultura* (1992), Williams destaca alguns aspectos da história e uso do termo cultura, o qual passou por significativas transformações.

[...] há certa convergência prática entre (i) os sentidos antropológico e sociológico de cultura ‘como modo de vida global’ distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um ‘sistema de significações’ bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social, e (ii) o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como ‘atividades artísticas e intelectuais’, embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as ‘práticas significativas’ – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso. (WILLIAMS, 1992, p. 13)

Com este panorama sobre alguns temas relacionados aos Estudos Culturais, reconhecemos que o programa de rádio “Sábado de todas as maneiras” como objetivo de pesquisa permite a abordagem de diversos aspectos trabalhados nesta escola. Consideramos os conceitos ampliados de cultura e de identidade, sendo esta última construída durante a formação cultural da vida e das práticas sociais. Destacamos aqui o fator geográfico, a cidade de Sobral, que condiciona a formação da cultura e a identidade propagadas pelo veículo em questão. Seu enredo se apoia em histórias daquele lugar, o que faz necessário abordar mais detalhadamente conceitos de memória coletiva.

2.4 Memórias da cidade: a ideia de palimpsesto

A fim de apoiar análises sobre assuntos recorrentes no programa, trazemos considerações sobre memória coletiva. Segundo Jacques Le Goff (1994, p. 423), a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou

reinterpretadas como passadas.

Já Maurice Halbwachs (2006, p. 30) distingue a memória coletiva da memória histórica, pois, para ele, enquanto existe uma única História, muitas memórias coexistem. Estas memórias, por sua vez, não são apenas individuais, sendo a forma de maior interesse para o historiador a memória coletiva. Ela é composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo, e mais do que em datas, a memória coletiva se baseia em imagens e paisagens. Ao se focar em um repertório de histórias e personagens municipais, o humorista Babá Marques recorre a uma memória socialmente difundida, que é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de um grupo em sua (re)construção de si (POLLAK, 1992, p.5). Seu baú de casos se apoia em uma “memória coletiva suportada por conjunto de pessoas que se lembram como membros de um grupo ou de uma sociedade” (HALBWACHS, 2006).

Enquanto a memória histórica supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado, a memória coletiva recompõe magicamente o passado. “Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual desenvolvem-se as diversas formas de memória, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam (HALBWACHS, 1990, p. 14-15). Mesmo as nossas lembranças coletivas nos são lembradas pelos outros, porque, em realidade, nunca estamos sós. Temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

Se em um momento as lembranças passam a nos faltar, é porque nos apartamos do grupo em cuja memória ela se conservava, minando-se aí pontos de contato para que a lembrança que nos recordam possa ser construída sobre um fundamento comum. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros. Em um outro extremo, pode ocorrer que estejamos tão bem afinados com aqueles que nos cercam, e não sabemos mais onde está o ponto de partida de algumas reflexões, que correspondem tão bem a nossa maneira de ver que nos espantaríamos descobrindo qual é o autor, e que não somos nós (HALBWACHS, 1990, p. 47).

Ademais, a base da memória coletiva, um conjunto de pessoas, precisa se lembrar como membros de um grupo. “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p. 51). As pessoas não se confundem porque a memória coletiva evolui segundo suas leis, e é reconfigurada quando sai da consciência pessoal para um conjunto. A individual, por sua vez, reporta-se a pontos de referência que existem fora dela que são fixados pela sociedade, formando-se de instrumentos

que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou, mas emprestou de seu meio.

Destacamos o fato de Babá Marques ter seu cotidiano de trabalho no Becco do Cotovelo, corredor da cidade, o que possibilita contato com diversos moradores e visitantes. As histórias ouvidas nos vários espaços da cidade, e sobretudo no Becco do Cotovelo, são logo inseridas por Babá no roteiro do programa gravado em estúdio, uma vez por semana, para ir ao ar nas tardes de sábado, junto com vinhetas e textos que são lidos ao vivo.

Na veiculação do “Sábado de todas as maneiras”, ele utiliza um veículo de comunicação de massa para contar histórias da cidade que podem gerar identificação com o público, em uma dinâmica de compartilhar significados, reconhecer-se, sentir-se numa comunidade. Sobretudo, ressaltamos sua capacidade de registrar características e épocas da cidade, como em um tecido montado e remontado sobre Sobral, como a ideia de palimpsesto desenvolvida por Sandra Jatahy Pesavento (2004, p. 26). A autora destaca a experiência de elaborar uma narrativa sobre o passado de forma partilhada, a partir de uma construção imaginária, possível e plausível do que teria ocorrido um dia.

A cidade se apresenta como um enigma a ser decifrado, comparando-se à imagem do palimpsesto, palavra grega surgida no século V a.c., depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita. Trata-se do pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para reaproveitamento por outro texto. Com a escrita sucessiva de textos superpostos, a raspagem de um não conseguia apagar todos os caracteres antigos dos precedentes, que se mostravam, por vezes, ainda visíveis, possibilitando uma escrita que se oculta sobre outra, mas que deixa traços.

Em se tratando da cidade, as dimensões do espaço e do tempo se apresentam como um desafio. Principiemos pelo espaço, entendido tanto como território da cidade - apropriado e transformado pelo homem - quanto como espaço construído - materialidade edificada - que se reveste de forma, função e significado. Ora, esta dimensão espacial que se oferece ao olhar no contexto urbano, tem marcada sobre si a passagem do tempo, uma vez que se trata de buscar, na cidade, a sua História e Memória. (PESAVENTO, 2004, p. 26)

A paisagem urbana que costumamos vivenciar é sempre uma paisagem social, diz a autora, um fruto da ação da cultura sobre a natureza, obra do homem a transformar o meio ambiente. A passagem do tempo altera as formas do espaço, seja pela destruição das mais antigas, seja pela adaptação e composição com novas formas. Entretanto, uma cidade abriga todos os tipos de espaço construídos, em múltiplas combinações possíveis. Apenas a vontade e a atitude hermenêutica de enxergar para além daquilo que é visto é que permitirá chegar até as cidades soterradas, na História e na Memória.

Mais ainda, nesta cadeia de sentidos possíveis da cidade palimpsesto, é indispensável recorrer à ideia do tecido, onde os diferentes fios se articulam em trama na montagem das camadas superpostas. Neste caso, é o autor/tecelão da cidade imaginária que deve construir enredos, descobrir caminhos e apresentar a composição da trama. (PESAVENTO, 2004, p. 28)

Assim, toda cidade contém em si, como palimpsesto, outras cidades a emitirem sinais a serem lidos, interpretados e vistos. Neste sentido, vemos a importância das histórias contadas no programa “Sábados de todas as maneiras”, em lugares reais e baseadas no cotidiano de Sobral, na sustentação de uma imagem da cidade, não uniforme, mas com vestígios do que já ocorreu nela, em um tecido construído de forma múltipla.

O fato de morar muito tempo em um lugar adaptado a seus hábitos, continua Halbwachs, faz um grupo ter seus movimentos e pensamentos regulados pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores. Pensando no cenário de Sobral onde mora o radialista e apresentador do “Sábado de todas as maneiras”, de imóveis centenários, vem a observação de Halbwachs (1990, p. 134) de que o grupo urbano não tem a impressão de mudar enquanto o aspecto das ruas e dos edifícios permanece idêntico. O quadro espacial onde se desenvolve a memória coletiva é uma realidade que dura.

Nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 143)

O espaço influencia até na produção de conteúdo, no caso deste estudo, um programa de rádio. O texto é uma tentativa de constituir uma identidade para ser lembrada, lançada à posteridade (MOREIRA, 2015, p. 168). Polissêmico, está aberto ou chama outras vozes para compô-lo; ascende vozes na mesma proporção que cala outras, em uma batalha simbólica que elabora lembranças e esquecimentos.

3 “SÁBADO DE TODAS AS MANEIRAS”

Cada edição do “Sábado de todas as maneiras” ocupa cerca de duas horas e meia, a partir das 16h de sábado. Até novembro de 2018, foi transmitido pela FM Paraíso 101.1. A emissora é uma das onze rádios de Sobral, dentre 208 concessionadas pela Anatel no estado do Ceará⁵. Conforme a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV (Abert)⁶, o setor de rádio no Brasil apresentava, em abril de 2013, 4.619 emissoras de rádio comercial, 466 rádios educativas e 4.504 rádios comunitárias, perfazendo um total geral de 9.589 emissoras de rádio.

O programa contém cerca de quinze quadros fixos. “O programa em si retrata a realidade do que nós fazemos no nosso dia a dia. Retrata a vida corriqueira das pessoas. (...) É uma realidade que eu faço, que você faz, que muita gente faz na rua” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018). Entre diversas vozes e personagens que Babá interpreta (ele conta que são mais de cem), os quadros têm a apresentação capitaneada ora por Fabíola, ora por Bartolomeu.

Mesmo quando os ouvintes escrevem ou falam pessoalmente se dirigindo ao Babá, eles se referem à dupla na terceira pessoa, e assim o radialista corresponde ao chamado, mudando imediatamente a voz, e se apresentando em *shows* como as personagens, com vestimenta e maneirismos definidos. “A Fabíola (...) o perfil dela é crítica. São críticas, são realidades. Aquilo que nós fazemos no dia a dia. Retrata muito a cara do programa. E assim também é o Bartolomeu. Ele é um personagem crítico, porém verdadeiro, sem apelação, e assim são esses dois que mais se destacam no programa” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Enquanto Fabíola veste roupas extravagantes, com predominância do vermelho na peruca e na maquiagem, muitos acessórios e tem fala debochada, Bartolomeu tem a voz rouca e modo de se expressar coloquial, com cabelo grisalho e visual brega. “Agora não, estão vendo no Face como é feito, mas no começo, há uns 20 anos, recebia cartas naqueles papéis

⁵ Guia da Associação Cearense de Rádio e TV 2014 / 2015. Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/0011051530a0b20afb0c1>
Acesso em: 6 de março de 2017.

⁶ Página da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – ABERT. Disponível em: <http://www.abert.org.br/web/index.php/dados-do-setor/estatisticas/radiodifusao-licencas-e-outorgas#>
Acesso em: 23 de novembro de 2017.

de *fax*, muito grande, com beijo pra todo mundo, menos pra mim. (...) A intenção que eu dou é pra pensar que é outra pessoa, mesmo, que tá comigo, que a voz é totalmente diferente do meu timbre de voz (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

3.1 Quadros fixos do programa

O “Sábado de todas as maneiras” tem seu conteúdo intercalado entre locuções ao vivo feitas por Babá Marques, quando há interpretação de personagens e participação de ouvintes, e quadros gravados em estúdio. O apresentador mantém a rotina há 22 anos de gravar em um dia da semana no B.B. Stúdio em Sobral. O ciclo de produção do programa não para. “Já começo a fazer o programa do outro sábado no domingo de manhã. Escrevo segunda, terça, quarta vou pro Beto (Brandão) gravar” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Intercalados com vinhetas instrumentais, que lembram um dinamismo lúdico do rádio antigo, os quadros vão se desencadeando junto a inúmeras vozes feitas por Babá ao vivo ou em gravações, que no momento da veiculação do programa são orquestradas pelo operador de som Ivo Aragão. O locutor exalta bastante a sintonia com o único presente no estúdio, responsável por veicular mais de mil arquivos de som para dinamizar o programa. Ivo Aragão atua também como operador de som em outros programas de rádio e emissoras, com mais de 20 anos de experiência. Começou a parceria com Babá por volta do segundo ano do “Sábado de todas as maneiras”.

No “Signo”, Fabíola lê ao vivo instruções para os ouvintes melhorarem seus comportamentos em situações diversas do cotidiano. Os assuntos variam sem ter ligação com as casas do zodíaco, mas aproveita-se para citar nomes de conhecidos. “Eu trabalho em cima da nossa realidade. (...) E eu vejo mais ou menos o que elas fazem no dia-a-dia e nisso eu vou escrevendo, criando, em cima do humor, claro” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Outra apresentação de Fabíola é no quadro “Dicas pra você, mulher, não perder o seu homem”, e no “Dicas pra você, homem, não perder a mulher que você gosta dela”, e seguem um estilo parecido com o anterior, onde Fabíola sugere mudanças nos hábitos das pessoas, soando eles como verdadeiros ou não. A personagem feminina encabeça também a “Previsão do tempo”. De forma fictícia, vão sendo sentenciadas previsões climáticas para as redondezas, o que leva ao riso pela imprevisibilidade deles ocorrerem na vida real.

A gente diz que *tá* vindo uma frente fria de Irauçuba no rumo de Sobral. Irauçuba é conhecida como terra muito quente (risos), e dificilmente chove por lá. Mas chove, é uma lenda isso. Então a gente brinca muito com Teresina também. É com a Fabíola

mas a gente mesclou, colocou a Maju (apresentadora da “Previsão do Tempo” no Jornal Nacional, Maria Júlia Coutinho) meio também, agora, pra brincar. A gente coloca pra falar com a Maju... “Vai falar agora com a Maju”, aí... “Alô, é a Fabíola”... Então é a Fabíola quem dá as cartas. (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Passando para os quadros apresentados pelo Bartolomeu, temos “Ô bicho besta é gente”. Babá o define como retrato da realidade dos momentos de fraqueza do ser humano, e expressa aqui um julgamento do que ele considera atitudes sem importância, mas que são valorizadas por outras pessoas. “Por exemplo: tirar *selfie* com político, aí bota a vinheta 'Ô bicho besta é gente!'. (...) se amostrar com roupa nova... comprar um carro novo e deixar os plásticos nos bancos... Então tudo isso aí é coisa que a gente cria pro 'Ô bicho besta é gente” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018). São de dez a doze situações narradas neste quadro, todo sábado.

A vinheta “É o novo!” anuncia o desfilar de coisas antigas, palavras, ditados, brincadeiras, lugares. “É muito amplo esse quadro, porque pode ser uma roupa antiga... por exemplo calça S-top, boca de sino... Aí a gente bota “É o novo!”. Aí bota loja de Sobral antiga, bota o nome de novelas antigas, os programas de rádio antigos... e tudo isso abrange”, conta Babá. Bartolomeu narra também os quadros “Avisos” e “Serviço de Inutilidade Pública”. Neste último, narra-se a perda de objetos que, na verdade, não se usa mais. “A gente bota que a pessoa perdeu uma sacola contendo umas coisas antigas, tipo um pente redondo de bolso... uma caixinha de naftalina... (...) Se usava muito isso antigamente no rádio, e é um resgate desses avisos, só que na base do humor” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Os três últimos quadros se pautam por uma valoração entre antigo e moderno. Este par, ou esta disputa velho/novo, está ligado à história do Ocidente, embora se possa encontrar equivalentes noutras civilizações e noutras historiografias, diz Le Goff (1982). Na segunda metade do século XX, generaliza-se, principalmente no Terceiro Mundo, graças à ideia de “modernização”, nascida no contato com o Ocidente. Os dois termos nem sempre se opuseram um ao outro: “antigo” pode ser substituído por “tradicional” e “moderno” por “recente” ou “novo”. Cada conceito foi acompanhado por conotações laudatórias, pejorativas ou neutras. “Moderno” atravessa a Idade Média com o sentido de “recente”, e “antigo” como “pertencente ao passado”, mais precisamente, à época da história a que o Ocidente, desde o século XVI, chama “Antiguidade”. Situam aí a época anterior ao triunfo do cristianismo no mundo greco-romano, à grande regressão demográfica, econômica e cultural da Alta Idade Média, marcada pela crise da escravatura e por uma intensa ruralização.

Quando, a partir do século XVI, a historiografia dominante no Ocidente, a dos eruditos, seguida da dos universitários, subdivide a história em três épocas – antiga, medieval e moderna –, cada um dos adjetivos remete geralmente para um período cronológico e o termo <<moderno>> opõe-se mais a <<medieval>> do que a <<antigo>>. Finalmente, esta grelha de leitura do passado nem sempre corresponde ao que os homens do passado pensavam. (LE GOFF, 1982, p. 141-142)

No recém-criado “Me engana que eu gosto”, Babá conta que cita ditados que são facilmente contestados, e que se tratam de críticas à cidade. Por exemplo: “Dizem que vereadores dormem e acordam pensando no povo. Me engana que eu gosto!”. A política é um assunto comumente criticado por Babá, sem citar partidos e deixando explícito que não pretende concorrer a um cargo eletivo. Para isso, ele tem um personagem específico: o deputado Alfonção, que realiza almoços fictícios na casa de pessoas reais, possui vinhetas e adesivos.

Ele satiriza a política. Eu tento mostrar através do meu personagem, o Alfonção, que é um deputado federal vitalício, que não sai nunca... Ele mostrando as falcatruas que existem na política brasileira. A gente vive aí num mar de corrupções, e o Alfonção se adapta muito bem a isso. Ele mostra pras pessoas como é que funciona a política nos bastidores. Então é o quadro que retrata a realidade da política brasileira com muita crítica e verdades. (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

A sátira também chega aos líderes religiosos que manipulam pessoas em troca de dinheiro. O pastor de nome Malaquias critica “essa coisa de vender fé. No começo fui até criticado por algumas igrejas mas eu não arredei pé. Tive que continuar porque não tinha nome de igreja. É uma sátira gostosa, que as pessoas pedem também pra entrar nesse quadro, e isso me deixa muito feliz”, conta Babá.

A personagem Fabíola foi personificada em duas ocasiões no último ano, quando Babá foi homenageado pelo Colégio Sant'Anna e Colégio Santo Antônio. “Você ver uma criança vestida como a sua personagem, uma criança de 8,10 anos de idade... aquilo ali não tem dinheiro que pague. Eu chorei, me emocionei”, contou. Nas quadras dos respectivos colégios, duas meninas se vestiram com as roupas e acessórios característicos de Fabíola, e estudantes e dirigentes apresentaram criações de Babá como homenagem ao trabalho dele. “Você ver uma criança vestida com a sua personagem, com a peruca... e querendo falar como a Fabíola... é muito gratificante isso, muito gostoso. Isso aí pra mim foi um momento que eu jamais esquecerei” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Há um quadro peculiar, com aparição espontânea no programa. “Quem você joga no Rio Acaraú” surgiu quando o radialista passou a perguntar no ar quem os ouvintes gostariam de jogar no rio. “Aí ligava muita gente! 'Joga minha mãe... joga meu namorado... joga meu

filho que não quer tomar banho', conta Babá, que o define como 'um protesto branco'. Todos podem ser citados o operador de som, o prefeito da cidade, um deputado. É um improviso que pode ocorrer a qualquer momento do roteiro do programa, bastando ser solicitado por um ouvinte. “Eu acho engraçado porque a pessoa joga mãe, joga filho, joga irmã, namorado, marido. (...) Pediu pra jogar, a gente joga!” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Assim como uma característica comum no Nordeste, o rio teve fator agregador de agrupamentos que deram origem às cidades, assim como ocorreu no século XVIII com o povoado que daria origem a Sobral. Lá ele possui, atualmente, duas pontes, um grande projeto arquitetônico de urbanização de sua margem esquerda, nomeia a universidade nascida e sediada em Sobral, a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), e um dito popular diz que quem bebe de sua água sempre volta.

"Olha, quero mandar boa-noite pra Fatinha, o Jadson, a família toda. (Começa a ler mensagem pelo celular) "Olá, meu querido. Segunda-feira é o aniversário do nosso primo Marcelo, 17 anos. Cante parabéns pra ele e jogue o Marquinhos no rio. Beijos. Amamos muito você". Será que dá? Dá, sim. Vamo lá! (Gravação com voz masculina: Vou nada! Tô com medo disso aqui. Ôh, meu Deus.) Vai, vai, vai, sim. Vai pro rio. Vai. Um... Vai, sacode!" (Gravação com voz masculina simula um grito que aos poucos some como se tivesse pulando no rio e uma onomatopeia de flatulência e por fim "tchibum!") (Trecho do "Sábado de todas as maneiras" veiculado em 23 de julho de 2016, e disponível no YouTube).

O Rio Acaraú, ainda que tenha recebido um projeto arquitetônico de urbanização da margem esquerda que o transformou em mais um cartão-postal, com biblioteca, museu, campo, anfiteatro e área de lazer, ainda vive com secas e cheias. Era conhecido como um rio seco, até ser perenizado em 1958 por conta da construção do Açude Araras na cidade de Varjota a 86 quilômetros de Sobral (MELO, 2001, p. 30).

Os períodos de cheia possibilitam renda para canoieiros que faziam a travessia de pessoas e material entre as margens que contém bairros de Sobral. Mesmo nos tempos mais primórdios, era a rodagem das águas, a estrada fluvial em uma região sem estradas, moldada pelas variações e o ciclo do rio. Os anos com final 4 passaram a ser temidos pelas grandes inundações de 1924, 1974 e 2004, tendo esta última atingido a área recém-urbanizada. O mesmo se repetiu em 2009. O rio possui duas pontes, a Oto de Alencar (1932) e a Dr. José Euclides (2000), além de suas próprias lendas. A subida do rio preocupava não apenas as populações ribeirinhas atingidas pelas inundações, mas eu me incluo entre os que se desesperavam com uma lenda de que “a Praça da Sé já foi uma cama de baleia” e pode voltar a ser com o transbordo dos afluentes. A Igreja Matriz fica a poucos metros do leito do Rio Acaraú.

No século XVII, conta Venâncio (2009, p. 51), os rios Jaguaribe e Acaraú eram os mais importantes do território cearense e deles se originaram as principais cidades do seu sertão à época: Sobral, Icó e Aracati. O rio era ao mesmo tempo mesa e estrada, onde se instalavam as oficinas de charqueadas e feitorias que faziam girar a economia colonial, além das estradas que seguiam ao largo de sua ribeira.

O Rio Acaraú corta 27 municípios e possui um percurso total de 370 quilômetros, até o rio encontrar o mar pela cidade de Acaraú. Tem como afluentes na margem direita os rios Jurucutu, Madeira, Macacos, Jatobá, Groaíras; e na margem esquerda: os riachos Mucambinho e Mata Fresca e o Rio Jaibaras. Suas três nascentes encontram-se na Serra das Matas entre os municípios de Monsenhor Tabosa e Tamboril, e sua bacia hidrográfica tem uma área aproximada de 14.500 quilômetros quadrados (VENÂNCIO, 2009, p. 55).

O apresentador insiste que a intenção de “Quem você joga no Rio Acaraú” é brincar com as pessoas, e que é um quadro muito pedido. Seja por mensagens nas redes sociais de Babá ou por telefone, logo que ele vê o pedido, o operador de som Ivo Aragão inicia a vinheta que traz um personagem masculino ou feminino (há duas versões) conversando com a Fabíola que o locutor rapidamente passa a interpretar.

Alguns quadros saíram do ar a partir de 2016, quando comecei a acompanhar o programa atentamente para o projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Um exemplo é o “Destrinchando sonhos”, com a Fabíola, onde Babá criava uma situação em que um ouvinte indagava a apresentadora sobre uma interpretação de um sonho que teve. Também já saiu do roteiro fixo do programa “Bartolomeu com seu exército”, simulando conversa com um grupo de soldados em um ambiente de caserna. “A gente tá sempre inovando. Também já fiz muitas novelas, imitando as novelas da televisão. Eu tirava o ator principal ou atriz e colocava o Bartolomeu ou a Fabíola contracenando com um deles lá”, afirma.

Essa forma de acrescentar elementos sobralenses em folhetins e o próprio uso do humor são relatados por Babá como primordial na concepção do programa. “É importante demais. Tudo o que eu vejo, eu vejo sempre uma coisa do lado humorístico no meio. (...) Humor tá na veia já”, conta. Os dois próximos quadros compõem o *corpus* específico de análise deste trabalho: “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” e “O que Sobral tem de ‘marromeno’”.

Na primeira metade do programa “Sábado de todas as maneiras”, Babá Marques interpreta, na voz da personagem Fabíola, o quadro “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”. Ele lê ao vivo o que escreveu em casa durante a semana, narrando ocorridos

verídicos, fictícios, ou baseados em fatos reais, mas adaptados a fim de gerar comicidade. As pessoas citadas são seus ouvintes assíduos, percebidos em edições anteriores do programa que acompanhamos, e encontrados também nas mensagens deixadas nas páginas que o radialista mantém no Facebook e Instagram. Os lugares são reais, na cidade de Sobral e seus distritos⁷, e a voz feminina de Fabíola interage com vinhetas nas quais Babá interpreta personagens diversas. Por ser lido ao vivo do estúdio, permite que ele interaja com a única pessoa presente no estúdio de rádio, o operador de som Ivo Aragão. Marques contou que o quadro teve como mote programas de rádio e TV que falam da vida pessoal de pessoas famosas.

Falam muito da vida dos artistas lá do Rio de Janeiro, da Globo, televisão e tal... e aquilo ali não interessa pra gente, sabe? Então o que foi eu fiz: eu botei o nome de pessoas que existem realmente, da cidade, dizendo por exemplo: “fulano foi vista ontem tomando um caldo bem quentinho no Tônico Lanches e depois foi contar os vagões do trem passando... São coisas que a pessoa não tem nada a ver com aquilo mas a gente bota. Geralmente eu boto um brega no chique, o chique no brega. A gente bota uma pessoa que tem costume de jantar, digamos, no Cícero's Bar, no Chicão 2000 ou em outro restaurante da cidade... a gente bota que ela tava lá no Mercado tomando uma sopa... e legal... as pessoas gostam. Na hora tem uma vinheta que pergunta assim “quem é esse daí? Nunca ouvi falar”. “Rapaz, aqui é o fulano de tal!” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018)

Em um formato que pretende se assemelhar a uma coluna social, iniciando-se com o anúncio “o quadro que vai dizer sobre a vida dos famosos e quase famosos”, Babá tece uma lista de pessoas e seus feitos recentes, assim como publicações de entretenimento contam flagrantes de artistas, celebridades e figuras eminentes flagrados em lugares diversos, por vezes requintados. A ironia aqui aparece ao articular a narração pomposa de um flagra de alguém famoso com a revelação de que ocorrido teve como cenário a própria cidade, algo corriqueiro para os moradores, fora do eixo das capitais ou de locais onde circulam publicações de famosos nacionalmente. “A gente tira o nome das pessoas famosas da TV e coloca nomes de pessoas daqui da cidade, até pra prestigiar, e muitas pessoas pedem para que a gente coloque. “Ó, me bota nos famosos”. Então a gente prestigia dessa maneira” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Mais um quadro que analisaremos na dissertação é “O que Sobral tem de ‘marromeno’”, e encerra a edição radiofônica do programa. A escolha se justifica devido aos itens citados neste quadro remeterem a lugares, hábitos, datas, festividades consolidadas na cidade, e/ou que sofreram mudanças com o tempo e são criticadas. “Lá se vem esse quadro, que fala as verdades de Sobral”, diz em setembro de 2017. O texto do quadro é narrado por

⁷ Em divisão territorial datada de 1993 o município é constituído de 11 distritos: Sobral, Aracatiaçu, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Rafael Arruda, Patriarca, São José do Torto e Taperuaba. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/historico> Acesso em 01 dezembro 2018.

Babá Marques, com gravação anterior no B.B. Stúdio, e as frases que escrevemos entre parênteses, dispostas no relato integral nos Anexos, tratam-se de vinhetas do programa, em que ele representa personagens diversas.

O narrador principal deste quadro é a personagem Bartolomeu, de voz rouca e estilo malandro e coloquial. Nos primeiros segundos, uma voz feminina faz uma rápida abertura, com um texto que se repete em todas as edições, porém variando a frequência das risadas da personagem não identificada. “O que Sobral tem de ‘marromeno’ a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras!”. Com este texto, a voz feminina abre espaço para Bartolomeu. Após as reclamações dele, a voz feminina retoma o texto e o relê inteiro, com algumas reações contendo risos, como se fosse uma apreciadora do quadro. “Eita, que ele tá ‘peidado’ hoje! Tá fumando uma quenga”, aprecia ela sobre o companheiro Bartolomeu, em março de 2017. “Ai, lá se vem o quadro... (risos) eu juro, eu juro... Eu quero ficar séria mas não consigo”, diz no mês de abril. “Eita, quadro ‘véi’ duro. Incomoda... diz as verdades... e acham ruim! (Risos). É só fazer as coisas direitinho” (maio de 2017).

Nêgada, não é gabando não, viu?, mas aqui tem gente que é craque em botar lixo na calçada só depois que o carro passa. (Ôh “fi” duma égua ruim!) É impressionante, rapaz. Parece assim uma coisa. É automática, sabe? Rapaz, é até gente ‘marromeno’. A gente tira pela sacola de lixo. É só sacola de mercantil. Viu? (Diabo é isso aí, rapaz?) (...) Meu povo, meu povo: pois não é que aqui tem gente que bota o lixo depois que o carro passa? Meu ‘fi’, o que é que ‘cê’ tem na sua cabeça? ‘Cê’ é normal, é? (Risos). Ôh povo ruim. (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 18 de novembro de 2017)

Este momento do programa pode conter paródias, entoando críticas a algo da cidade que precisa melhorar ou recente medida que não teve aprovação popular. Uma delas é uma reclamação da grande quantidade de semáforos instalados no centro comercial em um curto espaço de tempo. Ainda hoje os semáforos permanecem em esquinas seguidas, e a reclamação de Babá foi escrita com a melodia de “Anunciação”, de Alceu Valença. “Tu vens, tu vens... Sobral, em cada esquina tem sinal (cantando). (...) Tinha muito semáforo ali que tava confundindo as pessoas”, justificou. Segundo Babá, neste quadro se conta as realidades, as falhas que acontecem na cidade. Críticas “com humor... cobrando por quê que não asfaltaram uma rua, por que tem um cano furado, por que não tem semáforo numa rua... por que tem semáforo demais também...” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018). O objetivo é cobrar de autoridades municipais providências quanto a problemas, e segundo ele, os assuntos do quadro já tiveram resposta positiva e geraram reportagens locais e conversas de professores em sala de aula.

Quando ocorre uma mudança em uma cidade, modificam-se também os hábitos de seus habitantes, como averiguou Sérgio Paulo Rouanet (1992). Os locais moldam as práticas de seus habitantes, e, especificamente no quadro “O que Sobral tem de ‘marromeno’”, Babá expressa preocupação com o desaparecimento de eventos na cidade, porque estes eram locais de práticas entre os habitantes, e seu cancelamento limita ou elimina atividades que eram consideradas como de uma memória coletiva, socialmente difundida, o que é um fator importante do sentimento de grupo entre os sobralenses. Em edição de julho de 2016, por exemplo, ele lamenta o desaparecimento de feiras agropecuárias e de serviços, como a Fenaiva e a Exponorte. Perdeu-se aí uma oportunidade no calendário para a cidade mostrar relevância econômica e social na região norte do Ceará, assim como seria para os participantes também um momento de se mostrar como consumidores daquelas festas e seus serviços.

Pontuamos também o aspecto de “localidade” de eventos locais. Enquanto o “local” passou a não ocupar mais espaço na vida das pessoas, devido à globalização e rapidez contemporâneas, apresenta-se comumente na forma de festivais de convívio e pertença comunitários, divertidos e prazerosos. “Submeter-se à “totalidade” não é mais um dever adotado com relutância, incomodidade e muitas vezes oneroso, mas um “patriotismo”, uma folia procurada com avidez e eminentemente festiva” (BAUMAN, 2008, p. 98).

As narrativas do quadro “O que Sobral tem de ‘marromeno’”, por serem locais, geram identificação do público, esta que surge na atual concepção das ciências sociais, não como uma essência intemporal que se manifesta, mas como uma construção imaginária que se narra. “(...) o palimpsesto da memória é indestrutível, sendo sempre possível resgatar, pela evocação, experiências e sensações adormecidas” (PESAVENTO, 2004, p. 26).

3.2 Representação

Um conceito bastante presente em nossa análise é o de representações, pois, como afirma Hall (2016, p.21-22), “concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que dela criamos, as emoções que associamos a elas”.

Stuart Hall é um expoente dos Estudos Culturais, que observaram o consumo da comunicação de massa como lugar de negociação entre práticas comunicativas extremamente diferenciadas. Porém, seus questionamentos extrapolaram o campo da comunicação e assumiram o papel de analistas dos significados que produzimos em todas as esferas que

integramos. Nesta perspectiva, estudaram as estruturas e os processos por intermédio dos quais os meios de comunicação de massa sustentam e reproduzem a estabilidade social e cultural. Entretanto, isto não se produz de forma mecânica, senão “adaptando-se” continuamente às pressões e às contradições que emergem da sociedade, e “englobando-as” e “integrando-as” no próprio sistema cultural, ótica que apoia a investigação do nosso objeto de pesquisa.

O conceito de representação relaciona cultura, linguagem e construção social da realidade. Um uso corrente do termo de representação é o de que significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. Ela seria uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura; e envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos.

A representação aparece na produção do significado dos conceitos da nossa mente, por meio da linguagem. Conecta conceitos e linguagem, o que permite nos referirmos ao mundo “real” dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios.

Assim temos dois processos – dois sistemas de representação – envolvidos. Primeiro, há o “sistema” pela qual toda ordem de objetos, sujeitos e acontecimentos é correlacionada a um conjunto de conceitos ou representações mentais que nós carregamos. Sem eles jamais conseguiríamos interpretar o mundo de maneira inteligível. Em primeiro lugar, portanto, o significado depende do sistema de conceitos e imagens formados em nossos pensamentos, que podem “representar” ou “se colocar como” o mundo. Este sistema possibilita que façamos referências a coisas tanto dentro, quanto fora de nossa mente (HALL, 2016, p. 34).

Ressaltamos a linguagem como o meio privilegiado pelo qual “damos sentido” às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado, e compartilhado pelo acesso comum à linguagem. Esta se torna fundamental para os sentidos e para a cultura e é considerada o repositório-chave de valores e significados culturais. A representação é uma das práticas que produz a cultura e se apresenta como um momento-chave naquilo que tem sido chamado de “circuito da cultura” (Du Gay et al., 1997), considerando que cultura diz respeito a “significados compartilhados”, e significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem.

Por operar como um sistema representacional, a linguagem permite que as pessoas construam uma cultura de significados compartilhados e interpretem o mundo de maneira semelhante. Damos significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de

interpretação que levamos a eles. A representação se refere às palavras que usamos para nos referir às coisas, histórias que narramos a seu respeito, imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, enfim, os valores que nelas embutimos.

Mas onde o sentido é produzido? Nosso “circuito da cultura” indica que sentidos são, de fato, elaborados em diferentes áreas e perpassados por vários processos ou práticas (o circuito cultural). O sentido é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem “pertencemos” – e, assim, ele se relaciona a questões como a cultura é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre a diferença entre grupos (o foco principal de Woodward, 2012). O sentido é constantemente elaborado e compartilhado em cada interação pessoal e social da qual fazemos parte. De certa forma, este é o campo mais privilegiado – embora com frequência o mais negligenciado – da cultura e do significado. (HALL, 2016, p. 21-22).

Os sentidos também regulam e organizam nossas práticas e condutas, estendendo seu potencial definidor em todo o “circuito cultural”. A importância dos elementos que utilizamos para representar – sons, palavras, gestos, expressões, roupas - não se reduzem ao que *são*, mas sim ao que *fazem*, aos significados que constroem e transmitem.

Ressaltamos a representação como a utilização da linguagem para expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas, o uso de signos e imagens que significam ou representam objetos. É a conexão entre conceitos e linguagem que permite nos referirmos ao mundo “real” dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios. Percebemos o sucesso do programa “Sábado de todas as maneiras” por se direcionar a um público que compartilha, pelo menos em alguns aspectos, uma mesma cultura, os mesmos “mapas conceituais”, que dá sentido ou interpreta o mundo de formas mais ou menos semelhantes.

A relação entre “coisas”, conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção do sentido na linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de “representação”. (...) Assim como as pessoas que pertencem à mesma cultura compartilham um mapa conceitual relativamente parecido, elas também devem compartilhar uma maneira semelhante de interpretar os signos de uma linguagem, pois só assim os sentidos serão efetivamente intercambiados entre os sujeitos. (HALL, 2016, p. 38).

O próprio sentido é *construído pelo sistema de representação*. Não está no objeto, na pessoa, ou na palavra. É fixado por nós, como diz Hall, tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável, resultado de uma prática significativa – uma prática que produz sentido, que faz os objetos significarem.

Há três enfoques para explicar a representação do sentido pela linguagem: reflexivo, intencional e construtivista. Na abordagem reflexiva, o sentido é pensado como repousando no objeto, pessoa, ideia ou evento no mundo real, e a linguagem funciona como

um espelho, para *refletir* o sentido verdadeiro como ele já existe no mundo (HALL, 2016, p. 46-47). Na abordagem intencional, Hall defende que é o autor, pela linguagem, quem impõe seu único sentido no mundo, o que também é falha, pois “nossos sentidos particularmente intencionados, ainda que pessoais, têm que *entrar nas regras, códigos e convenções da linguagem* para serem compartilhados e entendidos (HALL, 2016, p. 48). A abordagem construtivista, por sua vez, atesta que nem as coisas nelas mesmas, nem os usuários individuais podem fixar os significados na linguagem. Apregoa que construímos sentido, usando sistemas representacionais - conceitos e signos.

Como indicado em *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais* (2013), o conceito de identidade é importante para examinar a forma como a identidade se insere no “círculo da cultura” (ou circuito), explicitado anteriormente, assim como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com o discurso sobre a representação.

Nesta produção social, a identidade parece ser uma positividade (aquilo que sou), uma característica independente, um fato autônomo. Tem referência apenas a si própria; é autocontida e autossuficiente. Nesta mesma concepção, a diferença é aquilo que o outro é, e, por sua vez, concebida como autorreferenciada.

Porém, tanto a identidade quanto a diferença são criaturas da linguagem e, por isso, criadas cultural e socialmente. Assim se tornam maleáveis e marcadas pela indeterminação e instabilidade, o que não impedem seu carregam o poder de definir.

Elas não só são definidas como também impostas, elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. A identidade e diferença estão, pois, em estreita conexão com a relação de poder: o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2013, p. 81).

Retomando a aposta em utilizar a representação como uma das palavras-chave desta dissertação, acentuamos a necessidade de serem representadas a identidade e a diferença. A partir da representação é que elas adquirem sentido e se ligam ao sistema de poder. “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre a identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade” (SILVA, 2013, p. 91).

Continuando com a obra acima, Hall sugere duas formas de responder à indagação que nomeia o 3º capítulo, de sua autoria: quem precisa da identidade? Primeiro, sugere observar a existência de algo que diferente de uma crítica desconstrutiva, à qual muitos destes conceitos essencialistas têm sido submetidos. Em vez de buscar a superação de conceitos inadequados, substituindo-os por conceito "mais verdadeiros" ou que aspiram à produção de um conhecimento positivo, a perspectiva desconstrutiva coloca certos conceitos-chaves "sob rasura". A segunda maneira de responder exige que observemos onde e em relação a qual conjunto de problemas emergem a irredutibilidade do conceito de identidade. A resposta, neste caso, está em sua centralidade para a questão da agência e da política (SILVA, 2013, p. 103). 104).

Avançando nas considerações de Hall, chegamos em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2001). No final do século XX, as identidades modernas estão fragmentando-se, isto é, um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (HALL, 2001, p. 09).

A fim de amparar reflexões sobre que identidade de Sobral é mostrada no programa de rádio em foco, recorreremos aos conceitos de identidade cultural traçados por Hall entre outros autores. Em diferentes prismas pelos quais se vê a identidade, desde a perspectiva da identidade pessoal, do nível psíquico das identidades e das subjetividades modernas (Giddens, 2002), até discussão das identidades coletivas (Hall, 1996), passando por um panorama de crise de legitimação das narrativas (Martín-Barbero, 2008) com a possibilidade de vivência de diversas identidades culturais e não apenas um conjunto de referências estáveis, até nos focarmos nos estudos culturais.

Nestes últimos a identidade cultural surgiu como objeto de pesquisa, segundo Escosteguy (2001, p. 141), devido à desestabilização gerada pela modernidade e a discussão do panorama de crise moderno; e os processos de globalização que se intensificaram a partir desta última década do século XX. Assim, destacamos:

As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um *posicionamento*. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa lei de origem, sem problemas, transcendental. (Hall, 1996 p. 70).

A ideia de identidade é desenvolvida sob dois enfoques: primeiro, no sentido de

conceber uma cultura partilhada, ou seja, os sistemas culturais unificam os indivíduos em quadros de referência. E um exemplo atual dessa concepção de identidade cultural que opera com um poder contínuo de criação de identidade no sentido de práticas de representação são os movimentos sociais (feminista, anticolonialista, antirracista, anti-homofóbico, entre outros) (HALL, 1996, p. 69).

O segundo enfoque da identidade cultural se arquiteta no “que nós realmente somos” – e com a intervenção da modernidade – “o que nós nos tornamos”. Isto é, Hall defende que as identidades culturais provêm de alguma parte e, portanto, possuem histórias, sofrendo modificações constantes (HALL, 1996, p. 69). Portanto, a identidade cultural são as particularidades que um indivíduo ou grupo atribui a si pelo fato de sentir-se pertencente a uma cultura específica.

Visualizando um conjunto de significados compartilhados, a identidade é compreendida como culturalmente formada. É um posicionamento e não uma essência, ligada à discussão das identidades culturais, nacionais e as que se formam por sentidos cambiantes e contínuos do cotidiano do sujeito (HALL, 1996).

O conteúdo do “Sábado de todas as maneiras” será analisado como discurso, ou seja, abordado como parte de práticas sociais inseridas em contextos determinados. O imaginário é considerado nesta metodologia como parte do funcionamento da linguagem, e os sujeitos físicos, assim como seus lugares empíricos, são observados como inscritos na sociedade. Ao observar o quadro escolhido, intentamos problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem, considerando que não há neutralidade no uso aparentemente cotidiano dos signos.

3.3 Criando uma região: o Nordeste

Seguindo nas reflexões sobre representação, e após situar Sobral no estado do Ceará no capítulo anterior, convém focar a região do Brasil onde ela se localiza: o Nordeste. Assim como outros espaços de maior ou menor tamanho, esta região não esteve sempre vinculada às representações ou narrativas que consideramos hoje, mas teve seus conceitos produzidos ao longo de muitas décadas, como aponta o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011). Este espaço, social e afetivo foi construído a partir de diferentes discursos que lhe atribuíram determinadas características físicas e que o investiram de inúmeros atributos, sejam morais, culturais, simbólicos etc. Não simplesmente surgiu como

uma região de identidade definida, mas foi construída em diversas temporalidades e espacialidades, “cujos mais variados elementos culturais, desde eruditos a populares, foram domados por meio das categorias da identidade: como memória, caráter, alma, espírito, essência” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 343).

O discurso regionalista *institui* a verdade de uma região. Ultrapassa a representação que caracterizava a *epistème* clássica e que tomava o discurso como cópia do real; de tal forma que esta formulação discursiva e imagética dificulta a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço. Entretanto, pensar a região como uma entidade, por si só, é perpetuar uma identidade forjada por uma dada dominação.

Esse regionalismo, difuso e provinciano do século XIX e início do século XX, avança na década de 1920 um pouco diferente, refletindo formas de se perceber e representar o espaço nas diversas áreas do país. Com a industrialização, a urbanização, a imigração em massa, o fim da escravidão, o Centro-Sul, notadamente São Paulo, vai se tornando uma área bastante diferenciada do restante do país. Há que se considerar, ainda, novas formas de sensibilidade artística e cultural trazidas pelo modernismo, com novos códigos de sociabilidade, novas concepções acerca da sociedade, da modernização e da modernidade. Até a década de 1940, os jornais se enchem de notas de viagem a uma ou outra área do país, na intenção de conhecer o Brasil. Saltam aos olhos de quem escreve e de quem lê os costumes “bizarros e simpáticos” do Norte ou “estrangeiros e arrivistas” do Sul. Já se tem aí os fundamentos de uma tradição, tomando o espaço de onde se fala como ponto de referência, o centro do país. Os “costumes” de São Paulo, Rio de Janeiro ou Recife são tidos como nacionais, e de outras áreas como regionais, como estranhos, marcados com o rótulo do atraso, do arcaico, da imitação e da falta de raiz. “Esses relatos do estranhamento funcionam também no sentido de criar uma identidade para a região de quem fala, em oposição à área de que se fala” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 54-55).

Porém, nesse jogo de afastar e se aproximar de uma lupa, de como se enxergar, as regiões se veem ameaçadas de dissolução na totalidade da nação, sentindo a necessidade de lançar mão de símbolos, tipos e fatos para construir um todo que reagisse à ameaça de apagamento em um grande território-país. Descobrem-se região contra a nação. “A necessidade de reterritorialização leva a um exaustivo levantamento da natureza, bem como da história econômica e social da área, ao lado de todo um esforço de elaboração de uma memória social, cultural e artística que pudesse servir de base para sua instituição como região (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 80). Ao inventar as tradições tenta-se estabelecer um equilíbrio entre a nova ordem e a anterior. Já a manutenção de tradições é, na verdade, sua

invenção para novos fins, a garantia da perpetuação de privilégios e lugares sociais ameaçados diante do medo de não ter espaços em uma nova ordem, na qual poderia se perder a memória individual e coletiva. Opta-se, então, pelo discurso regionalista nordestino de miséria, ancorado no recurso à memória individual ou coletiva, em um discurso que assegura a sobrevivência de um passado que se vê condenado pela história.

A procura por uma identidade regional nasce da reação a dois processos de universalização que se cruzam: a globalização do mundo pelas relações sociais e econômicas capitalistas, pelos fluxos culturais globais, provenientes da modernidade, e a nacionalização das relações de poder, sua centralização nas mãos de um Estado cada vez mais burocratizado. A identidade regional permite costurar uma memória, inventar tradições, encontrar uma origem que religa os homens do presente a um passado, que atribuem um sentido a existências cada vez mais sem significado. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 92-93).

A disputa por hegemonia no interior de um discurso histórico e sociológico leva a termos versões do Nordeste desenhadas por autores nortistas e sulistas de ficção, drama, romance e realismo, fantástico ou não. Nas tramas nordestinas da literatura de Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna e tantos outros, cenários, elementos e relações sociais mostram nuances de um diverso Nordeste, porém sempre apartado, seja pelo tempo, pobreza ou desenvolvimento.

E a discussão vai além. O discurso nacional-popular, nos anos 1940, tende a reelaborar a noção de cultura popular, com o sinônimo de “cultura não alienada”. As manifestações estéticas devem se voltar para a discussão da questão do poder e da política, com um caráter revolucionário. Albuquerque Jr. (2011, p. 214) ressalta que “na verdade, a então chamada 'cultura popular' é cada vez mais a cultura das classes médias, insatisfeitas com a sua pouca participação no mundo da política no país”. Este grupo social cresceu numericamente a partir do aumento dos setores ligados às profissões liberais e serviços nas grandes cidades, tornando-se uma das principais consumidoras de artefatos e manifestações culturais do país.

Em um cenário de êxodo de população dos estados do Nordeste do país para o Sudeste de grande demanda de mão de obra, aspectos afetuosos de ligação com a terra são valorizados e manifestam-se também no consumo cultural. O rádio será pensado como um veículo produtor de uma integração nacional, diminuindo distâncias e diferenças entre regiões, e palco de divulgação desta cultura nacional.

Embora financeiramente liberado da tutela do Estado desde a década de trinta, tornando-se um veículo de fato comercial, sustentado pela propaganda, o rádio será tutelado, inclusive pela censura, para se engajar nesta política nacionalista e populista, partida do Estado. O rádio, ao mesmo tempo em que é estimulado a falar

do país, revela a sua diversidade cultural. Estações de rádio, como a Rádio Nacional no Rio de Janeiro, vão se constituir em polos de atração para manifestações artísticas e em especial musicais de várias áreas de país. É nelas que nasce, concentra-se e se dispersa o que se vai chamar de Música Popular Brasileira. A música que até então se diferenciava da canção, era considerada apenas a de caráter erudito. A música produzida pelas camadas populares, no entanto, adquire nova importância num momento em que a preocupação com o nacional e com o popular passa a redefinir toda a produção cultural e artística. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 172-173).

Para os migrantes, longe do lar, cantores como Luiz Gonzaga atendem à necessidade de escutar coisas familiares, ligar à terra, à infância, “sons que o levavam até este espaço da saudade em meio a toda a polifonia do meio urbano” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 177). A vida matuta pelo olhar do Gonzagão conta um nordestino capaz de rir de si mesmo. E essa autodepreciação atinge até o sulista. Desde a década de 1940, no rádio e no cinema, e desde a década de sessenta, na televisão, um dos tipos mais constantes nos programas e filmes de humor é o tipo bufão nordestino, entre outros estereótipos. “O nordestino passa a encarnar sozinho o estereótipo ligado ao “matuto”, ao jeca, gestado nas décadas anteriores (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 181-182).

A mídia, por sua vez, reproduz em grande parte o olhar a e fala marcados por um Nordeste de hierarquias espaciais e identitárias, que realimentam as desigualdades sociais, econômicas e culturais no país. Essa limitação de versões sobre um tema apoia o discurso da estereotipia, “uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho”, que apaga multiplicidades e diferenças individuais, em nome de semelhanças superficiais do grupo.

O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 343).

A região Nordeste, conclui o autor, é uma invenção recente na história brasileira que não pode ser vista fora desta historicidade. Foi gestada no cruzamento de uma série de práticas regionalizantes, impulsionadas pelo dispositivo da nacionalidade, necessário após a Independência. “Isto não significa dizer que a nação e a região não tenham existência “real”. Elas possuem uma positividade, elas se materializam em cada atitude, em cada comportamento, em cada discurso que fazemos em nome delas” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 345). Entre materialidades em nossos modos de viver, Tupinambá Marques expõe Sobral em uma vitrine, lança luz sobre a cidade e descortina as histórias de suas ruas tendo como

grande aliado o humor. A seguir, veremos características deste componente basilar do “Sábado de todas as maneiras”.

3.4. Provocando o riso no público

Uma vinheta, uma história, muitas anedotas. Como fio condutor de cada maneira do “Sábado de todas as maneiras” narrar a vida na cidade de Sobral, o humor do conteúdo visa gerar o riso no ouvinte e há muito é utilizado na humanidade como denotação de dizer verdades e meias verdades. Na contemporaneidade, passou a existir nos meios sonoros, audiovisuais e digitais na cultura midiática em que vivemos.

Santos e Rossetti (2012, p. 19) consideram o humorista atual, acostumado às artes audiovisuais, como um experimentador das linguagens e de seus limites. Sabem utilizar o riso, que, por ser um fenômeno humano, é formado na cultura, e encontra proveito na mídia. Pode ser um *voyeur* dotado de um fino *sense of humour* ou *sense of nonsense*.

A comédia, avaliava Aristóteles, mostra as pessoas piores do que elas são, enquanto que na tragédia elas são representadas melhores do que são. Como contador de histórias, o humorista utiliza os modos de representação narrativo, ou em primeira pessoa (pela voz de uma personagem), e o dramático (quando as próprias pessoas imitadas agem).

Para o filósofo Henri Bergson, o riso é sempre o riso de um grupo, nasce das ações humanas praticadas dentro do âmbito social e para compreendê-lo é preciso localizá-lo no seu meio natural que é a sociedade. Tem uma função útil, uma função social. Deve preencher certas exigências da vida comum, deve ter um significado social. Pode corresponder a um corretivo imposto pela sociedade sobre uma imperfeição social ou coletiva. “O riso é um certo gesto social que sublinha e reprime uma certa distração especial dos homens e dos acontecimentos” (SANTOS e ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 24).

O humor pode ser expresso na fala, gestos, palavra escrita ou impressa, imagens. Para ser compreendido e levar ao riso, precisa tratar de atitudes humanas que tenham ligação com uma sociedade, uma cultura, determinado grupo social e tempo histórico. Pode advir da reversão de expectativa (expediente comum às anedotas), do exagero (a caricatura, que acentua traços físicos), da representação mecânica (a exemplo da pantomima), da ironia, da paródia ou da sátira.

Bergson acrescenta que o riso está associado às ideias de insensibilidade e automatismo (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 66). Precisa de repercussão, de eco, de cumplicidade com outros que riem. Como o ambiente natural do riso é a sociedade, muitos efeitos cômicos são intraduzíveis de uma língua para outra. No caso do “Sábado de todas as

maneiras”, por exemplo, é preciso compartilhar não apenas a língua que Babá fala, mas seu repertório sobralense de lugares, costumes e histórias para que o chiste se complete e gere o riso. “A fantasia cômica nos informa sobre os processos da imaginação social, coletiva, popular com visões aceitas e compreendidas por uma sociedade inteira (BERGSON apud SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 67).

No plano cognitivo, o discurso de humor opera no campo da imprevisibilidade. A vida em sociedade impõe às pessoas evidências que definem o corpo social, deparar-se com um dizer distinto ao que dele se espera desafia a lógica mecânica em que somos acostumados a viver. É um rompimento no nosso mundo previsível, numa lógica natural. É uma forma de ver o mundo de cabeça para baixo.

O humor é exatamente o resultado dessa troca deliberada a qual evidencia e reforça a dependência do homem às contingências sociais e às regras estabelecidas: qualquer referência pública a um tema não previsível é sempre desestabilizadora. O humor rompe com o círculo de automatismos que a vida em sociedade cristaliza em torno dos indivíduos. (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 126).

Já no plano interativo, o humor exige cumplicidade. O público deve partilhar do conhecimento do humorista, a fim de que a ruptura proposta possa ser suficientemente reconhecida, para que se efetive a brincadeira. Bergson lista entre as estratégias discursivas mais empregadas na arquitetura do cômico a repetição de situações; a referência; a inversão de papéis; a ruptura com as expectativas sociais; inflexibilidade; oposição; ironia; exagero; casualidade; superposição e interferência de duas ordens de fatos; e ainda o grotesco (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 166). Estas características podem ser empregadas de maneira geral mundo afora, mas no Ceará o humor tem outras peculiaridades mais.

3.5 O humor e a “cultura moleque cearense”

O tom cômico impera na abordagem dos temas do “Sábado de todas as maneiras”, onde os quadros citam zonas urbanas e rurais da cidade, costumes, estabelecimentos e trabalhadores. O programa utiliza características de Sobral para fazer rir, como seu clima quase invariavelmente quente, relevância econômica na região, apelidos e piadas baseadas em seus habitantes ou fatos recentes.

Situamos o humor desenvolvido no programa em uma característica ligada ao estado do Ceará, com marcos iniciais antigos e nuances diversas, conforme investigado por Francisco Secundo Silva Neto (2009) nas circunstâncias social e histórica de uma

“molecagem cearense”. Este aspecto é bastante explorado pelo turismo estadual, em peças publicitárias que se iniciam na recepção do aeroporto na capital, Fortaleza, seguem em roteiros de eventos para turistas com humoristas cearenses, e cresce a cada leva de artistas do Ceará que atua em *shows* e programas televisivos nacionais como Chico Anysio, Renato Aragão, Tom Cavalcante, Tiririca e outros.

Apesar de serem o rir e o fazer rir fenômenos de natureza plural com diversidade de explicações, variáveis em cada sociedade e época, para que ele ocorra é necessário conhecer o sistema simbólico do grupo ou sociedade em que vive. Ou seja, o humor e o riso só se instalam ou conquistam espaço na medida em que há mútua identificação de códigos, sentido esse simbolicamente compartilhado entre os membros de determinada organização societária. Além disso, a afirmação de pertencimento ou uma reivindicação de filiação de qualquer pessoa a um grupo, sociedade ou cultura está ligada a uma simbolização que é coletivamente compartilhada.

Inicialmente, a criação e manutenção desta “cultura moleque cearense” deveu-se a uma persistente valorização de perspectiva modernista do que é “popular” e às suas mais recentes apropriações artístico-culturais e turísticas. “Ser moleque” hoje no Ceará, afirma Silva Neto, é sinônimo de ser brincalhão, gaiato, “fulêro”, irreverente, mas, também, de ser indecente, desbocado, imoral. Desde os anos 1970, a “molecagem dos cearenses” tem se tornado uma afirmação positiva de identidade local. Este aspecto serviu de base para a proliferação de humoristas nesse estado do Nordeste brasileiro, o qual como os outros desta região, até poucas décadas atrás, carregava a imagem nada positiva do flagelo e da miséria provocadas pelas secas.

No que toca o estado do Ceará, o que é chamado de “humor moleque” esteve e está estreitamente ligado com a noção de “popular”, um “humor do povo cearense” ou, em uma “ótica classista”, “o humor do povão”, do “populacho”, daquele emaranhado de gente posicionada nas bases da pirâmide social da sociedade cearense.

O “Ceará moleque” seria a expressão cultural de um povo, seria uma manifestação do “popular-local”, o qual se constrói na sua relação com o “popular-nacional”, nas vicissitudes de divergências e aproximações entre periferia e centro. Todavia, dentre as tradições de pensamento ilustradas por Ortiz que unificaram o popular e o nacional, o “popular-local” na ideia de “molecagem cearense” é maiormente filiada, ainda hoje, àquela concepção que opta por conservar as coisas do povo, mesmo que também sofra a influência da mercantilização dos bens simbólicos em um país moderno, industrial e urbano e se torne elemento de uma “cultura popular de massa”. (SILVA NETO, 2015, p. 12).

A exata expressão “Ceará moleque” começa a aparecer em obras literárias no final do século XIX, sendo posta em circulação inicialmente entre os letrados, como uma opção que valoriza o popular e que tem ligação na história das artes e produção cultural do país com as correntes pré-modernistas e modernistas que enxergaram no “povão”, na população mais empobrecida, o cerne ou a essência da nação. O “humor moleque” vem identificando tanto as práticas não civilizadas do populacho como as ações curiosas e anedóticas da vida de intelectuais ilustres e cheios de molecagens – gente civilizada e moleque, ao mesmo tempo.

Como se percebe uma nostalgia, uma homenagem aos tempos passados na cidade e na forma de apresentá-la, com referências às décadas passadas do rádio através do tom de vinhetas e locuções, convém abordar mais alguns aspectos que enaltecem o uso do humor no rádio.

3.6 Fazendo rir no rádio

Sobre o rádio, meio utilizado por Babá Marques para veicular o “Sábado de todas as maneiras”, convém destacar de suas peculiaridades o imediatismo e a mobilidade da informação radiofônica (Ortriwano, 1985). Para a autora, o rádio é o mais privilegiado dos meios de comunicação de massa pelas suas características intrínsecas, que são: a linguagem oral, a penetração, a mobilidade, o baixo custo, o imediatismo, a instantaneidade, a sensorialidade e a autonomia. Ela classifica as transmissões informativas em *flash*, edição extraordinária, especial, boletim, jornal, informativo especial e programa de variedades, sendo este último onde situamos nosso objeto de pesquisa.

Os programas de variedade são localizados também no gênero especial, ou ainda de entretenimento. Na divisão de Ferraretto (2000), os programas radiofônicos são divididos em dois grandes grupos, tendo por base os seus objetivos. Entre os informativos estão noticiário, programa de entrevista, programa de opinião, mesa-redonda e documentário. Entre os de entretenimento, o autor situa o programa de auditório e o programa musical. O programa humorístico enquadra-se no gênero de entretenimento, embora seu formato também possa ser utilizado para o gênero propagandístico. A elaboração destes programas requer cuidados específicos desde a produção até a pós-produção (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 192).

Entre os elementos da linguagem radiofônica, Ferraretto (2011) cita a voz humana, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, isolados ou combinados entre si. Além disso, a linguagem no rádio não está restrita à oralidade, mas é fruto de uma interação modificadora

entre a palavra falada, a música, o silêncio, os ruídos e os efeitos especiais (Prado apud Sales Pimentel, 2017). É neste meio que Babá interpreta as diversas personagens que vão ao ar contando as histórias da cidade, aproveitando-se do imediatismo para inserir assuntos da semana e ouvintes que pedem para participar dos causos contados, deixando mensagens em suas redes sociais ou telefonando para o estúdio de rádio.

No Brasil, a radiodifusão começou a se popularizar no início da década de 1930, com a permissão do governo Vargas de anúncios publicitários comerciais na programação das emissoras. Ao lado da radionovela e dos programas de variedades que apresentavam números musicais, os programas de humor foram importantes para a conquista do ouvinte (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 49).

A primeira fase do humor radiofônico no Brasil foi caracterizada por um único humorista que se apresentava na frente do microfone. Seguiram-se a esta fase as duplas cômicas, como os cantores sertanejos Jararaca e Ratinho, até evoluir para esquetes numerosos com personagens fixas que repetiam seus bordões. Nos anúncios de marcas e produtos, o humor teve uso favorecido pelas características da própria publicidade, cativar o consumidor por meio de aspectos emotivos e psicológicos. Com o advento da indústria fonográfica, do cinema sonoro e o próprio sistema radiofônico no Brasil, “muitos dos que já produziam humor em jornais e revistas passaram a utilizar também o rádio, unindo criações humorísticas e musicais” (MARTINS; SILVA, 2009, p. 302).

Na Era de Ouro do Rádio, entre as décadas de 1930, 1940 e 1950, para fazer rir as plateias dos auditórios de emissoras, os roteiros eram marcados com cuidadoso trabalho de sonoplastia. Os sonoplastas eram os encarregados de estudar, selecionar e aplicar efeitos sonoros e ruídos em um programa de rádio e televisão, o que causava o brilho e ritmo dos textos interpretados.

Um programete de apenas cinco minutos intitulado "Manezinho e Quintanilha" é apontado por Ferraretto (2001, p. 124) como a primeira manifestação humorística, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1931. Uma das atrações dos programas do tipo era a sátira de programas considerados sérios, inclusive jornalísticos, como o “Repórter Osso, o último a dar as primeiras”, veiculado pela Rádio Record de São Paulo, paródia de um dos noticiosos mais respeitados daquela época, o Repórter Esso (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 294). Entre os anos de 1960 e 1961, surgiram os primeiros humoristas na radiodifusão carioca e paulista: Golias, Manoel de Nóbrega, Juca Chaves, Zé Trindade, Wilza Carla, Adoniran Barbosa, entre outros, que depois trilharam carreira na televisão (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 194).

Já no Ceará, nos anos 50, a criação de personagens copiava os tipos regionais, como o caipira, o nordestino, o estrangeiro, e este mesmo estilo de humor serviu de modelo para o que seria posteriormente feito na TV. Como contou Babá em entrevista, seu pai, Francisco Marques dos Santos, assumiu o nome artístico de Marcos da Cruz e iniciou em Sobral a Rádio Iracema, que hoje se chama Regional, e a Educadora. Ele fala do assunto com admiração e respeito, o que nos leva a identificar estas influências em estilos de vinhetas e quadros do “Sábado de todas as maneiras”. “Nesse tempo só falava em rádio, Claudiene, quem tinha vozeirão, tinha voz bonita, né? Hoje todo mundo fala em rádio. Compra um horário, fala, não tem mais isso hoje, não. Mas nesse tempo se exigia muito voz”, afirma. Ao revelar que o pai fazia radionovela na Rádio Educadora, nos anos 60, em Sobral, reconhecemos o gosto que Babá desenvolveu em interpretar no rádio, a exemplo dos almoços do deputado fictício Alfonção.

Naquele tempo Sobral não tinha TV, era só rádio. As pessoas sentavam numa sala pra acompanhar os capítulos que tinha início, meio e fim. Eu considero aquele quadro do Alfonção tipo uma novelinha. Uma novelinha de 10, 12 minutos que retrata ali um momento político. Meu pai fazia capítulos de novela. Era muito mais coisa do que eu faço hoje. Me inspirei muito nele também. Meu pai fazia uns tipos de vozes também. Com certeza eu puxei isso dele. Herdei isso daí do meu pai, de criar, de escrever e de fazer os tipos. (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Interpretar personagens em radionovelas fez comunicadores acumularem prestígio. O elenco de ouro do rádio, além da expansão do radioteatro e dos programas de auditório (MARTINS; SILVA, 2009, p. 302) fizeram o rádio cearense viver seu grande momento, em 1950. A pioneira, Ceará Rádio Clube, havia sido fundada em Fortaleza nos anos 1930. Após o surgimento da TV, o rádio passou por uma crise nos anos 1960, pela expansão da indústria fonográfica e atribuição, ao público do rádio, do *status* de categoria de baixa renda. Com o surgimento das FM, nos anos 1970, o rádio voltou a se dirigir também a uma audiência classe média, com uma linguagem voltada para o público jovem. Surgiram no rádio FM programas atraídos por um estilo de humor que utiliza a crítica, a bizarrice e, muitas vezes, o apelo pornográfico. Muitos seguem o estilo de criação de personagens, e outros encarnam a própria figura do “locutor-comunicador-humorista” (MARTINS; SILVA, 2009, p. 307).

O novo estilo de humor seria, portanto, a marca de programas como Djalma Jorge (Jovem Pan FM, décadas de 1980 e 1990, SP), Pânico (Jovem Pan FM, SP), Mução (Rede Estação Sat, PE), Paulo Jalaska (Jovem Pan FM, SP), Encrenca no Almoço (Jangadeiro FM, Fortaleza, 2005), Boi na linha (Jovem Pan FM, SP), Chuchu beleza (rádio Mix FM, SP) Tesouradas do Cochinha e Lasca tudo por dinheiro (Rádio FM 93, Fortaleza), A hora do João Rufino (Rádio Mix FM, Fortaleza), entre tantos

outros que tiveram vida curta ou ainda estão em atividade. Alguns dos programas citados ocorrem no formato de esquetes, transmitidas no decorrer das programações musicais, como é o caso de Chuchu beleza, Tesouradas do Cochinha e Lasca tudo por dinheiro (MARTINS e SILVA, 2009, p. 307).

Acrescentamos, conforme afirmado por Babá em entrevista, que ele, Babá, foi convidado pela TV Diário para integrar elenco de programas de humor, com algumas das personagens citados no trecho anterior, mas não aceitou porque teria que morar em Fortaleza ou pelo menos se deslocar frequentemente para lá, o que o desagradava bastante, como relatado nas primeiras páginas da dissertação. O radialista também ressalta que se afasta de apelo pornográfico, “para não ser tão leviano, não ser tão baixo no rádio, até pra que as crianças não entendam”.

O rádio, então, favorece a presença do humor por combinar bem com os elementos que compõem a estrutura da linguagem radiofônica: linguagem oral, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia, e ainda a mensagem sonora composta pela palavra, música, ruído ou efeito sonoro (MARTINS e SILVA, 2009, p. 308).

Por estar a palavra sonora condicionada à escrita, a imagem atrelada à oralidade radiofônica foi, durante muito tempo, formal e contida, para denotar objetividade, neutralidade, confiança e autoridade, sobretudo na Era de Ouro do Rádio, com os locutores vestidos com roupas de grife. Babá Marques comenta que assim seu pai se portava, e observo que ele se veste, na maioria das vezes, de roupa social quando está apresentando o programa. Pude conferir isso nas edições transmitidas ao vivo no Facebook e disponibilizadas no YouTube, até o ano de 2016.

Sobre esta característica, convém destacar o cuidado para o locutor ser um intérprete espontâneo, o responsável pela *performance*, que vai exercer a primazia na relação com o ouvinte. A partir de sua interpretação e de seu desempenho, a reação do ouvinte se fará com maior intensidade, seja auditiva, corporal ou emocional.

Nos atuais programas humorísticos veiculados nas rádios FM, os intérpretes aproximam-se da oralidade espontânea, mesmo estando no meio eletrônico, pelo fato de fazerem os programas de improviso e não usarem uma produção escrita, um roteiro. Observa-se que existe uma permanente empatia entre o intérprete e o ouvinte, gerando um resultado qualitativo. O público-alvo mantém um interesse compatível ao do intérprete, garantindo sua audiência. (MARTINS; SILVA, 2009, p. 310).

Apesar do “Sábado de todas as maneiras” não ser um programa jornalístico, o imediatismo e a instantaneidade que marcam o rádio, trazendo o mundo ao ouvinte enquanto os acontecimentos estão se desenrolando, são necessários ao contar histórias, ao interagir com ouvintes e transformar cada contribuição num ingrediente que favoreça o andamento. “Ao mesmo tempo em que uma piada é cuidadosamente elaborada, sua transmissão deve seguir os mesmos cuidados, sob pena de pôr em risco o efeito cômico” (MARTINS; SILVA, 2009, p. 310).

Na interação com ouvintes, Babá se mostra ágil e inspirado. A impressão que se tem no rádio, de que no momento da escuta há uma conversa a dois, é real no “Sábado de todas as maneiras”, já que as mensagens são lidas em tempo real pelas redes sociais no aparelho celular do apresentador. Elas ensejam novas piadas e confirmam outra característica do rádio, a autonomia de executar outras atividades enquanto ouve o programa, amplificada esta possibilidade por ser a Rádio Paraíso FM (emissora do programa até novembro de 2018) sintonizável nas áreas vizinhas à Sobral, e ainda a transmissão simultânea pelo Facebook. Isso tornou possível que eu acompanhasse o objeto de pesquisa nas tardes de sábado passadas em outras cidades e estados. O mesmo ocorre com ouvintes que relatam ouvir o programa a partir de Fortaleza, Cascavel, Rio de Janeiro, Curitiba, Buenos Aires e Portugal. “É muito gratificante fazer rádio dessa maneira, um rádio que... ele agrega as pessoas. Porque eu falo em você, falo em outro acolá, um dia você se encontra com ela e... de repente a pessoa “ah, você que é a Claudiene?”, “você que é fulana?”. Então vocês ficam amigas. Meu programa já faz muito isso. Pra mim é motivo de muita alegria” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

O locutor-comunicador-humorista consegue juntar elementos da cultura, como piadas, notícias bizarras, charadas, desafios com premiações, rimas e trocadilhos, além de elementos muito específicos da linguagem radiofônica, o ruído ou efeito sonoro, a interpretação e a pausa, conjurando um clima muito especial no decorrer dos programas, conseguindo, portanto, um resultado positivo de audiência e participação do ouvinte de classes sociais e idades diferenciadas. (MARTINS; SILVA, 2009, p. 317).

Promover um riso fácil e despreocupado, no qual o próprio ouvinte também assume o papel de mediador desse humor moleque, que incita à distração e ao entretenimento, seria a roupagem dos programas humorísticos radiofônicos no século XXI. Não se configura crítico, e sim circunstancial, no qual a junção da palavra com o efeito sonoro incita ao riso. Por não haver uma formalidade ou uma sequência que obrigatoriamente tenha que ser seguida, a brincadeira é a tônica dos programas que seguem com naturalidade (MARTINS; SILVA, 2009, p. 310). No entanto, Babá afirma que o “Sábado de todas maneiras” insiste na crítica à

cidade de uma forma construtiva, “um programa inteligente para um público inteligente. É um humor crítico sem apelação, só o que consta na vida real”. Ou seja, ele aposta num humor sem a gratuidade ou apelo exclusivamente de entretenimento que predominaria nos atuais programas humorísticos do rádio.

Para que a linguagem radiofônica seja comunicação, e não meramente informação, ela deve caracterizar-se como uma comunicação participativa, dialógica e bidirecional. O profissional, por sua vez, deve dominar técnicas como ritmo, enredo, tom de voz e o “momento” certo da piada. “Como uma das características do rádio é a instantaneidade, ou seja, não se é possível repetir, quem estiver desatento não entenderá o 'tom' do humor e ficará sem entender a piada” (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 189).

No afeto percebido nos relatos de Babá, consideramos como ele entrelaça este sentimento de familiaridade com o meio radiofônico com sua memória, ao mesmo tempo em que seleciona e leva ao ar no programa a própria memória coletiva dos moradores da cidade. Acentuamos aqui, como pontua Kischinhevsky, a ênfase não apenas no conteúdo compartilhado ou etiquetado nas redes sociais, na relação do ouvinte de rádio com respectivo programa, mas sim na lógica que rege estas práticas, sendo estas “auxiliares na constituição de identidades e de teias de afeto entre os usuários/interagentes do serviço, sujeitos que constroem sentidos (em diversas camadas) a partir das (múltiplas) condições de recepção e apropriação” (KISCHINHEVSKY, 2014, p. 157).

Assim, desfilando em um mapa da cidade, seus eventos e seus hábitos que persistem ou já figuraram no calendário de Sobral, Babá mistura histórias reais e inventadas, colocando os moradores como personagens, a fim de apresentar uma cidade, que parece aqui entre suas características de moderna, ativa, mas com os costumes sendo lembrados sobretudo pelo que o “Sábado de todas maneiras” leva ao ar, baseado no que Babá escuta de ouvintes e amigos.

4 A CIDADE REPRESENTADA: METODOLOGIA E ANÁLISE

Os primeiros capítulos da dissertação trataram da cidade de Sobral, do radialista criador do “Sábado de todas as maneiras” e dos conceitos relacionados à memória coletiva, ao humor, à representação e ao perfil de cada quadro do programa. Nessa etapa, veremos a metodologia utilizada no objeto de pesquisa e em dois quadros escolhidos como *corpus* específico deste trabalho, cujos detalhes veremos a seguir.

4.1 Procedimentos metodológicos: Análise Crítica do Discurso

Como ferramenta para responder à pergunta de pesquisa, que representações da cidade de Sobral compõem o programa de rádio “Sábado de todas as maneiras”, utilizaremos a Análise Crítica do Discurso proposta por Norman Fairclough (2001). O autor analisa o discurso num quadro tridimensional, como texto, prática discursiva e prática social. Qualquer "evento" discursivo, ou exemplo de discurso, é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. Na dimensão de "texto", aponta-se a análise linguística de textos. A dimensão da "prática discursiva", como "interação", na concepção "texto e interação" de discurso, lança luz em quais tipos de discurso são derivados e como se combinam. A dimensão de "prática social" cuida de questões de interesse na análise social, como circunstâncias institucionais e organizacionais do discurso, e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/ construtivos referidos anteriormente (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22).

Ao ver “discurso” como o uso de linguagem em uma forma de prática social, e não como atividade puramente individual, tem implicações de ver nele um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Em segundo lugar, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social.

Os processos constitutivos do discurso devem ser vistos, portanto, em termos de uma dialética, na qual o impacto da prática discursiva depende de como ela interage com a realidade pré-construída. Com respeito aos objetos, talvez seja útil usar ambos os termos referência e significação: o discurso inclui referência a objetos pré-construídos, tanto quanto a significação criativa e constitutiva dos objetos. Isso também sugere que os sujeitos sociais constituídos não são meramente posicionados de modo passivo, mas capazes de agir como agentes e, entre outras coisas, de

negociar seu relacionamento com os tipos variados de discurso a que eles recorrem. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 87).

Os eventos discursivos específicos variam em sua determinação estrutural segundo o domínio social particular ou o quadro institucional em que são gerados. Resgatando discussão de Foucault sobre a formação discursiva de objetos, sujeitos e conceitos, Fairclough atenta que o discurso é socialmente constitutivo. Contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem. É uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

A teoria de Fairclough resgata o conceito de “interdiscurso” de Michel Pêcheux, teórico da análise de discurso francesa. Aí se discute a configuração de práticas discursivas e a relação entre elas, em termos da "ordem de discurso" (um conceito formulado inicialmente por Michel Foucault), que tanto pode favorecer a reprodução do sujeito social como a sua transformação. Observamos interdiscurso e intertextualidade na análise do “Sábado de todas as maneiras”, visto que “não pode haver enunciado que de uma maneira ou de outra não reatualize outros” (1972: 98) (FAIRCLOUGH, 2001, p. 133). As narrativas do radialista Tupinambá Marques sobre a cidade de Sobral não são exatamente próprias dele, mas como ele mesmo ressalta, vêm das pessoas e situações de seu cotidiano.

Como já tratado por Foucault e Bakhtin (1986: 89), todos os enunciados são constituídos por pedaços de enunciados de outros, assimilamos, retrabalhamos e reacentuamos falas. Os textos são inerentemente intertextuais, onde se pode distinguir na aura intertextual de um texto diferentes "campos" de "presença", "concomitância" e "memória". Os enunciados se inserem na história, retrabalham textos passados e, assim fazendo, ajuda a fazer mais história. Lembramos outros conceitos sobre memórias da cidade como tecidos conjuntos, que muito guiam esta pesquisa.

A representação do discurso é uma forma de intertextualidade na qual partes de outros textos são incorporadas a um texto, marcadas explicitamente, com recursos como aspas e orações relatadas. No “Sábado de todas as maneiras”, por estar no meio rádio, não vemos estas marcas explícitas acima para evidenciar que o locutor está inserindo relatos de ouvintes. Porém, elas são percebidas pela entonação de Babá, intercalação de nomes, recados direcionados a ouvintes que deixaram mensagens nas redes sociais do radialista, menção direta de que se trata de uma contribuição de história enviada pelo público. As representações do discurso são importantes não só como um elemento da linguagem de textos, mas também como uma dimensão da prática social.

Fairclough orienta que a análise de um discurso particular deve focalizar os processos de produção, distribuição e consumo textual. Esses processos são sociais e exigem referência aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado. O objetivo é estabelecer conexões explanatórias entre os modos de organização e interpretação textual como os textos são produzidos, distribuídos e consumidos. Neste quadro tridimensional para a análise de discurso, deve-se fazer conexões explanatórias entre a natureza dos processos discursivos em instâncias particulares, e a natureza das práticas sociais de que fazem parte.

Em termos da produção, uma perspectiva intertextual acentua a historicidade dos textos: a maneira como eles sempre constituem acréscimos às ‘cadeias de comunicação verbal’ existentes (Bakhtin, 1986: 94), consistindo em textos prévios aos quais respondem. Em termos da distribuição, uma perspectiva intertextual é útil na exploração de redes relativamente estáveis em que os textos se movimentam, sofrendo transformações predizíveis ao mudarem de um tipo de texto a outro (por exemplo, os discursos políticos frequentemente se transformam em reportagens). E em termos do consumo, uma perspectiva intertextual é útil ao acentuar que não é apenas ‘o texto’, nem mesmo apenas os textos que intertextualmente o constituem, que moldam a interpretação, mas também os outros textos que os intérpretes variavelmente trazem ao processo de interpretação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114).

Uma forma de ligar a ênfase na prática discursiva e nos processos de produção, distribuição e consumo textual ao próprio texto é focalizar a intertextualidade, a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados, e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente.

A ironia, além da metáfora, é muito presente nas edições do “Sábado de todas as maneiras”. Descrita em estudos tradicionais como “dizer uma coisa e significar outra”, a ironia depende de os intérpretes serem capazes de reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o significado do produtor do texto (FAIRCLOUGH, 2001, p. 159). Esse reconhecimento pode ser baseado em vários fatores, como a falta de combinação entre o significado aparente e o contexto situacional; ou indicações no tom de voz do(a) falante ou no texto escrito; ou pressupostos dos intérpretes sobre as crenças ou os valores do(a) produtor(a) do texto. Especificamente o quadro “Previsão do tempo” aposta na ironia para fazer rir, porém é necessário que os ouvintes conheçam a região geográfica de Sobral, que é o mesmo território de produção dos referidos textos, para que a piada cumpra seu circuito. Por exemplo, naquela região de clima bastante quente, o quadro cita previsões climáticas anormais como frente fria em cidades conhecidas pelo forte calor e coloca a personagem Fabíola, feita ao vivo no estúdio pelo locutor, contracenando com uma apresentadora de um jornal de TV nacional. Para rir com o quadro, é preciso perceber o não crível, o jogo do contrário, que ele

conta.

Outro quadro que se utiliza de ironia é “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”. Para quem mora em Sobral e conhece pelo menos em parte os lugares citados, é facilmente identificada ironia ao chamar de luxo alguém que foi visto fazendo compras no Mercado Municipal, visto que se trata de um local popular, de fácil acesso, sem requintes, acentuando-se a contradição por citar “só quem pode!”, “que luxo!”, ao fato de alguém comprar utensílios baratos como baldes ou cópias falsificadas de discos.

Também a metáfora aparece, como uma forma de estruturar o modo como pensamos e o modo como agimos, nossos sistemas de conhecimento e crença. Apreendemos muito do modo como Tupinambá Marques mostra Sobral através de relações de semelhanças que ele traça no programa sobre pontos físicos ou aspectos da cidade, resultando em metáforas simples, ou distantes, contraditórias, e daí gerando um riso pela ironia.

Um dos marcos definidores no interior e além das práticas discursivas é a forma como um domínio particular da experiência é metaforizado. E um aspecto da mudança discursiva com implicações culturais e sociais significativas é a mudança na metaforização da realidade. Algumas metáforas são tão profundamente naturalizadas no interior de uma cultura particular que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, como consideram extremamente difícil escapar delas no seu discurso, pensamento ou ação, mesmo quando se chama sua atenção para isso. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 241).

O autor orienta ainda sobre a classificação dos estilos dos textos, "formal", "informal", "oficial", "íntimo", "casual" etc. Os estilos variam de acordo com o modo, isto é, se os textos são escritos ou falados ou uma combinação dos dois (por exemplo, escrito-para-ser-falado – escrito-como-se-falado, falado-como-se-escrito). Portanto, classificamos o “Sábado de todas as maneiras” como de falado (por seu frequente improviso), mas também escrito-como-se-falado, no caso de quadros gravados em estúdio. “Uma variável principal a respeito de como o discurso é representado é se a representação vai além do ideacional ou conteúdo da ‘mensagem’ para incluir aspectos do estilo e do contexto dos enunciados representados” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 153), o que condiz com a linguagem radiofônica de grande ênfase e definição a partir do apresentador.

Pontua-se aqui a variação entre os tipos de discurso, no sentido de (1) em que extensão os limites entre o discurso representador e representado estão explícita e claramente marcados; e (2) em que extensão o discurso representado é traduzido na voz do discurso representador, gerando discursos diretos ou indiretos. A figura do locutor orchestra a distribuição de turnos, a seleção e mudança de tópicos, a abertura e o fechamento das interações. “A investigação do controle interacional é, portanto, um meio de explicar a

realização e a negociação concretas das relações sociais na prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 192-193).

Para guiar a análise textual, Fairclough indica observar os itens ‘vocabulário’, “gramática”, “coesão” e “estrutura textual”, em três fases: os dados, a análise e os resultados. Primeiro a análise das práticas discursivas, no nível da macroanálise, focalizando a intertextualidade e a interdiscursividade das amostras do discurso; (2) análise dos textos (microanálise da prática discursiva); (3) análise da prática social da qual o discurso é uma parte.

Já Teun A. Van Dijk propõe alguns pressupostos na Análise de Discurso, como a representação de uma base textual na memória, mas, ao mesmo tempo, a ativação, atualização e outros usos do chamado *modelo situacional* na memória episódica; isto é, a representação cognitiva dos acontecimentos, ações, pessoas e, de forma geral, a situação sobre a qual o texto se baseia (VAN DIJK, 2010, p. 24). Para o autor, os processos de compreensão do discurso devem levar em consideração a natureza das representações e dos processos de interpretação das informações contextuais, além dos aspectos semânticos de discurso.

Por haver intenções envolvidas no discurso, lidamos tanto com objetos linguísticos como também com os resultados provenientes de algum tipo de ação social. Ao contar uma estória, um falante se empenha em um ato social, em um ato de fala, sendo que a forma e a interpretação da estória podem ser uma função, desta função de ato de fala, pretendida pelo ato de enunciação.

A implicação cognitiva de tal pressuposto é que, por exemplo, uma pessoa que interpreta uma estória também construa uma representação dos possíveis atos de fala envolvidos, atribuindo uma função específica ou categoria de ação ao enunciado do discurso e, conseqüentemente, ao falante. Neste caso, o ouvinte avaliará o discurso em relação a um certo número de pontos que dizem respeito às funções pragmáticas pretendidas: esta estória pode ser pragmaticamente apropriada enquanto ato de fala, somente se algumas condições contextuais combinarem com algumas propriedades textuais. (VAN DIJK, 2010, p. 17-18).

Esse pressuposto chamado de pragmático é generalizado como um *pressuposto interacionista*. Isso porque consideramos o fato de que a representação do discurso na memória dependerá dos pressupostos do ouvinte sobre os propósitos (objetivos) e outras motivações subjacentes do locutor, assim como os objetivos e motivações do próprio ouvinte ao ouvir a estória (VAN DIJK, 2010, p. 18).

Outra propriedade do modelo é o *sistema de controle* geral, que supervisionará o processamento na memória a curto prazo, ativará e atualizará o conhecimento episódico

necessário, assim como o semântico mais geral, decidirá qual informação proveniente da memória de curto prazo deverá ser transferida para a memória episódica, realizará buscas eficazes de informações relevantes na memória a longo prazo, e assim por diante. Neste modelo baseado em *complexidade*, ordenação de cláusulas, conectivos explícitos e conhecimento da memória a longo prazo fornecerão os meios para decidir sobre a relação geral entre as proposições.

O estabelecimento de coerência local ocorre na memória de curto prazo, segundo a monitoração geral dos sistemas de controle e, conseqüentemente, sob a esfera de ação de uma macroposição. Estas macroposições podem estar ligadas a sequências. Em diversos níveis, elas formam a *macroestrutura* do texto, uma explicação teórica do que geralmente chamamos de enredo, trama ou tópico de um texto (VAN DIJK, 2010, p. 29-30).

As proposições da macroestrutura são derivadas por macrorregras, como supressão, generalização, e construção, a partir das proposições expressas pelo texto e do conhecimento ativado do mundo. Contém os conceitos pelos quais o conhecimento do mundo associado (*scripts*) é ativado para interpretar as sentenças e palavras do discurso. Quanto à coerência local e global do discurso, essa é expressa pelas propriedades de superfície do discurso, tais como organização de oração, ordem das orações, ordem das sentenças, conectivos, pronomes, advérbios, tempos verbais, identidade lexical, paráfrases e artigos definidos.

Macroposições se manifestam textualmente em episódios. Quando adequadamente marcados, eles permitem uma derivação mais fácil de macroposições e, portanto, compreensão melhor e mais rápida do texto como um todo, bem como melhor recuperação e recordação.

Os episódios podem ser o *locus* para estratégias de coerência local: relações de coerência entre fatos, (re-)identificação de referentes por meio de pronomes, possibilidade de deixar implícitas indicações de espaço e tempo podem ter lugar dentro dos limites de um episódio: os usuários da língua, portanto não necessitam procurar pela informação relevante em toda a representação do discurso precedente na memória, mas apenas na representação do episódio em curso. (VAN DIJK, 2010, p. 117).

A noção de “modelos na memória” fala muito sobre o que destacamos no “Sábado de todas as maneiras”. Considera-se aqui que, “adicionalmente à *representação mental do texto*, os usuários da língua constroem um modelo da situação (*MS*) sobre a qual o discurso versa” (VAN DIJK, 2010, p. 160). Os discursos podem ser coerentes apenas com relação a tal modelo na memória. Nesse sentido, compreensão e coerência podem ser subjetivos, e, portanto, variáveis.

Apesar desta variabilidade, pensando assim assumimos que partilhamos nossos modelos de eventos com outros membros da sociedade. Quando repetido, os membros da sociedade podem tender a estandarizar seus modelos, e formar modelos mais gerais, abstratos e descontextualizados de situações ou eventos estereotípicos ou prototípicos. É este conhecimento armazenado na memória social que tem sido descrito como *frames* ou *scripts*, que podem compor construção de modelos pessoais novos, ou na atualização dos velhos (VAN DIJK, 2010, p. 162).

Esse modelo de contexto é dinâmico e permanentemente atualizado com novas informações. Assim, os falantes devem assumir o que os ouvintes já sabem desde o início, guardar a lembrança do que já informaram ao ouvinte no decorrer do texto ou conversação, bem como das propriedades sociais possivelmente cambiantes e das relações entre eles mesmos e os ouvintes. Situamos aqui os processos de Babá Marques em compor o roteiro do programa radiofônico com cenas, pessoas e lugares reais do cotidiano sobralense, o que ao mesmo tempo contribui significativamente para a representação que os ouvintes têm da cidade.

4.2 Corpus

Para chegar ao objetivo deste trabalho, identificar que aspectos da memória de Sobral são apresentados no “Sábado de todas as maneiras”, propomos como corpus específico os quadros “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” e “O que Sobral tem de 'marromeno'” veiculados no ano de 2017. Os quadros foram escolhidos pela possibilidade de neles analisar registros de hábitos, lugares e eventos da cidade. Diferentemente de frases curtas e ditos populares reunidos nos outros quadros do programa, os dois escolhidos apresentam um formato mais rígido, com características definidas, que os situam em um modelo de coluna de temas fixos. Piadas e nomes de ouvintes permeiam toda a edição, mas estes dois acomodam grupos de acontecimentos e assuntos mais específicos, enquanto algumas anedotas, sem data ou local de referência, seriam bem acomodadas em mais de um quadro.

A escolha das datas das edições a serem analisadas se deu pela disponibilidade no Facebook, meio pelo qual o operador de som Ivo Aragão transmite o programa ao vivo pela internet, e onde ficam disponibilizadas, por tempo indeterminado, na página pessoal de Tupinambá Marques nessa rede social. Pela disponibilidade de salvamento dos programas nessa opção, as edições elencadas foram veiculadas originalmente de janeiro a dezembro de

2017. Pesou nessa escolha a atualidade das edições do programa, visto que a redação da dissertação se deu no decorrer de 2018, sendo aquele o último ano concluído do programa. Com dois quadros por edição, temos um grande volume de informações, sendo necessário limitar a análise a uma edição por mês, totalizando 24 quadros em um ano. Esta escolha atende ao objetivo de, a partir de suas transcrições, encontrar concordâncias ou novos elementos citados que mostrem cenas da cidade, já que cada mês traz uma série de eventos característicos de cada época. Inicialmente selecionamos para transcrição o primeiro sábado do primeiro mês do ano, o segundo sábado do segundo mês, e assim sucessivamente. Porém, a não disponibilidade de todos os arquivos radiofônicos de 2017 gerou a necessidade de outro critério de seleção. Nem todos os sábados daquele ano estavam dispostos na página pessoal de Tupinambá Marques no Facebook, seja porque os arquivos continham apenas alguns minutos de programa, ou porque não foram transmitidos ao vivo pela internet e assim não ficaram salvos na rede social, ou, ainda, em dois ou três sábados do ano Tupinambá não apresentou o programa por estar em tratamento de saúde (em uma ocasião estava hospitalizado ou de repouso em casa por indicação médica) ou em viagem naquela data. Entre 52 semanas em um ano, apenas duas ou três vezes não foi veiculado o “Sábado de todas as maneiras” pelo rádio, o que constrói uma familiaridade com os ouvintes naquelas tardes, em mais de duas décadas no ar.

Expostos os motivos anteriores, quando não dispomos dos registros de algumas edições, saltamos para o sábado seguinte do mesmo mês. Acrescentamos que em determinada ocasião, no primeiro sábado de 2017, não houve o quadro “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”. Naquele dia, estava sendo comemorado o aniversário de 20 anos do programa (figura 3), e seu tempo de transmissão foi ocupado em diversos momentos pela leitura de mensagens de felicitações dos ouvintes, inclusive com alguns depoimentos prestados no estúdio da emissora, quando amigos e ouvintes visitaram a rádio para cumprimentar Babá Marques e o operador de som Ivo Aragão e entregar bolo, salgadinhos e bebidas. Por isso, nem todo o conteúdo preparado para aquele dia foi ao ar, mesmo o programa tendo se estendido além do tempo comum de duração, que é de duas horas e meia. Optamos por manter na seleção este primeiro sábado de janeiro porque houve a veiculação de “O que Sobral tem de ‘marromeno’”.

Porque nos deparamos com a falta de todas as edições do mês de agosto, optamos por mais uma edição de julho, por ser o mês do aniversário de Sobral, quando contamos que o referido fato seria citado pelo programa, e daí completariamos nosso ano fictício com doze edições de 2017. No mês de dezembro, a personagem Fabíola não apresentou o “Curiando a

vida dos famosos e quase famosos”, mas sim um especial de fim de ano com previsões, em um tom semelhante, por isso o mantivemos na seleção.

Assim, o *corpus* está composto dos quadros “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” e “O que Sobral tem de ‘marromeno’” veiculados em 2017 pela Rádio Paraíso FM 101,1 nos dias 7 de janeiro (primeiro sábado do mês), 18 de fevereiro (3º sábado do mês), 18 de março (3º sábado do mês), 29 de abril (5º sábado do mês), 6 de maio (1º sábado do mês), 24 de junho (4º sábado do mês), 1º de julho (1º sábado do mês), 15 de julho (3º sábado do mês), 9 de setembro (2º sábado do mês), 14 de outubro (2º sábado do mês), 18 de novembro (3º sábado do mês) e 30 de dezembro (5º sábado do mês).

São doze inserções de “O que Sobral tem de ‘marromeno’” e onze de “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”, por não ter sido este último veiculado na edição de janeiro de 2017. Nesta espécie de coluna social, pretendemos ver como foi o ano na cidade. Por isso a análise de “Curiando” seguirá mês a mês. E na análise de “O que Sobral tem de ‘marromeno’” apostaremos na categorização dos elementos citados. Veremos detalhes nos próximos tópicos, e as transcrições estão disponíveis integralmente nos Anexos.

Veremos no decorrer de um ano de “Sábado de todas as maneiras” que narrativas compõem a cidade. A escolha do período, além de condicionada pela disponibilidade dos registros radiofônicos, como detalhado no tópico sobre metodologia, contempla ainda considerações sobre a memória e o tempo. Mais que uma divisão cronológica, o tempo faz sentido quando situamos nossas lembranças em um tempo e um espaço, mesmo admitindo que elas podem não ter o mesmo peso para quem não integra nosso grupo. Porém, é uma forma de situar memórias individuais, imersas numa memória coletiva, que acrescentamos não se resumir em datas, nomes e fórmulas. “Representa correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo” (HALBWACHS, 1990, p. 66).

Enquanto a história examina os grupos de fora e abrange uma duração bastante longa, na memória coletiva o grupo é visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana. Por ser um quadro de analogias, é natural que ela se convença que o grupo permanece, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo, e o que mudou, foram as relações ou contatos do grupo com os outros. “O essencial é que os traços pelos quais ele se diferencia dos demais subsistam e que estejam assinalados por todo o seu conteúdo” (HALBWACHS, 1990, p. 88-89).

É por isso que existe uma representação coletiva do tempo; ela se harmoniza sem dúvida com os grandes fatos de astronomia e de física terrestre, porém a estes

quadros gerais, a sociedade sobrepõe outros que se ajustam sobretudo às condições e grupos humanos concretos. Pode-se mesmo dizer: as datas e as divisões astronômicas do tempo estão encobertas pelas divisões sociais de tal maneira que elas desaparecem progressivamente e que a natureza deixa cada vez mais à sociedade o encargo de organizar a duração. (HALBWACHS, 1990, p. 90).

Em um período de doze meses, vemos cenas que nos desenham como foi o ano na cidade, mas alguns assuntos não se ligam exatamente a um mês, como datas fixas, mas podem se repetir o ano todo, como reivindicações não atendidas ou piadas que já se tornaram a própria tônica do programa. A representação do tempo é somente do grupo, que se fixando localmente tem sua própria memória. Tantos são os tempos coletivos quantos forem os grupos separados, que têm na consciência individual o lugar de passagem dessas correntes.

Não podemos desconsiderar, todavia, que a vida social, em seu conjunto e em todas suas partes se escoa no interior de um tempo que está dividido em anos, meses, dias, horas. É preciso que seja assim, sem o que se as durações, dentro dos diversos grupos nos quais se decompõem a sociedade comportassem divisões diferentes, não poderíamos estabelecer nenhuma correspondência entre seus movimentos. Ora, precisamente porque esses grupos estão separados uns dos outros, porque cada um deles têm seu próprio movimento, e porque os homens individualmente passam não obstante de um para outro, as divisões do tempo devem ser em toda a parte bastante uniformes. (HALBWACHS, 1990, p. 109-110).

Se em alguns momentos a dinâmica de Sobral coincide com a de cenários mais macro, como o estado e o país, em feriados e datas comemorativas de Natal e Ano Novo, o tempo pode conter movimentos diferentes provocados por festas locais, hábitos de vida e consumo e climas sazonais que não passam despercebidos pelo radialista Tupinambá Marques, indo parar a voz de suas personagens.

4.3 Análise de “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”

Abordaremos o “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” em 2017 a partir de fevereiro, pois em janeiro não houve o quadro, entre outras supressões de momentos do programa. Naquela edição, o horário foi ocupado por mensagens de ouvintes pelo aniversário de 20 anos do “Sábado de todas maneiras”.

A vinheta que abre todas as inserções deste quadro anuncia, com piada e música: “Atenção, a partir de agora estaremos curiando, vasculhando a vida dos famosos e dos quase-famosos!) (Risos) Já sabe da novidade? (Que foi?) Adivinha quem eu vi ontem ‘abaicando’ um espetinho? Aquele nosso amigo, olha! (Arriégua! Tá desse jeito?)”. Logo após este diálogo entre personagens, como uma “fofoca”, antes mesmo do início do quadro, Fabíola assume a coluna. Em alguns momentos do quadro, a interdiscursividade é explicitada por

citações sobre redes sociais dos ouvintes, identificando onde o radialista Babá Marques encontrou a informação utilizada no programa, acrescida de ficção, se for o caso, para gerar riso e enaltecer o potencial da cotidianidade ser transformada em algo glorioso, em um “famoso” em sua própria cidade e familiaridade. “Todos os enunciados são povoados e, na verdade, constituídos por pedaços de enunciados de outros, mais ou menos explícitos ou completos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 134-135). O “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” mistura personagens reais e algumas histórias, reais ou não, que Babá leu nas redes sociais de seus ouvintes/ amigos ou em conversas pessoais.

4.3.1 Em fevereiro tem pré-carnaval

Na edição de fevereiro, Fabíola começa demonstrando intimidade com a única pessoa no estúdio, o operador de som Ivo Aragão. Os dois são amigos há duas décadas, e a parceria começou no primeiro ano do “Sábado de todas as maneiras”. A intimidade que tem com Ivo favorece o uso de características da linguagem radiofônica. Para fazer fluir o riso, utilizam instantaneidade e criatividade na rápida escolha de vinhetas, enquanto Babá junta frases criadas no momento com a leitura do que escreveu durante a semana. Essa intimidade já faz Babá citar outro ouvinte, o irmão de Ivo, e um bairro de Sobral, onde mora os familiares do operador de som.

O período momino é bastante citado nesta edição. Babá fala de uma ouvinte e já aproveita para brincar com o bairro onde ela mora. Enaltece-o chamando de “bairro nobre”, apelido criado por Tupinambá, mas o local, Pedrinhas, tem características de classe média. Fica próximo ao Boulevard do Arco e à universidades. Começa o impasse entre o apresentador e as vinhetas, muitas delas gravadas por ele mesmo em estúdio. As personagens que falam são diversas, mas defendem o ponto de vista de que os citados no “Curiando” não são famosos. Isso porque vivem fatos corriqueiros e simples, como fazer compras em mercado popular, deslocar-se em períodos de lazer para a zona rural da cidade ou para a capital do estado, Fortaleza, entre outros. Babá insiste em defender a importância do que fizeram seus ouvintes, de que eles devem estar, sim, naquele espaço de destaque e receber a alcunha de “famosos” (ou “quase famosos”).

Vemos como grande aposta para gerar o riso, especialmente neste quadro, a ironia, o contraste entre o anunciado e o revelado. A ironia deve ser conceituada como o tropo por meio do qual se compreendem coisas opostas. Não pode ser classificada como um discurso mentiroso, e não são enganados nem quem escreve, nem quem lê. Charaudeau e Maingueneau

(2004: 292) apontam o caráter aberto da ironia, contrariando o da metáfora. Ela surge quando se assume uma atitude crítica e de mofa em relação a algum objeto ou fenômeno, fingindo o contrário (OLIVEIRA, 2006, p. 1687).

Quanto ao local para passear no Carnaval, o radialista cita o destino da ouvinte como Aracati, cidade do Ceará que tem a divulgação de sua programação carnavalesca pela televisão cearense e secretarias de turismo, destacada por ser praia, diferente da zona de sertão onde se situa Sobral. Após um suspiro de suspense, Fabíola acrescenta o sufixo “açu”, revelando ao público que o destino se trata de Aracatiaçu, distrito de Sobral. Não se trata, então, da Aracati tão visitada no Carnaval, mas de uma localidade próxima, na zona rural. Nessa brincadeira de estabelecer o oposto entre o anunciado e o revelado, o chiste da piada é completado quando se revela tratar-se de uma localidade de Sobral, com menos "ostentação", menos motivo para ser considerado famoso, menos valor. Antes de passar ao próximo fato, dá-se a discussão entre Fabíola e as vinhetas sobre se é ou não conhecido, faz ou não jus estar num quadro sobre famosos. O radialista defende que sim, que os fatos contados são dignos de estar ali. “Conheço não!”, sentencia a vinheta. Babá cita mais e mais lugares ou fatos de Sobral para garantir o *status* de estar naquele quadro. O bairro onde a pessoa mora, seus familiares, onde ela trabalha, em uma justificativa de que ela tem luxo, sim.

Babá continua sobre o Carnaval citando outra ouvinte, com a referência de que ela é conhecida, sim, inclusive trabalha na Santa Casa⁸. Babá utiliza palavras coloquiais, inclusive repetidas em outros momentos no programa, como “bem coisadinha”, para descrever a ouvinte, enquanto a vinheta discute com o apresentador: “Não, não é conhecido, não!”.

Na história seguinte, Babá avalia como “chiquérrima” uma ouvinte que vai passar o Carnaval em Recife. Mais uma vez temos um destino turístico amplamente conhecido e muito visitado no Carnaval. Mas Fabíola completa a frase, levando a ouvinte à surpresa de que não é da capital do estado de Pernambuco de que se está falando, mas de “sítio na Meruoca”. Caso algum ouvinte pense que a história perdeu um pouco de valor por ser uma localidade, na cidade de Meruoca, a cerca de 15 km de Sobral, Babá continua a piada na exaltação e comemora: “parabéns! Ô povo pra luxar!”. A vinheta continua: “essa aí é famosa?” E o radialista liga a “famosa” a mais um local de Sobral: “Menino, ela mora ali perto do Poliesportivo”. A vinheta não concorda. “Conheço não, rapaz! Ninguém conhece, não!”.

Na próxima história, o radialista exalta “outra que já está com tudo pronto, Ivo, pra

⁸ Para confirmar que a ouvinte é famosa, Babá a referencia pela “Santa Casa”, hospital sobralense de referência para a região Norte do Ceará. A Santa Casa de Misericórdia de Sobral foi fundada há mais de 90 anos e possui 450 leitos, atendendo mais de 60 municípios da região e uma população de aproximadamente dois milhões de habitantes. Fonte: <http://stacasa.com.br/site/apresentacoes/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2018.

viajar, passar o Carnaval fora”, e passa a falar da diretora de uma escola. “Vai pra Recife! Olha, Ivo, Recife! Ou seja, em seu sítio na Meruoca! Parabéns!”, comemora. Quando a vinheta começa seu duelo com o apresentador, diminuindo a fama do citado, Babá revela sua atitude de observador ao referenciar a ouvinte. “Não perde a missa na Sé, de 6 e meia. (...) Menino, ela chega 6 horas também, bem cedinho, pra pegar um lugar na frente”. Vemos aí a referência a um espaço de culto, espaço que, para Halbwachs (1990, p. 155), marca a separação fundamental entre o mundo sagrado e o mundo profano.

Desistindo de discutir com a vinheta, ela passa para a próxima história. “Quem também está de malas arrumadas e de cuia, no ponto de viajar pra passar o Carnaval fora”... e ao citar outra ouvinte e sua residência, mais um bairro de Sobral entra no programa. Babá comemora que ela vai se deslocar para “São Luiz”. A coincidência com o nome da capital de um estado da região Nordeste, Maranhão, leva o público a crer que se trata daquela capital. Mas Babá prossegue a frase com “distrito de Massapê”. Desfeito o entendimento inicial, e o público sabendo que se trata de um município ali próximo de Sobral, o apresentador acrescenta: “depois vai para o Tapuio. Gente fina é outra coisa, viu? Menino, só quem pode: pro Tapuio!”. Esse contraste entre um local conhecido a nível nacional, já que são capitais do estado e destinos visitados para turismo e lazer, e um destino rural, próximo e de certa forma desconhecido de grandes públicos é o que provoca o riso. Até o namorado da ouvinte entra na piada, denunciando que Babá lê as redes sociais da ouvinte. “O homem que ela gosta dele é o Jefferson, com dois fs”, acentua.

Em mais uma história, Babá cita o nome de uma ouvinte e onde ela trabalha, “na Educação do Município”, e alardeia que ela “foi vista semana passada na *night* sobralense se acabando de comer espetinho lá no Neguin do Bec. Mais tarde, estava no Tônico Lanches”. Comemorando este roteiro gastronômico na cidade, Babá fala de lugares bastante frequentados em Sobral e segue em seu passeio: “Menino, aqui no Centro, perto do Mercado. (...). Na Coronel José Silvestre, menino!”, diz, mostrando familiaridade com as ruas.

Em seguida, Babá conta que viu duas ouvintes suas no “terminal dos Correios”, mais um local da cidade que figura no cotidiano de muita gente. Diariamente de lá saem várias unidades de transporte alternativo (vans ou micro-ônibus) para cidades vizinhas e distritos, em direção a quase todos os municípios limítrofes, que são 13 no total⁹. Mas a influência da

⁹ Fazem limite, geograficamente, com Sobral os municípios de Miraíma, Santana do Acaraú, Massapê, Meruoca, Alcântaras, Acaraú, Cariré, Groaíras, Forquilha, Santa Quitéria, Irauçuba, Coreaú e Mucambo. A Região Metropolitana de Sobral (RMS) foi criada por Lei Estadual (Lei complementar Nº 168, 27 de dezembro de 2016) e abrange, além dos municípios limítrofes, Frecheirinha, Graça, Moraújo, Pacujá, Pires Ferreira, Reriutaba, Senador Sá e Varjota. As informações são do artigo “O sonho da metrópole: a criação da Região Metropolitana de Sobral, CE”, de Samuel Tavares Pinheiro, Ana Leticia Freitas Lima e Maria Clélia Lustosa Costa – (UFRN, 2017). Disponível em: https://cchla.ufrn.br/rmnatal/evento_2017/anais/ST1/o_sonho_da_metropole.pdf. Acesso em: 2 de dezembro de 2018.

economia sobralense vai além de seus limites geográficos, o que teria justificado a criação da Região Metropolitana de Sobral, em 2016. Não deixando nos esquecer que estamos em fevereiro, Babá diz que “tudo indica que foram fazer compras para o período momino”. Fechando aquela edição, um casal se prepara para passar o Carnaval em Camocim. Este destino parece finalmente fazer jus à fama do quadro, pois é uma das praias mais próximas a Sobral, a cerca de 130 km. Daí Babá acrescenta um fato pitoresco: “vão levar dindim pra livrar o da passagem”. Com este desfecho para a história do casal, verdadeira ou não, Babá desiste de discutir com a vinheta que insiste: “quem é esse povo que você tanto fala e que ninguém conhece, pelo amor de Deus?”.

4.3.2. Março: com chuva se pula da ponte

No mês de março, temos a brincadeira de Babá quanto ao “sobe a trilha, baixa a trilha” com o operador de som Ivo Aragão. Babá enaltece a visita de dois ouvintes à banca de milho cozido de uma terceira ouvinte. Como dito em entrevista (disponível nos Anexos), o radialista gosta desta interação que o rádio proporciona entre seus amigos, mesmo que aqui se trate de uma visita fictícia. Babá defende que Edu Mello, visitante da barraca de Claudinha Moreno, é famoso porque é “conhecidíssimo aqui no ‘bajio’ dele”, em uma brincadeira com o modo popular de chamar “bairro”. Para alavancar a fama de Edu, acrescenta que ele frequenta Jericoacoara. Aí sim temos a citação real de um lugar bastante conhecido, um dos dois municípios do Ceará com avaliação máxima no Mapa do Turismo Brasileiro de 2018¹⁰ e bastante visitado por brasileiros e estrangeiros. Fica no município de Jijoca de Jericoacoara, a cerca de 170 km de Sobral. Com esta veracidade, o tom cômico volta a exercer sua predominância no repetido uso de efeitos sonoros que simulam mergulho na água e fazem Babá investir ainda mais na brincadeira. Vemos aí a potencialidade do rádio de criar cenários e sensações com onomatopéias, como o “tchibum!” que tanto diverte Babá no estúdio.

Logo em seguida, o apresentador enaltece um ouvinte que trocou o telefone celular. Porém, a piada se efetiva ao ouvirmos que as funções não são de um aparelho de última geração, mas de características consideradas até ultrapassadas frente aos lançamentos disponíveis no mercado: “Aninha vai comprar um que tem *bluetooth*, infravermelho e bate retrato. Detalhe: de segunda mão”. Nesta oposição com a realidade, concentra-se a graça.

Tem-se a seguir uma ouvinte que foi vista na Ponte Othon de Alencar “olhando os

¹⁰ Fonte: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/jericoacoara-atinge-avaliacao-maxima-em-ranking-do-turismo-brasileiro.ghtml> Acesso em: 2 de dezembro de 2018.

pivetes pulando de ponta”. A ponte fica sobre o Rio Acaraú, ligando suas margens direita (onde ficam bairros como Dom Expedito, Sinhá Sabóia, Conjunto Santo Antônio, Cohab I e II e outros em direção à Fortaleza) e direita (onde fica o Centro da cidade, Prefeitura Municipal e bairros como o Centro e o cinturão tombado patrimônio histórico). Foi construída em 1935 e ampliada em 2004, com o acréscimo da Ponte Senador Paula Pessoa, e compõe o conjunto arquitetônico englobado na urbanização da Margem Esquerda¹¹. Apesar de não citar a palavra “chuva”, Babá faz-nos lembrar que no Ceará a quadra invernososa se concentra naquela época, e é considerado de bom agouro chover em março, devido à proximidade com os festejos do padroeiro do Ceará, São José (19 de março). Brinca com mais um momento característico daquele período do primeiro trimestre do ano em Sobral, em que a Ponte Othon de Alencar é cenário há muitas gerações. O radialista destaca a pergunta da ouvinte “ei, tu não tem medo, não, menino?”. Especialmente este momento do programa me lembrou o costume de décadas anteriores, de cruzar a ponte em ônibus rumo ao Centro, para ir ou voltar da escola, e observar quase incrédula, assim como os demais passageiros do coletivo, os audaciosos pulos de jovens intrépidos do alto da ponte em direção ao rio, que naquele mês desfrutava de sua cheia.

O aparecimento desta lembrança faz pensar, como Halbwachs (1990, p. 84), que não há linhas de separação nitidamente traçadas no desenvolvimento da memória coletiva. O passado não se opõe ao presente, e “a memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta”. Se ela se esquece de algo é porque os grupos que dela guardavam a lembrança desapareceram, o que nos leva a decretar a atualidade desta memória da “menineira pulando da Ponte Grande”, como diz a música “Sobral sente saudade”, de Arteiro Ferreira¹². Trata-se de passado, mas presente para muitos moradores, mesmo que não aconteça com tanta frequência como antigamente. Mudaram a ponte e as dimensões do rio com a construção de barragem nas obras de 2004, mas ainda há público que se reconheça nas imagens sugeridas naquele momento. Lembrar desse fato, e até a sua repetição, trazem um senso de proximidade com o local e aquela prática. “A identidade regional permite costurar uma memória, inventar tradições, encontrar uma origem que religa os homens do presente a um passado, que atribuem um sentido a existências cada vez mais sem significado” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 92-93).

Encerrando aquela edição, Babá fala da Semana Santa que se aproxima, entre março e abril, apesar de ser uma data móvel. Diz que uma ouvinte já faz planos pra passar a Semana Santa com o namorado, e a referência como uma que fez uma lipoaspiração. Com estes

¹¹ FREITAS, 2005, p 100.

¹² Fonte: <http://arteiroferreira.blogspot.com/>. Acesso em: 2 de dezembro de 2018.

detalhes sobre os ouvintes, Babá demonstra novamente que lê as redes sociais deles, ou seja, temos aí uma intertextualidade manifesta.

4.3.3 Abril: para onde ir no feriado

Iniciando mais um “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”, Babá manda alô pra alguns ouvintes, de improviso, e engatilha piada com um deles, dizendo que é “aquela mulherzinha que vive aqui na feira do Aprazível de madrugada”. O Aprazível é um distrito de Sobral, na porção oeste, a cerca de 20 km da sede, e sua feira de confecções à beira de uma rodovia é bastante visitada. “Localiza-se, justamente, às margens da rodovia BR-222 e destaca-se por ser uma das mais movimentadas do interior do Estado e vem modificando a dinâmica daquele distrito” (GONÇALVES, 2016, p. 126)¹³. Possui cerca de 700 feirantes, e por ter grande fluxo e produtos variados de baixo preço, aparece nesse quadro mais de uma vez por ano.

O comércio popular é um dos temas mais presentes deste quadro, que expõe um bem-humorado duelo entre o que seria “chique” e “brega”. O que é popular, no sentido de acessível e comum, aparece na voz de Fabíola, apresentadora desta espécie de coluna social. Ora, por anunciar “famosos”, espera-se ouvir feitos que se destacam como incomuns, exclusivos, requintados. Mas aqui reina o tropo de ironia, ameaçando ser desbancado pelas vinhetas que desdenham dos “famosos” como frases do tipo “ninguém conhece, não!”.

Em abril, Babá utiliza como fator que poderia ser de ostentação as revelações (fictícias ou não) dos planos de seus entrevistados para o próximo feriado, 1º de maio. A personagem Fabíola conta que uma ouvinte se prepara para passar o feriadão na Eu... As reticências apontam o instante de silêncio ou de respiração, quando o radialista faz um breve suspense antes de seguir na frase “Europa, não, menino! Na Mutuca!”. A Fazenda Mutuca fica na zona rural, na localidade de Patriarca, e é conhecida por uma festa pelo menos desde 1989, o “Chitão da Mutuca”. Feita a revelação, Babá completa com “Ôh povo pra luxar”.

Citando a vendedora de milho Claudinha Moreno, ele exalta que ela vai passar o feriado em Aracati... As reticências se fazem necessárias aqui pois novamente o apresentador faz um instante de silêncio, propositalmente, para acrescentar “açú!”. Entre a cidade de Aracati, já citada no mês anterior, destino turístico, no litoral, e a nova palavra formada,

¹³ GONÇALVES, Luiz Antonio Araújo. A metamorfose das feiras nordestinas com a inserção da confecção popular: estudo geográfico das feiras de Caruaru-PE; Aprazível, Sobral-CE e Serrinha-BA. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE. Disponível em: http://www.uece.br/mag/dmdocuments/luiz_antonio_araujo_goncalves.pdf. Acesso: em 2 de dezembro de 2018.

Aracatiaçu, temos inserido no programa mais uma localidade de Sobral. O distrito foi nomeado em 1943 e possui uma grande empresa de confecções, a Kallifon Lingerie. Babá brinca: “só quem pode!”. Mas o radialista é vencido pelas vinhetas que desafiam a fama da ouvinte. “Ah, conheço não. Conheço não. Essa fulana aí não conheço, não”.

Na próxima participação do “Curiando”, Babá conta que um personagem seu, o Deputado Alfonção, teria sido recebido na casa de uma ouvinte “com um mega almoço em grande estilo”. Denota o bairro onde ela mora como “chiquérrimo” e que “gente chique é outra coisa”. Fabíola revela o cardápio do festejão almoço: “ela ofereceu espetinho de minhoca com refresco de ‘baja de algaroba’”. Diante dos ingredientes de fácil acesso, já que minhoca e algaroba¹⁴ se desenvolvem em larga escala sem serem provocados, o próprio radialista concorda com a vinheta: “'mó paia', sinceramente, desculpa, viu, Nara?”. Como vemos, o simples foi alçado a um “mega almoço em grande estilo”. Para provocar o riso, quanto pior melhor. Quanto mais simples, mais se atenua a distância do que deveria ser o chique que se esperaria de uma coluna social.

Babá cita mais uma ouvinte que foi vista “hoje muito cedo no primeiro piso do Mercado Central atrás de comprar bobs pra fazer o penteado da mãe”. Novamente, o Mercado municipal figura como a presença do que é popular, de fácil aquisição, atenuado por objetos simples e antigos como bobs de cabelo. Outro ouvinte, “renomado advogado de nossa cidade” foi visto no mesmo local “comprando uma camisa que é mesmo que tá vendo a original”. A vinheta sentencia: “Ôh famoso ‘réi’ ‘derribadin’ e ‘fraquin’, viu? Esse daí é ‘fraquin’, viu? Esse é ‘derribado’ demais. Nunca ouvi falar nesse daí”.

Excepcionalmente neste mês, o arquivo do quadro estava disponível na página pessoal de Babá no Facebook, porém em tamanho incompleto, faltando alguns segundos, sem chegar ao encerramento. O comum é a duração de cerca de cinco minutos. Mas como se viu anteriormente foi possível apreender aspectos do mês.

4.3.4 Maio: passeando na cidade

O mês de maio é aberto com o feriado de 1º de maio, e, novamente, a piada de “Aracati...açu”. Fabíola exalta que uma ouvinte “bateu muito retrato por lá”. Enquanto isso, visualizamos um pouco da zona urbana de Sobral ao ouvir que outras conhecidas, nesse mesmo feriado, “foram dar uma volta no parque e depois saborear um recheado no Tónico

¹⁴ A algaroba é uma árvore comum naquela região. Fonte: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/578718/algaroba-prosopis-juliflora-arvore-de-uso-multiplo-para-a-regiao-semiarida-brasileira>. Acesso em 2 de dezembro de 2018.

Lanches com refresco de peroba!”. A vinheta levanta dúvidas se são pessoas conhecidas, pergunta onde moram e Babá responde: “Menino, aqui em Sobral, menino!”.

O quadro segue com a diretora de uma escola da cidade que “foi vista na *night* sobralense no Neguin do Bec!, que está de novo endereço”. Acrescenta que estava acompanhando seu *love* Bergson. “Aí luxa, viu?”, destaca o radialista sobre a “farra” em uma conhecida banca de espetinhos. Continuando a exaltar a culinária simples, Babá comemorou que uma ouvinte, confeitaria conhecida pelos docinhos, “se prepara para entrar no ramo de ‘malassada’”. E que a “outra que passou o feriado em sua terra natal, ou seja, no Tapuio! Ladeada de amigos, compadres e familiares, e comeram bastante arroz doce”. O Tapuio é um distrito da cidade vizinha Cariré e fica a 55 km de Sobral. Tem no arroz doce um elemento histórico de Cariré, que se desenvolveu a partir de uma estação ferroviária onde os moradores vendiam arroz doce para os passageiros. Atentamos, com a menção a um elemento local, que uma cultura local se refere a um espaço relativamente pequeno, limitado, no qual os indivíduos que ali vivem têm relacionamentos diários, cara a cara, com ênfase no domínio prático da cultura cotidiana, habitual e repetitivo, como destaca Featherstone (1997).

O estoque comum de conhecimentos à disposição, no que se refere ao grupo de pessoas que são os habitantes e o entorno físico (organização do espaço, construções, natureza, etc.), é relativamente fixo, segundo se pressupõe, isto é, trata-se de algo que persistiu ao longo do tempo e pode incorporar rituais, símbolos e cerimônias que ligam as pessoas a um lugar e a um sentido comum do passado. Tal senso de pertença, as experiências comuns sedimentadas e as formas culturais que são associadas a um lugar, são fundamentais para o conceito de uma cultura local. (FEATHERSTONE, 1997, p. 131-132).

Na próxima história, uma ouvinte foi “vista hoje na Oficina do Jazo. Raimundinha foi mandar remendar, soldar, um furo de um papeiro pra fazer um chá de boldo. Aí luxa, viu? (...) Menino, foi mandar soldar o fundo dum papeiro...”. Temos aqui mais um fato que gera riso por ser peculiar, de caráter quase doméstico, no lado oposto ao requinte, e que pode fazer rir ainda mais se constar na memória dos ouvintes os locais onde se fazia, ou ainda se faz esse tipo de serviço nas bancas da cidade ao redor do Mercado Municipal.

Para encaixar o nome de um dos estabelecimentos comerciais da cidade que patrocinam o “Sábado de todas as maneiras”, Babá conta sobre um ouvinte que “operou da vista comprou um ‘óculos esporte’ na Ótica Rose Vision. Agora passa o tempo todo piscando o olho pra esposa dele. Olha! Aí tem, viu?”. Quando a vinheta indaga “esse aí saiu de onde, rapaz?”, a resposta é rápida: “lá da Mutuca, viu?”, distrito citado há pouco, no distrito sobralense de Patriarca. Finalizando o quadro, temos um ouvinte citado como “proprietário do

salão na Idelfonso Cavalcante”. Não especificou o nome do ponto comercial nem o endereço completo, mas apenas o nome da rua e do proprietário, referindo-se de maneira informal às redondezas do Centro da cidade.

4.3.5 Em junho tem São João

No mês de festas em homenagem aos santos juninos, quadrilhas e dança, o “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” escolhido para análise foi justamente o de 24 de junho, dia de São João. Espera-se encontrar milho e festa, e foi o que ocorreu. Babá comemora que uma ouvinte “está de vento em polpa, vendendo milho cozido e batatinha frita” e que sua banca terá inauguração com três cantores. “Reserve logo a sua banca. Ôh povo pra luxar!”. Para situar a "famosa": “Menino, a Ivetinha! Mulher do Silvinho. (..) Valha! Irmã da Dinorah, menino!”.

Outro tema ligado ao período de final de semestre: planos de férias. Fabíola exalta que uma ouvinte “foi vista hoje muito cedo comprando uma canga e um maiô”. O "chique" dos planos se choca com a revelação das opções para o banho: “no Muquém ou no Arariús. Olha! Só quem pode, menino. Parabéns, Lu!”. Arariús é um distrito de Cariré (CE) e lá se situa o Açude Taquara; enquanto o Muquém é um açude na abrangência da cidade de Cariús (CE)¹⁵.

Sobre outra ouvinte, Babá conta que ela pretende mudar o visual. Além de demonstrar intimidade com temas como beleza, moda e etc., pois afinal Fabíola é mulher, a piada salta aos olhos de quem vive naquelas redondezas, naquele cotidiano, quando ouve “moradora do simpático Conjunto Santo Antônio”. O bairro foi construído pela Prefeitura Municipal de Sobral em 2012 e aparece frequentemente nos noticiários policiais, o que transforma um simples comentário em piada. Caso não se tenha identificado ainda a ouvinte, Babá retruca: “Mulher do Pinduca! (...) que faz salgado!”. Mais uma vez laços familiares e o ofício situam quem foi citado neste repertório da cidade. Outra que vai mudar o visual é a “que canta nos casamentos alheios” e que “vai frisar os cabelos na Toinha cabelereira”.

Referindo-se a uma ouvinte que passou a vender picolés, fictício ou não, Babá apresenta a “mais nova empresária no ramo de dindim de Sobral. Renides tem vários sabores, como morango, groselha, baunilha, batata-doce com coco, e pense! É só novidade, viu?”. Concluindo o quadro com mais planejamento para as férias, Fabíola anuncia que alguém “está de viagem marcada para passar uns dias em Irauçuba”. Irauçuba fica a cerca de 80 km de

¹⁵ Atlas Eletrônico dos Recursos Hídricos do Ceará. Disponível em: http://atlas.srh.ce.gov.br/infra-estrutura/acudes/detalhaCaracteristicasTecnicas.php?cd_acude=152&status=1. Acesso em: 2 de dezembro de 2018.

Sobral, possui 24 mil habitantes (IBGE, 2018), e, portanto, é menor que Sobral em demografia, em extensão territorial e em desenvolvimento econômico. Por ter a média de temperatura em um patamar tão alto quanto Sobral, aparece com frequência em outro quadro do Sábado de todas as maneiras”, o “Previsão do tempo”, em piadas que a chamam de fria. Com estas características, parece não ser tão atrativa para as férias, mas o ouvinte já teria comprador “calção de nilon!”. Babá comemora ainda outra ouvinte que “se prepara para os dias de julho! Pra passear nos dias de julho, ou nos Esta.. ô! ou na Taparuaba ou no Jordão. Aí luxa, viu, menino?”, exalta. O riso fica novamente pelo contraste entre o que se pretendia revelar, talvez “Estados Unidos”, e o revelado, Taparuaba e Jordão, localidades rurais de Sobral.

4.3.6 Julho: férias fora de casa, mas nem tanto

Em julho, Fabíola abre o “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” com a notícia de que um ouvinte “está se sentindo só porque vai pro Sítio do Bosco. Inclusive já comprou um pijama novo de bolinha para inaugurar lá”. O local é um ponto turístico de Tianguá (CE), na Serra da Ibiapaba, a 80 km de Sobral. O radialista acrescenta que o ouvinte “vai com o seu *love*” e “gravou agora as alianças”, o que demonstra intimidade com o rapaz, talvez por acompanhá-lo em redes sociais. Defende que “ele é conhecido demais, menino!”. Mas a vinheta é rápida na resposta: “nunca ouvi falar, ó?”.

Continuando o clima de lazer, Babá conta que “quem esteve passando o fim de semana em alto estilo” foi uma ouvinte que “foi vista pegando um bronze na Lagoa da Fazenda. Ôh povo pra luxar”. O Parque Ecológico Lagoa da Fazenda fica no bairro da Betânia, próximo ao *campus* principal da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), porém não é frequentado em larga escala como era no início de seu funcionamento, em 1993, devido às más condições do local¹⁶. Daí a circunstância da piada, para quem conhece a área.

Na próxima história, Fabíola diz que conta que uma outra ouvinte “foi vista semana passada arrodando o quarteirão do Mercado Central – 1º piso”. Novamente, temos aí a exaltação daquele local de compras em Sobral, que talvez por ser um mercado de fácil acesso, de muita circulação de pessoas e de baixo preço, apareça bastante nesta coluna social que prima pelo contraste brega/chique. Lembramos, como diz Sarlo (2014, p. 6), que “a circulação das mercadorias define formas de uso da cidade e produz inovações definitivas no espaço

¹⁶ Para ver mais sobre a Lagoa da Fazenda: <http://sobraldeprima.blogspot.com/2012/12/a-finada-lagoa-da-fazenda.html> e mais recentemente <http://taparuaba.com.br/lagoa-da-fazenda-sera-revitalizada-licitacao-deve-acontecer-nos-proximos-dias/> Acesso em: 2 de dezembro de 2018.

público”.

Na história seguinte, temos que “o empresário Márcio Rocha, da Execute, foi visto na *night* sobralense, saboreando um deliciosíssimo espetinho de carne moída no ‘Negin’ do Bec. Ôh povo pra luxar, viu?”. O fato de frequentar lugares de refeição e/ou lazer na cidade não são suficientes para livrar-se da vinheta “ôh famoso ‘réi’ ‘derribadin’ e ‘fraquin’, viu? Esse daí é ‘fraquin’, viu? Esse é ‘derribado’ demais. Nunca ouvi falar nesse daí”.

Babá fala de uma ouvinte que “foi vista nessa madrugada embarcando numa topic, que faz a linha Sobral-Aprazível-Sobral. Quem pode, pode, né”. Brinca-se novamente com a feira de um distrito de Sobral, com suas barracas e confecções populares. Uma outra ouvinte “foi vista no Atacadão Chico Caburé fazendo compras. Detalhe: na caderneta. Olha, que chique!”. Babá resgata o hábito, comum em pequenas cidades ou em estabelecimentos que abrangem pequenas distâncias, de comprar fiado e anotar em cadernetas as dívidas dos clientes. Com filiais de supermercados e, inclusive, atacadões que chegaram a Sobral nos últimos anos, esse hábito cai em desuso cada vez mais, sendo substituído por compras a crédito através de cartões magnéticos ou dinheiro vivo.

Na próxima história, é anunciado que “a cantora Albaniza Seridó já está ensaiando para o seu novo CD. Só carimbo! Inclusive ela já decorou algumas cantigas do Pinduca e da Eliana Pitman. Pense num CD que vai vender muito, minha gente!”. Com alegria Babá mistura ficção a uma ouvinte real, cantora da cidade. Para destacar um de seus patrocinadores, conta que “o João da Kallifon tá ligado com a gente, menino!... e da Ver Produções, do Carnabral. Pense!”. Finalizando aquela edição, diz que “a diretora Ana Emília está pensando as férias de junho ou no Mumbaba de Cima ou no de Baixo”. A brincadeira fica por conta da localidade rural de Mumbaba, que pertence ao município vizinho Massapê, a cerca de 20 km de Sobral, e é popularmente dividida entre Mumbaba de baixo e de cima. “Essa aí, famosa? Nunca ouvi falar”, retruca a vinheta.

Selecionamos para análise um segundo programa neste mesmo mês de julho, já que no mês de agosto não havia nenhuma edição registrada no repositório de arquivos de Babá Marques em sua página pessoal no Facebook.

Em 15 de julho de 2017, terceiro sábado daquele mês, Babá abre o quadro cumprimentando ouvintes e cita festas que costumam ocorrer naquele mês. Logo na primeira história, fala de festejos comuns aos meses de junho e julho: o São João, festas juninas, araiá ou chitão. “Olhe, quem esteve prestigiando o arraiá do ‘Pedin’ Chaveiro, semana passada, foi a elegantíssima Ana Emília, diretora”... Brinca citando brincadeiras que remetem ao período junino. “Soltou traque”.

Brinca com frivolidades, fatos corriqueiros alçados que são alçados a “acontecimentos”. “Quem andou trocando a foto do seu perfil no WhatsApp foi a quase famosa Claudinha Moreno. Agora é um retrato com um chapuzão que é um monstro, Ivo! Aí luxa, viu?”. A personagem Fabíola referencia a citada como “a Claudinha, que vende milho. (...) Botou um chapéu agora bem grandão que se esconde embaixo do chapéu, ela, viu?”. Enaltece que teria sido comprado em Jericoacoara ou Porto das Dunas, ou seja, praias, o que contribui positivamente para a reputação da ouvinte. Como se tem visto neste quadro, o litoral é visto como de mais valor, mais chance de aparecer em uma coluna social como um feito de famosos do que um cenário de sertão. Por outro lado, a ironia é a grande aposta do quadro para levar ao riso.

O apresentador volta a citar o Mercado Central quando um ouvinte foi “atrás de comprar uma raquete pra matar muriçoca”. A cidade de Sobral aparece aqui em seus fatos corriqueiros, que às vezes são sazonais, repetindo-se ano após ano conforme eventos climáticos como a alta de mosquitos em certos bairros ou meses.

Em outra história, Babá cita “outra loira chique da cidade, que mora na Colina”. O bairro de Sobral tem residências de grande porte e, há alguns anos, era tido como um dos locais onde se instalavam os melhores imóveis na cidade. “Pense numa mulher chique e poderosa, Ivo!”, diz o radialista, apesar da vinheta retrucar: “Na minha mente a Rosinha do Acordeon é mais conhecida que essa daí, viu?”. Para identificar a ouvinte, diz que é “uma que malha na academia”. Vemos aí que o programa possibilita, de certa forma, conhecer o perfil de alguns ouvintes pelo que Babá conta deles, provavelmente observando as redes sociais deles. Porém, as vinhetas estão sempre a desbaratar o estilo dos citados: “Minha filha, quem é esse povo desconhecido que ninguém conhece em canto nenhum? Ninguém conhece, não. Não teime, não. Não adianta, não!”.

Outras histórias do quadro nos lembram que julho é mês de férias para muitas pessoas. Outra “chiquíssima da cidade, Renides Brasil, que trabalha na Santa Casa, está pensando em passar uns dias de férias ou em Nova York... ô! Ou no Tapuio ou em Juré! (risos). Quem pode, pode, né, Renides?!”. Votamos à aposta da brincadeira com lugares bastante conhecidos, que após um breve suspense são trocados por localidades rurais próximas a Sobral. “Essa bichinha aí? Que é isso, rapaz? É conhecida onde?”, desafia a vinheta. “Ela é do Cariré, menino”, responde Babá. Na próxima deixa, “a professora Raimundinha Rêgo se prepara para passar uns dias de julho em grande estilo. Ela vai passar uns dias em Recife... Ô! No sítio Recife em Meruoca! Só quem pode! Olha!”. A discussão gira em torno da brincadeira Recife (PE) *versus* Recife, distrito de Meruoca (CE) e a referência de onde ela mora e trabalha. “Ei, ei, essa mora

em qual ‘baijo’, hein?”. “Ali na Avenida do Contorno. (...) Trabalhou no Supletivo, muito tempo, menino!”

Citando um de seus patrocinadores, Babá conta que “a empresária Rose, da Ótica Rose Vision foi vista na manhã de hoje na feira do Aprazível atrás de canga, para um banho na Lagoa do Opaia, em Fortaleza. Ôh povo chique!”. A feira popular aparece novamente aí, para conferir o tom cômico à ostentação pretendida pelo radialista. Enquanto isso, outra ouvinte “está pensando em comprar um abadá do Bloco Boneco do ano passado para ir para a academia! Olha, quem tem estudo é outra coisa, viu?”, brinca Babá com o pretense empenho em adquirir um item, que na verdade não tem mais valor por ser do ano passado. Traz à tona também um bloco da micareta de Sobral que ocorre no segundo semestre.

Encerrando aquela edição, fala de uma ouvinte que “foi vista andando de Trenzinho da Alegria”. O item é visto cruzando ruas de alguns bairros, desde o Boulevard do Arco, até o Teatro São João e o Centro. E brinca mais: “os três iam cada um agarrado com um saco de pipoca, Ivo!”, conta sobre o passeio da ouvinte com seus filhos. Mais uma cena de férias na Princesa do Norte.

4.3.7 Setembro: nos “b-r-o-bro”, planos para encerrar o ano

Seguimos para o mês de setembro, porque nenhum programa de agosto foi disponibilizado na página pessoal de Babá no Facebook. O radialista comemora que uma ouvinte “passou duas semanas em Iguatu” e “ainda está encantada porque viu o apresentador Ratinho, do SBT, bem de pertinho. Só quem pode!”. Exalta um fato que seria digno de aparecer entre feitos de famosos, e caso alguém não a tenha reconhecido, Babá cita que é “colega da Eloíse, menino!”. Diante da incredulidade das personagens da vinheta, o radialista testa seu conhecimento sobre outros ouvintes. “E o João do Carnabral? Conhece o João?”. Mas a resposta é a mesma: “conheço não, rapaz. Ninguém conhece, não”.

Nesse “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”, Babá fala do mais recente meio de transporte público lançado em Sobral. “Quem agora vive andando de VLT, pra cima e pra baixo, depois que baixou as passagens pra 1 real é a nossa ouvinte Nara Sabóia”. O Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) circula na cidade desde por volta de 2016. Começou operando apenas em um turno, de 8h às 12h, e em julho de 2016 passou a funcionar nos três turnos do dia. Para aumentar sua popularidade, teve diminuído o preço da passagem em 2017, quando se deu a transmissão ao vivo desta edição do quadro¹⁷. Aliás, o assunto do VLT, de

¹⁷ Fonte: <https://www.norteandovoce.com.br/comportamento/cotidiano/metro-de-sobral-ira-funcionar-em-tres-turnos/>

que sua passagem deveria ter um valor mais baixo para que a população utilizasse em massa, apareceu também em “O que Sobral tem de 'marromeno’”, a ser analisado nos próximos tópicos. Babá brinca ainda com a mudança do nome utilizado pela ouvinte em redes sociais. “Nara Alice agora, o nome dela. (...). Ex Nara Sabóia, menino! (...). Trabalha na Sobral Autovidros!”, completa. “Quem foi vista andando de VLT a 1 real foi a nossa ouvinte Keila Albuquerque, Ivo!”, retoma Babá em outro momento do quadro.

Estamos no último trimestre do ano, os popularmente chamados “b-r-o-bro”, referindo-se aos sufixos iguais dos meses a partir de setembro. Já aparecem planos dos ouvintes para o encerramento de mais um calendário. “Quem está pensando em conhecer a cidade de Camocim daqui pra dezembro (...) E vai conhecer o mar! Tá pensando o que? Porque ela é dessas, viu?!”, brinca o radialista com uma das expectativas comuns a quem mora em cidades que não são litorâneas, o que é o caso de Sobral. Novamente, aparece a criatividade da linguagem radiofônica em auxiliar a imaginação a criar cenários e sensações com a sonoplastia de “tchibum”. “Olha aí. Pense num tchibum no fundo do rio”, incentiva Babá. “Depois de conhecer a Igreja do Céu em Viçosa do Ceará, a nossa ouvinte Albertina Mont’Alverne agora vai dar uma volta de VLT depois que baixou as passagens pra 1 real”, conta o apresentador sobre a viagem de outra ouvinte.

O apresentador denuncia novamente que acompanha as redes sociais de seus amigos, pois conta: “quem andou atualizando sua foto no seu perfil foi a cantora da voz de veludo Albaniza Seridó. Albaniza tirou um retrato na escada do Mercado, 1º piso. Isso é que é ostentação! Porque ela é dessas, viu?”, brinca misturando outras referências onde o “Curiando” aposta. “Quem andou dando um grau nos seus cabelos foi a nossa ouvinte Keila de Castro Lourenço, da DK Mídias. Ôh povo pra luxar. Porque ela é dessas, viu?”, diz de outra novidade de uma amiga.

Voltando a um tema muito presente neste quadro, Babá narra que “o radialista Bené Fernandes, aqui da Paraíso FM, foi visto no 1º piso do Mercado Central atrás de comprar uma camisa do Fortaleza, que é ‘mermo’ que ‘tá’ vendo a original”. Referencia o amigo pelo local onde trabalha: “Menino, aqui da Paraíso, pelo amor de Deus!” Ou ainda bairro onde mora ou morou. “Lá do Dom Expedito”.

Temos ainda a troca de locais para gerar riso. “O sindicalista Muniz se prepara pra participar da corrida de São Sil... ô! De Santo Antônio dos Camilos. Só quem pode”, diz trocando o que seria a conhecida “Corrida Internacional de São Silvestre”, em 31 de dezembro de cada ano, em São Paulo (SP), por uma corrida de rua menos conhecida.

4.3.8 Em outubro tem Carnabral

O “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” de outubro se situa dois dias após o feriado nacional de 12 de outubro. Assim, um dos assuntos é o que os ouvintes fizeram naquele dia de folga, com os comentários de Babá, fictícios ou não. “Quem esteve passando o fim de semana passado em uma praia bem acolá foi o nosso operador Ivo Aragão! Ivo levou a mãe, os irmãos e os filhos. Detalhe: levou uma câmara de ar de fusca pra tomar banho no fundo!”, comemora sobre o colega de trabalho que está ao seu lado no estúdio. Mais uma vez temos o riso provocado por investir em costumes simples e pitorescos, como utilizar uma câmara de ar como boia. Nem Ivo escapa das vinhetas controladas por ele mesmo: “Quem é esse daí? Surgiu de onde, rapaz?”. E o apresentador passa a contar sobre sua origem e família: “Natural de Teresina, menino! (...) Irmão da Ivamara... do Francisco, do Ripardo Aragão, do John Lennon!”. A praia também foi o local escolhido por uma ouvinte que “fez uma demonstração de ioga no Facebook, porque ela é dessas, Ivo!”.

Além deste feriado que marca o mês de outubro, a cidade de Sobral sedia há mais de 20 anos a micareta Carnabral. O evento aproveita o fim de semana de 12 de outubro ou de 15 de novembro, conforme o ano tenha ou não finais de semana de outubro ocupados por eleições. Em 2017, ano ímpar, não houve eleições para cargos públicos, e assim o Carnabral foi citado nesta edição. “A nossa amiga e ouvinte Lu Dias, moradora do chiquérrimo bairro Campo dos Velhos, foi vista na pipoca dando tchauzinho pro Bell Marques! Detalhe: toda de mamãe-sacode! Ôh povo pra luxar, menino!!”, exalta Babá. Mesmo com o final da micareta, o assunto rende: “quem já tá toda de abadá pra despedida do Carnabral é a nossa amiga Claudinha Moreno (...) comprou um de segunda mão (risos) já que a pessoa vai viajar, e não vai sair na folia. Gente fina é outra coisa, viu?”, brinca o radialista sobre a atitude da foliã de economizar comprando o acesso ao bloco por menos dias. A esperteza é parabenizada, ironicamente, com “gente fina é outra coisa”. Enquanto isso, “a nossa amiga Deise Teófilo passou quatro dias de Carnabral acompanhando tudo bem de pertinho. Deise estava na pipoca e registrou só tudo”. Caso alguém não conheça a pessoa citada, Babá completa: “a mulher que o Gutto gosta dela, menino! O Gutto Barros.”, completa. A micareta vira referência também para quem mora “na Avenida do Contorno! No caminho do Carnabral!”.

Ainda me clima de lazer, o apresentador conta o que teria sido um final de semana “luxando que só”. A ouvinte Keila Albuquerque foi a uma tertúlia com música dos anos 70 e “deu o maior valor quando tocou Raimundo Soldado e Francis Dalva. Porque ela é dessas,

Ivo!”, exalta Babá. Ele relativiza, sobre os feitos que as pessoas vêm contando sobre o Carnabal: “Pois a Keila pegou a palheta do Bell. Eu peguei a palheta da Albaniza!”, diz citando a cantora que mora na cidade, Albaniza Seridó, sua ouvinte.

Com o fim de ano chegando, mais episódios de compras em comércios populares aparecem no “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”. Tem ouvinte que “já está se *apulmando* para as compras de Natal” e “vai escolher uma sexta-feira dessas de outubro para antecipar as compras no Aprazível e no Mercado – 1º piso”. Já se vislumbra os movimentos de arrumação para festas, ou o “aprumando”, ou colocando no lugar correto, com que brincou a personagem Fabíola.

4.3.9 Novembro: onde se compra em Sobral

O mês de novembro traz locais onde os sobralenses transitam em momentos de lazer e gastronomia. Uma ouvinte “não vê a hora de voltar a frequentar o Tónico Lanches, para saborear o seu sanduíche predileto: recheado com refresco de peroba!”. Ao localizar Edinir Oliveira, o apresentador mostra familiaridade com as ruas da cidade. “Daqui da Rua Cel. Silvestre, menino? No centro de Sobral, perto do mercado. (...) Próximo ao Açúcar Rey”.

Um dos pontos turísticos mais conhecidos de Sobral, o Arco do Triunfo, aparece no passeio do “renomado advogado doutor Antônio Lopes” em seu carro novo, que “só vai mandar botar vidro fumê depois que andar bem muito pelo Boulevard do Arco. Porque ele é desses, viu?!”, brinca Babá sobre os locais da cidade com maior chance de ser visto. Repete o costume de referenciar os ouvintes por seus familiares: “menino, o Antônio Lopes, irmão da Madinha, menino, da Marília. (...) Menino, o Antônio Lopes, advogado, marido da Andreissa”.

O Arco de Sobral, que remete ao monumento de mesmo nome em Paris, França, foi erguido em 1953 por iniciativa de Dom José em homenagem à visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima. No mesmo local do arco, existia um Cruzeiro das Almas no fim do século XVIII, demolido em 1929 para dar lugar ao Arco de Nossa Senhora de Fátima. Seu correspondente francês representa as vitórias da burguesia, aliada a Napoleão, contra a aristocracia. “Significa também a vitória de um novo sistema político, social e econômico, contra a aristocracia feudal. Em Sobral exprime a vitória do “sagrado” contra o “profano”. Da moral religiosa contra a “imoralidade pecadora” (FREITAS, 2000, p. 120)¹⁸.

¹⁸ Ver também Mont’Alverne Girão & Soares (1997) e Costa (2008a).

A cidade continua a desfilas no “Sábado de todas as maneiras” com as brincadeiras de Babá sobre as características dos bairros. “A nossa ouvinte (...) que mora no pacato e simpático Conjunto Santo Antônio, foi conhecer o *shopping*... Aprazível!”. Novamente, neste quadro faz-se a piada sobre o Conjunto Santo Antônio conhecido por casos policiais, chamando-o de “pacato”. Conta onde a ouvinte mora, em que trabalha e quem são seus familiares. “Do Santo Antônio, menino... que faz salgados. Mulher do Pinduca”, diz o apresentador. Não foi o *shopping* de Sobral, o único da cidade, que a ouvinte foi conhecer, mas a feira popular, em uma rodovia, no distrito de Aprazível. O *shopping center* de Sobral foi inaugurado em 2013 com o nome de “North Shopping Sobral”. Atualmente, é chamado de “Sobral Shopping” e possui 158 lojas. Sua chegada à cidade mexe ainda mais com as valorações do que seria refinado, pomposo, chique e por isso ele aparece outras vezes no “Sábado de todas as maneiras”. Torna-se o ponto alto de referência naquela região. Como pontua Beatriz Sarlo (2014, p. 9-10), “a estética do *shopping* iguala não do ponto de vista dos preços, mas do ponto de vista estético de sua disposição cenográfica”.

É evidente que as lojas persistem nas ruas, a céu aberto, mas, mesmo nos bairros a que o *shopping* ainda não chegou, sabe-se que é a forma mais desejada de lazer. Quando bem-sucedido, ele reestrutura as relações entre os edifícios e os serviços anteriores: o pequeno supermercado de bairro imita, acanhadamente, o grande supermercado, pois esse é seu modelo, embora espacial e economicamente inatingível. A novidade define o tom, o estilo e os hábitos mesmo naqueles espaços que não podem imitá-la realmente. Isso chama “hegemonia cultural” e se apoia na acumulação material e também na educação do gosto dos usuários. (SARLO, 2014, p. 10).

Nesta ótica, os estabelecimentos menores também aparecem neste quadro, já que o objetivo é brincar com os contrastes de simples/ sofisticado. Uma ouvinte, por exemplo, “foi vista nessa semana saindo do Atacadão Chico Caburé, nas Pedrinhas. Claudinha foi dar baixa na caderneta dela. Olha! Quem pode, pode, Ivo!”, ressalta Babá, sobre o hábito antigo de comprar fiado em mercearias próximas às residências e anotar as dívidas em cadernetas de papel. Antes das grandes franquias de supermercados ganharem espaço nas cidades, reinavam no cenário e no imaginário os pequenos estabelecimentos onde se conhecia todos os clientes pessoalmente, o que era suficiente para permitir compras para pagar depois. O quadro fala ainda de outros hábitos, ao redor de praças e esquinas de Sobral. “O radialista Edival Filho foi visto no Becco do Cotovelo comprando aquele jogo de azar, da Maria Elon! Edival quer passar o Natal baludo! Olha, só quem pode...”, narra o radialista. Para quem não reconhece o famoso, “é aquele da Rádio Tupinambá, que foi agora pra Brasília, entrevistou o Eunício Oliveira...”, completa Babá, citando ainda um senador pela bancada do estado do Ceará.

Voltando ao assunto de transporte público, “Nara Sabóia, do chiquérrimo bairro Campo dos Velhos, foi vista andando de VLT. E por onde ela passava dava com a mão. (...) Ôh povo pra luxar, Ivo!”, comenta Babá, festivamente. Diante da dúvida da vinheta se ela é conhecida ou não, o apresentador acrescenta que “ela trabalha na Sobral Autovidros. Ali perto da Rádio Tupinambá, menino!”.

Nesta edição, aparece a única vez, na seleção de onze programas em 2017, em que Babá fala de alguém que não é da cidade. A exceção foi feita para a apresentadora da Rede Globo Fátima Bernardes, que “foi vista no *shopping* do Rio de Janeiro de mãos dadas com seu novo homem. Fatinha estava alegre e satisfeita. Humm!”. Na ocasião, Fabíola não citou locais de Sobral mas falou da apresentadora como se fosse íntima, chamando por um apelido.

4.3.10 Dezembro: previsão do que já se viu

No último domingo de 2017, Fabíola não apresentou o quadro “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”, com seu característico conjunto de vinhetas, mas, sim, fez um especial de previsões para 2018 sobre os fatos que seriam vistos na cidade. Por isso mantivemos o mês nesta seleção para ser analisado, por seu potencial de indicar, nesta previsão, o que de fato teria ocorrido com mais frequência no ano que passou. “Muita gente roçando a barriga naquelas bancas do jogo do bicho (...) no Becco do Cotovelo! Pelos bairros da cidade...”, narra logo no início do quadro.

Olha, gente que se candidatou a vereador e tirou quatro gatos pingados de voto e vai querer se candidatar nas próximas eleições. Deixa eu ver aqui. Eu ‘tô’ vendo aqui gente que não tirou voto pra vereador e quer se candidatar a deputado estadual. Já pensou? (“Hômi”, não vá se meter com isso, não). Só no inferno mesmo! Ah, meu Deus do céu. (Não vá se meter com isso, não). (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 30 de dezembro de 2017).

O que acontece nas ruas naquele dia de virada do ano também aparece nas “previsões”, como uma certeza de que vai ocorrer de novo. “Gente soltando foguetes desde meio-dia até meia-noite. Em tempo de voar os dedos”, conta Fabíola sobre os sons a ecoar pelos bairros. O calendário será novo, entretanto alguns fatos tendem a se repetir. “Muita gente fazendo dieta (risos) pra perder peso, mas chega em casa e toma um prato de... com abacatada. (...) Não vai baixar o peso nunca, minha filha, viu?”, ressalta Fabíola. O tom cômico da personagem permite a franqueza dos comentários. A personagem tem passagem permite franqueza nos conselhos. Lembramos que uma das funções sociais do riso

“corresponde a um corretivo imposto pela sociedade sobre uma imperfeição social ou coletiva” (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 24). Fabíola dá o recado de que gostaria de ver mudança em algumas pessoas, apontando o que considera um comportamento repreensível. “Tô vendo aqui muita gente devendo conta de luz... conta de água atrasada também... Gente que vai pra manicure, pé e mão, fiado!”, denuncia. A crítica envolvendo agentes políticos da esfera municipal também aparece nas “previsões”. “Vereador sem fazer nada no ano que vem”, conta sobre o que vê no lançamento dos búzios para saber do futuro, mas que denota o presente que Babá vê nas ruas e conversas.

4.4 Análise de “O que Sobral tem de ‘marromeno’”

No segundo quadro analisado, novamente, a interdiscursividade aparece em cada frase, mas não manifesta como no “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”, que frequentemente apontava a fonte dos fatos da vida dos sobralenses. Em “O que Sobral tem de ‘marromeno’”, notamos que o texto do quadro foi montado por observações do radialista sobre temas e locais que se repetem com frequência. Seus olhos e ouvidos atentos a ruas da cidade e conversas de moradores e/ou frequentadores daquele cenário de municipalidade permite apontamentos sobre o que não está bom, o que deve melhorar, o “marromeno” do título do quadro.

Lembramos aqui que a intertextualidade implica “a inserção da história (sociedade) em um texto e deste texto na história” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 134-135). Sobretudo, “a inserção do texto na história” quer dizer que o texto responde, reacentua e retrabalha textos passados e, assim fazendo, ajuda a fazer história e contribui para processos de mudança mais amplos. As mudanças que o quadro espera gerar, neste momento do “Sábado de todas as maneiras” onde encontramos mais criticidade é uma cidade melhor cuidada, a partir das áreas tratadas em detalhes nos próximos tópicos.

Para se permitir aos corretivos e por vezes desabafos com reclamações e palavrões, neste quadro que encerra o programa de cerca de duas horas e meia de duração, o humor que percorreu toda a edição radiofônica chega aqui a uma nuance mais fria, de afastar o sentimento. “A emoção é inimiga do riso. Somente o espectador neutro, afastado e insensível é capaz de rir. O riso exige certa anestesia momentânea do coração” (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 67). Para Bergson, o riso se destina à inteligência pura, e não aos sentimentos. “Quem chora do mal que testemunha, causa ou sofre não é capaz de rir dele. Daí a possibilidade do humor negro, do sarcasmo e da ironia. (BERGSON, 1987; SANTOS;

ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 68). Um nível de insensibilidade é necessária para ser capaz de rir das desgraças. “É como se, para rir, a sociedade abdicasse da bondade e da solidariedade”, continua Bergson. O autor se refere aí a uma tendência ético-moral do riso que seria moldar e corrigir os membros da sociedade, e ela ser melhor veiculada quando se está sob a alcunha de personagens.

De um lado os personagens da vida real só podem ser cômicos se estiverem sobre um palco encenando; por outro lado, o riso, o prazer do cômico, não depende tão somente de um princípio estético puro, desligado do mundo, mas está a este sutilmente relacionado, como que possuindo uma “segunda intenção”, segunda intenção essa que se relaciona à necessidade de humilhar, de corrigir, ao menos externamente. (SANTOS; ROSSETTI [orgs.], 2012, p. 177).

Assim, o quadro é o momento de crítica à uma pretensa "mentalidade não desenvolvida" de alguns dos que fazem a cidade leva o apresentador a quebrar seu clima sempre amistoso, respeitoso e boa-praça. Ele desfruta, naquele momento, de uma certa “licença poética”, uma posição de estar sob um personagem para esbravejar reclamações sobre a cidade, aliviadas e/ou possibilitadas pela “coberta” do humor. “Sobral, terra da picuinha, da fofoquinha, da coisinha miúda, do disse-me-disse, terra muitas vezes de coisinha de cidadezinha provincianazinha. Até quando, Sobral, hein? Cresce, porra, pensa grande, rapaz!”, diz um trecho do quadro.

O texto é gravado em estúdio, às quintas-feiras, com texto lido pela personagem Bartolomeu. Após contemplar as linhas destinadas àquela gravação, os assuntos são citados novamente pela personagem feminina, em palavras mais coloquiais que aumentam a comicidade. “Te alui, te bole!”, sugere a voz feminina. Babá contou que a personagem não tem nome oficialmente. Por isso, nesta dissertação ela é chamada apenas de “personagem feminina”.

Enquanto Bartolomeu cobra postura dos detentores de cargos públicos com “(...) tem vereador que tá se achando, que não pisa no chão. (...) Tenham calma, viu? Vocês são empregados é do povo”, a voz feminina é mais categórica na reclamação. “Ó, ei, psiu, ei, psiu! Meu fí, olhe (...) Não vá dizer que você é autoridade!”. Também aparece neste quadro o Becco do Cotovelo, um dos locais da cidade onde a conversa, ou fofoca como alguns chamam, é um dos atributos que fizeram sua fama. As fontes dos assuntos seguem indefinidas pelas coloquialidades de flexão do verbo, como “estavam comentando” em vez de “comentou”.

Nêgada, "tavam" comentando na cidade, altura do Becco do Cotovelo, que teve vereador na cidade usando a tribuna pela primeira vez e sequer deu um "boa noite". Pra vocês verem aí como é o poder, o poder mudar as pessoas, né? Talvez esse tipo de gente pense que estar vereador é, assim, a última coisa do mundo, né, rapaz? Uma coisona de outro mundo, né? Calcule!". (...) Que diabo é isso? Cadê a educação, meu tio? (Risos). Né assim, não! (...) Aliás, tem vereador que acha que ser ou estar vereador é, assim, alguma coisona do outro mundo (risos). Eu me abro! (Trecho do "Sábado de todas as maneiras" de 18 de fevereiro de 2017).

Logo no primeiro sábado de 2017, em 7 de janeiro, o "Sábado de todas as maneiras" comemorava aniversário, e a data é citada logo na abertura deste quadro. "Hoje o programa 'intéra' 20 anos nos 'côro'", brinca Babá. Na ocasião, agradeceu aos que participam da produção, como o operador de som Ivo Aragão e o B.B. Studio, que o acompanham há quase duas décadas. "Eu confesso que 'tô' até emocionado nesse quadro". Cada inserção dura cerca de cinco minutos, com a leitura do mesmo texto pelas personagens masculino e feminino. Bartolomeu é a voz masculina e a voz feminina não tem nome.

Em doze edições de 2017, vemos uma lista de assuntos que são sempre citados, o que permitiu uma categorização, que nomeamos nos próximos tópicos. Com a aceitação do programa por parte do público em mais de duas décadas no ar, observável através de mensagens em redes sociais, concluímos sucesso na proposição de situações que se desenrolam nas ruas da cidade de Sobral e identificação entre os ouvintes e as situações. Como diz Van Dijk (2010, p. 160), adicionalmente à representação mental do texto, os usuários da língua constroem um modelo da situação sobre a qual o discurso versa. A coerência é construída quando o discurso encontra correspondentes na memória, e "se os usuários da linguagem forem capazes de construir (ou recuperar) um modelo satisfatório de um discurso, então diremos que "entenderam" o texto, e somente então podemos dizer que – para este usuário da língua – o texto é coerente" (VAN DIJK, 2010, p. 160).

Desde a primeira transcrição, disponível integralmente nos Anexos, o tom de crítica severa a cada uma dessas áreas vem acompanhado de expressões como "Ô, Sobral, cresce, cara! Eu gosto de ti, porra!", acompanhada de risos que aliviam o tom imperativo de correção. O clima volta ao tom ameno, presente no programa como um todo, apenas no mês de Dezembro. O conteúdo entre parênteses é da fala da personagem feminina, enquanto Bartolomeu narra o texto principal.

Todo mundo já sabe que esse quadro aqui a gente fala das coisas que merecem uma melhoradazinha... em algumas coisas aqui na nossa cidade, né? É um quadro que... não é pra denegrir ninguém, quem quer que seja. Mas para as autoridades entenderem, né?, que nós estamos aqui pra melhorar a cidade. (Ôh, meu Deus, é mesmo). Nós passamos esse ano... esses anos todos mostrando algumas falhas da cidade, e isso não quer dizer que a gente seja contra ou a favor de nenhuma

administração, não, viu? Nó somos é Sobral! Apaixonados por Sobral! (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 30 de dezembro de 2017).

Pela repetição semiestruturada de assuntos, percebida na transcrição de doze edições de “O que Sobral tem de ‘marromeno’” veiculadas no ano de 2017, os modelos de situação encontrados referem-se a áreas que elencamos como mobilidade, Câmara Municipal, serviços, o sobralense nas redes sociais e ações da Prefeitura Municipal.

4.4.1 Mobilidade

O tema aparece já na primeira edição, em janeiro. “Gente que para o carro no meio de uma rua como a Dom José, deixa o carro lá e sai. Motoqueiro ultrapassando pela direita e corta pra esquerda”, reclama Bartolomeu. Vemos expostas situações que se repetem em uma cidade de porte médio, onde a mentalidade dos condutores para seguir as regras de trânsito pode ter crescido mais lentamente do que a frota. “Menino, que diabo é isso? É carro que não respeita mão, contramão, não respeita sinal vermelho, nem encarnado nem roxo nem azul nem amarelo, empombado nem nada. Que diabo é isso, menino?!”, solta o verbo a personagem feminina.

Em março, a mobilidade é citada na forma do transporte urbano Veículo Leve sobre Trilhos (VLT). O meio foi citado em passeios de ouvintes mais de uma vez no quadro “Curiando a vida dos famosos e quase famosos, e por isso foram falados detalhes sobre ele no tópico 4.3.7. O VLT, em vez de item diferencial, positivamente, em cenas de lazer no quadro analisado anteriormente, protagoniza um pedido de Babá para baixar o preço da passagem. Assim ele seria utilizado pela população em vez de transitar quase vazio. “Ôh, nêgada, de novo: o VLT continua pra cima e pra baixo com dois, três passageiros. Se duvidar, é até cortesia. Três reais? Tá pesado pro povo, governador Camilo! Cadê o bom senso, meu amigo? Caia na real! O povo tá sem real!”, diz a personagem Bartolomeu. A voz feminina retoma o assunto de forma mais enfática: “Governador Camilo Santana, pedido de amigo: ‘abaixa’ o valor da entrada, da passagem, seja lá de que diabo for, desse VLT, rapaz! Aqui é Ceará, estado pobre. (...) ‘Três conto’, não vou! Não vou!”. O pleito foi atendido no segundo semestre de 2017, quando a Prefeitura Municipal de Sobral iniciou uma campanha para maior uso do VLT. O fato foi comemorado no “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” do mês de setembro, quando uma ouvinte foi citada como “quem agora vive andando de VLT, pra cima e pra baixo, depois que baixou as passagens pra 1 real”.

No mês de abril, o tema mobilidade vem na reclamação sobre “aquela buraqueira da

Avenida Dr. José Euclides, na rotatória que vai pra Grendene... rapaz, aquilo é brincadeira! Ali o fluxo de veículos é muito intenso, é muito grande”. Bartolomeu cita nomes de ruas com familiaridade e sugere os devidos encaminhamentos. “Ali tem que ser feito um trabalho bem feito, não é só trabalho qualquer, não. (...) recapeamento, botar aquelas pedras ali, que ‘tão’ tudo se soltando ali”, diz o boêmio, com jeito de falar malandro que por vezes repete palavras. “O ‘flucho’ de carro é muito intenso, é muito grande! Eu sei que é fluxo, viu, ‘doidin’?! (...) E é pra ontem! Ora, mas ‘num’ ‘tô’ dizendo mesmo?! (Risos).”, debocha mais ainda a voz feminina.

A desordem no trânsito aparece também no mês de maio, quando o radialista Tupinambá Marques teria presenciado que “na rotatória do Boulevard do Arco, uma doidinha ia passando no sinal encarnado com uma garupeira, uma mulher, e uma criancinha entre as duas”. A reclamação insiste na denúncia de que “aqui a gente tem que dirigir pela gente e pelos outros!”. Na hora do "puxão de orelhas" na motorista não identificada, a voz feminina justifica: “minha filha, não faça isso, não. O sinal ‘tava’ encarnado pra você. A gente não deve fazer isso, não, viu? Se empacota você ali, já pensou?”. Já em junho Babá conta um disse-me-disse relacionado ao trânsito, que chegou às emissoras radiofônicas.

Ôh, nêgada, um bocado de gente mal informado saiu espalhando até em rádio, dizendo que aquelas câmeras de vídeo-monitoramento era só pra multar. Que diziam que era pra multar pelas placas dos carros, pra saber se a documentação ‘tava’ atrasada. Ôh, nêgada, né assim não, rapaz! (Arriégua, macho, marróia!). Pelo amor de Deus! Aquilo ali (riso) é só pra quem inflige as leis de trânsito, rapaz! Passar no sinal encarnado, andar na contramão... Pessoal, não vamos passar má informação, não. Verdade tem que ser dita, né? Bora se inteirar bem ‘direitin’, tá legal? Viu? A gente tem que ser sincero com as coisas. Viu? O cara errado, tá errado, tem que pagar, né? Tem que andar bem coisadinho, né? Pois é. (Ôh, meu Deus. É mesmo). (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 24 de junho de 2017).

Além de esclarecer assunto cujas informações estavam equivocadas, Babá denuncia mais uma cena que seria comum em uma cidade de médio porte. “Quando é que muitos motoqueiros vão aprender a ultrapassar um carro, hein? Muitos deles, rapaz, passam pela direita e imediatamente passam pra mão esquerda. Aí lasca!”. Levando o ouvinte a visualizar as margens do Rio Acaraú, locais de grandes fluxos de veículos em diversos horários, a voz feminina diz que “eles passam pela direita, entre um carro e a ponte, em tempo de se tacar no chão e a gente passar por ‘riba’ deles”, diz sobre as pontes que ligam as margens direita e esquerda.

Em julho, a falta apontada no trânsito é quanto à faixa de pedestres. “Pessoal, é impressionante como muitos motociclistas e motoristas ignoram faixa de pedestres aqui na

nossa cidade, né? Eu pergunto: será que tem carteira de habilitação?”, desafia Bartolomeu. “Meu povo, aqui tem motorista que não sabe o que é uma faixa de pedestre, não sabe o que é um sinal encarnado, nem amarelo... Só sabe o verde, e ele passa na tora”, acentua a personagem feminina. Outra atitude, ou falta de atitude, é apontada em outubro, mesmo que forma genérica, sem apontar nomes de pessoas.

Pessoal, mas é impressionante como aqui tem gente que dirige moto olhando pra celular, com farol apagado à noite. Aí lasca, viu? Aí o carro bate, aí é o ‘coitadin’. Faça isso não, rapaz! Tá doido ou come barro? Rapaz, como é que foi que já se viu uma arrumação dessas, o ‘cabôco’ dirigir moto à noite, com o farol apagado!? Bulindo no celular! Ora, mas ‘num’ ‘tô’ dizendo mesmo?! (Diabo é isso aí, rapaz?) Meu ‘fi’, ‘cê’ é doido ou caga rodando? ‘Cê’ é doido ou chupa prego? ‘Cê’ é doido ou come barro? Ah, o carro pega... ah, ‘bichin’ vinha bem ‘devagarin’, o carro bateu. Olhando o celular... pra foto... Meu ‘fi’, te alui, rapaz! (risos). Parece que é doido! (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 24 de junho de 2017).

Uma boa notícia conclui o assunto em novembro. “Pessoal, até que enfim que mandaram tirar o bico que fizeram na praça da Câmara Municipal, né? Do jeito que ‘tava’ lá nem um carro doido fazia aquela curva no sentido rodoviária, não”. A oportunidade não passa despercebida pelo deboche da voz feminina. “A curva não dava pra ir pra rodoviária, não. Tinha que voltar de ré. É o novo! Ainda bem que o engenheiro pensou ‘direitin’ e desfez o que ele fez”. A tal praça da Câmara Municipal fica a alguns quarteirões da residência de Babá Marques, e é uma das categorias constantes deste quadro.

4.4.2 Câmara Municipal

Como 2017 é um ano de número final ímpar, tem-se naquele período, a cada quatro anos, o começo da gestão municipal. “Nêgada, o pau que rolou aqui nessa semana ‘foi’ os vereadores que saíram na hora da posse do prefeito”, conta sobre o ocorrido na Câmara Municipal na edição de “O que Sobral tem de ‘marromeno’” de janeiro. “Uns dizem que era na hora do recreio. Uns falaram que era porque ia chover. Outros falaram que ‘tavam’ com calor, outros falaram que foi porque não sei o que”, narra, acrescentando que o tema teria sido bastante presente nas emissoras de rádio daquela semana. Minutos depois, quando o assunto é retomado pela personagem feminina, a comicidade dela é maior e permite visualizar a situação. “Sai tudo em filinha. ‘Vamo simhora!’ ‘Vamo simhora!’. Menino! Disseram que era pra merendar. Disseram que era por causa do calor, e que não sei o quê”. De volta ao primeiro narrador, tem-se a crítica mais contundente, inclusive com voz mais brava. “Vamos pensar grande. Isso é coisa de cidadezinha do interior do interior do interior da baixa da égua”. De

crítica à política, o comentário transparece que a queixa é pelo pensamento dos cidadãos de forma mais geral. A vinheta confirma uma certa descrença, e o humor se permite à cutucada: “Isso é em Sobral, né? Tinha que ser aqui”.

Em fevereiro, o deboche mira certos adereços que ocuparam os salões daquela municipalidade. “Falando ainda em Câmara, quem quiser ver chapéu bonito, viu?, tá aqui os modelitos de última geração, viu, pessoal? Não tira nem pra ouvir o Hino Nacional”, aponta o observador radialista, e completa interpretando a personagem feminina: “é chapéu de princesa da Inglaterra!”. A cobrança de compromisso dos vereadores aparece no quadro mais de uma vez, motivada por reclamações advindas de conversas, meios de comunicação e de vídeos compartilhados em redes sociais. “Continua o festival de discurso repetitivo na Câmara Municipal” e “Se for pra Câmara cê vai dormir!” são algumas das cutucadas da personagem feminina. As fontes das histórias são generalizadas na expressão “disse que”.

Pessoal, disse que na Câmara tem uns assuntos lá que a nêgada faz é dormir, ó? Já pensou? Cada assunto ‘véi’. Nêgada, ‘vamo’ fazer nossa Câmara grande aí, rapaz! ‘Vamo’ trabalhar ‘direitin’. (Isso é em Sobral, né? Tinha que ser aqui). Esse dormindo!... grava aí, pessoal com a cabeça embiocada lá... Pois é. Tem uns vídeos aí que mostra. (Arriégua, macho, marróia!). (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 18 de fevereiro de 2017).

O radialista denuncia que naquela “casa do povo (de ‘nelso’)”, “a conversa é a mesma. A ladainha é a mesma”. Os risos entre frases mais duras, após investidas das personagens masculino e feminino, aliviam o tom de crítica, mas dão o recado de não concordância com os fatos naquele lugar. “Sobral já tá muito grandinha, viu? Ave Maria, rapaz! Coisinha ‘véa’ picuinha, coisinha de cidadezinha do interior do interior do interior da baixa da égua!”, reclama.

A maioria das referências à Câmara Municipal de Vereadores tenta elevar o nível de postura e seriedade em relação ao que é discutido naquele ambiente, insistindo que a cidade merece mais do que se vê por lá. Por outro lado, um assunto citado em 18 de março de 2017 tenta situar a mentalidade para a direção contrária, de não se inflar por um senso de grande importância, como se a “sobralidade triunfante” devesse ser comedida para lembrar que nem tudo o que acontece na cidade influi no estado e no mundo. Aquele momento, com o assunto Previdência Social, serviu mais uma vez para contar o “Sábado de todas as maneiras” como item de registro do que se comentava no município em determinada época.

Pessoal, inventaram uma sessão ontem na Câmara pra discutir a reforma da Previdência Social. Como se Sobral fosse resolver esse abacaxi que tá por aí. Todo mundo sabe que essa reforma é assassina, que veio pra acabar com o povo. Ou será

que estavam esperando todo canal de televisão do mundo vir pra cá?, pra fazer uma cobertura, era? Mas rapaz! Mas ‘num’ tô dizendo ‘mermo’! Só o que faltava mesmo. (Arriégua, macho, marróia!). (...) Olha aí: Sobral mobilizou o mundo, ou seja, o Brasil, ou seja, a Previdência Social. (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 18 de março de 2017).

É possível ver outro indicativo da história da cidade na edição de “O que Sobral tem de ‘marromeno’” do mês de abril. Bartolomeu narra que “mandaram pra Câmara lá um projeto pra quitar alguns moradores lá daquele bairro Nova Caiçara”. O espanto da personagem, que suscitou sua crítica furiosa foi o fato de nove vereadores da oposição terem se ausentado no momento para impedir a votação da pauta. “Isso é uma coisa muito miúda, rapaz! Isso é coisa muito pequena. Pelo amor de Deus! (...) Nêgada, ‘vamo’ pensar ‘maiorzin’, nêgada, viu? (Risos). Isso aí também é gol contra, rapaz!”, alerta. A vinheta “Ôh, cidade ‘véa’ cheia de conversa mole!” aparece de vez em quando neste quadro, para concluir a fala do personagem.

Vemos o aniversário da cidade ser citado em julho, quando a personagem feminina ressalta: “Vira o disco. Sobral ‘tá’ uma cidade bem crescidinha. Vai inteirar agora 244 anos!... agora em julho”. Comemorado em 5 de julho, a data foi ofuscada naquela edição por outras citações. “Nunca vi uma Câmara Municipal pra ter tanto disse-me-disse. (...) Bora sair dessas futricazinhas. Isso só diminui a cidade. Ôh pobreza!”, brada Bartolomeu. Como de costume, a voz feminina é mais enfática, apesar de falar entre risos. “Menino, que carniça é essa? (...) ‘Vamo’ pensar ‘miózin’”.

A Câmara é citada ainda no mês de outubro, recorrendo a uma cena que parece ter atravessado o ano e permite ao radialista se referenciar até ao “Sábado de todas as maneiras” da semana anterior. “Continua vereador jogando pra plateia. O que é que foi dito aqui sábado passado? Que ele faz um alarde, né? Falta os ‘fôlego’, pede água, afrouxa a gravata, aquilo tudo é só pra fazer uma média, hein, pessoal? É o velho “teatro”. A personagem feminina arremata: “Te ilude, povo! Te ilude, ‘cú’ de grude! (risos)”.

4.4.3 Serviços

Assim como a Câmara Municipal, localizada no Centro da cidade, os arredores da residência do radialista Tupinambá Marques formam um microcosmo de laboratório social que formam a vitrine do que seria Sobral, representada no “Sábado de todas as maneiras”. Outro tema constante em “O que Sobral tem de ‘marromeno’” trata de cenas ocorridas no centro comercial e que elencamos como Serviços. A poucos metros do Becco do Cotovelo,

encontramos a inspiração, que podemos chamar também de reclamação, da edição de março de 2017.

“Já viram o tamanho da Agência daqui do Banco Itaú? Rapaz, aquilo... podemos chamar de tamanho dum ovo. Rapaz, uma total falta de respeito com os clientes. (...) Respeita o povo de Sobral, rapaz!”, reclama Bartolomeu. O pedido por mais conforto e comodidade para usufruir dos serviços bancários leva em conta atributos da cidade, de médio porte, que fariam jus a um tratamento de padrão mais alto. “Vamos pensar grande, né, Banco Itaú? Vocês têm tanto dinheiro. Lá no Sul, né?, as ‘capital’ são as agências bem grandonas, e aqui é aquela coisa espremida pra entrar na porta”, denuncia. Na retomada do assunto pela personagem feminina, ela cumpre seu papel de reforçar o que foi dito, às vezes com palavras mais duras disfarçadas sob uma dose maior de humor. “Pessoal, olha, aquela agência do Banco Itaú de Sobral é do tamanho ‘dum’ ovo de calango. É desse tamanhinho. Menino, não pode nem peidar lá dentro”.

Em julho, os serviços prestados no centro comercial voltam ao quadro. “Pessoal, aqui tem cada atendente no comércio que quebra qualquer padrão, viu? É um mau gosto quando vai atender, que o cliente vai ‘simbora’ na mesma hora”, denuncia. Aparecem aqui alguns termos do vocabulário de um “humor moleque cearense”, como “fica botando boneco pra atender as pessoas!”, “povo com cara de bicho... num tem classe... (...) Zé Ruela!”. A reclamação vai além do descontentamento com a forma como é recepcionada pelos atendentes de lojas. Estende-se à avaliação que os funcionários fazem em relação aos clientes. “Aliás, tem uns deles aqui que dizem “rapaz, isso aqui é caro. Não dá pra ti, não”. Já pensou, rapaz?! Sem saber das condições do bolso do cliente... (...) O povo aqui tem essa mania feia. Magote. Vai pra baixa da égua!”, diz o agora irritado Bartolomeu. “Meu filho, quem manda no meu bolso sou eu, viu?! Não ‘tô’ dizendo mesmo?!”, finaliza a personagem feminina.

4.4.4 O sobralense nas redes sociais

Um tema presente em quase todos os meses analisados em “O que Sobral tem de ‘marromeno’” foi o que o sobralense expõe em redes sociais. Mesmo sem citar nomes, como feito em “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”, o que Tupinambá Marques lê de seus ouvintes vira comentário também neste momento de crítica.

Logo em fevereiro, o assunto aparece como “nesse Facebook tem muita gente revoltada, né? Se a pessoa posta uma coisa falando de bem de qualquer coisa que seja já vem escrevendo mil e um defeitos”. O narrador Bartolomeu mantém o tom coloquial do quadro,

apesar de mostrar-se indignado com as expressões em algumas páginas pessoais. “Mas não tô dizendo mesmo, rapaz?! Esse tipo de gente dá uma ruga monstra!”. Já a voz feminina mostra-se mais direta no assunto.

A gente mostra uma coisa, a pessoa vai e esculhamba, e não sei o que. Por quê que não é assado, por quê que não é assim. Meu filho, pois se você quer postar suas porcarias, poste você mesmo, seu ‘fi’ duma égua. Pronto! (risos). ‘Nêgo’, não vá se importar com as coisas alheias, não, viu?. Esse “face”, aliás, se torna um pinico, né? Todo mundo faz serviço dentro. Que diabo é isso? (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 18 de fevereiro de 2017).

Em março, a referência se pautou pelo que Babá chamou de “apaixonados políticos”, cenário que deve ter sido visto não apenas em Sobral, mas em níveis de estado e país devido a um início de exacerbação e polarização de opiniões políticas que antecederam o pleito eleitoral que seria no ano seguinte, em 2018. “Fica umas piadinhas, com indiretas no Facebook, ou seja, aquela coisinha miúda, né?, pequena, de gente que não cresceu espiritualmente falando, né?”, diz Bartolomeu. “Meu povo, vamos deixar isso pra lá. (...) Ô coisa, besteira ‘réa’, sinceramente. O apaixonado político, ele é unilateral. Só tem um lado. É o lado dele. Mó paia!”, diz, entre risos, a personagem feminina. Ela repete em suas aparições neste quadro o tom mais direto, embora mais risonho. “Pessoal, mas é impressionante como tem gente de Sobral que merenda, janta e almoça política. São os ‘babão’, e outros revoltados. E assim caminha a nossa gente. Lamentável, né?”, reforça a narradora em edição do mês de setembro.

Assunto correlato aparece no mês de abril, também refletindo um feito nacional, de manifestações nas ruas e em redes sociais sobre assuntos da política e economia do Brasil, que culminaram na troca presidencial no ano de 2016. “Nêgada, aquele pessoal que foi bater panela aqui na cidade naquele tempo, né, hoje ‘tão’ tudo calado... envergonhado, sem ânimo de sair de novo...”. A crítica aí aponta, mais que um lado ou outro das manifestações, o prejuízo que causa a polarização de opiniões, enquanto outros assuntos passam despercebidos. “É lamentável a pessoa ter tendência política, esse tipo de gente que sofre demais. O apaixonado político. Tanto de um lado como do outro. Só é bom o lado dele, né? E o povo “que se lasque futebol clube”, reclama Bartolomeu. “Um esculhamba demais, o outro baba demais. É bom só pra eles, pessoal. ‘Vamos’ se importar com isso, não, viu?”, gargalha a personagem feminina.

Em maio, a rede social Facebook é citada em maio como local de “gente rançosa”. “É um tipo de gente que não pode ver as coisas, né? Que fala, se incomoda com tudo. Pessoal, aqui ainda tem muita coisa que não evoluiu, não desenvolveu...”, aponta Bartolomeu. “Meu

povo, vamos postar coisas interessantes, coisas boas, né?, coisas positivas (...) Quando não é a favor é do contra! E torce pela desgraça! E o outro é babão demais! O outro esculhamba demais!”, diz a voz feminina.

O aplicativo de troca de mensagens WhatsApp ocupa o mês de junho com uma reclamação quase que pessoal, para que evitem mensagens durante a madrugada, em prol de uma noite ininterrupta de sono, em vez de receber vídeos com pregações de um pastor.

Pessoal, ‘vamo’ deixar de ‘tá’ passando mensagem de WhatsApp de madrugada pros ‘outro’. ‘Ramo’ deixar o povo dormir sossegado. A pessoa às vezes ‘tá’ pegando no sono, aí chega aquele sinalzinho de WhatsApp. ‘Arre’ Maria! A gente vai ver, é aquele sujeito moreno, de chapéu. (Diabo é isso aí, rapaz?) Deu pra entender, não deu? Pois é. Aquele sujeito de chapéu. Já pensou? Nêgada, ‘vamo’ deixar o povo sossegar direitinho. ‘Vamo’ deixar o povo dormir. Ainda mais pra mostrar aquele sujeito moreno de chapéu? Ôh, rapaz! (‘Hômi’, não vá se meter com isso, não, ‘hômi’ de Deus!). (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 24 de junho de 2017).

As correntes compartilhadas via WhatsApp são também criticadas no mês de setembro. Bartolomeu reclama de quem perde tempo “enviando essas coisas totalmente sem futuro, sem nexos, pelo WhatsApp”. Diz que “o pessoal aqui é viciado em mandar corrente”. E o pior: “diz que foi o Papa que mandou, que foi o padre Manzotti que mandou, que foi o Fábio de Melo que mandou”, diz sobre nomes da Igreja Católica conhecidos nacionalmente. E completa com nomes atuantes em Sobral: “foi o padre Gonçalo que mandou... o frei Gláuber que mandou... Mandou não, rapaz! Isso é conversa do povo. Pegue corda não, viu?”.

Em julho, mês do aniversário de Sobral, a reclamação é sobre a mentalidade de um modo geral, sem citar fatos específicos. “Coisa que só se vê em cidadezinha pequena mesmo. É gente de uma mentalidade pobre, atrofiada e sem perspectiva de crescer. (...) Aí diz que aqui é uma cidade universitária! ‘Óia’ aí, rapaz. Calcule!”, diz Bartolomeu. Apesar da reclamação, a personagem feminina se refere à cidade de modo um pouco mais terno, comparando-a a uma mulher.

Aqui, Sobral, é uma cidadezinha até... uma mocinha até grande. Vai fazer seus 243 anos agora dia 5 de julho. Pois é... essa semana agora, que vai começar. Meu povo, é um povo de mentalidadezinha pobre, atrofiada, coisinha de cidadezinha miudinha lá da baixa da égua. Que nem todas têm, e isso aqui tem. E aqui se diz assim: “Sobral, cidade universitária!”. Já pensou? Como se fosse todo mundo naquele nivelzinho de ... tá entendendo? Mas não é não. Tem muita gente que peca nesse setor aí, viu? (...) Sobral inteira agora 243 anos nos ‘côro’. Uma cidade... já é uma mulher ‘véa’, Sobral, né? É! Uma mulher ‘véa’! risos) Assim... falta botar um batonzinho... falta botar uma maquiagemzinha legalzinha... assim, um brincozinho pra ficar bem polidazinha, bem coisadinha, viu? (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 1º de julho de 2017).

Mas o certo tom de ternura é quebrado ainda no mês de julho, no segundo programa selecionado naquele mês, com a crítica a um tipo de gente que adora inventar notícia nas redes sociais. “‘Arre’ Maria! Dão o maior valor tentar fazer um fuxico. Né? Tentar fazer mentira mentirosa ser verdadeira. Esse tipo de gente, sinceramente, exala rancor, inveja...”, dispara Bartolomeu. A personagem feminina reforça com “aquele povo rancoroso nas redes sociais. Botando defeito em tudo, esculhambando tudo, piadinha pra cima e pra baixo. (...) Bora rezar! Bora ser feliz, ou no culto ou na Igreja Católica. Onde você se sentir ‘mió’”, sugere.

Uma categoria de profissionais é citada no mês de setembro, revelando espaços da cidade como o Teatro São João, o Estádio do Junco, o cinema disponibilizado com a chegada do *shopping center*, entre outros. “Pessoal, tem gente que pensa que aquela carteirinha de radialista dá *status*. Pensa que ela dá direito a entrar em todo lugar. Mas é muita inocência mesmo, né? Você mal entra em casa com ela, quanto mais nos cantos, rapaz”, aconselha Bartolomeu. “Se duvidar, você não entra nem na sua casa com ela. Acha pega uma chibatada da sua mulher. (Risos). Quer ir pros cantos, ‘ói’. Pro estádio, pro teatro. ‘Né’ assim não, ‘rapazin’! Viu? Te alui!”, completa a voz feminina.

Os espaços de gastronomia são citados neste mesmo mês como locais de pretensa ostentação. “Aqui tem gente que só sabe comer se for nas calçadas das pizzarias, que é pra quem passar ver ela comendo na calçada. Grande coisa, viu? Isso é ostentação?!”, desafia Bartolomeu.

Em novembro, foi narrada a passagem de um apresentador da Globo por Sobral, mas o que chamou a atenção mesmo foi a reação de uma moradora. “Pois não é que apareceu foi uma pessoa com um cartaz pedindo pra levar ela pro Big Brother! Óia aí! É ou não é ‘marromeno’ aqui em Sobral?”, conta Bartolomeu. A voz feminina desdenha um pouco: “Aqui, o Luciano Huck vem pra cá... (...) Pois não é que teve gente que foi tirar retrato com ele, pra se amostrar?! Se fosse ao menos cantor de forró, mas não. (...) Como se a Angélica deixasse ele escolher... (Iiiih!)”, finaliza com uma característica vaia cearense.

O mês de novembro traz uma crítica enfática sobre “como tem gente rançosa nessas redes sociais”. “É aquele tipo de gente que se inveja doesse ela só andava gritando no meio da rua. Pois é desse jeito. Só Deus na causa. Só Deus na causa! Ave Maria!”, ressalta Bartolomeu.

4.4.5 Ações da Prefeitura Municipal

Neste primeiro mês do ano, aparece a reclamação sobre o mau estado de conservação de um ponto turístico no Centro de Sobral. Começava, em janeiro, a reivindicação pela reforma da Praça da Coluna da Hora. “Aliás, sem hora. É sem hora! Nós passamos aqui um ano aqui cobrando as melhorias pra ela. Não fizeram nada”, ressalta Bartolomeu ferozmente. Aproveita a ocasião, no clima de novo calendário, para engatar a reclamação no novo governo. “Esperança que o prefeito novo veja isso com bons olhos, né?”. O recado dado, com destinatário certo, vem, inclusive, com sugestões de serviços a serem feitos. “Que ajeite o piso, que faça um novo replantio da grama, que ajeite o relógio, tá sem funcionar, que pra passar nem ponteiro tem”. A personagem feminina vai além na reclamação. “Tinha cara que tinha raiva quando a gente falava, que tinha chefe de gabinete... (risos). Não sei por quê que não fazia as coisas que a gente pedia. Com raiva, é? Ó a preocupação, ó...”, desdenha.

O apresentador justifica o empenho no pedido com a observação de que a praça descuidada pode prejudicar a imagem da cidade. Como disse Bartolomeu: “Aquela praça bem bonitinha, no meio do... no centro da cidade de Sobral. Pessoal, ali é onde recebe todo mundo de fora, que vem pra cá tomar um cafezinho”, diz, citando a cafeteria instalada exatamente na Coluna da Hora. A praça fica em um dos pontos de maiores fluxos de pessoas e veículos, no centro comercial, em uma das esquinas onde começa o Becco do Cotovelo.

Em abril, outra ação referente à Prefeitura Municipal repercutiu naquele quadro. “A prefeita assumiu aí três dias, e disse que bloqueou por três anos a licença-prêmio do servidor municipal. Diz que é o ‘pau que rola’ na cidade. Que é isso, prefeita? Fazendo gol contra, rapaz?”, reclama Bartolomeu. A personagem feminina trata o assunto entre risos, o que lhe permite ir até mais fundo na tomada de satisfação. “Tem raiva do povo? O povo, o que foi que fez com a senhora? Hein? (risos) Já pensou? Três anos sem a licença-prêmio? Ôh, minha filha, faça isso, não”.

No mês de junho, outra reivindicação endereçada à Prefeitura Municipal foi a conclusão da reforma do altar da Igreja da Sé, a catedral sobralense. “Já ‘tá’ é caducando e não termina! Até o padre reclamou domingo passado, ‘ói’? A igreja, nêgada... cheia de andaime... pega mal que só, ouviu?”, manifesta Bartolomeu.

Julho teve notícia boa com o atendimento de pedido de reforma da Coluna da Hora. Porém, havia mais a apontar.

Pessoal, desde a gestão passada que a gente cobrava aqui uma reformazinha na praça da Coluna da Hora. Ainda bem que ‘tão’ fazendo, viu? Agora, a pergunta que não quer calar: e o relógio? Vai funcionar bem ‘direitin’, vai? Tomara que ajeite também

o relógio, né? Porque a praça ‘tá’ ficando só o ‘pitel’. É o novo!: ‘pitel’. Só o cuscuz, viu? (Ó meu Deus, é mesmo). (...) Cobrança, aqui, fica no ar, tá bom? (risos) Vamos ver se faz mesmo, né? O relógio ‘tá’ lá. Nem ponteiro tem. Tem um lado que tem só o bicho lá, só o retrato dele. Não tem nem o ponteiro. (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 1º de julho de 2017).

O assunto precisou ser retomado em outubro. “Aí, prefeito: dê uma consertadinha nesse relógio da Coluna da Hora... Um relógio tão bonito! Parado, nem funciona. Tem um lado que nem ponteiro tem. O pessoal chega, olha pra cima, não vê nada. Pega mal que só, viu?”, diz Bartolomeu. A voz feminina contribui com seu jeito incisivo de reclamar. “Tá parado. Não se bole. (...) Então, pedir logo o prefeito, pra ele olhar aquele relógio, que faz é tempo, ‘ói’ (estalo de dedos), que a gente cobra aqui... ‘nad-a-da’!”.

Ainda em outubro, o pedido de reforma mira também o estádio do município, o Juncão. “Nosso estádio do Junco ‘tá’ meio sambado, ‘tá’ sofrido, ‘tá’ feio! Tá maltratado! (...) Prometeram reforma das cabines de rádio faz é tempo, ó”, denuncia Bartolomeu, estalando os dedos. Aproveita-se o momento para citar “sobejo do Castelão”, referindo-se a cadeiras reutilizadas no Estádio Governador Plácido Aderaldo Castelo, a Arena Castelão, em Fortaleza, que por sua vez tem o mesmo nome que o estádio de Sobral, apelidado de “Juncão”. Bartolomeu fala ainda do “refletor queimado que dá no meio da canela” e que o “time daqui tem é sofrido”, referindo-se ao Guarany Sporting Club, o “Cacique do Vale” de Sobral, fundado em 1938 e atualmente na Série D do Campeonato Cearense.

4.5 Identidade e diferença

“Isso é em Sobral, né? Tinha que ser aqui”. Com esta vinheta do programa, veiculada especificamente no quadro “O que Sobral tem de ‘marromeno’”, atentamos para a questão identitária do “Sábado de todas as maneiras”, de apresentar elementos da cidade e depois justificar que aquele conteúdo é característico do local, e que de certa forma ocorrem condicionados por uma cultura local. Enfatizamos aqui a importância desta positividade (aquilo que sou) da identidade, e da necessidade de seu contraponto com a diferença. “A “diferença” é importante porque é essencial ao significado; sem ela, o significado não poderia existir” (HALL, 2016, p. 153). Como assinala Silva (2013, p. 74), tanto a identidade quanto a diferença são criaturas da linguagem e, por isso, criadas cultural e socialmente. Assim, tornam-se maleáveis e marcadas pela indeterminação e instabilidade, o que não impedem seu carregam o poder de definir.

O discurso contempla a identidade e a diferença, porque se refere a objetos pré-

construídos. É veiculado por sujeitos sociais capazes de agir como agentes e negociar seu relacionamento com os tipos variados de discurso a que eles recorrem. No caso deste objeto de pesquisa, atribuímos sua longevidade no ar e a interação com o público pela postura ativa de apontar elementos de uma identificação territorial localizada. A interdiscursividade, manifestada explicitamente durante o programa por citar as fontes das inspirações das anedotas, ou mesmo quando o radialista não o faz, indiscutivelmente aparece nos retrabalhos de textos, de memórias que geram mais memórias, em um fluxo do individual para o coletivo e vice-versa. Para melhorar a fruição dos episódios pelos ouvintes, são marcados por macroposições perceptíveis pelo público, para compreensão melhor e mais rápida do texto como um todo, bem como melhor recuperação e recordação.

O enredo pode citar apenas a ponte, o teatro, o estádio, o Arco, a Rotatória, a “Cel. José Silvestre”... mas por ter sua trama ambientada em um espaço recortado, Sobral e redondezas, dispensa maiores especificações como “a Ponte Othon de Alencar”, o “Teatro São João”, o “Estádio do Junco”, o “Arco de Nossa Senhora de Fátima” etc. Isso porque conta que o público complete estas lembranças conforme os mesmos referenciais do apresentador. “Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Ainda que, como acentua Hall (2016, p. 108), não há garantia de que cada objeto em uma cultura terá sentido equivalente em outra, a ideia de representação considera a aceitação de um grau de relativismo cultural, certa falta de equivalência e a necessidade de tradução quando nos movemos de um universo mental ou conceitual de uma cultura para outro. Isso garantiria a não exclusão de público potencial do “Sábado de todas as maneiras” de moradores vizinhos a Sobral, ou que tiveram vivências naquele local de forma rápida ou superficial.

Os significados não são fixos, nem governados completamente por um grupo (HALL, 2016, p. 156). Porém, a estabilidade de uma cultura mantém lugares designados para cada coisa. Por exemplo, a preocupação com a necessidade de reforma da Coluna da Hora, citada em mais de uma edição de “O que Sobral de tem de ‘marromeno’”, impõe que uma praça descuidada passa a imagem de uma cidade sem atributos positivos, coisa que nada teria a ver com a “sobralidade triunfante” atrelada a uma pompa e prestígio. Saber o que não somos, a diferença, compõe também o que somos, a identidade. “O que desestabiliza a cultura é a “matéria fora do lugar” – a quebra de nossas regras e códigos não escritos” (HALL, 2016, p.

157). Por isso são imperiosos limites simbólicos que dão às culturas significados e identidades únicos. “A marcação da “diferença” leva-nos, simbolicamente, a cerrar fileiras, fortalecer a cultura e a estigmatizar e expulsar qualquer coisa que seja definida como impura e anormal” (HALL, 2016, p. 157). Por isso, o programa estampa o que seria natural da cidade, e aponta de forma severa e crítica o que seria antinatural naquele cenário, ainda que aliviado pelo senso de humor.

Neste processo de construção do consenso sobre esta unidade (“sobralidade”) é que se constrói o mito do “triunfo”, que, inscrito no passado, deve ser retomado no presente. Ele tende a afirmar a encarnação de uma “alma transcendental” que denomina e sustenta a “alma coletiva”, que visa à integração e à identidade dos indivíduos. A polarização é adotada como recurso de identificação e classificação dos elementos de aceitação do que faz parte da ética coletiva, da identidade coletiva. Sempre aparece em forma de antinomia: triunfo/ fracasso, atrasado/ moderno, sagrado/ profano, moral/ imoral, nosso/ dos outros etc. Esta “alma coletiva” serve tanto como identificador, portanto, classificador, senão também como elemento de integração, não no sentido totalizador do termo. (FREITAS, 2000, p. 102-103)

Outro aspecto levantado por Hall é a estereotipagem, um risco que se corre ao apostar na prática de fechamento e exclusão de uma cultura para a manutenção de uma ordem social e simbólica. Seria se apossar de características de uma pessoa ou cultura, reduzi-la a traços que são, depois, exagerados e simplificados. A estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”; implanta uma estratégia de “cisão”, que divide o normal e o aceitável do anormal e inaceitável. “Em seguida, exclui ou expelle tudo o que não cabe, o que é diferente” (HALL, 2016, p. 191). Inclusive a “sobralidade triunfante”, tratada no primeiro capítulo da dissertação, permite estereotipagens sobre Sobral, como ufanistas, bairristas e superiores sobre o que não vem de território ou influência sobralenses.

Entretanto, ressaltamos a importância desse limite simbólico, da cidade como delimitadora, vindo dela estereotipagens positivas ou não, pois a diferença (neste caso o que não é sobralense) é também uma das âncoras da produção de significados, de língua e cultura, para as identidades sociais, devendo, pelo menos, evitar-se a exacerbação de ver a diferença como “ameaçadora, um local de perigo, de sentimentos negativos, de divisões, de hostilidade e agressão dirigidas ao “outro” (HALL, 2016, p. 160). Uma forma de não cristalizar esse bairrismo é não apostar em uma “naturalização”, uma estratégia representacional que visa fixar a “diferença”; “uma tentativa de deter o inevitável “deslizar” do significado para assegurar o “fechamento” discursivo ou ideológico (HALL, 2016, p. 171).

É possível que o habitante local tenha imagens muito estereotipadas da cidade, diz Sarlo (2014, p. 180), isso porque suas imagens não são construídas a partir do zero, mas acu-

muladas “através de uma experiência tão desatenta para alguns fatos como alerta para outros”. Com este contraponto, vemos que características da cidade que entram ou não no roteiro do “Sábado de todas as maneiras” compõem um testemunho que fala mais do presente do que do passado. Algumas seleções de roteiro podem ser contestadas, mas atestam que uma cidade tem um passado reconhecível em características estilísticas que podem ser codificadas, organizadas e revividas. “Numa era obcecada pela memória, nada garante tanto a autenticidade de uma invenção quanto uma falsa lembrança” (SARLO, 2014, p. 191).

Apesar dos possíveis “fechamentos” ideológicos, a construção de uma identidade coletiva está sempre em curso, com negociações de sentido, jogos polissêmicos, choques de temporalidade. Quando o discurso se refere à cidade, produz críticas, análises, figurações, hipóteses, instruções de uso, proibições, ordens, ficções de todo tipo. “A cidade escrita é sempre simbolização e deslocamento, imagem, metonímia. (...) Escrever a cidade, desenhar a cidade, pertencem ao ciclo da figuração, da alegoria ou da representação” (SARLO, 2014, p. 139-140).

Contar o que se passa nas ruas, e principalmente com os sobralenses/ouvintes do programa, delimita este cenário, especificamente dos quadros analisados neste terceiro capítulo, ao espaço de Sobral não apenas quanto ao referencial geográfico. As imagens pretendem deixar transparecer marcas da cidade que seriam sua identidade, seu espírito, seu modo de viver, diferentes, por exemplo, de outras cidades, por mais próximas que estejam no mapa. Em “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” o desenrolar dos meses trazem cenas desde o primeiro trimestre, com o pré-carnaval, quadra invernososa, Semana Santa, feriados nacionais, festas juninas, aniversário de Sobral, férias de metade do ano, micareta Carnabral e arrumações para as festas de fim-de ano, incluindo previsões para o ano vindouro. Já “O que Sobral tem de 'marromeno’” mostrou reclamações relacionadas, entre outras, às áreas de mobilidade, serviços, ações da Prefeitura Municipal, fatos no ambiente da Câmara Municipal e assuntos das redes sociais de sobralenses. Alguns itens se repetiriam em programas de rádio de qualquer outra referência geográfica, como marcos nacionais e fatos recorrentes no cenário regional, mas o veículo em questão pretende mostrar que Sobral faz visíveis sua identidade, ou ainda suas diferenças, quando comparada a outros locais.

5 CONCLUSÃO

Após 21 anos sendo transmitido pela Rádio Paraíso (FM 101,1), o “Sábado de todas as maneiras” mudou para a Tupinambá FM 100,3. Sua estreia se deu em 1º de dezembro de 2018, com novos *jingles* citando a mudança de emissora e muitos recados de ouvintes e outros radialistas expressando carinho e votos de felicidades. O horário se mantém o mesmo, entre 16h e 18h30 de sábado, e não foi abordado em público o motivo da mudança. No ar, Tupinambá Marques registrou satisfação em trabalhar na rádio fundada por seu pai, o radialista Marcos da Cruz, e nomeada em homenagem ao bispo Dom José Tupinambá da Frota.

O conteúdo do programa não é mais disposto em canal do YouTube, os últimos vídeos foram postados em 2016. Porém, a partir de 2017 e até o momento, as edições que tiveram transmissão simultânea via rádio e Facebook ficam dispostas na página pessoal de Tupinambá Marques, o que possibilita a audição do programa por quem está na cidade ou fora dela.

Ressaltamos a importância de repertório pautado em memórias da cidade de Sobral ser mantido no ar, num meio de comunicação que dispensa uma educação formal para ser usufruído, o que é o caso do rádio. Assim como os Estudos Culturais chamam atenção para as estruturas sociais e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, observamos o rádio como um meio vantajoso para o “Sábado de todas as maneiras” atingir seus objetivos de fazer rir, conhecer e pensar sobre Sobral. Seu ritmo se favorece pelos atributos da linguagem radiofônica de linguagem oral, penetração, mobilidade, instantaneidade e sensorialidade. Sobretudo, a oralidade assume, então, um caráter político de preservação da memória sobretudo de indivíduos que não dominam a escrita, fato que pode ocorrer entre ouvintes preferenciais de rádio.

A interdiscursividade permeia e sustenta o tecido costurado com histórias da produção do programa e de ouvintes e amigos que interagem naquele microcosmo social, entre memórias individuais e coletivas. Se há exageros ou fatos que não mais se repetem com frequência no presente, ou ainda ficções da veia humorística do apresentador Tupinambá Marques, não há o que se discutir sobre o que eleva ou diminui a cidade. A realidade da experiência existe mesclada com a realidade dos meios de comunicação, e não há cidade sem discurso sobre a cidade. Ela existe tanto no que se fala sobre ela quanto em seus espaços concretos.

Símbolos e marcas visíveis dos espaços da Cidade condicionam a construção do invisível, do que se diz sobre ela, no caso de Sobral associado à imagem das várias faces da “sobralidade”. A relação entre sensação imediata vivida e lembranças de experiências possibilita a imagem que se tem da cidade, servindo de fonte para compreender informações e códigos da socialidade e orientar ações no presente. De certa forma o programa reforça esta sobralidade, pois também joga luz sobre a cidade e sua história a partir da construção de uma identidade de pertencimento e reconhecimento dos sobralenses como pessoas de relevante importância, ainda que por vezes essa eminência seja contraposta ao ordinário justamente para sentir um contraste, um choque, que provoque riso. Essa é a tônica de “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”, analisado especificamente nesta dissertação.

Já em “O que Sobral tem de 'marromeno’”, o humor é não apenas um fim, mas um meio para se fazer inteligível aos ouvintes em meio a reclamações sobre acontecimentos e atitudes de moradores e instituições municipais. O humor alivia a rispidez dos registros de insatisfação quanto a serviços, locais descuidados e tratamento inadequado de algumas pessoas. A ferocidade da crítica é atenuada por piadas e a licença criativa por interpretar personagens permite acrescentar ficção a cenários e contos reais.

De maneira geral, o objetivo do programa é fazer rir, mas a piada só cumpre o seu ciclo se o ouvinte compartilhar daquele repertório sobralense de lugares, pessoas, fatos e uma certa lógica que dirige o viver. O programa atua como vitrine da cidade, ou até como espelho. Pretende mostrar Sobral e por vezes fazê-la se ver, em pontos positivos e negativos, a fim de abarcar festividades, elogios, reclamações e reivindicações. Usa representações, conexões entre conceitos e linguagem para se referir aos objetos, sujeitos ou acontecimentos, e memórias da cidade há muito cultivadas. Como exemplo, principais praças e ruas, muitas delas tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e hábitos bairristas, como sempre avaliar melhor o que é ligado à cidade, como uma nobreza inerente à “sobralidade triunfante”. Como já dito, inverter estes valores, contrapondo o simples e o sofisticado, ou desafiar esta inerente importância com críticas à cidade são algumas das fórmulas de obter o riso, ainda que às vezes esbarre em estereótipos sobre aquele local.

O “Sábado de todas as maneiras” figura ainda como uma ligação sentimental para sobralenses que hoje moram em outros locais e acompanham a transmissão pela Internet. Ouvir sobre a cidade, mesmo que morando em outras cidades, estados e inclusive fora do país, remonta um cenário que aconchega, faz sentir próximo, em casa, talvez por possibilitar, a cada vez que vai ao ar nas tardes de sábado, a experiência de estar em Sobral. Esta

identificação localizada territorialmente integra a identidade pessoal, e tem no “Sábado de todas as maneiras” uma possibilidade a mais de se sentir em casa através das ondas do rádio.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Origem da Cultura Sobralense**. Sobral: Edições UVA, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BESSA, Telma e ARAÚJO, Alana. **Sobral: outros olhares, outras memórias, outras histórias**. Sobral: Instituto ECOA, 2012.
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- COSTA, Lustosa da. **Sobral: cidade de cenas fortes**. Fortaleza: ABC Editora, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coordenadora de tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FERREIRA, Diocleide Lima. **A (re)invenção de uma cidade: Cid marketing e a requalificação urbana em Sobral-CE**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- FREITAS, Nilson Almino de. **O Sabor de uma cidade: Práticas cotidianas dos habitantes de Sobral**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE.
- _____. **Sobral - Opulência e Tradição**. Sobral: UVA, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1994.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- _____. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.
- MARTINS, Ticiania Lorena Acosta; SILVA, Erotilde Silva. O riso no Brasil: o caminho para a gargalhada radiofônica. *In: História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil*. Klöckner, Luciano e Prata, Nair (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- MELO, Denis. **Cama de baleia: imaginário da população da ribeira do rio Acaraú em Sobral - Ceará**. Recife, UFPE, 2001. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

OLIVEIRA, L. M. **Ironia e metáfora - a linguagem figurada**: o seu efeito argumentativo e a sua aplicação no ensino da língua materna. In: I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2008, Uberlândia. Múltiplas perspectivas em linguística. Uberlândia: Editora ILEEL Uberlândia, 2006. p. 1686-1691. Disponível em http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_090.pdf Acesso em: 24 fevereiro 2018.

PAULA, Maria Jaqueline Gomes de. **Do Becco à Cidade**: Representações de um espaço urbano em Sobral – CE. Monografia de graduação: Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. Em: **Revista Esboços**, Florianópolis, v.11, n.11, p.25-30, 2004.

PIMENTEL, Cristiane M. S. **A Educação está no ar**: a Comunicação Pública no programa Jornal da Educação da Rádio Universitária FM. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, RJ, v. 5, 1992.

ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? **Revista USP**. n. 15, set./out./nov./1992.

SARLO, Beatriz. **Mercadorias e cultura urbanas. Tradução de Monica Stahel**. 1ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SILVA NETO, F. S. **A gênese da “cultura moleque cearense”: análise sociológica da interpretação e produção culturais**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- CE.

_____. **O "Ceará moleque" dá um show**: da história de uma interpretação sobre o que faz ser cearense ao espetáculo de humor de Madame Mastrogilda. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- CE.

SOARES, Maria Norma Maia (org.). **Eclipse de 1919**: múltiplas visões. Sobral: Ed. UVA, 1999.

VAN DIJK, Teun. **Cognição, discurso e interação**. 6. Ed., 2ª. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 1992.

VENÂNCIO, Rubens. **Espaços da experiência como espaços da memória: narrativas e imagens entre os canoeiros do Rio Acaraú**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

YOUTUBE. Sábado de todas as maneiras, 23 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sHtrQwG1FCg> Acesso em: 21 janeiro 2018.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM TUPINAMBÁ MARQUES
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM TUPINAMBÁ MARQUES REALIZADA
EM SUA RESIDÊNCIA EM SOBRAL NA TARDE DE 19/03/2018

(Claudiene) Você pode falar da motivação de cada quadro do “Sábado de todas as maneiras”?

(Babá) Desde já, quero agradecer pela oportunidade. São quinze quadros, mais ou menos. Isso varia de época, mas geralmente são quinze quadros. Começando pelo “Signo”. No “Signo”, da Fabíola, eu trabalho em cima da nossa realidade, daquilo que eu sinto que as mulheres fazem no dia-a-dia, a vida corriqueira das pessoas, das mulheres principalmente, porque o “Signo” é voltado pra mulher. E eu vejo mais ou menos o que elas fazem no dia a dia e nisso eu vou escrevendo, criando, em cima do humor, claro. Então tudo isso é humor. É o que você faz na rua, na casa lotérica, até num velório, num aniversário, num casamento, entre os comportamentos... Então o “Signo” é geralmente em cima do dia a dia da mulher. O que ela faz no salão de beleza, as conversas... A realidade, eu transformo isso em humor da vida real. Meu slogan do programa é esse: o humor da vida real.

Tem também um quadro muito bom que é “Dicas pra você, mulher, não perder o seu homem”, e tem também “Dicas pra você, homem, não perder a mulher que você gosta dela”. Esse quadro é com a Fabíola, que se destaca muito, e é mais ou menos parecido com o “Signo”, só que dá uma dica pra mulher de como segurar o homem dela, ou o macho dela, como se diz (risos). As pessoas se expressam dessa maneira. Aqui no Ceará é assim. Então a gente dá dicas pra mulher fazer as unhas, tirar rachaduras dos pés, fazer uma depilação... que a gente chama geralmente de rebaixar o gramado, para não ser tão leviano, não ser tão baixo no rádio, até pra que as crianças não entendam. Uma pessoa adulta já entende isso. Então é basicamente isso. E o homem também, pra se cuidar. Não vá com aquelas cuecas “véa” frouxa... que não toma banho, que não limpa as unhas, que não se depila. A gente brinca muito em relação a isso e tem um fundo de verdade, de realidade, mesmo sendo humor. É um humor que a gente pode entrar na casa da pessoa com leveza.

Tem também o quadro “Ô aperreio”. São coisas que você imagina, por exemplo... a pessoa está num lugar e de repente dá uma dor de barriga. Você não tem onde recorrer. Às vezes você faz ali mesmo. O jeito que tem é você pedir arrego, pedir um banheiro, uma coisa, então acontece isso. Num ônibus, você está numa cadeira lá na frente e quer chegar lá no banheiro e não chega a tempo. Então chama-se aperreio. É um quadro que a gente usa uma verdade que acontece. Uma realidade. Estamos sujeitos a esse tipo de coisa. (Quem apresenta esse?) Aqui é o Bartolomeu. Divide os quadros com a Fabíola. A maioria dos quadros são com eles.

Tem também um com a Fabíola, que é a “Previsão do tempo”. A gente usa muito os distritos de Sobral, as redondezas, distritos de cidades da região aqui. Agente brinca muito até pra valorizar essas cidades e distritos porque a gente sabe que eles prestigiam a gente. Aí a gente diz que tá vindo uma frente fria de Irauçuba no rumo de Sobral. Irauçuba é conhecida como terra muito quente (risos), e dificilmente chove por lá. Mas chove, é uma lenda isso. Então a gente brinca muito com Teresina também. É com a Fabíola mas a gente mesclou, colocou a Maju no meio também agora, pra brincar. A gente coloca pra falar com a Maju... “Vai falar agora com a Maju”, aí... “Alô, é a Fabíola”... Então é a Fabíola quem dá as cartas. Se tornou um quadro interessante porque o Ivo teve essa ideia pra mim. O Ivo é meu operador e é um cara muito bom.

Tem também o quadro “Ô bicho besta é gente”. Por que esse quadro: esse quadro retrata a realidade dos momentos de fraqueza que o ser humano tem. Por exemplo: tirar *selfie* com político, aí bota a vinheta “Ô bicho besta é gente!”. Tem também outra situação pro “Ô bicho besta é gente” é você... digamos assim, se amostrar com roupa nova... comprar um carro

novo e deixar os plásticos nos bancos... Então tudo isso aí é coisa que a gente cria pro “Ô bicho besta...” São na faixa de dez, doze situações por semana. No caso também, político achar que é autoridade e não é. Político é empregado do povo. Então ele se sente muito importante porque ele acha que é autoridade e não é, ele é empregado do povo. Isso a gente bota no quadro “Ô bicho besta é gente”. É com o Bartolomeu. Com o Bartolomeu se torna até mais engraçado.

Tem também o quadro “É o novo!”. São coisas antigas, palavras, ditados, brincadeiras, lugares... então é muito amplo esse quadro, porque pode ser uma roupa antiga,.. por exemplo calça S-top, boca de sino... Aí a gente bota “É o novo!”. Aí bota loja de Sobral antiga, bota o nome de novelas antigas, os programas de rádio antigos... e tudo isso abrange. O “É o novo” é muito complexo. São muitas coisas antigas que a gente resgata e as pessoas que escutam acham bom porque dali vai criando mais coisas. As pessoas dão dica pra colocar no próximo sábado. O público é muito inteligente. Eu faço um programa inteligente pra um público inteligente. É um humor crítico sem apelação, só o que consta na vida real. O narrador é o Bartolomeu.

Tem também “Serviço de Inutilidade Pública”. É com o Bartolomeu também, e tem os “Avisos” com o Bartolomeu. Geralmente nesse quadro, “Serviço de Inutilidade Pública”, a gente bota que a pessoa perdeu uma sacola contendo umas coisas antigas, tipo um pente redondo de bolso... uma caixinha de naftalina... Coisas que já não se usa mais. Naftalina em roupa deve ser horrível, né? Dá uma coceira doida (risos). É um quadro colocando nomes de pessoas que existem realmente. As pessoas se sentem prestigiadas porque a gente cita nesses quadros. Se sentem lembradas, prestigiadas. Os “Avisos” com o Bartolomeu é, digamos assim... o exemplo aqui com a Claudiene: “Alô, Claudiene, a sua prima avisa que tá chegando de Fortaleza e pede pra esperar ela na rodagem”, ou coisa parecida. Se usava muito isso antigamente no rádio, e é um resgate desses avisos só que na base do humor. Antigamente era “atenção, fulano de tal, avisa que vai chegar na sua casa de madrugada”, então eu criei esse quadro dos avisos pra que a pessoa... “Alô, fulaninha, a fulaninha avisa que quer sua chinela que pediu emprestado, de novo”... É uma coisa que inclui o nome de pessoas que realmente existem pra que... Digamos que é uma homenagem ao ouvinte, às pessoas que se sentem prestigiadas quando a gente cita os nomes delas nesse quadro.

Tem também o quadro “Me engana que eu gosto”. É um quadro novo. Por exemplo, seria motivado por coisas que acontecem... críticas em relação à cidade. Por exemplo, “em Sobral dificilmente se vê um carro buzinando”. Aí bota a vinheta “me engana que eu gosto!”. Então são críticas... dizendo que os vereadores dormem e acordam pensando no povo. Aí bota a vinheta “me engana que eu gosto!”. São várias tonalidades de vinhetas que eu produzo nesses quadros. É com o Bartolomeu. Acho que o Bartolomeu se destaca até mais que a Fabíola em vários quadros porque se adapta mais a ele.

Tem também esse quadro “O que Sobral tem de ‘marromeno’”. São as realidades, as falhas que acontecem na cidade. A gente faz críticas construtivas, sem apelação, sem denegrir, sempre com um certo nível, mas sempre com humor... cobrando por quê que não asfaltaram uma rua, por que tem um cano furado, por que não tem semáforo numa rua... por que tem semáforo demais também... Tudo se engloba no quadro “O que Sobral tem de ‘marromeno’”. O ‘marromeno’ aí é mais ou menos. ‘Marromeno’ é uma coisa que não é muito legal. Por exemplo: Claudiene, foi à festa? Fui. Foi boa? Foi marromeno. Quer dizer, não foi muito boa. Foi marromeno, né? Então esse quadro trata algumas falhas da cidade, pra que as autoridades tomem pé da coisa e deem um conserto. E eu sinto que o que a gente fala, o que a gente cobra, eu acho que tem sido até ouvido, né? Inclusive esse meu quadro já foi matéria em vários canais. Os professores já me disseram que esse quadro foi pauta na sala-de-aula e isso me deixou muito feliz.

Tem também o quadro do Alfonção. Alfonção é um nome que talvez nem exista. O

nome certo é Afonso. Mas como eu não quero ter ligação com político nenhum eu deixei Alfonção, e com cedilha ainda mais. É um personagem que retrata a política brasileira. Ele satiriza a política. Eu tento mostrar através do meu personagem, o Alfonção, que é um deputado federal vitalício, que não sai nunca... Ele mostrando as falcatruas que existem na política brasileira. A gente vive aí num mar de corrupções, e o Alfonção se adapta muito bem a isso. Ele mostra pras pessoas como é que funciona a política nos bastidores. Então é o quadro que retrata a realidade da política brasileira com muita crítica e verdades. Porque... aquele negócio de colocar na folha, botar o nome da pessoa na folha, dizer que vai receber sem dar um prego numa barra de sabão. Ele tá ali e tem sempre o assessor com ele pra assessorar, pra dizer onde é que ele tá, quem é a pessoa que tá ao redor dele. Então eu satirizo a política em cima disso. Aproveito o Alfonção... acho que ele fala muita coisa que as pessoas querem dizer no palco. Acho que eu represento às vezes muitas pessoas, que querem falar dessa política brasileira, que pra mim tá corrompida faz é tempo e acho que com muito desses trejeitos aí. Bom, esse aí é o Alfonção, deputado federal que tá sempre fazendo almoço na casa das pessoas, na forma de angariar votos, de comprar votos, dizer que vai botar o nome da pessoa na folha, e se corrompe e corrompe as pessoas. Então é uma sátira em cima do político brasileiro na grande maioria.

Tem também o pastor de nome Malaquias. Foi uma voz que eu criei, em cima desse personagem... As pessoas falam muito que as igrejas têm a mania de querer só dinheiro, dinheiro, dinheiro, e ele chama o nome dele de fé. Pra não ser tão direto, ele diz: ó, irmãzinha, você chegou aqui sem nem uma fezinha e tal... Cadê sua fé? Mostre que você é uma pessoa de fé. A pessoa vai, tem que pagar um dízimo ali, com tanta fé... Fé é o dinheiro. Então também é uma sátira em cima dessa coisa de vender fé. No começo fui até criticado por algumas igrejas mas eu não arredei pé. Tive que continuar porque não tinha nome de igreja. Faço piada com igreja católica, com evangélica, e tudo mais, pra não ter negócio de... ah, tá puxando pra um lado ou pro outro... Não... Então o pastor Malaquias também retrata um pouco da realidade de muitas igrejas evangélicas no Brasil. Então Sobral não podia ficar de fora. São muitas igrejas e o personagem Malaquias, que é o pastor que eu faço, ele retrata um pouco dessa realidade. De Fogueira Santa... o cara bota moto na fogueira, chave de carro, celular caro, então tudo isso aí se transforma em humor. É uma sátira gostosa, que as pessoas pedem também pra entrar nesse quadro, e isso me deixa muito feliz.

Temos também “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”. Esse quadro é com a Fabíola. Eu peguei esse mote porque antigamente os programas de rádio e TV... acho que até alguns ainda... falam muito da vida dos artistas lá do Rio de Janeiro, da Globo, televisão e tal... e aquilo ali não interessa pra gente, sabe? Então o que foi eu fiz: eu botei o nome de pessoas que existem realmente, da cidade, dizendo por exemplo: “fulano foi vista ontem tomando um caldo bemquentinho no Tônico Lanches e depois foi contar os vagões do trem passando... São coisas que a pessoa não tem nada a ver com aquilo mas a gente bota. Geralmente eu boto um brega no chique, o chique no brega. A gente bota uma pessoa que tem costume de jantar, digamos, no Cícero's Bar, no Chicão 2000 ou em outro restaurante da cidade... a gente bota que ela tava lá no Mercado tomando uma sopa... e legal... as pessoas gostam. Na hora tem uma vinheta que pergunta assim “quem é esse daí? Nunca ouvi falar”. “Rapaz, aqui é o fulano de tal!” A Fabíola diz assim: quem foi visto dançando frevo lá em Recife (risos) foi a nossa amiga Claudiene, que é de Sobral. Tava lá dançando o frevo e depois foi tomar um... bota lá um caldo quente, uma coisa assim... A gente bota o nome de pessoas que existem realmente. A gente tira o nome das pessoas famosas da TV e coloca nomes de pessoas daqui da cidade, até pra prestigiar, e muitas pessoas pedem para que a gente coloque. “Ó, me bota nos famosos”. Então a gente prestigia dessa maneira.

Eu tinha um quadro que era “Destrinchando sonhos”, com a Fabíola. Pessoa dizia o que sonhava. Por exemplo, eu sonhei com meu ex-namorado... Eu mesmo criava a pergunta e

a resposta. Aquilo eu fazia como se a pessoa escrevesse pra mim, perguntando: “olha, o que significa eu ter sonhado eu paquerando com o delegado, por exemplo... com um policial. Aí a Fabíola dizia que tenha muito cuidado que ele ia prender você, ia algemar você... Na verdade isso tem um duplo sentido, né? Aquele negócio de coisar algemado e tal. Então é mais ou menos nesse sentido aí, “Destrinchando sonhos” com a Fabíola. Eu criava a situação e destrinchava o sonho. Esse quadro já foi tirado mas era um quadro que era muito bom também porque a gente tá sempre criando. Eu criei o quadro “Me engana que eu gosto” em vez desse aí e assim vai. A gente tá sempre inovando. Também já fiz muitas novelas, imitando as novelas da televisão. Eu tirava o ator principal ou atriz e colocava o Bartolomeu ou a Fabíola contracenando com um deles lá. Realmente muito trabalhoso porque tinha que editar. Eu escrevia de acordo com o que eles falavam lá. Não tinha nada a ver com o assunto deles, mas em cima do que eles falavam eu fazia o meu texto. Então fiz um propósito até de não fazer mais a novela porque no tempo que o comendador morreu, eu não queria que ele morresse porque eu assistia a novela... que eu até fazia essa sátira... e quando mataram eu deixei de fazer a novela. (risos)

(Claudiene) Lembro muito do último capítulo daquela do Antônio Fagundes...

(Tupinambá Marques) Isso. Pois é. Mataram o comendador lá. Não gostei, disse “rapaz, se mataram o homem, eu deixo de fazer a novela”. Me chateei. Não fiz mais, não. Mas é um quadro muito bom. Muito bonito. Tenho muitos aí gravados, arquivados, novelas antigas... passei uns dez anos fazendo novela.

Então, Claudiene, é mais ou menos isso. O programa em si retrata a realidade do que nós fazemos no nosso dia-a-dia. Retrata a vida corriqueira das pessoas. A gente transforma aquele humor, sem agressividade. É uma realidade que eu faço, que você faz, que muita gente faz na rua e assim criaram o programa “Sábado de todas as maneiras”, há 21 anos.

(Claudiene) E a questão do que não é quadro, mas, como você disse, coisas que vem e vão... Por exemplo, o encerramento imitando o Padre Juscelino, ou alguma vinheta que vem e volta.

(Tupinambá Marques) Tem um quadro... que não é nem quadro, não... Isso surgiu naturalmente, quando eu perguntei no começo: “quem você quer que jogue no rio?” Aí ligava muita gente! “Joga minha mãe... joga meu namorado... joga meu filho que não quer tomar banho”. Então a gente tem uma vinheta, que é aquela pancada dentro d’água e faz “tchibum!” e tal. E aí as pessoas hoje pedem... Digamos que é um protesto branco. “Joga o prefeito!”, a gente joga. “Joga o Veveu!”, eu joga. “Joga o Ivo”, eu joga. “Joga o deputado fulano!”, joga sim. Então as pessoas pediam muito, ainda pedem hoje. Isso não é quadro, é um improviso que tem no meio do programa. Tô aqui fazendo o programa e de repente recebo uma mensagem no Facebook pedindo pra que jogue o fulano de tal no rio porque não quer tomar banho... porque não quer sair... porque tá muito antipática... Eu acho engraçado porque a pessoa joga mãe, joga filho, joga irmã, namorado, marido, é muito engraçado. E as pessoas gostam muito desse... Digamos que é um quadro hoje mas não fixo, né? A pediu pra jogar a gente joga.

(Claudiene) Ele seria no sentido negativo ou positivo?

(Tupinambá Marques) Também... Acho que ele é mais positivo. Porque a intenção é brincar com a pessoa... no rio Acaraú... As pessoas pedem muito. A gente acompanha pelo Facebook... que é muito rápida aquela passagem de pessoas que vão assistindo a gente, comentando... Se eu ouvir ali a gente joga. O Ivo é um operador muito bom que pega logo a vinheta ali. Aí quem joga é a Fabíola. A Fabíola é quem joga a pessoa no rio e aí vem uma vinhetazinha “vou não. Tô com medo. Não vou, não”. E a Fabíola “Cê vai, cê vai, cê vai agora!” (imita a voz da Fabíola). Então a gente joga a pessoa no rio e tem aquela vinheta “tchibum!” dentro d’água e tal. Então, pronto, aí já foi. As pessoas querem, digamos, não é nem se ver livre daquela pessoa, não. É só mesmo pra jogar porque... só pra jogar no rio e

pronto. Não é um quadro mas é uma coisa que sempre tá lá nos nossos programas.

(Claudiene) E o canto de parabéns?

(Tupinambá Marques) O canto de parabéns eu gravei com vários personagens meus, lá no Beto Brandão, e aquele cantar de parabéns ali é bem diferenciado. É uma banda sem ritmo... é uma banda bem diferente. É “atenção, nêgada, vamo cantar os parabéns!”. E aí começa “parabéns”... um bocado de gente cantando, batendo tambor e tal. É um negócio diferenciado, bem alegre, bem divertido e todo mundo gosta desses parabéns. Muita gente pede “olha, eu quero com o conjunto do Bartolomeu”. Conjunto!? É o novo! (risos)

(Claudiene) Como você definiria o perfil da Fabíola e do Bartolomeu, já que são os apresentadores mais presentes?

(Tupinambá Marques) A Fabíola, eu senti de uns tempos pra cá ela muito carismática, muito querida. Mesmo as pessoas sabendo que sou eu, mas elas têm a Fabíola como uma pessoa totalmente diferente de mim, sabe? Tanto é que... “olha, quero que a Fabíola mande um alô pra minha filha”. É muito bacana. Eu me sinto muito honrado com isso. A Fabíola, como eu já falei em outras palavras, o perfil dela é crítica. São críticas, são realidades. Aquilo que nós fazemos no dia-a-dia. Retrata muito a cara do programa. E assim também é o Bartolomeu. Ele é um personagem crítico, porém verdadeiro, sem apelação, e assim são esses dois que mais se destacam no programa. Inclusive uma vez as pessoas de fora vieram conhecer os personagens, deram valor mais a eles e menos a mim. Muita gente... agora não, estão vendo no Face como é feito, mas no começo, há uns 20 anos, recebia cartas naqueles papéis de fax, muito grande, com beijo pra todo mundo, menos pra mim. Então as pessoas... “Olha, quem é o Bartolomeu?” Aí eu tive que fazer. Uma vez até a pessoa se decepcionou porque disse que passou vergonha, porque eu disse que era eu que fazia as vozes... Então pra mim foi até interessante. A pessoa ficou com vergonha porque se sentiu lesada... Mas não foi isso. A intenção que eu dou é pra pensar que é outra pessoa, mesmo, que tá comigo, que a voz é totalmente diferente do meu timbre de voz. Mas foi bom porque ela soube quem fazia as vozes, ao mesmo tempo eu lamentei porque ela se decepcionou porque ficou com vergonha, né? Ouvintes vieram de Varjota. Hoje ela mora em Salvador, já foi embora. Mas é muito gratificante fazer rádio dessa maneira, um rádio que... ele agrega as pessoas. Porque eu falo em você, falo em outro acolá, um dia você se encontra com ela e... de repente a pessoa “ah, você que é a Claudiene?”, “você que é fulana?”. Então vocês ficam amigas. Meu programa já faz muito isso. Pra mim é motivo de muita alegria.

(Claudiene) Queria que você falasse das vezes em que as pessoas vêm fazer reportagens. Eles vêm em busca de personagens ou eles deixam você falar à vontade?

(Tupinambá Marques) Eles vêm atrás de um personagem. A Fabíola foi descoberta em São Paulo, há um tempo atrás. Já fiz dois trabalhos pra Record. Vieram falar com a Fabíola. “Quem é que fazia a Fabíola?”. Rapaz, sou eu. Aí fiz o trabalho, me maquiei. Fiz um vídeo me maquiando em casa, mostrando como é feita a Fabíola, os apetrechos, a indumentária. Maquiagem muito pesada por sinal, muito quente, mas muito gratificante. A Fabíola consegue agradar crianças e os adultos. Então fico muito feliz com a receptividade da personagem.

(Claudiene) E outra, que eu mesma lembro... não sei se era Bartolomeu, mas era o Show do Milhão, na época da Fenaiva no Centro de Convenções.

(Tupinambá Marques) Faz tempo... Ali foi um dos primeiros que eu fiz. Me inspirei no Show do Milhão do Silvio Santos, e as perguntas geralmente são feitas em cima da nossa realidade, em cima de Sobral. Porque eu moro aqui, então tenho que explorar Sobral. Eu fazia, por exemplo, uma pergunta bem atual... “Qual a maior vila do mundo?” Aí a resposta seria... três opções: Vila União, Vila Cívica ou Vila Olímpica? Então quem é de Sobral sabe que a Vila Olímpica não terminou ainda. Então as perguntas são feitas em cima disso. Outra pergunta do Show do Milhão, que é Show do Tostão é... por exemplo, geralmente o que mais se ouve falar quando se vai a um velório? Resposta número 1: a pessoa olha pro defunto e fala

“olha, parece que tá dormindo!”. Resposta número 2: “olha, mas tá a cara dele!”. E a 3: “Ontem ele tava bonzinho na calçada”. Então é essa realidade, e a gente transforma isso em humor. Coisas que você ouve realmente em velórios. Então o Show do Tostão hoje está no show do palco... A gente tá sempre atualizando as perguntas e as respostas. Um que já passaram não convém mais citar hoje, então... a gente tá sempre criando, atualizando esse quadro, que é muito bom. Cada pergunta e cada três opções são motivo de risos. Então a gente conta como piadas. Com certeza são como se fossem quatro piadas, tanto a pergunta como as três opções, e quando a pessoa responde aí é que se torna engraçado mesmo. Porque uma das três tá valendo, mas tem outras que são mais... é aquela dali mesmo e pronto. Não tem escapatória. Isso aí... eu fazia no rádio, mas eu bloqueei e fiz só para o show. Achei um quadro bem rico, bem interessante, e que as pessoas participam e ganham prêmios. Levo brindes bons, a gente brinca muito em cima disso aí, e as pessoas participam e ganham e ficam felizes, e isso é muito bom. As pessoas se destacam no palco, dançam, brincam, e é isso. Interaço muito com o público no show.

(Claudiene) Falando em público, gostaria que você falasse sobre aquela feira de colégio, que teve homenagem, a criança de Fabíola, e a colaboração do público No roteiro do programa.

(Tupinambá Marques) Essa homenagem do colégio pra mim foi, assim, um troféu, sabe? Você ver uma criança vestida como a sua personagem, uma criança de 8,10 anos de idade... aquilo ali não tem dinheiro que pague. Eu chorei, me emocionei, porque você ver você sendo homenageado na sua cidade... isso é muito difícil às vezes. Dizem que santo de casa não obra milagre, mas acho que me sinto muito honrado, prestigiado muito aqui em Sobral. Sabe, quando eu passo na rua, as pessoas me vêem como um artista... fico até envergonhado, mas sinto isso. Elas me vêem como um grande fruto do humor, sei lá, e isso me deixa muito feliz mas ao mesmo tempo muito pé no chão. Não me sinto mais do que ninguém. Isso aí todo mundo me conhece, eu sou assim. E quando eu vi essa menina vestida de Fabíola, a Diana do Colégio Sant' Anna, na primeira vez, eu confesso que fiquei sem ação. Eu chorei, me emocionei. Eu olhava pra menina e não acreditava. Pôxa, uma Fabíola, uma Fabiolinha... Aí você ser homenageado num palco, o colégio lotado, então, pra mim, foi um momento, assim, ímpar. Eu não esqueço nunca. Tenho essas fotos guardadas com muito carinho, e teve outra vez no Colégio Santo Antônio, que me homenageou, me colocou lá, tipo um “Arquivo Confidencial”, que também chegou outra menina de Fabíola... Também chorei, me emocionei mais uma vez. Santo Antônio e Sant' Anna, dois colégios que fizeram essa homenagem ao meu trabalho. As irmãs do Santo Antônio foram muito bacanas, muito... Ave Maria, não sei nem o que dizer. Essa homenagem, pra mim, marcou muito positivamente, porque você ver uma criança vestida com a sua personagem, com a peruca... e querendo falar como a Fabíola... é muito gratificante isso, muito gostoso. Isso aí pra mim foi um momento que eu jamais esquecerei. Pra mim foi um dos maiores troféus que eu já recebi.

(Claudiene) E a questão do roteiro que não necessariamente é criação sua, que as pessoas sugerem...

(Tupinambá Marques) É... dá uma luz pra gente, sabe? Uma vez eu pedi sugestão pra coisa antiga, “É o novo!”. E eu esperei até pouca coisa, mais nada... Foi tanta coisa que eu consegui fazer 3 programas... Geralmente são 20 itens pro quadro “É o novo!” e nesse dia tinha umas cento e poucas, mas como tinha algumas repetidas... Tinha até mais, mais de duzentas postagens, e eu guarde, e toda semana ia buscar no Facebook e aproveitava aquilo ali. Então agradei as pessoas que colaboraram comigo pra fazer esse programa. É muito bom. O bom disso aí, Claudiene, é porque as pessoas interagem muito com a gente, elas entram no clima da coisa, sabe? Isso é muito gostoso, muito gratificante, eles respeitam a gente, né? Então se torna, assim... quadros com credibilidade, com respeito. Então aprendi a respeitar todo mundo pra ser respeitado. Então isso é muito gratificante pra gente. Graças a Deus, é um

programa que já tem 21 anos. Muito trabalho, gente, é muito trabalho mesmo... muita dedicação. Já começo a fazer o programa do outro sábado no domingo de manhã. Escrevo segunda, terça, quarta vou pro Beto gravar. Os quadros que são gravados, que é o pastor, o Alfonção, as piadas, que às vezes eu faço algumas piadas e pego piadas em geral, transformo algum assunto em piada também, e o quadro do pastor. Então são quatro quadros gravados: o pastor, “O que Sobral tem...”, as piadas, o Alfonção. E tinha também o “Café com Pão”, com o deputado Alfonção, porque tinha o “Café com o Prefeito”, e eu satirizei com o “Café com Pão”, e rimou, com o deputado Alfonção. Então o personagem era o Alfonção, e a mulher que fazia as perguntas, já tudo mastigadinho, pra ele, voltando pro início, mostrando como é a política. Você vai pra um programa de entrevistas, você que dá as perguntinhas pra ela fazer pra você. Então eu fazia muito isso aí e ele dizia que... se não tinha problema... “Não, a gente edita e tal. Não se preocupe, não”. Então era assim. Mais uma realidade dos quadros que a gente fazia, e poderá voltar um dia esse quadro.

(Claudiene) Eu lembro dele... que era tipo “Café com o Prefeito”, e por sua vez tinha o “Café com o Presidente”...

(Tupinambá Marques) Isso. Então, satirizo muito em cima do que fazemos na cidade. Eu satirizo por exemplo repórter que pergunta... “político que tá trabalhando muito pelo povo”. Aí eu “claro que ele vai dizer que tá”. Então é isso. A nossa realidade é essa aí. É o humor da vida real. Eu transformo em humor aquilo que eu escuto aqui na rua, que eu vejo na rua.

(Claudiene) Fique à vontade pra falar sobre os lugares daqui que você mais anda, ou se você mora aqui desde que nasceu, sua rotina dos lugares onde mais anda e acabam sendo citados.

(Tupinambá Marques) Na verdade eu... às vezes só passeando pela cidade pra ver alguma coisa. Eu brinco com os bairros que tem mais ouvintes também... Minha rotina é muito fácil. Eu não saio muito. Não sou muito da noite, não. A não ser que tenha um show pra fazer. Mas não sou de sair muito, não. Eu cito nomes de bairros pra prestigiar as pessoas. Eu boto Sinhá Saboia, boto Santa Casa... Eu boto Campo dos Velhos... Então a gente brinca com as pessoas, que se sentem prestigiadas quando a gente cita o nome do bairro, até numa brincadeira. Minha rotina é muito fácil, então não tem muito segredo, não. Eu saio muito pouco mas às vezes saio pra ver como estão as coisas por aí pra falar mesmo, como é que tá a cidade.

(Claudiene) Algo mais sobre o roteiro do programa? É fácil entrar ou tirar coisas do roteiro?

(Tupinambá Marques) Por exemplo, o quadro “O que Sobral tem de ‘marromeno’”... Às vezes eu cobro uma coisa, e eu passo... e já vi uma coisa que tava com defeito, aí no outro dia eu passo e tá consertado. Eu tenho que ajeitar aquilo, tenho que editar, tenho que tirar, se eu já gravei, não posso mais ir lá no Beto e regravar. O que é que eu faço: eu peço pro Ivo editar, tirar aquela parte, porque eu estaria sendo leviano, mentiroso, sem credibilidade, porque é uma coisa que eu tô cobrando, que já foi feita. Então tenho que ter muito cuidado com isso. E se acontecer, no outro sábado eu faço o acerto. A gente faz a correção.

(Claudiene) E quando tem músicas, é você quem canta?

(Tupinambá Marques) Eu canto muito em cima das músicas, mas eu tenho muitas paródias com o Bartolomeu. Talvez umas 30 paródias aí, mas aquela vinhetazinha “tu vens, tu vens... Sobral, em cada esquina tem sinal” (cantando), aquilo ali foi o (Stúdio) Beto Brandão com algumas crianças que cantaram pra mim. Porque eles sabiam que eu cobro muito em cima daquilo ali, então botaram agora recentemente muito sinal ali naquele entroncamento de quem vai para o Palmeiras, vai para as Marrecas, quem vai pro Sinhá Saboia. Tinha muito semáforo ali que tava confundindo as pessoas. Eu nem cheguei a ver, mas antes que... Eu falei no quadro que aquele sinal tava confundindo as pessoas, e o Ivo, como é muito criativo...

Rapaz, trabalhar com o Ivo Aragão pra mim é uma segurança muito grande, sabe? É um cara... parece que adivinha meu pensamento. Bota aquelas vinhetzinhas ali quando necessário. “Em cada esquina tem sinal”... realmente. Mas Sobral carece muito de educação no nosso trânsito ainda. Infelizmente, aquilo foi uma falha mas... sobralense dirige às vezes muito mal, assim... ele não respeita a sinalização. E eu dirijo por mim e por muitos às vezes.

(Claudiene) Você já se imaginou trabalhando roteiro do programa sem o humor, ou o humor é primordial na concepção do programa?

(Tupinambá Marques) Olhe, pra mim o humor é... primordial aí. É importante demais. Tudo o que eu vejo, eu vejo sempre uma coisa do lado humorístico no meio. Não consigo... A não ser meus momentos mais pessoais, quando a gente tem alguém da família que a gente perde, assim... A gente fica meio... A gente perde o reboado, pra fazer humor, fica difícil assim. Mas sempre a minha tendência é fazer humor. Humor tá na veia já. Desde criança eu sempre fiz isso. Desde criança eu arremedei as pessoas. Apanhei muito do meu pai porque eu arremedava as pessoas. Hoje é imitar, hoje é luxo. Imitar é um nome bonito, né? Mas eu arremedava muito as pessoas, apanhei muito. Então já tá no sangue, tá no DNA já, isso aí. Muitas pessoas me confundem muito até com o pastor, a minha fisionomia com o que eu faço, com as vozes que eu faço, com os tipos de vozes. Faço mais de cem tipos de vozes. No show são usadas mais... claro que não são as cem, mas os personagens mais caracterizados. Então o humor tá sempre presente em tudo. São vozes... caracterizados são poucos. O Alфонção não tem, assim, uma caracterização ainda. A Fabiola tem uma... é um personagem marcante já. O Bartolomeu, eu deixei de fazer nos shows porque eu perdi minha voz com ele. Cheguei a fazer um programa diário e cheguei a fazer um mês, porque essa voz puxa muito. Tive que ir a Fortaleza me tratar. Passei um pouco de tempo sem voz, fiquei preocupado, tenso demais. Voltei ao normal, mas o Bartolomeu só no rádio mesmo. Só aquele momento ali e mesmo assim eu divido ele comigo, todo tempo ali. Eu chamo ele, chamo ele...tal, tal... aí mescla. Mas o Bartolomeu, hoje, eu não faria show com ele nem pagando muito dinheiro.

(Claudiene) Sobre radialistas de Sobral, seu pai era também?

(Tupinambá Marques) Meu pai foi o primeiro radialista de Sobral. O primeiro a falar “oi”, “alô”, “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” foi meu pai. Meu pai é Marcos da Cruz, faleceu vai fazer agora seis anos em outubro. Tá até a foto dele aí (aponta uma placa no chão da sala, encostada num armário). Meu pai foi radialista, botou a Rádio Iracema no ar, que hoje é Regional, e depois a Rádio Educadora no ar também. Nesse tempo só falava em rádio, Claudiene, quem tinha vozeirão, tinha voz bonita, né? Hoje todo mundo fala em rádio. Compra um horário, fala, não tem mais isso hoje, não. Mas nesse tempo se exigia muito voz. Meu pai tinha tudo isso. Meu pai fazia radionovela em rádio, escrevia novela, só aqui em Sobral. Ele fazia radionovela na Rádio Educadora, nos anos 60, aqui em Sobral. Escrevia os capítulos. Ele tinha uma equipe de amigos que ele sentia que podia interpretar os personagens, né? Então ele criou tudo isso. Ele produziu até os anos...68, 69 no máximo. Nesse tempo aí Sobral não tinha TV, era só rádio. As pessoas sentavam numa sala pra acompanhar os capítulos que tinha início, meio e fim. Eu considero aquele quadro do Alфонção tipo uma novelinha. Uma novelinha de 10, 12 minutos que retrata ali um momento político. Meu pai fazia capítulos de novela. Era muito mais coisa do que eu faço hoje. Me inspirei muito nele também. Meu pai fazia uns tipos de vozes também. Com certeza eu puxei isso dele. Herdei isso daí do meu pai, de criar, de escrever e de fazer os tipos.

(Claudiene) No Alфонção já faz tempo que segue essa linha?

(Tupinambá Marques) Bom, faz tempo já. Já sei mais ou menos...Toda semana é um texto diferente, um lugar diferente, pessoa diferente, comida diferente. Então eu crio muito em cima do local onde vai ser o almoço, o suposto almoço. Então já tá mais fácil de você criar. São cinco folhas digitadas, pensadas. Não tem nada repetido. E Deus me deu esse dom, eu agradeço a Deus por poder fazer isso até hoje, com muita saúde.

(Claudiene) E já que você sai pouco de casa, essas informações todas...

(Tupinambá Marques) Escuto muito o rádio! Escuto muito o rádio... rádio de Sobral pra saber o que é que tá se passando. Sei mais ou menos o que estão querendo dizer, e também vejo o Facebook. Facebook aí hoje é uma vitrine que você vê, as pessoas se expõem demais, até com certo exagero às vezes, botando o que é que come, o que é que deixa de comer. Tudo isso vai pro programa também (risos) porque eu acho que é uma coisa tão pessoal, a roupa que você usa, comida e tal. As pessoas querem de certa forma dizer que estão ali, fazendo aquilo, aquilo outro... Então brinco em cima dessa realidade também. A pessoa que quer se amostrar (risos), como se diz na gíria (risos). É basicamente isso, Claudiene, a gente trabalha em cima do dia-a-dia das pessoas. Já falei no início e repito porque a gente vê... e acerta muitas coisas! A gente acerta muitas coisas que a pessoa faz e “poxa, parece que o cara tá me vendo!”. Uma vez eu falei de um calção do cara, o cara tinha o calção. O Artemísio da Costa é um amigo meu, inteligentíssimo, da Rádio Educadora, uma vez eu botei que ele tinha um calção ‘véi’ sem forro, e a mulher dele ligou pra mim achando que ele tinha me falado alguma coisa pessoal dele. “Não, falou não, cara, é porque eu achei que tu tinha um calção daquele”, brinquei (risos). Então é isso. Basicamente isso, e o programa é feito em cima disso. Cê tá vendo o roteiro aqui (aponta para o monitor do computador), depois, amanhã vou mandar imprimir. Os quadros que vão pro (Stúdio) Beto (Brandão) eu mando imprimir logo. O Beto é na quarta, ele antecipou um dia. Eu perdi um dia pra criar! Aí ficou mais aperriado pra mim porque eu perdi um dia, né? Até quarta-feira eu tinha coisa pra ver na rua. Hoje não... eu tenho que... quando não tem eu cobro uma coisa que eu já cobrei mas de outra maneira. O que eu não posso é inventar. Nesse quadro “O que Sobral tem de ‘marromeno’” eu não posso inventar. Não posso mentir, não posso fazer ali como eu faço no “Signo”... Não posso fazer isso. Então até já me disseram uma vez, meu operador Ivo me disse que aquilo ali é a parte séria do programa, que cobra as falhas da cidade. A gente dá dica para os gestores... a gente também dá muita dica interessante aí... a gente não quer derrubar ninguém, não. Meu intuito não é esse, não. Jamais será de denegrir político A, B ou C. A gente fala da política em si sem citar nomes, que eles tomem vergonha na cara. Só isso (risos).

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DE QUADROS DO PROGRAMA

- “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”

- 18 de fevereiro de 2017

(Atenção, a partir de agora estaremos curiando, vasculhando a vida dos famosos e dos quase-famosos!) (Risos) Já sabe da novidade? (Que foi?) Adivinha quem eu vi ontem ‘abaicando’ um espetinho? Aquele nosso amigo, olha! (Arriégua! Tá desse jeito?). Bom, gente, a partir de agora o quadro Curiando a vida dos famosos e dos quase-famosos. O que é que o Ivo tem? Tá com fungado de novo, Ivo? Ôh, meu Deus do céu, tá aqui se assoando na camisa, Ivo! (Aff, isso é muito paia!) Ah, meu Deus! Ôh, Mário... Mário, você que tá aí no Sinhá Sabóia... Viu, Mário? Teu irmão tá se assoando na camisa. (Aff, isso é muito paia!) Olha aqui, gente: quem está de malas prontas pra passar o período momino fora é a nossa ouvinte Claudinha Moreno, do bairro nobre, Pedrinhas. Claudinha Moreno vai para Aracati... açu, menino! Só quem pode, Claudinha! (Ei, ei, essa mora em qual ‘bajo’, hein?) Nas Pedrinhas, olha! (Nunca ouvi falar quem é essa daí, viu?). A Claudinha Moreno, menino! (Não é muito conhecida, não. Na minha mente, ninguém conhece muito ela, não, viu?). Menino, ela vai pra Aracati... açu! (Conheço não, conheço não). Ah, meu Pai! E essa aqui, essa aqui: outra que vai luxar e passar o Carnaval fora é a Renides Brasil, da Santa Casa. Renides vai para a Bahia, distrito de Santana do Acaraú. Ela fez até feira pra passar esses dias fora. Quem pode, pode, né, Renides?! (Quem é essa bichinha aí, quem é?) Renides Brasil. (Quem, hein?) Renides! (Ei, ei, quem é essa bichinha aí, quem é?). Renides Brasil, môco! (Na minha mente, viu? Conheço não). Menino, aquela bem lôrinha, bem coisadinha, bem aplumadinha... (Como é?) Renides! (Não, não é essa aí, não. Isso é uma lisa ‘réa’). Menino, ela mora ali perto do Poliesportivo. (Não, conheço não). Ah, meu Deus! Outra que já está com tudo pronto, Ivo, pra viajar, passar o Carnaval fora é a chiquíssima Ana Emília, diretora da Escola Profissional Lysia Pimentel. Ana Emília vai pra Recife! Olha, Ivo, Recife! Ou seja, em seu sítio na Meruoca! Parabéns, Ana Emília. Vai pra Recife, Meruoca! Ôh, povo pra luxar. (Essa aí é famosa? Desde quando?). É aquela ‘lorôna’, bonitona, menino. (Conheço não, conheço não). Não perde a missa na Sé de 6 e meia. (Conheço não, rapaz. Ninguém conhece, não). Menino, ela chega 6 horas também, bem cedinho, pra pegar um lugar na frente. (Ah, conheço. Conheço. Peraí, como é o nome dela, como é?). Ana Emília! (Conheço não, conheço não). Ah, meu Deus. Olha essa daqui: quem também está de malas arrumadas e de cuia, no ponto de viajar pra passar o Carnaval fora, é a nossa lôríssima Albertina Mont’ Alverne, viu?, que mora na Colina da Boa Vista. Albertina vai para São Luís, distrito de Massapê, e depois vai para o Tapuio. Gente fina é outra coisa, viu? Menino, só quem pode: pro Tapuio! Olha aí. (Quem é essa fulana mesmo, hein? Nunca vi mais gorda). Menino, a Albertina. A lôrona que malha. Tá no Instagram, menino, lá do Supletivo. (Piorou!) O homem que ela gosta dele é o Jeferson, com dois f. (Conheço não, conheço não). Ave, Maria. A Albertina, menino! Uma lôrona. (Conheço não, rapaz. Ninguém conhece, não. É lisa). Olha aqui: a nossa ouvinte Edinir Martins, que trabalha na Educação do Município, foi vista semana passada na *night* sobralense se acabando de comer espetinho lá no Neguin do Bec. Mais tarde, estava no Tônico Lanches, entrando de chapa no recheado com frescos de peroba, Ivo! (Ei, ei, essa mora em qual bairro, hein?). Menino, aqui no Centro, perto do Mercado. (Essa daí, nunca ouvi falar). Na Coronel José Silvestre, menino! Edinir Martins. (Essa daí? Sei não. Nunca ouvi falar. Quem é?). Uma lôrinha, bem apulumadinha, bem coisadinha. A nossa mais nova ouvinte Nara Sabóia, com sua irmã Patrícia Alcanfor, foram vistas nessa madrugada desembarcando no terminal dos Correios. Tudo indica que foram fazer compras para o período momino. Ou seja, revender cheringa, essas coisas. Ôh povo pra luxar, viu, Ivo? (Conheço não, conheço não). Menino, a Nara Sabóia, e a Patrícia,

menino, é irmã. (Nunca ouvi falar). A Patrícia faz ‘docin’, faz bolo... (Piorou!) Menino, ela tava aqui na Sobral Auto Vidros. (Conheço não, conheço não). Ôh, meu Pai. A saideira: o casal Felipe Sales e Márcia Santos já se prepara para passar o Carnaval em Camocim. Detalhe: vão levar dindim pra livrar o da passagem. (Ôh, minha filha, me diga uma coisa pelo amor de Deus, quem é esse povo que você tanto fala e que ninguém conhece, pelo amor de Deus?) Menino, é um casal filho de Santana e ela mora em Camocim. (Nunca ouvi falar, ó?) Então esse quadro volta no próximo sábado, ‘doindin’. Fui!

- 18 de março de 2017

Bom, gente, a partir de agora o quadro Curiando a vida dos famosos e dos quase-famosos. Sobre a trilha. Baixa a trilha. Olha a primeira, gente, olha a primeira: quem esteve visitando a banca da Claudinha Moreno, onde vende milho cozido, foi a confeitadeira de docinhos e bolos Patrícia Alcanfor, e também o nosso amigo Edu Mello. Menino! Paty deu o maior valor, viu?. (Risos). (Ah, conheço. Conheço). Conhece a Claudinha? (Peraí, como é o nome dela, como é?). Claudinha Moreno e Patrícia Alcanfor. (Não é essa daí. Isso é uma lisa ‘réa’). E o Edu Mello também foi, menino. (Desde quando esse daí é famoso, hein?). O Edu, conhecidíssimo aqui no ‘baijo’ dele, menino! (Ei, ei, ele é famoso, é?). O Edu... Eduardo, menino, gatíssimo, vive em Jericoacoara, naquela barraca “I love you, Jeri”. Tomando banho em Jeri (Tchibum) naqueles tchibum de tomar banho dentro d’água. Ave, Maria, conhece ele? Olha o tchibum do Edu! Edu? (Tchibum). Olha agora: quem se prepara para trocar de celular, viu, Edinho?, é a nossa ouvinte Aninha Ripardo. Aninha vai comprar um que tem bluetooth, infravermelho e bate retrato. Detalhe: de segunda mão. Humm! Tá podendo, hein, Aninha Ripardo! (Olha aí, rapaz! Só quem pode!). Aninha Ripardo. Vai trocar de celular. Com bluetooth! (Que frescura! Não diga isso, não, que o povo pensa que é verdade, rapaz). (Risos). Mas tá aqui, meu filho! Tá aqui, escrito. Tá escrito aqui! (Risos). (Essa aí, famosa?). A Aninha Ripardo! (Rapaz, eu nunca ouvi falar). Menino, ave Maria. (Risos). ‘Pelamôrde’. ‘Pelamôrde’. (Risos). Olha aqui: quem está de vento em polpa com seu novo negócio é a nossa ouvinte Claudinha Moreno, do bairro nobre, Pedrinhas. A mesma agora está com uma banca vendendo milho cozido, assado, e brevemente pamonha! Olha! Que luxo, Claudinha! (Quem é essa aí mesmo, hein?). A Claudinha Moreno. (Quem?) A Claudinha Moreno! (Conheço, não). Menino, do bairro das Pedrinhas. (Essa aí é famosa?). A Claudinha? Menino! (Rapaz, eu nunca ouvi falar, não, ó?). Mora no ‘baijo’ do maestro Arteiro, das Pedrinhas. (Essa daí? Conheço não). A Claudinha Moreno? (Essa daí, nunca ouvi falar). Ave Maria! Vai vender milho e pamonha! Pois é. Olha aqui, Ivo: quem foi vista na ponte Othon de Alencar olhando os pivetes pulando de ponta foi a renomada professora Raimundinha Rêgo. Perguntou se os meninos não tinham medo. (É não?!) (Essa bichinha aí? Que é isso, rapaz? É conhecida onde?). Menino, a Raimundinha Rêgo, aposentada, professora, menino?! (Essa daí?) Sim! Tá até chumbada em casa. Tá com uma virose. Tá fungando muito também. (Nunca ouvi falar). Pois é. A professora Raimundinha Rêgo foi ver os meninos pular de ponta. (Tchibum). E perguntava assim: ei, tu não tem medo não, menino, hein? (Tchibum). Olha aqui a saideira: quem já está com mil e um planos pra passar a Semana Santa fora é a lôríssima, que já fez uma lipo, recentemente, Albertina Mont’Alverne. Albertina vai até Tapuio com seu *love* Jeferson, com dois ff! (Eita, pau). Atenção: esse povo luxa demais! Ave Maria! Conhece ela? (Essa daí nunca ouvi falar). Menino, mora aqui na Colina, menino! (Essa daí?) Sim, senhor. (Conheço não). Menino, a Albertina! Fez uma lipo agora, tirou as banhas da barriga. (Nunca ouvi falar, viu?) Menino, olha, escuta! Tá bem esguiazinha agora, ela, viu? (Nunca ouvi falar, ó?) Ave Maria. Conhece não? Pela amorde... Tá bem esguiazinha... Pois é. Albertina, mulher, parabéns pra ti. Esse quadro volta no próximo sábado. Fui!

- 29 de abril de 2017

Bom, gente, a partir de agora, esse quadro maravilhoso, “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”. Sobe a trilha. Baixa a trilha. Olha, ligado com a gente o Artenildo e Enir em Tianguá, íris Alves, Teresinha Damasceno... (Conheço não, conheço não). Menino, a Teresinha, menino! (Conheço não). Aquela mulherzinha que vive aqui na feira do Aprazível de madrugada, menino. (Conheço não, conheço não). A Teresinha? (Nunca ouvi falar). A Teresinha Damasceno? (Piorou, viu?). Não acredito, não. Conhece o Luan Brito, de Cariré? (Ei, ei, esse aí é famoso, é?). De Cariré, o Luan? (Nunca ouvi falar). Ah, meu Pai. Conhece a Íris Alves? A Íris, conhece? (Conheço não, conheço não). Menino, a Íris! (Quem é essa fulana mesmo, hein?). Vive aqui no Mercado Central, comprando as coisas bem baratinho, menino, a Íris! (Conheço não). Ave Maria. Pois lá se vai, começando o quadro. Gente, olha aqui: quem se prepara para passar o feriadão de 1º de maio na Eu... Europa, não, menino! Na Mutuca!, (risos) é o nosso amigo Chico Caburé, do Atacadão Chico Caburé, nas Pedrinhas. Detalhe: vai com a família. Ôh povo pra luxar, viu? (Quem é esse?) Chico Caburé. (Esse daí? O Francisco dos Terrenos é mais famoso do que ele, viu?). Das Pedrinhas, o Chico Caburé, não conhece, não? (É bem fraquinho, ‘réi’). Menino, tu que pensa! (Risos). Olha aqui: e falando em Pedrinhas, bairro nobre de Sobral, a nossa ouvinte Claudinha Moreno é a mais nova empresária do ramo de milho cozido. Também se prepara para passar o feriado do 1º. de Maio em Aracati... açu! Claudinha vai para a casa das amigas. Humm. Só quem pode! Olha... (Conheço, conheço). Conhece a Claudinha Moreno? (Peraí, como é o nome dela, como é?). Claudinha Moreno. (Não, não é essa aí, não. Isso é uma lisa ‘réa’). Menino, a Claudinha. (Aff, isso é muito paia). (Quem é essa mesmo, hein?). Claudinha Moreno. (Ah, conheço não. Conheço não. Essa fulana aí não conheço, não). Ave Maria. (Risos). Quem recebeu hoje o Deputado Alfonção em sua casa com um mega almoço em grande estilo foi a nossa ouvinte Nara Sabóia, residente no chiquérrimo bairro Campo dos Velhos. Nara Sabóia ‘tá’ que não cabe dentro dela depois da visita do Deputado Alfonsão. Humm, gente chique é outra coisa, né, Nara. (Essa aí não ‘tá’ na mídia, não, viu?). A Nara Sabóia, menino! (Risos). Olha, olha, escuta: eu soube que ela ofereceu espetinho de minhoca com refresco de ‘baja de algaroba’. (Conheço não, conheço não). Pois foi. (Conheço não, rapaz. Ninguém conhece não). Menino, a Nara Saboia, daquele da Sobral Autovidros! (Nunca ouvi falar, ó). Ah, meu Pai. Ah, meu Deus do céu, que almoço ‘mó paia’, sinceramente, desculpa, viu, Nara? E espetinho de minhoca com refresco de ‘baja de algaroba’? (Risos). Ôh, meu Pai. Olha aqui: a cantora da voz de seda Albaniza Seridó foi vista hoje muito cedo no primeiro piso do Mercado Central atrás de comprar bobs pra fazer o penteado da dona Júlia. Ôh, povo pra luxar, Ivo! (Ôh, meu Pai!). (Quem é essa fulana mesmo, hein?). Albaniza Seridó! A Albaniza, menino! (Quem é essa bichinha aí, quem é?). Albaniza Seridó. (Quem é?) Albaniza! (Ei, ei, quem é essa bichinha aí, quem é?) Albaniza, zé ‘môquin’! (Na minha mente, viu, conheço não). Ah, meu Pai. (Risos). (Ôh, povinho desconhecido esse teu, viu?). A Albaniza Seridó! Foi vista no Mercado comprando bob pra fazer um penteado na dona Júlia, mãe dela. Olha, menino! (Não, não é essa, não. Isso é uma lisa ‘réa’). Tá certo. E a Teresinha Damasceno? (Piorou, viu?) Menino, vive aqui no Aprazível. Ave, meu Deus do céu. (Nunca ouvi falar, ó?). Olha aqui: o doutor, nosso amigo, doutor Antonio Lopes, renomado advogado de nossa cidade foi visto na manhã de hoje no primeiro piso do Mercado Central comprando uma camisa que é mesmo que tá vendo a original para as finais do Campeonato Carioca, o campeonato mais safado que tem. Quem pode, pode, né? (Ôh famoso ‘réi’ ‘derribadin’ e ‘fraquin’, viu? Esse daí é ‘fraquin’, viu? Esse é ‘derribado’ demais. Nunca ouvi falar nesse daí). Menino, ei, psiu, ei. Meu filho, eu posso falar? (Risos). O doutor Antonio Lopes, menino, comprou uma camisa... (Quadro interrompido pela transmissão dividida em três arquivos).

- 6 de maio de 2017

Bom, gente, a partir de agora, esse quadro comigo, “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”. Sobe a trilha. Baixa a trilha. Olha a primeira: quem esteve passando o feriado de 1º. de maio em Aracati...açú, Ivo, foi a nossa ouvinte Claudinha Moreno. Inclusive bateu muito retrato por lá. (Risos). Ôh povo pra luxar, viu? (Ah, conheço, conheço). Conhece a Claudinha Moreno? (Peraí, como é o nome dela, como é?) Claudinha Moreno! (Não, não, não é essa aí, não. Né não. Isso é uma lisa ‘réa’). Menino, a Claudinha, menino! Que vende milho em casa... hein? (Essa daí? Piorou, viu?). Ela é colega da Abigail Quariguasi. (Conheço não, conheço não. Conheço não, rapaz!) Ave Maria. (Risos). Olha aqui: outra que aproveitou bastante o feriado de 1º. de maio, Ivo, foi a voz de veludo Albaniza Seridó e a sua mãe Júlia. As duas foram dar uma volta no parque e depois saborear um recheado no Tônico Lanches com frescos de peroba! Olha... (Nunca ouvi falar, ó?) A Albaniza e a dona Júlia! (Ei, ei, essa mora em qual ‘bajo’, hein?) Menino, aqui em Sobral, menino! (Nunca ouvi falar dessa daí). Menino, a Albaniza Seridó... (Não é muito conhecida, não. Na minha mente, não conheço ela, não, viu?). Meu filho, e a dona Júlia? Conhece a dona Júlia? (Conheço não, conheço não). Menino! Mãe da Albaniza Seridó! (Nunca ouvi falar, ó?). Ah, meu Pai. Olha essa aqui: a nossa amiga Ana Emília, diretora da Escola Lysia Pimentel, foi vista na *night* sobralense no Neguin do Bec!, que está de novo endereço. (Risos). Emília estava acompanhando seu *love* Bergson. (Risos). Aí luxa, viu? (Na minha mente a Rosinha do Acordeon é mais conhecida que essa daí, viu?). Te cala, doido! Ah, meu Deus do céu! Conhece ela, a Ana Emília? (Nunca ouvi falar, ó?) E o Bergson? O *love* dela? (Piorou, viu?) Ah, meu Pai! E essa aqui: a confeiteira de docinhos Patrícia Alcanfor, moradora do chiquíssimo bairro Campo dos ‘Véi’, se prepara para entrar no ramo de malassada. Quem sabe, sabe, né, Ivo? Olha! Malassada, menino! (Ah, conheço, conheço). Conhece a Patrícia Alcanfor? (Peraí, como é o nome dela, como é?) Patrícia! (Essa daí? Piorou, viu?) Do Campo dos Velhos? (Ei, ei, ei). Oi. (Por quê que tu só traz gente que ninguém conhece aqui, rapaz, hein?) Ela é conhecida, a Patrícia, irmã da Nara, menino! (Conheço não, conheço não). Olha, vai fazer agora malassada! Viu? Tá bom? (Nunca ouvi falar, ó?) Olha aqui: a loiríssima Albertina Mont’Alverne, moradora do bairro Colina da Boa Vista, foi outra que passou o feriado em sua terra natal, ou seja, no Tapuio! Ladeada de amigos, compadres e familiares, e comeram bastante arroz doce. Humm! (Onomatopéia de flatulência) (Vixe, essa daí nunca ouvi falar). Menino (risos), dá um efeito colateral... (Essa bichinha aí? Que é isso, rapaz, é conhecida onde?) A Albertina do Tapuio, menino! (Essa daí nunca ouvi falar). Do Tapuio? (Sinceramente!). Do Tapuio? (Fazer o que, né?) Pois é (risos). Olha aqui: a nossa ouvinte Raimundinha Rêgo foi vista hoje na Oficina do Jazo. Raimundinha foi mandar remendar, soldar, um furo de um papeiro pra fazer um chá de boldo. Aí luxa, viu? (Ah, conheço, conheço). (Risos) Conhece a Raimundinha? (Peraí, como é o nome dela, como é?). Raimundinha Rêgo. (Conheço não, conheço não). Menino, foi mandar soldar o fundo dum papeiro... (Conheço não, rapaz. Ninguém conhece, não). Posso concluir? (Isso é lisa!) Aí luxa, viu, Raimundinha? Parabéns, amiga, viu?! (Essa daí é famosa? Desde quando?) Na minha mente, é? Ave Maria! Olha aqui: o nosso ouvinte Nilson Carneiro, que mora no bairro nobre, Pedrinhas, depois que operou da vista comprou um óculos esporte na Ótica Rose Vision. Agora passa o tempo todo piscando o olho pra esposa dele. Olha! Aí tem, viu? (E vai... esse aí é famoso?) O Nilson Carneiro, menino? (Vive no Mercado comprando CD pirata). Que é que tem? Ave Maria. (Qual foi a toca que você descobriu esse povo que nunca se ouviu falar, pelo amor de Deus?) Meu filho, posso repetir? Olha aqui: o nosso ouvinte Nilson Carneiro, que mora no bairro nobre, Pedrinhas, depois que operou a vista dele... Catarata, ‘num’ foi?... comprou um óculos esporte na Ótica Rose Vision e agora passa o tempo todo piscando o olho pra esposa dele. Olha, menino! (Risos). (Ôh, famoso ‘rei’ ‘péba’).

Eu digo uma coisa: aí tem, viu? (Ôh famoso ‘réi’ ‘derribadin’ e ‘fraquin’, viu? Esse daí é ‘fraquin’, viu? Esse é ‘derribado’ demais. Nunca ouvi falar nesse daí). Pois é. Essa alma quer reza. (Esse aí saiu de onde, rapaz?) Pois é. Lá da Mutuca, viu? Olha aqui: o Moura, proprietário do salão na Idelfonso Cavalcante, está pensando em comprar um celular desses mais modernos, que tem bluetooth e infravermelho. Quem pode, pode, né, Moura? Parabéns, viu? (Ei, ei, esse aí é famoso, é?) É o Moura, do salão, próximo aqui à Cagece, lotado! (Nunca ouvi falar, ó?) Ave Maria. Sinceramente, ‘tô’ decepcionada contigo, viu? Esse quadro volta no próximo sábado. Fui!

- 24 de junho de 2017

Bom, gente, a partir de agora esse quadro maravilhoso que é “Curiando a vida dos famosos e quase-famosos”. Sobee a trilha, baixa a trilha. Ave Maria! Olha aqui: quem está de vento em polpa, vendendo milho cozido e batatinha frita é a nossa amiga Ivetinha, da Farmácia Central. Detalhe: a inauguração vai ser em julho, com Ferrugem Neto, Vítor Seresteiro e Rosinha do Acordeon, a nossa Madonna do Nordeste. Olha! (Ah, conheço, conheço). Pois é. Conhece ela? (Peraí, como é o nome dela, como é?) Ivetinha, da Farmácia Central. (Não, não, não é essa aí, não. Não é não. Isso é uma lisa ‘réa’). Menino, a Ivetinha! Mulher do Silvinho. E ainda tem mais: reserve logo a sua banca. Ôh povo pra luxar! (Conheço não, conheço não). Menino, a Ivetinha, menino! (Conheço não, rapaz. Ninguém conhece não). Valha! Irmã da Dinorah, menino! (É lisa!) Olha aqui: a nossa ouvinte Lu Dias, do chiquérrimo bairro Campo dos ‘Véi’, foi vista hoje muito cedo comprando uma canga e um maiô. Lu se prepara para passar as férias em julho, ou no Muquém ou no Arariús. Olha! Só quem pode, menino. Parabéns, Lu! (‘Hômi’, não vá se meter com isso, não). Conhece a Lu? Lu Dias? (Essa aí é famosa?) Campo dos ‘Véi’. Campo dos ‘Véi’. É, lá dos Campo dos ‘Véi’. (Peraí, perai, essa aí é famosa?) Na minha mente, é. (Rapaz, nunca ouvi falar não, ó?). Menino! E essa aqui: a nossa amiga Kélvia Cínthya Catunda, moradora do simpático Conjunto Santo Antônio, está pensando em tingir seu cabelo acaju. Olha, menino! (Risos). A mesma vem aí de novo “visu”! Aí luxa, viu, menino? (Nunca ouvi falar, ó?) Acaju! Olha, Ivo. (Quem é essa bichinha aí, quem é?) Kélvia Cínthya Catunda. Mulher do Pinduca! (Ei, ei, quem é essa bichinha aí, quem é?) A Kélvia, que faz salgado! (Na minha mente, viu? Conheço não). E essa aqui: quem também está pensando em mudar de “visu” é a cantora sobralense Edinir Martins. Edinir vai frisar os cabelos na Toinha cabelereira. Humm. Olha! (Na minha mente a Rosinha do Acordeon é mais conhecida que essa daí, viu?). Menino, a Edinir, que canta nos casamentos, menino. (Nunca ouvi falar). A Ednir, aquela lôra, menino! (Quem é essa fulana ‘mermo’? Nunca vi mais gorda). Que canta nos casamentos alheios, menino! (Nunca ouvi falar, ó). Ave Maria! Olha aqui: a nossa amiga Renides Brasil, da Santa Casa, é a mais nova empresária no ramo de dindin de Sobral. Renides tem vários sabores, como morango, groselha, baunilha, batata doce com coco, e pense! É só novidade, viu? (Ah, conheço, conheço). Conhece a Renides Brasil? (Peraí, como é o nome dela, como é?) Renides! (Não, não é essa aí, não. Isso é uma lisa ‘réa’). Menino... ave Maria. Olha: quem está de viagem marcada para passar uns dias em Irauçuba é o radialista e cerimonialista Leew Vasconcelos. Já comprou um calção de nilon! Olha, menino! (Iiih). Só quem pode. (Ôh famoso ‘réi’ peba). Calção de nilon, menino! Olha, já pensou? (Esse daí? O Francisco dos Terrenos é mais famoso do que ele, viu?) Olha aqui: a nossa ouvinte Vânia Fonteles, que trabalha na Saúde de Sobral, se prepara para os dias de julho! Pra passear nos dias de julho, ou nos Esta.. ô! ou na Taperuaba ou no Jordão. Aí luxa, viu, menino? (Ei, ei, essa aí mora em qual ‘baixo’, hein?) Aqui no bairro da Coelce. (Nunca ouvi falar quem é essa daí, viu?) Aquela ‘lôra’, menino! (Não é muito conhecida, não. Na minha mente ninguém conhece muito ela não). A Vânia Fonteles?! (Conheço não.

Conheço não). Ave Maria. Menino, a Vânia! Irmã da Valdirene. (Ninguém conhece, não. Isso aí é lisa). Irmã da Tiazinha? Lembra da Tiazinha, Beto? Pois é. (Piorou, viu?) Ela ‘tá’ em Juazeiro do Norte agora, viu? Olha aqui: a ‘lôrrissima’ Albertina Mont’Alverne ‘tá’ contando os dias nos dedos pra passar dias na sua terra natal. Como todos sabem, Albertina é tapuiense, ou seja, da gema do Tapuio. Detalhe: vai com o seu *love* Jefferson, com dois f’s, pra comer arroz doce. É a fraca! (Essa aí não ‘tá’ na mídia, não, viu? Ninguém conhece não). Menino, a Albertina, menino. (Onomatopéia de flatulência) Do Tapuio. (Risos). Alô, Albertina! (Nunca ouvi falar, ó?) Pois esse quadro volta próximo sábado. Fui!

- 1º de julho de 2017

Oi, gente. Vamos agora ao quadro... Esse quadro maravilhoso, “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”. Sobe a trilha. (‘Hômi’, não vá se meter com isso, não). Baixa a trilha. Olha a primeira, logo, Ivo: quem está todo se sentindo é o Edu Mello, só porque vai pro Sítio do Bosco. Inclusive já comprou um pijama novo de bolinha para inaugurar lá no Sítio do Bosco. Detalhe: vai com o seu *love*. Olha, menino! (Esse daí?) Sim. (O Francisco dos Terrenos é mais famoso do que ele, viu?) Tu é doido? (É difícil, é difícil, é difícil). Gravou agora as alianças, Ivo... Olha... (Conheço, conheço). Conhece o Edu? (Não, não é esse aí, não, viu? Nunca ouvi falar quem é essa daí, viu? Conheço não. Isso é um liso!). Ele é conhecido demais, menino! (Nunca ouvi falar, ó?) Ave Maria. E esse aqui? (É difícil, é difícil, é difícil). Quem esteve passando o fim-de-semana em alto estilo foi a nossa ouvinte Edinir Martins. Edinir foi vista pegando um bronze na Lagoa da Fazenda. Ôh povo pra luxar, Ivo. Sinceramente, viu? (Nunca ouvi falar, ó?) Parabéns, Edinir. A Edinir Martins? (Ei, dá pra falar de novo, dá? Que eu não conheço esse povo, não) Oi? Dá sim, dá sim. Olha aqui: quem esteve passando o fim-de-semana passado em grande estilo foi a nossa ouvinte Edinir Martins. Edinir foi vista pegando um bronze na Lagoa da Fazenda. (Tchibum) Ôh povo pra luxar, menino! (Peraí, perai, essa aí é famosa?) Edinir Martins, sim. Conhece? (Rapaz, nunca ouvir falar, não, ó?). A Edinir, menino? Ave Maria. (Essa aí não ‘tá’ na mídia, não, viu? Ninguém conhece não, viu?). E essa aqui: quem foi vista semana passada arrodando o quarteirão do Mercado Central - 1º. piso foi a nossa amiga, professora Raimundinha Rêgo. (Risos). Raimundinha estava ‘cubando’ o movimento pra depois adentrar o 1º. piso. Gente fina é outra coisa, viu, Ivo? (Nunca ouvi falar, ó?) A Raimundinha Rêgo? (Essa daí? Piorou). Sim, a Raimundinha Rêgo. Menino, conhecidíssima. (Ah, conheço, conheço). Ainda bem. (Peraí, como é o nome dela, como é?) Raimundinha Rêgo. (Não, não é essa aí, não. Isso é uma lisa ‘réa’). E esse aqui: o empresário Márcio Rocha, da Execute, foi visto na *night* sobralense, saboreando um deliciosíssimo espetinho de carne moída no ‘Negin’ do Bec. Ôh povo pra luxar, viu? (Iiiiih!) (Ôh famoso ‘réi’ peba). (Risos). (Ôh famoso ‘réi’ ‘derribadin’ e ‘fraquin’, viu? Esse daí é ‘fraquin’, viu? Esse é ‘derribado’ demais. Nunca ouvi falar nesse daí). Menino, o Márcio Rocha, menino! Marido da Simone Lucena, menino! (Quem é esse daí? Surgiu de onde, rapaz?) Da Execute, o Márcio! (É muito ‘fraquin’ ‘réi’). Ave Maria! (Iiiiih!) (Ôh famoso ‘réi’ peba). E essa aqui: a nossa amiga e ouvinte Cínthya Catunda, que faz salgados no simpático Conjunto Santo Antônio, foi vista nessa madrugada embarcando numa topic, que faz a linha Sobral-Aprazível-Sobral. Quem pode, pode, né, Kélvia? (Peraí, como é o nome dela, como é?) Kélvia... Kélvia! (Quem é essa aí mesmo, quem é?) Kélvia. (Ah, conheço não). Menino, a Kélvia, que faz salgado... (Ah, conheço não. Conheço não. Essa fulana aí não conheço, não. Nunca ouvi falar não). (Risos). E essa aqui: a empresária do ramo de milho, moradora do bairro nobre Pedrinhas, Claudinha Moreno foi vista no Atacadão Chico Caburé fazendo compras. Detalhe: na caderneta. Olha, que chique! (Essa daí é famosa? Desde quando?) A Claudinha Moreno, menino! (Conheço não, rapaz. Ninguém conhece, não. É lisa). Meu filho, a Claudinha... (Na minha mente a Rosinha do Acordeon é mais conhecida que essa daí, viu?).

A Claudinha Moreno das Pedrinhas, menino! (Essa bichinha aí? Que é isso, rapaz? É conhecida onde?) A cantora Albaniza Seridó já está ensaiando para o seu novo CD. Só carimbo! Inclusive ela já decorou algumas cantigas do Pinduca e da Eliana Pitman. Pense num CD que vai vender muito, minha gente! (Essa daí?) Sim. (Conheço não) Albaniza Seridó... cantando carimbó. Chega rimou, não foi? (Essa daí, nunca ouvi falar). Vou ensinar a sinhá pureza a dançar o meu... (Ôh, povinho desconhecido esse teu, viu?). Pássaro grande carapirá, remexe... (Risos) Não tem aquela música do Pinduca, né? (Nunca ouvi falar, ó?) Olha aqui: o amigo Tião Tigrão, morador do Dom Expedito, está pensando em trocar de xampu. Ele agora usa o de coco, e vai talvez trocar por um de ovo. Olha que luxo, Ivo. (Ôh famoso ‘réi’ ‘derribadin’ e ‘fraquin’, viu? Esse daí é ‘fraquin’, viu? Esse é ‘derribado’ demais. Nunca ouvi falar nesse daí). O Tião Tigrão do Dom Expedito, menino. Vai trocar o xampu de coco por um de ovo. (Quem é esse daí? Surgiu de onde, rapaz?) Olha, só quem pode, menino! Hein? O João da Kallifon tá ligado com a gente, menino!... e da Ver Produções, do Carnabral. Pense! Olha, a diretora Ana Emília está pensando as férias de junho ou no Mumbaba de Cima ou no de Baixo. Quem pode, pode, né, Ana Emília? (Peraí, perai, essa bichinha aí não é famosa, não. Nunca ouvi falar nessa aí, não). A Ana Emília, meu filho. (Risos). (Essa aí, famosa? Nunca ouvi falar). Ah, meu Deus. Esse quadro volta no próximo sábado. Fui! (Essa aí saiu de onde, rapaz?)

- 15 de julho de 2017

Bom, gente, a partir de agora esse quadro maravilhoso que é Curiando a sua vida dos famosos e dos quase-famosos! Sobe a trilha, baixa a trilha! (Risos). Olha, abraçar a nossa ouvinte Edvirgens Roque. Boa tarde pra você, minha linda. *Good night*, viu? Olhe, quem esteve prestigiando o arraiá do ‘Pedin’ Chaveiro, semana passada, foi a elegantíssima Ana Emília, diretora da Escola Lysia Pimentel. Ana Emília soltou até fogos por lá. Ô povo pra luxar, menino! Ave Maria! (Conheço, conheço). Conhece a Ana Emília? (Ah, conheço, conheço). Soltou traque. (Conheço não, conheço não). Foi. (Risos). A Ana Emília, menino! (Risos). Aquela loira, bonita, mulher do Bergson! Hein? (Conheço não). Que é isso?! (Conheço não. Ninguém conhece, não. É lisa). Menino, a Ana Emília, menino! (Nunca ouvi falar, ó?). Ave Maria! E essa aqui, olha: quem andou trocando a foto do seu perfil no Whats App foi a quase famosa Claudinha Moreno. Agora é um retrato com um chapeuzão que é um monstro, Ivo! Aí luxa, viu? (Risos). (Ah, conheço, conheço). Conhece a Claudinha? (Peraí, como é o nome dela, como é?) A Claudinha, que vende milho. (Não, não é essa aí, não. Isso é uma lisa ‘réa’). Botou um chapéu agora bem grandão que se esconde embaixo do chapéu, ela, viu? (Nunca ouvi falar). Pois ‘num’ é? Comprou lá em Jeri, viu? (Piorou). No Porto das Dunas em Fortaleza, olha, menino! Só quem pode! Pois é. Aí luxa, viu? (Quem é essa fulana mesmo, hein?) Claudinha Moreno! (Nunca vi mais gorda). Olha: quem andou no Mercado Central – 1º. piso – atrás de comprar uma raquete pra matar muriçoca foi a outra loira chique da cidade, que mora na colina: Albertina Mont’Alverne! Pense numa mulher chique e poderosa, Ivo! (Essa aí não ‘tá’ na mídia, não, viu?). A Albertina, menino! (Na minha mente a Rosinha do Acordeon é mais conhecida que essa daí, viu?). Menino, a Albertina Mont’Alverne! (Risos). Aquela loira, cabelo grande. (Essa aí é famosa?). É. Uma que malha na academia... (Nunca ouvi falar, não, ó). Ave Maria! (Minha filha, quem é esse povo desconhecido que ninguém conhece em canto nenhum? Ninguém conhece, não. Não teime, não. Não adianta, não!) Ave Maria, ôh ‘hômi’ chato! Olha, outra chiquérrima da cidade, Renides Brasil, que trabalha na Santa Casa, está pensando em passar uns dias de férias ou em Nova York... ô! Ou no Tapuio ou em Juré! (Risos). Quem pode, pode, né, Renides?! (Risos). (Eita! Essa daí nunca ouvi falar). Menino, aquela loira, bonita. (Essa daí? Conheço não. Nunca ouvi falar!). A Renides Brasil, da Santa Casa. (Essa daí nunca ouvi falar). A Renides Brasil! (Essa bichinha aí? Que é

isso, rapaz? É conhecida onde?). Ela é do Cariré, menino. (Peraí, peraí. Essa aí é a famosa?) Renides Brasil, sim! (Rapaz, eu nunca ouvi falar não, ó?). E essa aqui: a nossa ouvinte, a professora Raimundinha Rêgo se prepara para passar uns dias de julho em grande estilo. Ela vai passar uns dias em Recife... Ô! No sítio Recife em Meruoca! Só quem pode! Olha! (Ei, ei, essa mora em qual 'bajio', hein?) Ali na Avenida do Contorno. (Nunca ouvi falar quem é essa daí, viu?) Raimundinha Rêgo, menino! (Não é muito conhecida, não. Na minha mente, ninguém conhece muito ela, não, viu?). Trabalhou no Supletivo, muito tempo, menino! (Nunca ouvi falar, ó?). Ave Maria! E essa aqui? A empresária Rose, da Ótica Rose *Vision* foi vista na manhã de hoje na feira do Aprazível atrás de canga, para um banho na Lagoa do Opaia, em Fortaleza. Ôh povo chique! Na Lagoa do Opaia! (Tchibum!) Olha aí, a Rose, menino. (Tchibum!) Parabéns, Rose! Mais um pulo! (Tchibum!) Isso! Mais um, mais um! (Tchibum! Tchibum!) Ôrra! (Tchibum!) Ôh, Rose, parabéns! (Olhe, não vá se meter com isso, não!) Ôh, menino, na Lagoa do Opaia, olha, Ivo! (Essa é famosa? Desde quando?) Menino, a Rose, da Ótica Rose *Vision*! (Quem é?) Rose! (Ei, ei, quem é essa bichinha aí, quem é?) A Rose, da Ótica Rose *Vision*! (Rapaz, na minha mente, viu? Conheço não). E essa aqui: a nossa ouvinte Teresa Caxias, moradora da cidade Forquilha, está pensando em comprar um abadá do Bloco Boneco do ano passado para ir para a academia! Olha, quem tem estudo é outra coisa, viu? (Conheço não, conheço não). Teresa Caxias. (Conheço não, rapaz! Ninguém conhece, não). Posso falar? Inteirou agora 18 anos nos 'côro', menino! (É difícil, é difícil). Ôh tu chato! Olha aqui a saideira. A nossa amiga Nara Sabóia, do chiquíssimo bairro Campo dos 'Véi', foi vista andando de Trenzinho da Alegria com seus filhos Heitor e Maria Fernanda! (Risos). Que está aniversariando hoje! Os três iam cada um agarrado com um saco de pipoca, Ivo! (Olhe, não vá se meter com isso, não!) (Ah, conheço, conheço). Conhece a Nara Saboia? (Peraí, como é o nome dela, como é?) Nara Sabóia. (Não, não é essa aí, não. Isso é uma lisa 'réa'). Menino, a Nara Sabóia, do Campo dos Velhos, trabalha na Sobral Autovidros, menino! (Aff, isso é muito paia!). (Risos). E o Heitor e a Maria Fernanda, tu conhece? (Nunca ouvi falar, ó?) Valha, pelo amor de Deus. Esse quadro volta próximo sábado. Fui!

- 9 de setembro de 2017

Bom, gente, a partir de agora esse quadro maravilhoso que é Curiando a sua vida dos famosos e quase famosos, sobre a trilha. Baixa a trilha, Ivo! Olha, gente começando o quadro: quem passou duas semanas em Iguatu foi a nossa ouvinte Claudinha Moreno. A mesma ainda está encantada porque viu o apresentador Ratinho, do SBT, bem de pertinho. Só quem pode! (Ah, conheço, conheço). Conhece a Claudinha? (Peraí, como é o nome dela, como é?) Claudinha Moreno! (Não, não é essa aí, não. Isso é uma lisa 'réa'). Menino, que vende milho! (Conheço não, conheço não). Valha meu Deus do céu. (Conheço não, rapaz. Ninguém conhece não). Colega da Eloíse, menino! ('Hômi', não vá se meter com isso, não). Ave Maria. E o João do Carnabral? Conhece o João? (Conheço não, rapaz. Ninguém conhece não). O João, pelo amor de Deus. (Risos). Olha: quem agora vive andando de VLT, pra cima e pra baixo, depois que baixou as passagens pra 1 real é a nossa ouvinte Nara Sabóia. Que agora é Nara Alice! Né? Ela 'tá' dando o maior valor. Porque ela é dessas, viu? (Ei, ei, essa mora em qual 'bajio', hein?) Campo dos 'Véi'. (Nunca ouvi falar quem é essa daí, viu?). Menino, a... (Na minha mente, ninguém conhece muito ela, não, viu?). Escuta, diabo! Nara Alice agora, o nome dela. (Conheço não, conheço não). Ex Nara Sabóia, menino! (Conheço não, rapaz. Ninguém conhece, não. É lisa). Trabalha na Sobral Autovidros! (Quem é essa fulana mesmo, hein? Nunca vi mais gorda). Nara Alice! Ôh, meu Pai Eterno. Olha aqui: quem está pensando em conhecer a cidade de Camocim daqui pra dezembro é a nossa ouvinte Raimundinha Rêgo. E vai conhecer o mar! Tá pensando o que? Porque ela é dessas, viu?! (Tchibum) Olha aí. Pense num tchibum no fundo do rio. Alô, Raimundinha Rêgo! (Essa aí não 'tá' na mídia, não, viu?).

A Raimundinha Rêgo, menino... (Peraí. Essa aí é a famosa?) A Raimundinha Rêgo. (Rapaz, eu nunca ouvi falar não). Ôh, meu Pai. Ai, doidinha do arroz. ('Hômi', não vá se meter com isso, não). (Risos) Depois de conhecer a Igreja do Céu em Viçosa do Ceará, a nossa ouvinte Albertina Mont'Alverne agora vai dar uma volta de VLT depois que baixou as passagens pra 1 real. Quem pode, pode, né? Porque ela é dessas, viu, gente? (Nunca ouvi falar, ó?) Menino, a Albertina, menino! (Piorou, viu?) Foi agora a Viçosa do Ceará! (Quem é essa bichinha aí, quem é?) A Albertina. (Quem?) A Albertina. (Ei, ei, quem é essa bichinha aí, quem é?) Albertina Mont'Alverne. (Rapaz, na minha mente, viu? Conheço não, viu?) Valha, meu Pai eterno! (Risos). E essa aqui, Ivo: quem andou atualizando sua foto no seu perfil foi a cantora da voz de veludo Albaniza Seridó. Albaniza tirou um retrato na escada do Mercado, 1º. piso. Isso é que é ostentação! Porque ela é dessas, viu? (Conheço não. Conheço não) Menino, a Albaniza. (Conheço não, rapaz. Ninguém conhece não). A Albaniza Seridó... (Essa aí é famosa? Desde quando?) Ave Maria. Valha meu Deus do céu. E essa aqui? Quem foi vista andando de VLT a 1 real foi a nossa ouvinte Keila Albuquerque, Ivo! (Quem é essa aí mesmo, hein?) A Keila, que vinha com seu filho Levi. (Quem?) Menino, a Keila. (Rapaz, eu não conheço, não). Menino, a Keila Albuquerque. (Nunca ouvi falar). Valha, meu Pai Eterno. Olha, quem está ligado com a gente é o Benzinho Cavalcante. (Conheço não. Conheço não). Ah, meu Pai Eterno. E essa aqui: quem andou dando um grau nos seus cabelos foi a nossa ouvinte Keila de Castro Lourenço, da DK Mídias. Ôh povo pra luxar. Porque ela é dessas, viu? Quem é essa aí mesmo, hein? É a nossa amiga Keila Lourenço. (Quem?) Keila! (Rapaz, eu não conheço não). Valha, meu Pai. (Nunca ouvi falar). E esse aqui: o radialista Bené Fernandes, aqui da Paraíso FM, foi visto no 1º. piso do Mercado Central atrás de comprar uma camisa do Fortaleza, que é 'mermo' que 'tá' vendo a original. Bené estava acompanhado de seu mascote Chico Morais, pra cima e pra baixo. Aí luxa, viu, menino? (Esse daí?) Sim. (O Francisco dos Terrenos é mais famoso do que ele, viu?). Menino, o Bené Fernandes, menino! (Desde quando esse aí é famoso, hein?) Menino, aqui da Paraíso, pelo amor de Deus! (Esse aí é o famoso quem, hein?) Te alui. O Bené, menino! (Nunca ouvi falar, ó?) Lá do Dom Expedito. ('Hômi', não vá se meter com isso, não, 'hômi' de Deus!). (Esse aí na minha mente não é muito conhecido, não). Ôh, meu Pai. E esse aqui: o sindicalista Muniz se prepara pra participar da corrida de São Sil... ô! De Santo Antônio dos Camilo. Só quem pode. (Iiiih!) (Ôh famoso 'réi' peba). Muniz, parabéns, Muniz. (Conheço não, conheço não). 'Tá' indo pra corrida de São Sil... ô! De Santo Antônio dos Camilo. (Conheço não. Conheço não). O Muniz, menino! (Quem é esse aí mesmo?) É o Muniz, diabo! (Iiiih!) (Ôh famoso 'réi' peba). Esse quadro volta semana que vem. Tchau! Alô, Tianguá!

- 14 de outubro de 2017

Pois é, gente. Chegou agora o quadro "Curiando a vida dos famosos e quase-famosos"! Sobe a trilha, baixa a trilha, Ivo! Olha aqui: quem esteve passando o fim de semana passado em uma praia bem acolá foi o nosso operador Ivo Aragão! Ivo levou a mãe, os irmãos e os filhos. Detalhe: levou uma câmara de ar de fusca pra tomar banho no fundo! Porque ele é desses! Quem pode, pode, meu filho! (Ôh famoso 'réi' 'derribadin' e 'fraquin', viu? Esse daí é 'fraquin', viu? Esse é 'derribado' demais. Nunca ouvi falar nesse daí). O Ivo trabalha com a gente! O Ivo Aragão, diabo! (Quem é esse daí? Surgiu de onde, rapaz?) Natural de Teresina, menino! Irmão da Ivamara... do Francisco, do Ripardo Aragão, do John Lennon! (Conheço, conheço, conheço). Conhece o Ivo? (Não, não, peraí, peraí, como é mesmo o nome aí, como é?) Ivo Aragão. (Não, não é esse aí, não. Conheço não. Nunca ouvi falar desse aí, não, viu?). Porque eles é desses! (Risos). Olha, quem também passou o fim de semana passado nas praias foi a voz de veludo Albaniza Seridó! Albaniza fez uma demonstração de ioga no Facebook, porque ela é dessas, Ivo! (Peraí, peraí. Essa aí é a famosa?). A Albaniza, irmã do Dener.

(Rapaz, eu nunca ouvi falar, não, ó?). Olha, a nossa amiga Albaniza fez uma demonstração de ioga e de bunda ‘canasca’ e ‘cangapé!’ (Tchibum). Pense, Albaniza Seridó! Parabéns, gata, viu? (Essa aí é famosa? Desde quando?). É sim! Albaniza Seridó, viu? Botou aqui a menina: “conheço não, viu? Conheço não”). Pois é. Olha, a Lu Dias tá ligada com a gente também. Olha aqui: a nossa amiga e ouvinte Lu Dias, moradora do chiquérrimo bairro Campo dos Velhos foi vista na pipoca dando tchauzinho pro Bell Marques! Detalhe: toda de mamãesacode! Ôh povo pra luxar, menino!! (Quem é essa daí, quem é?) A Lu Dias! (Quem é?) A Lu Dias. (Ei, ei, quem é essa bichinha aí, quem é?) Diabo, é a Lu Dias, menino! (Rapaz, na minha mente, viu? Conheço não, viu?) ‘Tava’ na pipoca dando tchauzinho pro Bell Marques! Parabéns, Lu! Olha aqui, a Albaniza Seridó: “parabéns, minha filha!”. Olha aqui, Ivo. Olha aqui: a nossa ouvinte Keila Albuquerque passou o final de semana passado luxando que só. Keila foi para uma tertúlia onde tocou anos 70. E deu o maior valor quando tocou Raimundo Soldado e Francis Dalva. Porque ela é dessas, Ivo! (Quem é essa aí mesmo, hein?) A nossa amiga Keila Albuquerque! (Quem?) Keila! (Rapaz, não conheço não). Menino, aquela que pegou a palhetazinha do Bell! (Ah, conheço, conheço). Conhece a Keila Albuquerque? (Peraí, como é o nome dela, como é?) Keila Albuquerque. (Não, não é essa aí, não. Isso é uma lisa ‘réa’). Menino, olha, pois a Keila pegou a palhetinha do Bell. Eu peguei a palhetinha da Albaniza! (Essa aí não ‘tá’ na mídia, não, viu?). Menino, pelo amor de Deus, a Albaniza, também! (Nunca ouvi falar, ó?) Saiu nesse instante aqui no “Famosos) dando ‘bunda canasca’ na praia? (Tchibum). Fazendo ioga e fazendo cangapé, a nossa amiga Albaniza, viu!? Olha aqui: quem já tá toda de abadá pra despedida do Carnabral é a nossa amiga Claudinha Moreno, do bairro nobre, Pedrinhas. Claudinha comprou um de segunda mão (risos) já que a pessoa vai viajar e não vai sair na folia. (Risos). Gente fina é outra coisa, viu? Parabéns, Claudinha! (Risos). (Quem é essa mesmo, hein?). Claudinha Moreno. (Conheço não, conheço não. Essa fulana aí, conheço não). A Claudinha Moreno, das Pedrinhas, menino?). E essa aqui: quem já está se apulmando para as compras de Natal é a nossa amiga Raimundinha Rêgo. Raimundinha vai escolher uma sexta-feira dessas de outubro para antecipar as compras no Aprazível e no Mercado – 1º. piso. Quem tem, tem. Quem não tem, não tem. Quem pode, pode, né? Parabéns, Raimundinha! (Risos). (Na minha mente a Rosinha do Acordeon é mais conhecida que essa daí, viu?). Menino, a Raimundinha Rêgo, menino! Mora na Avenida do Contorno! (Essa aí não ‘tá’ na mídia, não, viu?). No caminho do Carnabral! Ave Maria! E essa aqui, a saideira: a nossa amiga Deise Teófilo passou quatro dias de Carnabral acompanhando tudo bem de pertinho. Deise estava na pipoca e registrou só tudo. Sem falar que hoje à noite tem mais. Essa luxa demais, porque ela é dessas, Ivo! (Nunca ouvi falar, ó?) Menino, pelo amor de Deus, a Deise Teófilo! (Piorou, viu?) A mulher que o Gutto gosta dela, menino! O Gutto Barros. (Nunca ouvi falar, ó?) Ave Maria. Esse quadro volta semana que vem. Fui!

- 18 de novembro de 2017

Bom, gente, a partir de agora esse quadro maravilhoso que é “Curiando a vida dos famosos e quase-famosos”. Sobe a trilha, baixa a trilha. Olha aqui a primeira: quem está quase boa da cirurgia do canto de unha é a nossa ouvinte Edinir Oliveira. Edinir não vê a hora de voltar a frequentar o Tónico Lanches, para saborear o seu sanduíche predileto: recheado com frescos de peroba! Gente fina é outra coisa, viu, Ivo? Porque ela é dessas, viu, Ivo? (Minha amiga, pelo amor de Deus, quem é esse povo que você fala tanto. Pelo amor de Deus, esse povo surgiu de onde?). Edinir, daqui da Rua Cel. Silvestre, menino? No centro de Sobral, perto do mercado. (Essa aí não ‘tá’ na mídia, não, viu?). Próximo ao Açúcar Rey. Ave Maria. A Edinir? Uma que é tia, professora? (Nunca ouvi falar, ó?) Menino, pelo amor de Deus. Olha aqui: a apresentadora Fátima Bernardes foi vista no shopping do Rio de Janeiro de mãos dadas com seu novo homem. Fatinha estava alegre e satisfeita. Humm! (Ah, não! ‘Tô’ besta. Nunca ouvi

falar). A Fátima Bernardes, do “Encontro”, menino, da Globo?! (Ah, não! ‘Mó’ paia! Nunca ouvi falar não). Pois é. ‘Tá’ com ‘hômi’ novo! (Risos). Olha, de mãos dadas no shopping no Rio! (‘Hômi’, não vá se meter com isso, não). Só quem pode! (Peraí, peraí, essa aí é a famosa?). Fátima Bernardes, é. (Rapaz, eu nunca ouvi falar não). E essa aqui: a nossa amiga Nara Sabóia, do chiquérrimo bairro Campo dos Velhos, foi vista andando de VLT. E por onde ela passava dava com a mão. Detalhe: estava com a sua irmã Patrícia Alcanfor, bem alinhadinhas. Ôh povo pra luxar, Ivo! (Ah, conheço, conheço). Conhece a Nara Sabóia? (Peraí, como é o nome dela, como é?) Nara Sabóia. (Não, não é essa aí, não. Isso é uma lisa ‘réa’). Escuta, escuta: ela trabalha na Sobral Autovidros. Ali perto da Rádio Tupinambá, menino! (Nunca ouvi falar, ó?) Ôh povo pra luxar! Ave Maria. Olha aqui, Ivo: quem está todo de carro novo é o renomado advogado doutor Antônio Lopes. Inclusive ele espalhou que só vai mandar botar vidro fumê depois que andar bem muito pelo Boulevard do Arco. Porque ele é desses, viu?! (Olhe, não é por nada não, viu? Mas eu nunca ouvi falar desse povo não, viu?). (Ôh, meu Deus). Menino, o Antônio Lopes, irmão da Madinha, menino, da Marília. (Olhe, me desculpe mas não sei quem é esse povo não). Menino, o Antônio Lopes, advogado, marido da Andreissa. (Olhe, eu já ouvi falar em muita gente, viu, mas essa pessoa aí eu não ouvi falar não, viu?). Olha aqui, conhece a Madinha, irmã dele, a Madinha? (Piorou). Ah, meu Deus do céu. Olha aqui, Ivo: a nossa ouvinte Kέλvia Cínthya Catunda, que faz os melhores salgados de Sobral, que mora no pacato e simpático Conjunto Santo Antônio, foi conhecer o shopping... Aprazível! E deu o maior valor. Inclusive comprou um mp3 do Pinduca. Olha que povo mais chique, Ivo. (Peraí, peraí, quem é mesmo aí, quem é?). A Kέλvia. (Não, não, não. Não é conhecida, não. Nunca ouvi falar). Do Santo Antônio. Do Santo Antônio, menino... que faz salgados. (Nunca ouvi falar, ó?). Mulher do Pinduca. (Conheço não, conheço não). Conhece, não, né? (Conheço não, rapaz. Ninguém conhece não). A Kέλvia... E essa aqui: a nossa amiga Claudinha Moreno, moradora do bairro nobre Pedrinhas, foi vista nessa semana saindo do Atacadão Chico Caburé, nas Pedrinhas. Claudinha foi dar baixa na caderneta dela. Olha! Quem pode, pode, Ivo! (Esse povo aí, ninguém conhece ninguém). A Claudinha Moreno. (Ei, por que ‘cês’ ‘num’ bota gente conhecida nesse quadro, hein?). A Claudinha Moreno das Pedrinhas. Amiga do maestro Arquivo, menino! (Essa aí não ‘tá’ na mídia, não, viu?). Valha, pelo amor de Deus! (Risos). E a saideira: o radialista Edival Filho foi visto no Becco do Cotovelo comprando aquele jogo de azar, da Maria Elon! Edival quer passar o Natal baludo! Olha, só quem pode... (Ôh, minha filha, me diga uma coisa pelo amor de Deus, quem é esse povo que você tanto fala e que ninguém conhece, pelo amor de Deus?) Escuta. Posso falar, ‘seu’ Zé? O Edival Filho é aquele da Rádio Tupinambá, que foi agora pra Brasília, entrevistou o Eunício Oliveira... (Ôh famoso ‘réi’ ‘derribadin’ e ‘fraquin’, viu? Esse daí é ‘fraquin’, viu? Esse é ‘derribado’ demais. Nunca ouvi falar nesse daí). Menino, o Edival Filho! Ah, meu Deus. Esse quadro volta semana que vem. Fui! (Quem é esse daí? Surgiu de onde, rapaz?)

- 30 de dezembro de 2017

“Curiando a vida dos famosos e quase-famosos” (Não houve. Mas Fabíola fez um especial de previsões.)

Fabíola com as previsões pra 2018! Fabíola, venha cá, minha linda! (Música que lembra um dança oriental).

Ai, lá se vai. Cadê os búzios? Jogar aqui em cima da mesa... Isso. Atenção! Sacudindo comigo os búzios. Atenção! 1,2... empurra. Isso. Olha, eu ‘tô’ vendo aqui, gente... olha... muita gente roçando a barriga naquelas bancas do jogo do bicho. Jogando no bicho no Becco do Cotovelo! Pelos bairros da cidade... o pessoal querendo fazer uma fezinha pra ver se ganha uns trocados pra pagar as contas. (Risos). Ave Maria. ‘Tô’ vendo aqui também... deixa eu ver aqui. (Risos) Olha, gente que se candidatou a vereador e tirou quatro gatos pingados de voto e vai querer se

candidatar nas próximas eleições. Deixa eu ver aqui. Eu ‘tô’ vendo aqui gente que não tirou voto pra vereador e quer se candidatar a deputado estadual. Já pensou? (‘Hômi’, não vá se meter com isso, não). Só no inferno mesmo! Ah, meu Deus do céu. (Não vá se meter com isso, não). Tô vendo também aqui... deixa eu ver aqui... Olha aqui, menino, olha: namoro se acabando... namoro reatando... Eu ‘tô’ vendo também aqui muita gente soltando foguete amanhã à meia-noite... (Risos). Pipocado de foguete. Gente soltando foguetes desde meio-dia, até meia-noite. Em tempo de voar os dedos. ‘Tô’ vendo também aqui... deixa eu ver aqui... Vereador sem fazer nada no ano que vem. Valha, meu Deus do céu, é tanta coisa que eu ‘tô’ vendo aqui nessas previsões dos búzios. (Não vá se meter com isso, não). Francisco Néri, em Cariré, ‘tá’ assistindo a gente. Wilson Fernandes. Alô, Wilson! (Aí dentro!) Tá em São Paulo. Não. ‘Tá’ na Flórida. (Não vá se meter com isso, não). Wilson, um cheiro, meu lindo, viu? Francisco Néri: “feliz ano novo, meu amigo. Muitas felicidades, muitas alegrias. Um forte abraço”. (Risos) Mazé Pinho: “Fabiola, manda um beijo pra Mateus, meu filho”. Mateus, um cheiro, meu gato! Eu ‘tô’ vendo aqui também, Ivo... deixa eu ver aqui... Olha, o que eu ‘tô’ vendo aqui, menino! (Não vá se meter com isso, não). Muita gente fazendo dieta (risos) pra perder peso, mas chega em casa e toma um prato de... com abacatada. (Risos). (‘Hômi’, não vá se meter com isso, não). Não vai baixar o peso nunca, minha filha, viu? ‘Tô’ vendo aqui muita gente devendo conta de luz... conta de água atrasada também... (Risos). Gente que vai pra manicure, pé e mão, fiado! (‘Hômi’, não vá se meter com isso, não). Valha, meu Deus do céu, olha aqui: o povo aperriado e muita gente fumando uma quenga com o Temer. Tá bom? Tá aqui as previsões para 2018, o ano que entra depois de amanhã. Tá bom? Um cheiro pra vocês. Feliz ano novooo! (‘Hômi’, não vá se meter com isso, não). (vinheta com um grupo de pessoas dizendo “feliz ano novo!”)

- “O que Sobral tem de marromeno”

- 7 de janeiro de 2017

(Entra a personagem feminina) Ai, ai, ai lá se vem esse quadro... e hoje o programa ‘intéra’ 20 anos nos ‘côro’. (Risos) Lá se vai: o que Sobral tem de ‘marromeno’ a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras. Aqui em Sobral (risos)... vou ler bem sério. De novo: (risos) o que Sobral (risos) tem de ‘marromeno’ (risos)... Me esforço tanto!... a gente diz (risos) e amostra aqui (risos) de todas as maneiras. (risos) Hoje foi horrível (risos)... quase não sai. Vinte anos de programa. Só pode ser por isso (risos). (Entra personagem masculino). Nêgada, o pau que rolou aqui nessa semana ‘foi’ os vereadores que saíram na hora da posse do prefeito. Uns dizem que era na hora do recreio. Uns falaram que era porque ia chover. Outros falaram que ‘tavam’ com calor, outros falaram que foi porque não sei o que, não sei o que mais lá, não sei o que, não sei o que... Resumindo: saíram e já tá enchendo o saco esse assunto aqui na cidade. Pelo amor de Deus, rapaz! Sobral... vamos trabalhar, ser objetivo, vamos pensar grande. Isso é coisa de cidadezinha do interior do interior do interior da baixa da égua. (Eu digo é valha!) Pôrra, cara, sai ano e entra ano e é essa frescura. Pôrra! (Isso é em Sobral, né? Tinha que ser aqui). Pessoal, o nosso trânsito a gente vê que a cada dia só piora. É. Motorista que não respeita sinalização, rua preferencial, né? Gente que para o carro no meio de uma rua como a Dom José, deixa o carro lá e sai. Motoqueiro ultrapassando pela direita e corta pra esquerda. É desse jeito. (Rapaz, faça isso não, rapaz). Ô meu Pai. (Ô meu Deus, é mesmo). A Praça da Coluna da Hora, aliás, a sem hora. É sem hora! Nós passamos aqui um ano aqui cobrando as melhorias pra ela. Não fizeram nada. Parece assim uma coisa de vingança, coisa de menino do buchão mesmo, né? Esperança que o prefeito novo veja isso com bons olhos, né? Tomara que ele vá ver direitinho, que ajeite o piso, que faça um novo replantio da grama, que ajeite o

relógio, tá sem funcionar, que pra passar nem ponteiro tem. Isso é uma falta muito grande. Aquela praça bem bonitinha, no meio do... no centro da cidade de Sobral. Pessoal, ali é onde recebe todo mundo de fora, que vem pra cá tomar um cafezinho ali no nosso querido Tadeu, tomar café na Coluna da Hora... gente boa demais, né? Pois é. ‘Vamo’ coisar, prefeito, nossa pracinha da Coluna da Hora, viu? (É difícil, é difícil, é difícil). Pessoal, Sobral, terra da picuinha, da fofuquinha, da coisinha miúda, do disse-me-disse, terra muitas vezes de coisinha de cidadezinha provincianazinha. Até quando, Sobral, hein? Cresce, pôrra, pensa grande, rapaz! Sobral é muito maior do que essas fofocas aí do rádio, do que não sei o quê, por que o vereador saiu, por que o outro entrou... Por que não sei o quê, por que não sei o quê. Pensa, rapaz! (Acorda, Sobral). Diabo! Dá raiva na gente. Mas, pessoal, tem vereador que tá se achando, que não pisa no chão. (Que diabo de arrumação é essa, rapaz?) Já pensou? Se acha mais importante do que o Papa! Calma, rapaz. Tenham calma, pessoal. Tenham calma, viu? Vocês são empregados é do povo. Mas rapaz, já pensou? Se achando, assim, o rei da cocada preta. Pé no chão, nêgada, pra não ser vereador bananeira como um bocado foi. Cuidado não, viu? (Arriégua, macho, marróia!). Nêgada, hoje é os 20 anos do programa. Eu quero aqui agradecer ao Beto Brandão, à Daniele, ao Ivo Aragão, a vocês nossos ouvintes, né?, que acompanham a gente há tanto tempo aqui... Eu confesso que tô até emocionado nesse quadro “O que Sobral tem de ‘marromeno’”. Valeu, pessoal! Agora é contigo. Vai! (Aí é bom, aí é bom! Aí é profissional). (Entra a personagem feminina). (Risos). Eu não disse? O que Sobral tem de “mohamed” a gente diz e amostra aqui (risos) de todas as maneiras. Meu povo, o pau que rolou nessa semana nas emissoras de rádio foram os ‘vereador’ que saíram na posse do prefeito. (Risos). Sai tudo em filinha. Vamo simhora! Vamo simhora (Risos) Menino! Disseram que era pra merendar. Disseram que era por causa do calor, e que não sei o quê, e que não sei o quê mais lá, e que não sei o quê. Só sei que foram simhora. (Risos). E esse assunto, ó, tá enchendo o saco. Ai, meu povo, e o nosso trânsito? Muié, o que é que se faça, pelo amor de Deus, tá cada dia pior. Menino! É motoqueiro passando pela direita, e não o quê mais lá, e passa pra esquerda, e não sei o quê mais lá, e passa pela esquerda, rapaz... Menino, que diabo é isso? É carro que não respeita mão, contramão, não respeita sinal vermelho, nem encarnado nem roxo nem azul nem amarelo, empombado nem nada. Que diabo é isso, menino?! (Risos). Ai, meu Deus do céu. (Risos) Como é que pode? Não respeita preferencial... Tá desse jeito? (Risos) Ô, Sobral, cresce, cara! Eu gosto de ti, pôrra! (Risos). Olha, a Praça da Coluna da Hora, a gente passou aqui mais de um ano cobrando as melhorias, que botasse o relóginho direitinho pra funcionar, que ajeitasse o piso, que botasse uma grama nova. Mas não. Tinha cara que tinha raiva quando a gente falava, que tinha chefe de gabinete... (Risos). Não sei por quê que não fazia as coisas que a gente pedia. Com raiva, é? Ó a preocupação, ó... (Risos). Agora é esperar que o prefeito novo faça, né? Que ele ajeite aí, tá bom? (Risos). Olha, meu povo, Sobral, terra da picuinha, da fofuquinha, da futriquinha, da coisinha miúda, do disse-me-disse, terra das, às vezes, chamada de coisinha de cidadezinha provincianazinha da baixa da égua. O que é isso? Até quando, Sobral, cresce, cara! Te alui, te bole! Ai, sim. Tem vereador aqui se achando, ói... que não pisa no chão. Já pensou? Meu filho! Ó, ei, psiu, ei, psiu! Meu fi, olhe, você é empregado da gente. Você é empregado é do povo! Não vá dizer que você é autoridade, porque você é vereador, empregado do povo! (Risos). Ou você não sabe o que é isso, hein? (Risos). É pra tudin, viu? Tá bom? Vamo com o pé no chão, trabalhar direitinho, pra não ser vereador bananeira. (Risos). E mais uma vez eu me despeço desse quadro hoje aqui, já que o nosso programa hoje inteirou vinte anos nos côro. Mais uma vez obrigado ao Beto, obrigado à Daniele, obrigada ao Ivo Aragão e vocês que escutam a gente todo sábado aqui. Valeu, gente, agora eu quero comer um pedacinho de bolo do programa, não sei onde. (Risos). Na padaria! (Risos).

(Entra a personagem feminina). Ai, meu Deus, lá se vem... como diz o pessoal ali: ‘mó paia!’. (Risos). O que Sobral tem de ‘marromeno’ (Risos. Numa hora dessa!) a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras. (Risos. Tá direitinho um corujão). (Entra personagem masculino). Pessoal, fizeram um evento particular aqui na cidade. Usaram as ruas da cidade, botaram no Pré-Carnaval. Muitas das pessoas usaram os banheiros dos restaurantes. Depredaram foi tudo. Quer dizer, cada um dá o que tem, né? O que aquela gentalha tinha pra dar era aquilo mesmo. Era bom que quem realizasse um evento desse, ‘mó paia’, que botasse um cagador ambulante, né?, pra esse tipo de gente, né?, sem classe e sem educação. Magote de mal-educado! (Que diabo de arrumação é essa, rapaz?). Nêgada, tavam comentando na cidade, altura do Becco do Cotovelo, que teve vereador na cidade usando a tribuna pela primeira vez e sequer deu um “boa noite”. Pra vocês verem aí como é o poder, o poder mudar as pessoas, né? Talvez esse tipo de gente pense que estar vereador é, assim, a última coisa do mundo, né, rapaz? Uma coisona de outro mundo, né? Calcule! Calcule! (Eu digo é valha!). Falando ainda em Câmara, quem quiser ver chapéu bonito, viu?, tá aqui os modelitos de última geração, viu, pessoal? Não tira nem pra ouvir o Hino Nacional. Pois é! (Ai, tô pasma!). Pessoal, nesse Facebook tem muita gente revoltada, né? Se a pessoa posta uma coisa falando de bem de qualquer coisa que seja já vem escrevendo mil e um defeitos. Tadinho desse tipo de gente, né? Vai sofrer muito, com a felicidade dos outros, né? Vai rezar, rapaz! Vai procurar Deus, rapaz! Vai ser feliz, vai! Aliás, esse tipo de gente aí, viu?, era bom você excluir do seu Facebook, viu? (É difícil, é difícil, é difícil). Mas não tô dizendo mesmo, rapaz?! Esse tipo de gente dá uma ruga mostra! (Ô meu Deus, é mesmo). Pessoal, disse que na Câmara tem uns assuntos lá que a nêgada faz é dormir, ó? Já pensou? Cada assunto ‘véi’. Nêgada, ‘vamo’ fazer nossa Câmara grande aí, rapaz! ‘Vamo’ trabalhar ‘direitin’. (Isso é em Sobral, né? Tinha que ser aqui). Esse dormindo!... grava aí, pessoal com a cabeça embiocada lá... Pois é. Tem uns vídeos aí que mostra. (Arriégua, macho, marróia!). (Entra a personagem feminina). (Risos). Eu não disse? O que Sobral tem de ‘marromeno’ (Risos. No dia do Bloco dos Sujos e nesse horário ‘mó paia’) a gente diz e amostra aqui (risos) de todas as maneiras. Meu povo, semana passada fizeram um evento particular, e esse evento, tipo um Carnaval, assim, fora de época, passou nas luzes, bateram nos restaurantes, quebraram tudo. Fizeram serviço em tudo que foi lugar errado. Menino, que diabo é isso? Ôh, povo mal-educado. Já pensou? É por isso que vão pra fora e apanham. (Risos). Pega bordoadas no espinhaço, no ‘mêi’ das ‘venta’, no pé da ‘orêa’, no pé do ouvido, em todo canto, viu?. (Risos). Educação passou foi longe de vocês, não foi? Magote! (Risos). Nêgada, tavam comentando na cidade, na altura do Becco do Cotovelo, que tem vereador que subiu à tribuna, não deu sequer um “boa noite”, assim, as boas-vindas... Foi logo falando de chapa. Que diabo é isso? Cadê a educação, meu tio? (Risos). Né assim, não! (Risos). Aliás, tem vereador que acha que ser ou estar vereador é, assim, alguma coisona do outro mundo. (Risos). Eu me abro! Falando em Câmara ainda, quem quiser conhecer um chapéu bonito... lá tem uns modelos bonitos... menina! Olhe! É de última geração! É chapéu de princesa da Inglaterra. Pense num chapéu bonito! (Risos). Não tiram nem pra ouvir o hino nacional. Pessoal... nesse Facebook tem tanta gente revoltada. A gente mostra uma coisa, a pessoa vai e esculhamba, e não sei o que. Por quê que não é assado, por quê que não é assim. Meu filho, pois se você quer postar suas porcarias, poste você mesmo, seu ‘fí’ duma égua. Pronto! (Risos). Nêgo, não vá se importar com as coisas alheias, não, viu?. Esse “face”, aliás, se torna um pinico, né? Todo mundo faz serviço dentro. Que diabo é isso? Ah! Disse que na Câmara agora tá dando é sono do povo. Que diabo é isso, hein? (Risos). Cuidado, viu, Ivo? Se for pra Câmara cê vai dormir! Beto Brandão nem pisa lá. Tá mais do que certo. Daniele, não pisa lá. Tá mais do que certa. Nem eu. (Risos). (Ôh, meu Pai!) Pode cortar. Ôh horário ‘mó paia’!

- 18 de março de 2017

(Entra a personagem feminina). Ai, ai. Tá aqui o papel. (Risos). Eu não consigo concentração pra ler esse quadro. Daniele, Beto, Ivo, o que é que eu faço? O que Sobral tem de ‘mohamed’... (risos) ‘mohamed’ é inglês, viu?... a gente diz e amostra aqui (risos) de todas as maneiras. (Entra personagem masculino). É, pessoal, continua o festival de discurso repetitivo na Câmara Municipal. Eu tenho um amigo que vive por lá sendo besta. Ele disse que já cansou, já abusou de tanto ir pra lá, de ‘tá’ ali, tá entendendo? Toda semana tem vereador que a ladainha é a mesma. É aquela coisinha de ficar jogando pra plateia. Ôh, meu Pai eterno. Fazer o que, né? (É difícil, é difícil, é difícil). Nêgada, aqui tem uns apaixonados políticos, tanto da oposição quanto da situação. Fica umas piadinhas, com indiretas no Facebook, ou seja, aquela coisinha miúda, né?, pequena, de gente que não cresceu espiritualmente falando, né? O que é profundamente lamentável. Resumindo: é ridículo o apaixonado político. É unilateral. Só enxerga o lado dele. Tá entendendo? Só um lado... isso é fuleiragem, rapaz, um negócio desses. Pode um negócio desse? (Eu digo é valha!) Ôh, nêgada, de novo: o VLT continua pra cima e pra baixo com dois, três passageiros. Se duvidar, é até cortesia. Três reais? Tá pesado pro povo, governador Camilo! Cadê o bom senso, meu amigo? Caia na real! O povo tá sem real! Com uma crise dessa, horrível, governador? Pelo amor de Deus, rapaz! Tenha mais sensibilidade com as coisas. Um estado pobre como o nosso... vai meter um negócio interessante, mas assim também não dá, não, viu? (Que diabo de arrumação é essa, rapaz?). Pessoal, inventaram uma sessão ontem na Câmara pra discutir a reforma da Previdência Social. Como se Sobral fosse resolver esse abacaxi que tá por aí. Todo mundo sabe que essa reforma é assassina, que veio pra acabar com o povo. Ou será que estavam esperando todo canal de televisão do mundo vir pra cá?, pra fazer uma cobertura, era? Mas rapaz! Mas ‘num’ tô dizendo ‘mermo’! Só o que faltava mesmo. (Arriégua, macho, marróia!). Pessoal, não é porque eu queira gabar não, viu, mas vocês já viram o tamanho da Agência daqui do Banco Itaú? Rapaz, aquilo... podemos chamar de tamanho dum ovo. Rapaz, uma total falta de respeito com os clientes. Com jovens, com adultos, com idosos. Aquilo não é Agência, não. Aquilo é um posto avançado. Sinceramente, rapaz. É uma miniatura de Agência de banco. Os funcionários também sofrem muito com aquilo ali. Tem culpa de nada não, viu? Aqui é por nossa conta mesmo! Cresce, banco Itaú! Te alui. Pensa grande, rapaz. Respeita o povo de Sobral, rapaz! Ora, mas ‘num’ tô dizendo ‘mermo’! (Vamos crescer. Vamos pensar grande, meu povo!). (Entra a personagem feminina). Eita, que ele tá ‘peidado’ hoje! Tá fumando uma quenga. (Risos). Eu não disse? O que Sobral tem de ‘mohamed’ (risos) a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras. (Risos). Meu povo, e continua o festival de discurso repetitivo na Câmara Municipal. (Risos). Na casa do povo. De ‘nelso’. Meu povo, vamos virar esse disco, pelo amor de Deus. Um amigo meu bem acolá disse que abusou. Vai pra lá, bota a mão no queixo, cochila. A conversa é a mesma. A ladainha é a mesma. Assim não dá, não. (Risos). Meu povo, aqui tem uns apaixonados políticos, tanto ‘dum’ lado, a favor, ou do contra, ou situação ou oposição... meu povo, que diabo é isso?... com piadinha ‘véa’ no Facebook. Meu povo, vamos deixar isso pra lá. Coisinha ‘réa’ miúda, gente sem vergonha. Vamos pensar grande, meu povo, pelo amor de Deus! Ô coisa, besteira ‘réa’, sinceramente. O apaixonado político, ele é unilateral. Só tem um lado. É o lado dele. (Risos). Mó paia! Meu povo, meu povo: sou obrigado aqui a falar mais uma vez no VLT. Tá passando com duas, três almas dentro, todo dia. Governador Camilo Santana, pedido de amigo: ‘abaixa’ o valor da entrada, da passagem, seja lá de que diabo for, desse VLT, rapaz! Aqui é Ceará, estado pobre. Cai na real, que o povo não tem real. (Risos). A Daniele doida pra andar de metrô, de VLT mais a Cecília. A Brenda mais o Beto, eu mais o menino, o Ivo mais os ‘fi’ dele. E agora? (Risos). ‘Três conto’, não vou! Não vou! (Risos). Pessoal, inventaram uma sessão ontem pra decidir a reforma da Previdência aqui em Sobral. Como fosse assim... Sobral resolver as

coisas do mundo. Olha aí! E como se fosse... todo canal de televisão viesse pra cá. Olha aí: Sobral mobilizou o mundo, ou seja, o Brasil, ou seja, a Previdência Social. Grande coisa, né, Cecília? (Risos) A Cecília tá bem adiantada no Colégio Sant’Ana, e também a nossa amiga, a Bianca, né? Já tá no 3º. Ano. Só quem pode! Parabéns a vocês, viu? Continuando... (Risos). Pessoal, olha, aquela Agência do banco Itaú de Sobral é do tamanho ‘dum’ ovo de calango. É desse tamanhinho. Menino, não pode nem peidar lá dentro. E olhe que a gente entra lá dentro é tanta gente! Menino, que diabo é aquilo? Olhe, os funcionários não têm culpa. Eles também não gostam mas não podem dizer nada, os ‘póbi’. Pessoal, aquilo ali é um suspiro de Agência, pelo amor de Deus. Vamos pensar grande, né, banco Itaú? Vocês têm tanto dinheiro. Lá no Sul, né?, as ‘capital’ são as agências bem grandonas, e aqui é aquela coisa espremida pra entrar na porta... Menino, que diabo é aquilo? Apertado... Se entrar um e o suvaco lá... cai tudinho. (Risos) Acho que tá bom por hoje. Daniele, deixa de Whats App, para com isso aqui, mulher, anda! (Risos).

- 29 de abril de 2017

(Entra a personagem feminina). Ai, lá se vem o quadro... (Risos) eu juro, eu juro... Eu quero ficar séria mas não consigo. (Risos). O que Sobral tem de ‘marromeno’ (risos) a gente diz e amostra aqui é de todas as maneiras (risos). (Entra personagem masculino). Pessoal, pessoal: aquela buraqueira da Avenida Dr. José Euclides, na rotatória que vai pra Grendene... rapaz, aquilo é brincadeira! Ali o fluxo de veículos é muito intenso, é muito grande. Ali tem que ser feito um trabalho bem feito, não é só trabalho qualquer, não. Trabalho bem feito, rapaz!, de recapeamento, botar aquelas pedras ali, que ‘tão’ tudo se soltando ali. Sinceramente! (É difícil, é difícil, é difícil). É bem feito, não, viu? É super bem feito que tem que fazer o trabalho ali! Pelo amor de Deus! Aquilo é uma vergonha, rapaz! Pelo amor de Deus, vamos manter aquilo ali! (Ôh, meu Deus. É mesmo). Pessoal, se os políticos não tentarem inovar, fazer a coisa diferente dessa mesmice aí, o povo cansa. Como exemplo, a Câmara Municipal: tem coisa ali que, sinceramente... Vereador se empolga quando vê aquela galeria cheia... aí começa a jogar pra plateia... começa a se amostrar. E a gente sabe que aquilo ali não passa de uma corda bem dada no povo, né? Sempre a mesma ladainha... já chega, rapaz! Tá bom! Vira o disco aí. Sobral já tá muito grandinha, viu? Ave Maria, rapaz! Coisinha ‘véa’ picuinha, coisinha de cidadezinha do interior do interior do interior da baixa da égua! (Arriégua, macho, marróia!). Falando em Câmara Municipal de Vereadores, nêgada, essa semana agora mandaram pra Câmara lá um projeto pra quitar alguns moradores lá daquele bairro Nova Caiçara, né? Pra Câmara aprovar pra quitar as casas de certas pessoas. Pois ‘num’ é, rapaz, que nove vereadores da oposição se ‘levantou’ e ‘foi’ embora e ficaram ali ausentes, lá, da votação?! Que é isso, rapaz?! Isso é uma coisa muito miúda, rapaz! Isso é coisa muito pequena. Pelo amor de Deus! Sinceramente, isso é coisa pobre demais! (Vamos crescer. Vamos pensar grande, meu povo!). Aí as pessoas quiseram quitar as casas das pessoas do Nova Caiçara, de algumas pessoas... aí os caras se ausentaram, rapaz?! Nêgada, ‘vamo’ pensar ‘maiorzin’, nêgada, viu? (Risos). Isso aí também é gol contra, rapaz! Pelo amor de Deus! Já chega. (Ôh, cidade ‘véa’ cheia de conversa mole!). Nêgada, aquele pessoal que foi bater panela aqui na cidade naquele tempo, né, hoje ‘tão’ tudo calado... envergonhado, sem ânimo de sair de novo... pra tentar mudar essas coisas que eles fizeram aí com o país, que eles colaboraram. Cadê os percursionistas, né, rapaz? Os ritmistas... Ôh nêgada fulêra. Dá até pena da gente, viu, pessoal? Dá até pena. Pessoal, é triste. É lamentável a pessoa ter tendência política, esse tipo de gente que sofre demais. O apaixonado político. Tanto de um lado como do outro. Só é bom o lado dele, né? E o povo “que se lasque futebol clube”, e assim caminha a humanidade. (Diabo é isso aí, rapaz?) Ôh, nêgada, e essa aqui? A prefeita assumiu aí três dias, e disse que bloqueou por três anos a licença-prêmio do servidor municipal. Diz que é o

‘pau que rola’ na cidade. Que é isso, prefeita? Fazendo gol contra, rapaz? Que é isso? Cagou a nêgada. Todo mundo gosta duma licençazinha-prêmio, merecidamente, num país tão sofrido como o nosso, né? Aí ela apagou lá, decretou um negócio lá, não sei o quê mais lá, três anos de suspensão da licença-prêmio. Já pensou? Ainda bem que não faço parte desse time, do negócio de jogo, né? Tá entendendo? (Arriégua, macho, marróia!) (Entra a personagem feminina). (Risos) Eu não disse? O que Sobral tem de ‘mohamed’ a gente diz e amostra aqui é de todas as maneiras. (Risos) Meu povo, aquela buraqueira da Av. Dr. José Euclides, na rotatória que vai ali pra Grendene... Menino, aquilo ali não existe, não. Aquilo é brincadeira. (Risos). Meu povo, ali passa muito automóvel. Passa muito carro ali. O ‘flucho’ de carro é muito intenso, é muito grande! Eu sei que é fluxo, viu, ‘doidin’?! (Risos). Ali tem que ser feito um trabalho, não é bem feito, não, é super bem feito! E é pra ontem! Ora, mas ‘num’ ‘tô’ dizendo mesmo?! (Risos). Pessoal, se os políticos daqui não tentarem inovar a coisa, não vai pra frente, não. Essa mesmice... tudo demais cansa, abusa. Essa Câmara daqui, meu Deus do céu. Olhe, já ‘tá’ diminuindo a plateia de vocês aí, rapaz. Aquela galeria vivia cheia, né? E quando um vereador vê aquilo cheio ele começa a se empolgar, jogar pra plateia, começa a se amostrar... A gente sabe que aquilo ali é só um teatrinho, uma corda bem dada no povo, né? (Risos). Só quem não pegou corda de vocês... (Risos). Olhe, no time que vocês jogam eu fui presidente. (Risos) Chega! Tá bom. Vira o disco. Sobral ‘tá’ uma cidade bem crescidinha. Vai inteirar agora 244 anos!... agora em julho, né? Pessoal, como é que pode, né? (Risos). Mandaram um projeto pra Câmara daqui pra quitar umas casas de alguns moradores do Conjunto Nova Caiçara. Pois vocês acreditam que os vereadores da oposição se levantaram e foram ‘simbora’? (Risos) Se ausentaram! Menino, que é isso? (Risos). Isso aí também é o vulgo gol contra! (Risos) Ou seja, contra o povo. Que é isso, meu povo? Vão fazer isso com o povo, não! O povo já é tão sofrido, tão massacrado. ‘Igalzin’ tabaco, todo tempo pisado em cima. Nã! Pelo amor de Deus, hein? É assim, né? Pois é. Os nove se levantaram, se ausentaram. (Risos). Coisinha miudinha, pobrezinha de Sobral. (Risos). Ai, ai. Meu povo, cadê aqueles ‘batedor’ de panela? (Risos). Cadê os ritmistas? Os percussionistas, os bateristas, os paneleiros? Tudo calado... envergonhado... sem ânimo, né?... pra mudar o caos que eles fizeram com o povo. (Risos). Ê, ê... Pessoal, é triste, é lamentável... a pessoa ter tendência política, né? Sofre demais. O apaixonado, tanto dum lado como do outro. Um esculhamba demais, o outro baba demais. É bom só pra eles, pessoal. ‘Vamo’ se importar com isso, não, viu? (Risos). E a prefeita?, que assumiu agora três dias aqui, acabou a licença-prêmio por três anos!? Prefeita, faça isso, não. (Risos). Tem raiva do povo? O povo, o que foi que fez com a senhora? Hein? (Risos). Já pensou? Três anos sem a licença-prêmio? Ôh, minha filha, faça isso, não. Isso é o famoso gol contra. (Risos). Eita! Pensa que o Beto gostou dessa arrumação? O Ivo gostou? A Daniele? Cavalcante agora! Grande artista de fotografia. Gostou? Gostou não. E a Bianca também não gostou, que é uma grande cantora, tocando violão. Ah, meu Deus do céu. Bianca, parabéns pra você, viu? Tô cansado, ai... Atchin!

- 6 de maio de 2017

(Entra a personagem feminina). Ai, me lasquei. (Risos). E eu tento... (risos). Eu tento me concentrar mas não dá. O que Sobral tem de marromeno, ‘ói’, a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras. (Entra personagem masculino). Pessoal, pessoal, é impressionante como a gente dirige por muitos motoqueiros, tá entendendo? Dia 1º. de maio... tá entendendo?... por pouco, muito pouco, (trecho inaudível por falha na transmissão pela Internet) na rotatória do Arco... o sinal fechado pra ela e ela vai e avança o sinal encarnado pra ela, rapaz! (É difícil, é difícil, é difícil). Se o motorista não tivesse freado tinha acontecido uma tragédia, um acidente! Ia ela, uma criança e outra pessoa na garupa! Que é isso? Minha filha, presta atenção no serviço! Doidinha do arroz! Como é que pode, rapaz? Escapou fedendo, viu? Ora!

(Arriégua, macho, marróia!). Nêgada, mas como tem gente rançosa nesse Facebook, né? É um tipo de gente que não pode ver as coisas, né? Que fala, se incomoda com tudo. É difícil, é complicado, nêgada. Deixa o ‘póbi’ descansar, rapaz! (Ôh, meu Deus, é mesmo). Pessoal, aqui ainda tem muita coisa que não evoluiu, não desenvolveu... Ou seja, a mentalidade política. Aqui ainda tem muito ‘apaixonadozin’ que vive naquele ‘mundin’ dele, né? Que quando não é a favor é contra. Quer dizer, se beneficia a ele... e o resto “que se lasque futebol clube”, como se diz, né? (Vamos crescer. Vamos pensar grande, meu povo!). Falando em política, às vezes a pessoa vota num certo candidato... só vai beneficiar uma meia dúzia de pessoas. Ou seja, vai dar emprego a meia dúzia de gente pro resto... tá entendendo?... pro resto dos quatro anos vindouros. E o resto do povo? O resto é só um detalhe. (Ôh, cidade ‘véa’ cheia de conversa mole!). (Entra a personagem feminina). (Risos). Eu não disse? Eita, quadro ‘véi’ duro. Incomoda... diz as verdades... e acham ruim! (Risos). É só fazer as coisas direitinho. O que Sobral tem de... (risos) eu me abro!... de ‘marromeno’ a gente diz e amostra aqui (risos)... eu me abro... de todas as maneiras (risos). Meu povo, aqui a gente tem que dirigir pela gente e pelos outros! Como é que pode? Na rotatória do Boulevard do Arco, uma doidinha ia passando no sinal encarnado com uma garupeira, uma mulher, e uma criancinha entre as duas. Ôh, meu Pai. Minha filha, não faça isso, não. O sinal ‘tava’ encarnado pra você. A gente não deve fazer isso, não, viu? Se empacota você ali, já pensou? Ah, meu Pai (risos). Nêgada, meu povo, como tem gente rançosa nesse Facebook, né? Pois é. O pessoal faz do Facebook um penico às vezes, né? Diabo é isso? Meu povo, vamos postar coisas interessantes, coisas boas, né?, coisas positivas. Mas não essas coisas ‘réa’ de não sei o que, não sei o que mais lá, negócio de politicagem, negócio de futebol, não sei o que, não sei o que mais lá (risos). Ai, o Beto tem horror a essas coisas, mais o Ivo. Pessoal, aqui tem muita coisa que não evoluiu ainda. Que não cresceu, não desenvolveu. Mentalidade política de muitos aqui na cidade. Aqueles ‘apaixonadin’, aquele cego que só vê um lado (risos). Aquele ‘mudin’ deles, sabe? Quando não é a favor é do contra! E torce pela desgraça! E o outro é babão demais! O outro esculhamba demais! Que diabo é isso, meu Deus? E o resto do povo? “Que se lasque futebol clube” (risos). E falando em política, às vezes a pessoa vota num candidato, mas vai beneficiar meia dúzia de gente. Tá entendendo? Pois é. Quer dizer: você vota e você ‘tá’ beneficiando o candidato e aquela assessoriazinha (risos). E o povo, olha... (som de palmas e risos). Ai, ai, ai. Acho que por hoje é só. Pode cortar, Beto Brandão!

- 24 de junho de 2017

(Entra a personagem feminina). (Risos) Eita! ‘Ói’ esse quadro ‘réi’ doído! O que Sobral tem de ‘marromeno’ (risos) a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras. Quase que eu não me abri aqui hoje. (Risos). (Entra personagem masculino). Ôh, nêgada, um bocado de gente mal informado saiu espalhando até em rádio dizendo que aquelas câmeras de vídeo-monitoramento era só pra multar. Que diziam que era pra multar pelas placas dos carros, pra saber se a documentação ‘tava’ atrasada. Ôh, nêgada, né assim não, rapaz! (Arriégua, macho, marróia!). Pelo amor de Deus! Aquilo ali (riso) é só pra quem inflige as leis de trânsito, rapaz! Passar no sinal encarnado, andar na contramão... Pessoal, não vamos passar má informação, não. Verdade tem que ser dita, né? Bora se inteirar bem ‘direitin’, tá legal? Viu? A gente tem que ser sincero com as coisas. Viu? O cara errado, tá errado, tem que pagar, né? Tem que andar bem coisadinho, né? Pois é. (Ôh, meu Deus. É mesmo). Falando em trânsito, quando é que muitos motoqueiros vão aprender a ultrapassar um carro, hein? Muitos deles, rapaz, passam pela direita e imediatamente passam pra mão esquerda. Aí lasca! Quero dizer: você tem que dirigir por você e por ele, pra não bater nele. Já pensou? É o vulgo pau de lata! Rapaz, e é mototaxista... é motoqueiro mesmo, sem ser assim... de aluguel. Generalizado mesmo, viu? (É difícil, é difícil, é difícil). E a reforma do altar da Igreja da Sé? Já ‘tá’ é

caducando e não termina! Até o padre reclamou domingo passado, ‘ói’? A igreja, nêgada... cheia de andaime... pega mal que só, ouviu? Pega mal! ‘Tá’ demorando mesmo, viu? Fica aqueles ‘panozão’ pendurado dentro da igreja, encobrindo o altar, né? Ôh, meu Pai! (Ôh, cidade ‘véa’ cheia de conversa mole!). Pessoal, ‘vamo’ deixar de ‘tá’ passando mensagem de Whats App de madrugada pros ‘outro’. ‘Ramo’ deixar o povo dormir sossegado. A pessoa às vezes ‘tá’ pegando no sono, aí chega aquele sinalzinho de Whats App. ‘Arre’ Maria! A gente vai ver, é aquele sujeito moreno, de chapéu. (Diabo é isso aí, rapaz?) Deu pra entender, não deu? Pois é. Aquele sujeito de chapéu. Já pensou? Nêgada, ‘vamo’ deixar o povo sossegar direitinho. ‘Vamo’ deixar o povo dormir. Ainda mais pra mostrar aquele sujeito moreno de chapéu? Ôh, rapaz! (‘Hômi’, não vá se meter com isso, não, ‘hômi’ de Deus!). (Entra a personagem feminina). (Risos). Eu já sei quem é esse homem de chapéu! (Risos) Tá aqui!... (risos) o que Sobral tem de ‘marromeno’ (risos)... a gente diz e amostra aqui... (risos) de todas as maneiras. (Risos) Não vou conseguir nem ler direito. (Risos) Quando eu vi esse homem de chapéu... (risos). Meu povo! Um bocado de gente mal informada espalhando nas rádios... dizendo que aquelas câmeras de *videomonitorate*... nome bonito, né?... era só pra multar. É não, meu povo. (Risos) ‘Vamo’ se inteirar direitinho das coisas. Eu tô aqui ainda com o chapéu na cabeça (risos). Ai... (risos). Ôh ‘chapeuzão’ aquele dele! Falando em trânsito, quando é que muitos motoqueiros vão ultrapassar um carro direitinho, hein? Menino, eles passam pela direita, entre um carro e a ponte, em tempo de se tacar no chão e a gente passar por ‘riba’ deles. Aí lasca! Tem condição não, ‘zé doidin’. ‘Doidin’ do arroz! (Risos). E a reforma da Igreja da Sé? Menina, faz é tempo. ‘Chêi’ de pano ‘impendurado’ lá dentro. O padre reclamou domingo passado na hora do sermão: “olhe... não sei o que mais lá... não sei o que mais lá que ‘tá’ demorando muito. E não sei o quê, e não sei o quê”. Pois é. Pega mal que só, né, não Ivo? Né, não, Beto? Né, não, Daniele Cavalcante? Daniele Ponte!, né? Pois é. Por falar em Daniele, né? Parabenizar mais uma vez aqui a Feira de Ciências do Prof. Arruda. Só deu Daniele Cavalcante, viu? Ou Daniele Ponte! Pessoal, vamos deixar de ‘tá’ passando mensagem de madrugada. (Risos). Deixa o povo dormir (risos). De vez em quando aquela mensagem. A pessoa vai ver... ‘tá’ pegando no sono... aparece... aquele sujeito moreno, alto, de chapéu. (Risos). O Ivo sabe quem é. Você que ‘tá’ me ouvindo sabe quem é aquele sujeito de chapéu. ‘Arre’ Maria. (Risos). Eu vou até parar. (Risos). ‘Tô’ aqui impressionada com esse homem do chapéu. (Risos). Tá bom.

- 1º. de julho de 2017

(Entra a personagem feminina). Ai... Já pego o papel e já me abro... (Risos) Ai, seriedade... O que Sobral (risos) tem de ‘marromeno’ (risos) a gente diz e amostra aqui (risos) de todas as maneiras nesse 1º. de julho. (Entra personagem masculino). É, pessoal. E continua aqui na cidade aquela coisinha... de cidadezinha miúda. Coisa que só se vê em cidadezinha pequena mesmo. É gente de uma mentalidade pobre, atrofiada e sem perspectiva de crescer. Pois é. E é daí pra pior. (Arriégua, macho, marróia!) É muita sem-vergonhice. Sinceramente, viu, pessoal? Ave Maria. Aí diz que aqui é uma cidade universitária! ‘Óia’ aí, rapaz. Calcule! (É difícil, é difícil, é difícil). Pessoal, desde a gestão passada que a gente cobrava aqui uma reformazinha na praça da Coluna da Hora. Ainda bem que ‘tão’ fazendo, viu? Agora, a pergunta que não quer calar: e o relógio? Vai funcionar bem ‘direitin’, vai? Tomara que ajeite também o relógio, né? Porque a praça ‘tá’ ficando só o ‘pitel’. É o novo!: ‘pitel’. Só o cuscuz, viu? (Ô meu Deus, é mesmo). Nêgada, não é que eu queira me gabar, não, mas eu nunca vi uma Câmara Municipal pra ter tanto disse-me-disse. É um povo que faz questão de ser miúdo, né? De ser pequeno. Bora pensar grande, né, minha gente. Bora acordar aí, rapaz. Bora sair dessas futricazinhas. Isso só diminui a cidade. Ôh pobreza! Sinceramente, rapaz! (Ôh, cidade ‘véa’ cheia de conversa mole!). Aqui tem gente que é assim: quanto pior, melhor. Ou seja, ele

torce pra que nada dê certo. Torce... que tudo dê errado, né, rapaz? Isso só pode ser gente que é muito infeliz na vida, né? E não quer ninguém, também, que seja feliz. Esse tipo de gente, não vale a pena você ser amigo dele, não, viu? É muito negativa. Vai pra lá, pra lá! (Diabo é isso aí, rapaz?) (Entra a personagem feminina) (Risos) Eu não disse? Foi bem curtinho hoje... O que Sobral tem de... (risos) ‘marromeno’ a gente diz e amostra aqui (risos) de todas as maneiras. Meu povo, vamos deixar dessas coisinhas miudinhas. Aqui, Sobral, é uma cidadezinha até... uma mocinha até grande. Vai fazer seus 243 anos agora dia 5 de julho. Pois é... essa semana agora, que vai começar. Meu povo, é um povo de mentalidadezinha pobre, atrofiada, coisinha de cidadezinha miudinha lá da baixa da égua. Que nem todas têm, e isso aqui tem. E aqui se diz assim: “Sobral, cidade universitária!”. Já pensou? Como se fosse todo mundo naquele nivelzinho de ... tá entendendo? Mas não é não. Tem muita gente que peca nesse setor aí, viu? (Risos) Pessoal, desde a gestão passada que eu cobrava aqui nesse quadro pra consertar aquela praça Coluna da Hora, que ‘tá’ sem hora. Tá bom? Pois é. Olha, eu também queria que ajeitasse o relógio. Não é só o piso, não, viu? Pois é. Cobrança, aqui, fica no ar, tá bom? (Risos) Vamos ver se faz mesmo, né? O relógio ‘tá’ lá. Nem ponteiro tem. Tem um lado que tem só o bicho lá, só o retrato dele. Não tem nem o ponteiro. (Risos). Meu povo, não é que queira gabar não, viu? Mas eu nunca vi uma Câmara Municipal pra ter tanto disse-me-disse. Ave Maria! Menino, o povo faz questão de levar assuntinho ‘réi’. Que diabo é isso? Ôh povo miúdo. Meu povo, ‘vamo’ pensar ‘maiorzin’! Sobral inteira agora 243 anos nos ‘côro’. Uma cidade... já é uma mulher ‘véa’, Sobral, né? É! Uma mulher ‘véa’! (Risos) Assim... falta botar um batonzinho... falta botar uma maquiagemzinha legalzinha... assim, um brincozinho pra ficar bem polidazinha, bem coisadinha, viu? (Risos). Ôh, meu Pai. Aqui tem gente que é assim: quanto pior, ‘mió’. Torce pra que nada dê certo. Torce que tudo dê errado. Que diabo é isso? Menino, que carniça é essa? Meu povo, pelo amor de Deus! ‘Vamo’ pensar ‘miózin’. ‘Vamo’ atrair as coisas boas da vida, ‘pelamôrde’. ‘Pelamôrde’! ‘Pelamôrde Deus’! (Risos) Por exemplo, o Beto! O Beto é uma pessoa positiva. O Ivo Aragão? Outra pessoa positiva. A Daniele Cavalcante? Professora do Prof. Arruda! Tá pensando o que? Positivíssima! Pode cortar, Beto!

- 15 de julho de 2017

(Entra a personagem feminina). Ai... lá se vem esse quadro... Ôh pessoal fuleiro. (Risos). O que Sobral tem de ‘mohamed’ (risos) a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras. Menino, ô... fulano vem das férias. Pense! ‘Mó’ paia. (Risos). (Entra personagem masculino). Pessoal, é impressionante como muitos motociclistas e motoristas ignoram faixa de pedestres aqui na nossa cidade, né? Eu pergunto: será que tem carteira de habilitação? Será que tem noção do tamanho da responsabilidade que é dirigir, sei lá qual for o tipo de carro? Tem nada, rapaz! Se duvidar nunca passou nem em frente à calçada de uma autoescola. “Arre” Maria! Dirige na marra, né? Depois ‘tão’ achando ruim. Mas não ‘tô’ dizendo mesmo! (Acorda, Sobral!) Pessoal, aqui tem cada atendente no comércio que quebra qualquer padrão, viu? É um mau gosto quando vai atender, que o cliente vai ‘simbora’ na mesma hora. Sinceramente! É com má vontade, é com cara de bicho, e por aí vai... Sinceramente, ele atende o cliente sem um pingão de interesse. Aliás, tem uns deles aqui que dizem “rapaz, isso aqui é caro. Não dá pra ti, não”. Já pensou, rapaz?! Sem saber das condições do bolso do cliente... (É difícil, é difícil). O povo aqui tem essa mania feia. Magote. Vai pra baixa da égua! (Arriégua, macho, marróia!) Pessoal, e aqui continua aquele tipo de gente que adora inventar notícia nas redes sociais. “Arre” Maria! Dão o maior valor tentar fazer um fuxico. Né? Tentar fazer mentira mentirosa ser verdadeira. Esse tipo de gente, sinceramente, exala rancor, inveja... Bora rezar, nêgada! Bora tentar ser feliz. Deixa os outros de mão! “Arre” Maria! (Diabo é isso aí, rapaz?) Ôh, nêgada, e Sobral voltou a ser atacada pela muriçoca. Pense numa companhia

‘mó’ paia essa muriçoca traiçoeira! Só picam por trás! Eu vou pedir o deputado Alfonção pra fazer um projeto “Minha raquete, minha vida”. (Ai, ‘tadin’!) (Entra a personagem feminina). (Risos) Ôh, ‘véi’ fuleiro. Eu ‘num’ disse? O que Sobral tem de ‘mohamed’ a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras. Meu povo, aqui tem motorista que não sabe o que é uma faixa de pedestre, não sabe o que é um sinal encarnado, nem amarelo... Só sabe o verde, e ele passa na tora. (Risos). Não tem um pingo de responsabilidade! Meu filho, esse tipo de gente sequer um dia passou na calçada duma autoescola. ‘Duvi-d-odó’ que tenha noção de alguma coisa. Tem nada! Aí dirige ‘mó’ paia. (Risos). Cuidado, viu, ‘doidin’ do arroz! Meu povo, aqui tem cada atendente de loja que fica botando boneco pra atender as pessoas! É um povo com cara ruim, com cara de bicho... num tem classe... A pessoa vai comprar uma coisa: “ei, isso aqui é caro!”. Já pensou?! Meu filho, quem manda no meu bolso sou eu, viu?! Não ‘tô’ dizendo mesmo?! Zé Ruela! (Risos). Sabe de nada, inocente! Meu povo, e aqui continua... aquele povo rancoroso nas redes sociais. Botando defeito em tudo, esculhambando tudo, piadinha pra cima e pra baixo. Meu povo!, não tente fazer duma mentira uma verdade, não. Isso pega mal que só! Viu? É um povo rancoroso, com inveja. Meu povo!, bora rezar! Bora ser feliz, ou no culto ou na Igreja Católica. Onde você se sentir ‘mió’. (Risos). Meu povo, voltou a onda da muriçoca aqui em Sobral. ‘Tão’ atacando direto! Pense num batalhão! (Risos). Inclusive vão falar com o deputado Alfonção... eu, a Daniele, o Beto, o Robson, a Cecília, o Ivo Aragão... falar com o deputado Alfonção pra fazer o projeto “Minha raquete, minha vida”. (Risos). Ai,ai,ai... Capando o gato! Fui! Diabo de muriçoca aqui... Vai pra lá, diabo, vai picar o cão!

- 9 de setembro de 2017

(Entra a personagem feminina). (Risos) Lá se vem esse quadro, que fala as verdades de Sobral. O que Sobral (risos) tem de ‘marromeno’ a... gente diz e amostra aqui... chega deu cansaço!... de todas as maneiras. Ôh povo doido desse programa. Pense numa evolução, no BB Studio. (Entra personagem masculino). Pessoal, tem gente que pensa que aquela carteirinha de radialista dá status. Pensa que ela dá direito a entrar em todo lugar. Mas é muita inocência mesmo, né? Você mal entra em casa com ela, quanto mais nos cantos, rapaz. Tá entendendo? A minha eu nunca mostrei pra ninguém. Nunca pediram. Nem na rádio que eu trabalho. Vão se iludindo, vão se iludindo, viu? Ora, mas ‘num’ ‘tô’ dizendo mesmo. Ôh bicho besta é gente, né? (Arriégua, macho, marróia!) Nêgada, não é porque eu queira gabar, não, viu, mas aqui tem gente que só sabe comer se for nas calçadas das pizzarias, que é pra quem passar ver ela comendo na calçada. Grande coisa, viu? Isso é ostentação?! ‘Óia’ aí, comer pizza na calçada das pizzarias... ‘Óia’ aí, rapaz! Ôh, meu ‘ti’... (Diabo é isso aí, rapaz?) E certos políticos daqui acharem que são autoridades. Pessoal, vocês não são autoridades, não. Vocês são empregados do povo! Tome consciência disso de uma vez por todas. O povo é o patrão de vocês, morou, ‘moraes’? Hein? Ora, mas ‘num’ ‘tô’ dizendo mesmo. (Ai, ‘tadin’). Pessoal, mas é impressionante como tem gente de Sobral que merenda, janta e almoça política. São os ‘babão’, e outros revoltados. E assim caminha a nossa gente. Lamentável, né? Pois é desse jeito. Acorda, nêgada. Acorda, Sobral. Pensa grande, Sobral! (É difícil, é difícil, é difícil). (Entra a personagem feminina). (Risos) Menino, bem coisadinho hoje. Gostei! O que Sobral tem de ‘mohamed’ a gente diz e amostra aqui (risos) de todas as maneiras. Como sempre, né?, Sobral atrasado. Mais uma vez foi adiado a televisão ou o sinal digital. (Risos). Aqui é depois. (Risos) agora no texto! Olhe, tem gente que acha que com aquela carteira de radialista pode entrar em todo canto. Meu filho, pode não. Se duvidar, você não entra nem na sua casa com ela. Acha pega uma chibatada da sua mulher. (Risos). Quer ir pros cantos, ‘ói’. Pro estádio, pro teatro. ‘Né’ assim não, ‘rapazin’! Viu? Te alui. (Risos). Meu povo, não é que eu queira gabar, não, mas aqui tem gente que adora sentar nas pizzarias e comer pizza nas

calçadas! Que é pra mostrar que ela é dessas! Que tá comendo pizza! Grande coisa! Ôh ostentação ‘mó paia’. (Risos) E os políticos daqui?... achar que são autoridades! ‘Ói’. Meu filho! Olhe, escute! Você, do prefeito ao governador, do prefeito ao presidente, o escambal, olha: vocês são empregados do povo! Se conscientizem disso. (Risos). Autoridade, olha? (Risos). Ai... Meu povo... Meu povo, é impressionante como tem que almoça, merenda, janta, dorme e acorda, política! São os ‘babão’ e são os revoltados. (Risos). E assim caminha a nossa humanidade, o que é profundamente lamentável, sob todos os aspectos! Por isso que o Beto fala sobre futebol, sobre pingue-pongue, sobre não sei o que mais lá... O Ivo só fala sobre comida, boa que só... A Daniele agora é só no Professor Arruda. (Risos). E assim vai. Pode cortar, BB!

- 14 de outubro de 2017

(Entra a personagem feminina). Lá se vem esse quadro... (risos). Mas, meu povo, aqui é tiro e queda: o que Sobral (risos) tem de ‘marromeno’ a gente diz (risos) e amostra aqui de todas as maneiras. (Entra personagem masculino). É, nêgada, e continua vereador jogando pra plateia. O que é que foi dito aqui sábado passado? Que ele faz um alarde, né? Falta os ‘fôlego’, pede água, afrouxa a gravata, aquilo tudo é só pra fazer uma média, hein, pessoal? É o velho “teatro”. E tem gente que se ilude... né, que é uma beleza. Mas, rapaz, ôh bicho besta é gente, né? Pessoal, acorda, pessoal! Isso é só conversa mole. É ladainha antiga! (Arriégua, macho, marróia!). Pessoal, mas é impressionante como aqui tem gente que dirige moto olhando pra celular, com farol apagado à noite. Aí lasca, viu? Aí o carro bate, aí é o ‘coitadin’. Faça isso não, rapaz! Tá doido ou come barro? Rapaz, como é que foi que já se viu uma arrumação dessas, o ‘cabôco’ dirigir moto à noite, com o farol apagado!? Bulindo no celular! Ora, mas ‘num’ ‘tô’ dizendo mesmo?! (Diabo é isso aí, rapaz?) Rapaz, e o relógio da Praça da Coluna da Hora? Continua sem hora, continua sem funcionar. E a gente pede que conserte. Faz um bom tempo, ó, ó,ó (estala os dedos). E aí? É um trabalho pro prefeito, né? Aí, prefeito: dê uma consertadinha nesse relógio da Coluna da Hora... Um relógio tão bonito! Parado, nem funciona. Tem um lado que nem ponteiro tem. O pessoal chega, olha pra cima, não vê nada. Pega mal que só, viu? (É difícil, é difícil, é difícil). Nêgada, não é gabando, não, viu, mas nosso estádio do Junco ‘tá’ meio sambado, ‘tá’ sofrido, ‘tá’ feio! Tá maltratado! Precisando de uma reforma, e grande e urgente, viu? Prometeram reforma das cabines de rádio faz é tempo, ó. (Estalo de dedos). Aliás, aquelas cadeiras ainda são aquelas usadas do Castelão. Sobejo do Castelão. Por aí se tira. Ali tem refletor queimado que dá no meio da canela. E por aí vai. ‘Vamo’ crescer, nêgada! (Ôh, cidade ‘véa’ cheia de conversa mole!). Aliás, o time daqui ‘tá’ na Série D do Campeonato Cearense, né? Carne de pescoço, né?, no ano que vem. (Entra a personagem feminina). (Risos). Eu não disse?! O que Sobral tem de ‘mohamed’ a gente diz e amostra aqui (risos) de todas as maneiras. Meu povo, e continua vereador jogando pra plateia lá na Câmara. (Risos). Faz um alarde das coisas, fala alto, falta os ‘fôrgo’... (risos), pede água, afrouxa a gravata. Tão bacana fazer média. É o velho teatro. (Risos). Te ilude, povo! Te ilude, ‘cú’ de grude! (Risos). Meu povo, é impressionante como aqui tem gente que tá andando de moto à noite com o farol apagado e bulindo no celular. (Risos). Meu ‘fi’, ‘cê’ é doido ou caga rodando? ‘Cê’ é doido ou chupa prego? ‘Cê’ é doido ou come barro? Ah, o carro pega... ah, ‘bichin’ vinha bem ‘devagarin’, o carro bateu. Olhando o celular... pra foto... Meu ‘fi’, te alui, rapaz! (Risos). Parece que é doido! Ôh, meu Deus, aquele relógio da praça da Coluna da Hora continua sem funcionar. Tá parado. Não se bole. Tem uma parte lá que nem ponteiro tem. Então, pedir logo o prefeito, pra ele olhar aquele relógio, que faz é tempo, ‘ói’ (estalo de dedos), que a gente cobra aqui... “nad-a-da”!. Viu? No meio da praça! Praça central. Tão bonitinha a praça, assim entre aspas. Precisa dar uma repaginada nela. Meu povo, não é gabando não, mas o nosso estádio do Junco... o estádio tá sambado, viu? Tá todo ‘coisado’

‘réi’. Holofote queimado... (risos). As cabines de rádio ultrapassadas... as cadeiras já ‘tão’ só o busto também. Tem que fazer uma reforma no estádio, melhora pra gente. Pessoal torcendo pro time daqui, né? Time daqui tem é sofrido. Agora tá na Série D, ‘ói’? Carne de pescoço no ano que vem. Acho que ‘tá’ bom, né? Beto Brandão? Daniele Cavalcante do Professor Arruda... Ivo Aragão que adora esse quadro! Corta!

- 18 de novembro de 2017

(Entra a personagem feminina). Eita, que lá se vem esse quadro... O que Sobral (risos)... Não aguento não... tem de ‘mohamed’ (risos) a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras. (Entra personagem masculino). Nêgada, não é gabando não, viu?, mas aqui tem gente que é craque em botar lixo na calçada só depois que o carro passa. (Ôh “fi” duma égua ruim!) É impressionante, rapaz. Parece assim uma coisa. É automática, sabe? Rapaz, é até gente ‘marromeno’. A gente tira pela sacola de lixo. É só sacola de mercantil. Viu? (Diabo é isso aí, rapaz?) Pessoal, mas como tem gente rançosa nessas redes sociais, né? Eu, conversando com um amigo meu aqui no estúdio hoje... aquele tipo de gente, né?, que quanto pior, melhor. É aquele tipo de gente que se inveja doesse ela só andava gritando no meio da rua. Pois é desse jeito. Só Deus na causa. Só Deus na causa! Ave Maria. (É difícil, é difícil, é difícil). Pessoal, até que enfim que mandaram tirar o bico que fizeram na praça da Câmara Municipal, né? Do jeito que ‘tava’ lá nem um carro doido fazia aquela curva no sentido rodoviária, não. Ainda que o engenheiro viu a arrumação que ele fez e desmanchou o que ele fez, né? Graças a ‘Dios’, viu? (Risos). Ôh nêgada ‘fulêra’! (Aí é bom, aí é bom. Aí é profissional). Nêgada, o apresentador da Globo veio aqui segunda-feira passada, né?... pois não é que apareceu foi uma pessoa com um cartaz pedindo pra levar ela pro Big Brother! Óia aí! É ou não é ‘marromeno’ aqui em Sobral? É, nêgada. É ‘marromeno’. (Arriégua, macho, marróia!). pro Big Brother! Óia aí, rapaz! Tomara que ela vá mesmo. (Ôh, cidade ‘véa’ cheia de conversa mole!). Nêgada, pois ‘num’ é que tem gente que perdeu o seu precioso tempo... é, assim... enviando essas coisas totalmente sem futuro, sem nexo, pelo Whats App? Aquelas manias daquelas coisas de correntes, não sei o quê. Rapaz, uma grandeza! O pessoal aqui é viciado em mandar corrente. (Ôh, meu Deus. É mesmo). Já pensou? Rapaz, o povo tem o que fazer. Diz que foi o Papa que mandou, que foi o padre Manzotti que mandou, que foi o Fábio de Melo que mandou, que foi o padre Gonçalo que mandou... foi o padre... o frei Gláuber que mandou... Mandou não, rapaz. Isso é conversa do povo. Pegue corda não, viu? Ora, mas ‘num’ ‘tô’ dizendo mesmo?! (Eu digo é valha). Pessoal, o pau que rola em tudo que é de roda de conversa é assim: tu já ‘foi’ assaltado? Fulano foi assaltado. Ontem assaltaram não sei quem. Essa é a realidade de Sobral. Cuidado, nêgada! Nós ‘tamo’ é lascado! (Acorda, Sobral!) (Entra a personagem feminina). (Risos). Eu não disse? O que Sobral tem de ‘marromeno’ a gente diz e amostra aqui é de todas as maneiras. Meu povo, meu povo: pois não é que aqui tem gente que bota o lixo depois que o carro passa? Meu ‘fi’, o que é que ‘cê’ tem na sua cabeça? ‘Cê’ é normal, é? (Risos). Ôh povo ruim. Meu povo, aqui tem gente, dessas redes sociais, que só arrota desgraça, só inveja... Que, aliás, se a inveja doesse, só andava gemendo no meio da rua, gritando... Ai!... Ai!... Povo ruim! (Risos). Até que enfim que tiraram o bico que fizeram na praça da Câmara. Menino, não passava um carro mais ou menos grande, quanto mais grande. A curva não dava pra ir pra rodoviária, não. Tinha que voltar de ré. É o novo! Ainda bem que o engenheiro pensou ‘direitin’ e desfez o que ele fez. (Risos). Aqui, o Luciano Huck vem pra cá... Agora, né? Segunda-feira passada. Pois não é que teve gente que foi tirar retrato com ele, pra se amostrar?! (Risos). Se fosse ao menos cantor de forró, mas não. (Risos). Aí teve gente que mostrou um cartaz “ei, eu quero é ir pro Big Brother!”. Olha aí. (Risos). Como se a Angélica deixasse ele escolher... (Iiiih!) (Risos). Meu povo, meu povo: tem gente que perde tempo é mandando mensagem, aquelas orações, aquelas correntes pelo

Whats App. Dizendo que foi o papa que mandou, dizendo que foi o Manzotti que mandou, o padre Fábio de Melo que mandou. Que foi o padre Gonçalo, o frei Gláuber que mandou... 'ói'. (Risos). Ôh povo ruim. Meu povo, meu povo, o que rola aqui nas conversas de Sobral é assim: “e aí, tu já ‘foi’ assaltado hoje? A fulana foi assaltada. Ontem assaltaram não sei quem”. Nã... Meu Deus. Vou ficar em casa, mais o Beto, mais o Ivo, né? Mais a Daniele. Não, ‘tá’ lá no professor Arruda. Doida pelo professor Arruda, e ele doido por ela. Capando o gato. Fui, né?

- 30 de dezembro de 2017

(Entra a personagem feminina). Ai, que essa cantiga cantou o ano todinho aqui... (Risos). O que Sobral tem de ‘marromeno’ a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras. Ai, meu Pai... É contigo, ‘veín’. (Entra o personagem masculino) Fresquinha, né? Bom, pessoal, esse ano que ‘tá’... todo mundo já sabe que esse quadro aqui a gente fala das coisas que merecem uma melhoradazinha... em algumas coisas aqui na nossa cidade, né? É um quadro que... não é pra denegrir ninguém, quem quer que seja. Mas para as autoridades entenderem, né?, que nós estamos aqui pra melhorar a cidade. (Ôh, meu Deus, é mesmo). Nós passamos esse ano... esses anos todos mostrando algumas falhas da cidade, e isso não quer dizer que a gente seja contra ou a favor de nenhuma administração, não, viu? Nó somos é Sobral! Apaixonados por Sobral! Então queremos desejar a vocês um ano de 2018 de muita luz divina, né?, com muita saúde, porque o momento é de confraternização. Né? De deixar as coisas não muito boas pra trás. Procurar viver com harmonia uns com os outros. Obrigado ao meu amigo Beto Brandão. Né? Grande irmão da gente, amigo, companheiro, parceiro aqui do programa. A Daniele Ponte, né, que agora ‘tá’ no Professor Arruda, também gente muito boa. O Ivo Aragão, né? Então o sentimento é de gratidão a cada um de vocês. Em 2018 a gente inteira aqui 21 anos. Sábado que vem, dia 6. Então, nêgada, muito obrigado a vocês, e hoje a gente é só festa, é só agradecer, tá bom? (Aí é bom, aí é bom! Aí é profissional). (Entra a personagem feminina). Valha, bicho ‘véi’ mudou tanto o relatório dele hoje. Então, gente, é só agradecer aqui ao Beto Brandão, à Daniele Ponte, ao Ivo Aragão. A vocês que escutam a gente em casa, muito obrigado, a vocês ‘tudin’, de um por um, sem brincadeira, viu? E até 2018. Ah! E dia 6, 21 anos de programa, olha? (Risos). De 21, a idade, já, de maioridade, né? Diz que é 18, mas é 21, é? Então pronto: é 21 anos. Capando o gato! Fui, pessoal! Feliz ano novooo!